



O PAPA NEGRO
ERNESTO MEZZABOTTA

ARCA
LITERARIA

Estamos na parte mais rude e montanhosa da selvática província de Catalunha.

A capital desta província, a rica e populosa Barcelona, é o centro de comércio, de literatura e de patriotismo, como não encontra segundo em nenhuma cidade da Europa; mas, mal saem as portas da cidade, acha-se a gente logo no reino do deserto, e principiam a encontrar-se os seus sombrios habitantes; -o mendigo e o salteador.

Claro está que não falamos da Catalunha moderna, que não é inferior a nenhuma outra província de Espanha pela sua civilização adiantada e liberal. A ação do drama, que vamos narra passou-se há três séculos e meio, remontando ao terrível começo do século dezesseis, e aos princípios dessa luta religiosa, que deve fazer correr rios de sangue em toda a Europa.

O dia caminhava para o seu termo; os últimos raios do astro luminoso douravam os cimos de Mont-Serrat, áspera montanha que se ergue para o céu a vinte e quatro milhas de Barcelona.

O monte tem em catalão o nome de Serrat, do latim “Serratus”. Afirmam os etimologistas que os romanos deram aquele nome à montanha em razão dos seus flancos escarpados, que se assemelham aos dentes de uma serra, em latim “serra”.

Como quer que seja, no princípio das conquistas dos Francos na Espanha, e, portanto, no tempo de Carlos Magno, alguns monges fundaram a meio da encosta um mosteiro, que se chame Abadia de Mont-Serrat.

Este mosteiro foi sucessivamente enriquecido pelos condes de Barcelona e de Catalunha, pelos reis de Aragão e pelos reis de Espanha, à medida que os membros esparsos da nobre nação se reuniam para formar um só estado.

É certo que alguns boatos, que corriam naquelas imediações, provavelmente espalhados por inimigos, punham um tanto em dúvida os sentimentos ortodoxos dos frades. Uns, acusavam-nos de terem conservado no fundo do coração os vestígios daquele ‘arianismo’, que, depois de ter sido a religião oficial dos visigodos, fôra afinal extirpado pela hipocrisia dos bispos e pela espada dos Francos. Outros, afirmavam que no temido convento tinham encontrado refúgio as idéias donatistas, que vieram da África, vizinha da Espanha — heresia que a Igreja destruiu a ferro e fogo, visto não poder vencê-la pela lógica dos argumentos.

Por último, a versão que merecia mais crédito era a que afirmava que no convento de Mont-Serrat se tinham refugiado os últimos Templários, ordem militar e religiosa fundada para defender o Santo Sepulcro, e que fora destruída por Felipe o Belo, rei de França, com o fim de se apropriar das suas imensas riquezas.

Filipe o Belo tivera por cúmplice naquele sanguinolento roubo o papa Clemente VI, um francês que ele fizera eleger papa só para que o auxiliasse naquele saque; e o pontífice, para com mais segurança ferir os infelizes Templários, e os punir pela maior das suas culpas — qual era a de serem riquíssimos — acusara aqueles desgraçados de heresia.

Os Templários foram saqueados, presos, assassinados, e o seu Grão Mestre, Jacques de Molay, foi queimado vivo; mas antes de morrer, o infeliz levantou para o céu as mãos inocentes, e suplicou a Deus que no período de um ano e um dia chamasse ao seu tribunal, para julgamento eterno, o papa e o rei.

O Onipotente ouviu aquela prece, e no prazo fixado os dois cúmplices morreram. A morte de Filipe ocorreu em tais circunstâncias, que o povo julgou ver nela o sinal evidentíssimo da cólera de Deus.

Andando um dia à caça, caiu do cavalo, e os dentes de um javali rasgaram as víceras do rei assassino. O papa morreu também no mesmo ano, e todos viram naquela dupla morte o castigo; haviam merecido os dois criminosos.

À morte de Jacques Molay e dos seus companheiros seguiu-se uma perseguição geral contra os Templários, muitos dos quais se refugiaram nos países de que eram naturais, principalmente nas províncias italianas e espanholas.

Alguns destes acharam refúgio entre os monges da abade de Mont-Serrat, já eivados, segundo se dizia, das mesmas heresias e tanto o papa, como os bispos de Carteia e da Catalunha estavam irritadíssimos contra aqueles frades, e muitas vezes tinham tentado suprimi-los.

Mas os monges, já poderosos pela riqueza e pelos domínios eram poderosíssimos pela popularidade de que gozavam. Naqueles rochedos da Catalunha, país clássico das revoluções, ninguém atrevia a assaltar um mosteiro, que ao primeiro sinal se ver rodeado de milhares de “micheletti” de armas infalíveis. Por modo que, por vontade ou por força, os superiores da Igreja deixariam tranqüilos os frades de Mont-Serrat.

E agora, que com esta breve digressão expusemos as conexões da Espanha e da Europa naqueles tempos, é ocasião de fazer entrar em cena os principais personagens desta verídica história.

CAPÍTULO II

O PEREGRINO

Um homem ainda novo, apesar de o rosto emagrecido mostrar ser ele mais idade do que realmente tinha, subia vagarosamente a encosta do monte.

Era evidente que se dirigia para o mosteiro.

Na ampla e cômoda estrada, que os frades tinham construído desde a falda do monte até à abadia, o peregrino encontrara no seu percurso bastante pessoas.

A abadia era um lugar de peregrinação tão venerado e concorrido, que não era maravilha encontrarem-se naquele caminho muitos peregrinos a toda a hora do dia.

E contudo, nenhum dos que encontravam aquele homem o saudava, nenhum lhe dirigia aquele cordial “Salve-o Deus!”, que os espanhóis dirigem a toda a gente, que encontram nos caminhos, por mais humilde que seja a sua condição.

Pelo contrário, todos os que encontravam o nosso personagem arredavam-se dele com visível expressão de terror. Dir-se-ia que sobre aquele desventurado pesava uma maldição, cujos terríveis feitos todos procuravam evitar.

Qual seria a razão por que aquele estranho personagem assim e via desacompanhado não só da simpatia, que reúne os amigos, mas até aquela espécie de piedade, que não é costume negar-se mesmo aos indiferentes?

Decerto não era por causa da sua figura. O desconhecido era uma nobre e bela estatura, de membros bem proporcionados, apesar de emagrecido por longos jejuns. No modo como vestia o humilde hábito do peregrino adivinhava-se claramente o homem, que noutros tempos usara com soberba desenvoltura as nobres vestes de cavaleiro.

O nosso personagem coxeava um pouco da perna esquerda, mas decerto não era esse o motivo que causava tanta repugnância aos outros peregrinos, pois naqueles tempos de guerra encarniçada e incessante era mais para admirar ver-se um homem e sem defeitos, nem ferimentos, do que um estropiado, e a montanha de Mont-Serrat era decerto o lugar onde menos admiração e estranheza devia causar o encontro de um homem coxo.

De fato, a estrada que conduzia à igreja do mosteiro estava cheia de coxos, de aleijados e de cegos, que diariamente se dirigiam ali, a pedir à miraculosa imagem de Nossa Senhora de Mont-Serrat um alívio aos seus males.

A causa do estranho efeito, que nos montanheses catava produzia a vista do peregrino, devia ser a singular expressão que este tinha no olhar.

E na verdade, ao passo que os traços da fisionomia do estrangeiro eram belos e regulares, respirando até certa nobreza os olhos tinham um fulgor sinistro, um olhar penetrante e ameaçador, que gelava o sangue a quem o observava.

Naquele olhar havia ao mesmo tempo a expressão de um juiz inexorável e de um condenado sem esperança. Ao fitá-lo, adivinhava-se naquele fogo sinistro, que lhe animava o olhar, uma severidade sem limites e uma série de tormentos sobre-humana infligidos sem piedade a um homem cuja duríssima têmpera de ânimo o tornava mais apto do que qualquer outro para sofrer. Dir-se-ia que era um condenado, ao qual um imperscrutável decreto de Deus tivesse feito sair dos horrendos abismos do inferno para vir julgar os outros pecadores, sem por isso ter obtido mínimo alívio para os seus próprios tormentos.

No modo como ele olhava para todos aqueles enfermos de corpo e da alma era fácil descobrir a atroz tranqüilidade de um inquisidor, cujo máximo prazer seria meter nos horrendos cárceres, ou deitar às fogueiras, um povo inteiro, repetindo as horríveis palavras dirigidas pelo abade de Citeaux a Lavour:

— Matai, matai tudo: Deus saberá distinguir os que lhe são fiéis!

Ao chegar perto do mosteiro, o desconhecido parou e pareceu orientar-se. Decerto o muro que ficava à esquerda da grande porta sofrerá alguma alteração, pois que passou e tornou a passar três ou quatro vezes naquele sítio, como se não pudesse acreditar que estava vendo.

— A porta pequena era aqui, lembro-me bem — murmurava o peregrino. — Ter-me-ão os ferimentos perturbado a memória? Terão os meus irmãos dispersos abandonado a abadia, ou deixar-se-iam adormecer na antiga inquietação?

E um suor frio inundou a fronte do desconhecido ao vir-lhe aquele pensamento, que evidentemente significaria para ele uma grande desgraça; mas, de repente, soltou um grito de alegria, descobrira, a poucos passos do lugar costumado, aquilo que procurava.

Uma grande estrela de madeira dourada erguia-se sobre a arquitrave da pequena porta, que na verdade não parecia merecer tão belo ornamento.

Aquela portinha, que teria escapado à observação de quem se colocasse diante da porta principal, — tão bem oculta estava pelos ornamentos e florões maciços da fachada — tinha toda a aparência de já não servir havia muito tempo. Uma espessa camada de pó cobria a porta, que em tempo fora pintada de verde. Aos cantos pendiam teias de aranha carregadas de pó, indício seguro de que aquela porta para ali estava esquecida e abandonada, sem servir havia muito. E contudo, se se observasse com alguma atenção, era fácil reconhecer que ali devia haver algum mistério; primeiro, porque toda aquela ostentação de abandono tinha em si mesma a prova da sua pouca sinceridade, e depois, porque, apesar de todas as precauções, as dobradiças estavam bem untadas e brilhavam ao sol.

O peregrino esperou que o sol se tivesse escondido de todo e que na esplanada do mosteiro não houvesse ninguém; depois aproximou-se da pequena porta, e, ajoelhando no limiar, disse em verso:

— Procurei a luz, encontrei as trevas. Bati e a porta estava fechada. Piedade para mim!

A pequena porta girou sem ruído nos gonzos e deixou ver a entrada de um escuro corredor. O peregrino, sem mostrar a mínima surpresa por aquele fato, que decerto deixaria cheia de espanto outra qualquer pessoa, escoou-se pelo corredor, e a porta fechou-se-lhe imediatamente nas costas.

O misterioso personagem deu dois ou três passos incertos, como quem não sabia o terreno que pisava, porque a mudança, que observara na porta, indicava que o lugar misterioso, que procurava, tinha sido mudado para outra parte do mosteiro.

Mas pouco tempo durou a incerteza do viajante.

Sentiu apoiar-se-lhe com força nos ombros mão estranha, uma voz murmurar-lhe ao ouvido:

— Sabes que o caminho que segues pode conduzir-te à morte.

— Sou um chefe, — respondeu o desconhecido com um aceno de plena tranqüilidade.

— Um chefe ?!... E que prova me apresentas tu para provar que o és?

— Posso mostrar-te a imagem d’Aquele que foi, circunda pelas imagens dos homens.

— A grande medalha! — exclamou a voz, em que se reconhecia um misto de espanto e respeito.

— A grande medalha, a dos sete luminares da ordem! — replicou severamente o peregrino. Vamos, irmão, este caminhar nas trevas deve durar ainda muito tempo?

— Isso acabou, mestre, — respondeu a voz do desconhecido Estes mistérios não se fizeram para quem conhece os outro: Brilhou então uma luz viva na extremidade do corredor, o peregrino caminhou com passo firme adiante do seu novo companheiro, que era uma espécie de monge, de cabeça coberta p um capuz, que apenas lhe deixava ver os olhos.

Seguindo aquele corredor, os dois homens chegaram, p uma rampa quase insensível, ao centro de um subterrâneo, q correspondia ao altar-mor da igreja de Mont-Serrat. As numerosas grutas que havia na montanha, tinham facilitado aos frades o meio de tornarem impenetráveis os seus esconderijos.

Em toda a volta da ampla sala, e ao longo das paredes, estavam sentados uns cinqüenta frades. Na frente daquele semicírculo elevava-se um estrado, onde estavam marcados os lugar correspondentes a sete cadeiras. Seis delas estavam ocupadas, sétima estava devoluta.

Ao entrarem na sala o peregrino e o seu guia, todos se voltaram para a porta. Grande foi o espanto de todos ao verem que o desconhecido em vez de esperar humildemente à porta que lhe fosse concedido o ingresso, se dirigia diretamente, e sem a mínima hesitação, para a bancada dos senhores, evidentemente destinada ara os chefes da reunião.

— Fora!. . . fora!. . . — gritavam de muitos lados. Alguns daqueles mascarados levantaram-se e chegaram a levar a mão ao copo das espadas, que se desenhavam rigidamente sob as túnicas negras; mas o peregrino, impávido como se todos aqueles protestos não fossem com ele, prosseguia no seu caminho, chegou ao estrado onde estavam sentados os chefes. Estes ergueram-se, movidos por um impulso unânime, como para embargarem o passo ao recém-vindo.

O peregrino parou; tirou do peito uma medalha e mostrou-a os seis. Um grito de espanto e alegria saiu daqueles seis peitos; depois com demonstrações inequívocas de respeito e afeição, conduziram o peregrino ao sétimo lugar, que estava vago.

O personagem ocupou modestamente aquele lugar preeminente, como pessoa costumada às honras, e não pareceu comovido pelo triunfo, como não se mostrara impressionado pelas ameaças com que o tinham recebido.

Pela multidão corriam vozes de surpresa e espanto.

— O sétimo chefe! Aquele que nós julgávamos morto!

— O mais audaz, o mais forte de todos!

— Agora os Templários caminharão avante! O núcleo das nossas forças revigorou-se!

Entretanto, um dos sete, o que estava no meio e que parecia por essa razão ter a presidência, levantou-se. Viu-se então um homem de nobre e majestosa estatura: uma comprida barba branca escapava-se-lhe por baixo do capuz, que o presidente levantara um pouco para falar.

— Irmãos, — disse ele — as portas estão bem guardadas?. . . Um anjo do extermínio vela a cada uma delas?...

— Sim — responderam das quatro portas da sala quatro homens, que, de espada na mão,

guardavam as entradas.

— Somos nós todos irmãos ?. . . Há entre nós algum desconhecido, algum de quem o sagrado nomeador não saiba o nome? Poderemos nós ter receio de sermos traídos ?. . .

Um dos frades levantou-se e caminhou até meio da sala.

— A todos conheço e afianço, — disse ele — exceto ao desconhecido, que está sentado ao teu lado.

O velho ergueu a mão, como para dizer que sabia do que tratava, e prosseguiu assim:

— Se entre nós há algum tímido ou medroso; se aqui alguém, que não tenha a coragem de assistir aos terríveis mistérios da nossa ordem, esse que jure guardar silêncio e que retire. Mais tarde não lhe seria isso permitido, e a covardia e a traição seriam punidas com a morte.

Ninguém se moveu. Todos os indivíduos ali reunidos eram homens de rija tempera e de fé inquebrantável, que já cem vezes tinham ouvido aquela advertência, sem que lhes estremecesse os corações de bronze.

— Agora, que estamos aqui todos experimentados e invencíveis na nossa fé, — concluiu ele — é tempo de descobrir os rostos e do nos vermos abertamente. Senhores, está aberta a sessão dos Cavaleiros Templários!. . .

CAPÍTULO III

A ASSEMBLÉIA DOS TEMPLÁRIOS

A um sinal do ancião os capuzes e as túnicas desapareceram como por encanto.

Viram-se então naquela sala homens de várias idades, de fisionomias diversas, mas todos uniformemente cobertos de reluzente aço. Vestiam todos a armadura completa dos cavaleiros da Idade Média, tendo sôbre-vestida uma túnica. Na couraça de cada um brilhava a cruz de ouro, distintivo da ordem do Templo.

Eram aqueles, com efeito, os restos da poderosa associação, que fizera tremer a Europa, e que, na opinião do vulgo, fora destruída havia dois séculos. O que era, porém, verdade era que, com aquela força invencível, que provém do segredo e das riquezas, os Templários se tinham perpetuado obscuramente através dos séculos, vencendo perigos inauditos, conservando e guardando o segredo em meio dos tormentos, com os olhos sempre postos num futuro, que, por muito distante, teria feito desanimar qualquer outro, mas que não conseguia desanimar aqueles homens de ferro. Reunidos, estavam sem máscara; conheciam-se todos e sabiam quais eram as qualidades e o poder de cada um. Quase todos usavam na sociedade um nome aclamado e respeitado; muitos deles, quer pelo talento, quer pela espada, ocupavam nas cortes dos reis da Europa posições distintíssimas.

E por isso as forças daqueles trabalhadores da sombra iam-se estendendo cada vez mais, e os chefes aguardavam com um frêmito de esperança o momento em que a sua ordem, convertida em soberana, poderia retomar à face da Europa e do mundo o lugar que lhe competia.

O nomeador, espécie de secretário que tinha os registros, principiou a chamada:

— Barão de Beaumanoir!

— Presente!. . . — respondeu o ancião, que presidia à assembléia, erguendo-se.

O nome de Beaumanoir, ilustre entre todos na história dos Templários e na da França, era altiva e nobremente usado pelo célebre guerreiro, cuja reputação era imensa nos exércitos franceses.

— Percy de Sussex!... — prosseguiu o nomeador.

O conde britânico levantou-se, e todos admiraram a sua estatura gigantesca e a altivez da sua

fisionomia leal.

— Pedro Calderon!. . .

— Francisco Burlamacchi!. . .

— Ulrico Zuinglio!. . .

— Guarniero de Hatzing!. . .

Todos respondiam à chamada, à medida que iam sendo pronunciados os nomes. Aqueles representantes das diversas nações da Europa apresentavam nas fisionomias a diferença que havia nas suas origens.

Assim, a barba farta e áspera de Calderon, o seu rosto anguloso e ossudo, contrastavam com o rosto quase infantil e cheio de indizível doçura de Francisco Burlamacchi; e Zuinglio, o reformador suíço, que mais tarde devia sucumbir na batalha contra os católicos, homem de aspecto severo, pálido, de poucas palavras estava em absoluta oposição com o barão de Hatzing, cujas face rosadas e cabelos louros davam imediatamente a conhecer um saxão, ainda ao observador menos perspicaz.

— Inácio de Loiola!... — chamou, por último, o nomeador.

— Presente! — respondeu com voz solene o peregrino, que fora o último a chegar.

Os seis chefes voltaram então o olhar para o lado daquele seu companheiro, e parece que só então repararam que ele era o único que se apresentava com as vestes andrajosas no meio daquela fúlgida reunião, em que todos estavam com as suas brilhantes armaduras.

— Irmão — disse Beaumanoir, com acento de afetuosa deferência — irmão, o teu disfarce, agora que estás conosco, já de nada serve. Desde o dia em que nos deixaste, faz agora três anos, que nós conservamos com reverente afeto a esplêndida armadura, que para ti foi cinzelada pelo melhor artista de Toledo. Irmãos escudeiros, trouxe a armadura, e vesti-a ao senhor de Loiola.

Dois dos irmãos levantaram-se e iam a encaminhar-se para uma das portas da sala, quando Inácio os deteve com um gesto, dizendo:

— É inútil. Estes andrajos, que trago vestidos, já não são indícios de pobreza; mas um voto, que fiz, me obriga a trazê-los.

— Apesar disso, irmão Loiola. . .

— Apesar disso, irmão Beaumanoir, os estatutos da nossa ordem conferem a qualquer irmão o direito de se vincular por qualquer voto, contanto que este não seja contrário ao fim supremo da associação.

O tom em que Loiola pronunciara aquelas palavras era tal que não se podia insistir, a menos que não se quisesse entrar em questão com o estranho Templário; por isso, Beaumanoir fez um sinal e o nomeador continuou a chamada.

Debaixo daquelas abóbodas ressoaram então os nomes mais ilustres da Europa, já pela nobreza de sangue, já pelo alto valor nas artes, nas ciências, nas armas e no governo. Estava ali um senado capaz de reger o mundo inteiro sem custo algum!. . . um senado do qual um dos chefes era Inácio de Loiola, o gênio mais potente de organização, que aparecera no mundo antes de Bonaparte!. . .

Terminada aquela operação preliminar da chamada, Beaumanoir levantou-se outra vez.

— Irmãos — disse ele — mais de duzentas vezes nos temos aqui encontrado juntos, nesta reunião anual, desde que os dois malditos — o papa Clemente Sexto e o rei Filipe o Belo — dispersaram os nossos irmãos e tentaram destruir a nossa ordem. Eu, pela minha parte, já umas quarenta vezes tomei lugar nestas reuniões, porque há quarenta anos que pertenço a esta associação, para a qual entrei por morte de meu pai. Todos os que tomavam parte no conselho, no dia em que recebi a medalha de simples cavaleiro, já hoje são mortos; só eu ainda vivo, e sou o mais

velho desta assembléia, da qual então era o mais novo.

Senhores, todos vós sois valorosos e fortes; mas aqueles que ao meu lado se sentaram no banco dos chefes, aqueles que partilharam comigo as esperanças e as agonias de quarenta ano: de luta, eram igualmente valorosos e grandes, e o trabalho dele: não foi infrutífero para a nossa ordem. Havia entre eles muito ilustres!

E o ancião deixou descair a cabeça para o peito, oprimido por uma recordação dolorosa.

Bem depressa, porém, a ergueu, percorrendo com um olhar cintilante de vigor e energia toda a assembléia.

— Irmãos! — disse Beaumanoir com uma voz potente que se repercutiu por sob as abóbadas do antigo mosteiro — irmãos!. . . Se os prognósticos não mentem, se as promessas dos antigos e os preceitos da experiência não são vãos, está próximo o grande dia da vitória. Irmãos, a ordem do Templo vai ressurgir.

Um murmúrio de alegria percorreu toda a assembléia: se Inácio de Loiola é que desfranziu os lábios num sorriso duma expressão indubitavelmente sarcástica; mas aquela nota discordante passou despercebida em meio do entusiasmo geral.

— Sim, irmãos — prosseguiu o ancião com irresistível autoridade, — as duas potências, que oprimiam a nossa ordem — o papado e a monarquia — estão em vésperas da sua queda. Desta vez a luz veio do Norte: enquanto a Espanha indômita e a sapiente Itália jaziam na opressão, um tedesco ergueu a voz, e a Igreja de Roma e o trono dos reis estremeceram nos seus alicerces... Irmãos, posso assegurar-vo-los a queda dos ímpios está próxima; o reinado dos eleitos de Deus aproxima-se!...

— E tens disso indícios certos?. . . — perguntou altivamente um dos assistentes.

— Indícios certíssimos, príncipe de Conde; e tu bem o sabes, tu, que no íntimo da tua alma saúdas a nova religião, e que já te terias declarado francamente luterano, se não to impedisse o receio que tens de perder a tua posição de príncipe e os teus imensos bens.

Conde corou, e o presidente continuou assim:

— A Alemanha está em chamas; o corajoso Lutero ensinou aos povos o desprezo por todas as autoridades injustas, quer elas tenham na cabeça uma mitra, quer um elmo. O incêndio lavra

por toda a parte. A Suíça, a Inglaterra, a França, a Itália, escutam com avidez os apóstolos das novas idéias. O poder pontifício está por toda a parte cercado de homens que, às ocultas o minam, o atacam, e que hão-de com certeza destruí-lo. Irmãos, nós, que somos os Senhores do Templo; nós, que temos amigos e partidários por toda a parte; nós, que possuímos os tesouros arrancados pelos nossos antepassados à cúbica de Filipe o Belo e multiplicados até o infinito no decurso de séculos, unamo-nos todos, e, auxiliando a grande obra de Martim Lutero, destruamos a Igreja e das suas ruínas façamos ressurgir a ordem dos Templários!

— Apoiado!. . . apoiado!. . . — gritaram de todos os lados.

Um dos irmãos levantou-se:

— Tens tu — disse ele — tens tu, venerável príncipe, um plano pronto para a execução da empresa?

— Tenho um plano, não meu, mas estudado e pensado conjuntamente com os meus colegas — respondeu o presidente. — Não esqueçais, irmãos, que depois da desgraça de Jacques de Molay, a nossa ordem não admitiu mais nenhum mestre; delegou todos os poderes no conselho dos sete Senhores, o mais velho dos quais será o presidente, e, pelo triste privilégio da idade, é a mim que presentemente cabe esse lugar. Mas eu e os meus companheiros de grau, exceto o irmão Inácio de Loiola, que estava ausente, tínhamos combinado alguns capítulos, que vos vão ser lidos.

O ancião tirou do seio algumas folhas de pergaminho: fez-se um profundo silêncio, pois que

todos os Templários tinham a mais profunda veneração pelo senhor de Beaumanoir, e além disso tinham jurado a obediência mais absoluta ao conselho dos sete senhores.

Beaumanoir leu:

“A assembléia constituída por cavaleiros, padres, vassalos, plebeus e escravos, para libertar a humanidade das cadeias dos padres e dos soberanos, compõe-se de três classes”.

“A primeira classe compreende os que se associam a esta obra com pureza de coração, e têm intenção de se instruir nos mistérios da ordem. Estes deverão durante três anos estudar os meios de se realizar o fim externo da associação, e dividir-se-á em dois ramos — aprendizes e mestres.”

“A segunda classe compreenderá os irmãos que do estado de ensino tiverem chegado ao estado de operar. Estes terão a seu cargo executar no mundo dos profanos o que tiver sido deliberado ou resolvido pelo supremo conselho; terão sob as suas ordens os aprendizes e mestres, e serão iniciados nos segundos mistérios da ordem, que dizem ao fim político e às reformas a obter.”

“A terceira classe, finalmente, compor-se-á de um número limitadíssimo de pessoas, que serão iniciadas nos terceiros mistérios. Estes iniciados supremos conhecerão as forças da ordem o seu fim principal, os tesouros de que pode dispor; serão de: ligados de todos os laços, exceto dos que dizem respeito à ordem e, conjuntamente com o Grão Mestre, governarão a terceira classe de associados.”

“Nenhum poderá ser promovido à classe superior sem ter completado pelo menos três anos na classe inferior. O Grão Mestre será eleito entre os dignitários da classe suprema.”

“A ordem, aliada a todos os apóstolos da razão, sustentar uma luta de morte contra a Igreja e os tiranos, e não considerar cumprido o seu fim senão quando a liberdade do homem e d; consciência forem absolutamente reconhecidas”.

O presidente terminara a leitura. Os senhores que o rodeavam, e que, à exceção de Loiola, tinham tomado parte na redação daquele programa, conservavam-se impassíveis.

Não acontecia o mesmo com os outros associados, que, salvo raras exceções, mostravam verdadeiro entusiasmo. Na verdade, aquelas normas claras, simples, com um fim determinado, eram já de per si um poderoso meio de propaganda. A divisão em classes permitia utilizar as faculdades de cada um, segundo os melhores interesses da ordem; ao passo que a possibilidade de passagem de um grau para outro abria um vasto horizonte à; mais nobres ambições, e destruía a disposição aristocrática, tão prejudicial a qualquer corporação instituída para governar os homens.

Todavia, houve um dos irmãos que se levantou: era este um nobre holandês, que vinha procurar, no meio dos Templários aliados para o seu país, que se preparava para se insurgir contra a Espanha.

— Devemos então procurar por toda a parte filiados para a nossa ordem? — disse ele. — Devemos abrir as fileiras da nossa instituição, até agora tão zelosamente recusadas, a todos aqueles que nos parecerem aptos para nos auxiliarem na empresa?

— Sem dúvida — respondeu com certa altivez o presidente — e parece-me que todos os poderão aceitar, desde que não tem dúvida em o fazer o senhor de Beaumanoir, que é tão nobre como o rei de França!

— Oh! não foi como censura ou queixa que eu disse isto, — apressou-se a declarar o holandês. — O que eu queria fazer sentir era que o nome da nossa antiga ordem, o sagrado nome do Templo, soaria mal aos ouvidos de um povo, que nos esqueceu, ou que só se lembra de nós pelas vis calúnias que os inimigos do Templo espalham contra nós. Por isso, entendo que na nova organização do Templo é necessário que mudemos de nome.

— Irmão — disse afetuosamente o senhor de Beaumanoir — o que propões já foi pensado pelos

Sete Senhores, que acharam que isso era razoável e sensato. O antigo Templo desmoronou-se; mas nós trabalharemos para edificar outro, e sem dúvida o havemos de conseguir. A obra, que empreendemos, é uma obra de reedificação; somos os pedreiros da humanidade. Temos, pois, deliberado chamar-nos Pedreiros Livres.

— Apoiado! — gritou quase unânime a assembléia, na qual a voz do príncipe de Conde ressoava não menos entusiástica do que a dos outros filiados.

— Então — disse Beaumanoir, erguendo-se — a assembléia aprova as deliberações dos Sete Senhores? Então sois unânimes em aprovar esta transformação, que deve por a nossa ordem a par dos maiores potentados da terra?

— Sim! sim — gritaram muitíssimas vozes.

Mas uma voz potente dominou aquele tumulto e proferiu estas palavras:

— Oponho-me eu!

— Quem? — perguntaram ameaçadoramente alguns associados, mais excitados do que os outros.

— Eu — trovejou o peregrino, levantando-se majestoso impotente, apesar da miséria dos seus andrajos. — Eu, um dos Sete Senhores! Eu, Inácio de Loiola!

Um longo frêmito de surpresa percorreu toda aquela multidão. Oito ou dez fidalgos, quase todos espanhóis, aproximaram-se de Loiola, prontos a defenderem-no fazendo dos seus corpos um escudo, se as disposições hostis da assembléia aumentassem.

Mas Beaumanoir com um gesto restabeleceu o silêncio na sala. Depois, voltando-se para Inácio de Loiola, perguntou com brandura:

— Irmão, então tu és partidário da consagração do estado atual? . . . E és precisamente tu, o mais audaz e empreendedor de todos nós, aqueles que nós teríamos escolhido para chefe supremo se os nossos estatutos nos consentissem ter um chefe. . . és tu precisamente que te opões aos nossos planos de reforma e sustenta as antigas ordens?

— Pelo contrário — disse Inácio de Loiola — eu desejo uma transformação muito mais vasta e completa do que a vossa; mas quero que ela se faça com outra inteligência, e segundo um plano já preparado e escrito por mim.

— E porque é que, segundo os nossos usos, não falaste dessa tuas intenções no Conselho dos Sete Senhores? Ter-te-íamos escutado com afeto de irmãos, e teríamos procurado satisfazer o teus justos desejos.

— Tinha a certeza de que havíeis de fazer-me oposição, e por isso resolvi dirigir-me diretamente à assembléia. Estou no meu direito; pelo nosso estatuto os Sete Senhores são todos iguais entre si, e a preeminência concedida ao mais velho é de honra, mas não de autoridade.

— Fala, então — disse Beaumanoir. — Conhecemos os teus direitos e respeitá-lo-emos; mas lembra-te também dos teus deveres, Inácio de Loiola, porque senão. . .

O peregrino respondeu com um gesto altivo àquelas ameaçadoras palavras. Fez-se um grande silêncio na assembléia; os espanhóis amigos de Loiola chegaram-se ainda mais para os Senhores para ouvirem e defenderem o seu amigo.

Inácio de Loiola tirou de sob o hábito algumas cartas manuscritas, pos-se em pé e começou:

CAPÍTULO IV

INÁCIO DE LOIOLA

“Irmãos! Bem sabeis qual a razão que me obrigou a abandonar o capítulo do Templo. Meu primo, Antônio Manriquez, duque de Najare e grande de Espanha, tinha-me chamado para ir

servir sob a sua bandeira. Os meus sete irmãos já me tinham precedido na carreira das armas, e eu, tinha completado os meus vinte anos, considerar-me-ia vil e desonrado se hesitasse um momento; por isso, corri a alistar-me no número dos defensores de Pamplona.

“Segundo as condições do tratado de Noyon, aquela fortaleza devia ser restituída à França; mas o nosso glorioso rei Carlos V, por ofensas que tinha recebido do rei de França, resolveu puni-lo conservando aquela praça. Foi-me confiado o comando da praça, quando em 1521 André de Foix a atacou à frente das tropas francesas.”

“Tomada a cidade pelas forças superiores dos inimigos, fechei-me na cidadela da fortaleza, decidido a resistir até ao fim, e assim o fiz; mas quando de espada em punho defendia a brecha, fui ferido por uma pedrada numa perna. Caí sem sentidos, e quando os recuperei a fortaleza e eu tínhamos caído em poder dos franceses. “Fui tratado com singular cortesia por aqueles guerreiros, acostumados a apreciar a valentia dos inimigos. Curei-me, e por ordem do senhor de Foix fui transportado para o meu palácio paterno, na Biscaia. Ali tive de permanecer longo tempo, porque o meu ferimento tinha sido tão mal curado, que foi necessário tornarem-me a desmanchar a perna para a arranjar de novo.

“Perdoai-me, meus irmãos, se vos roubo o tempo, falando-vos destes miseráveis tormentos que sofri, mas preciso dizer-vos tudo para vos poder explicar a maneira miraculosa por que se efetuou a mudança da minha alma.

“Eu tinha, como vós bem sabeis, todos os predicados para ser um cavaleiro belo e elegante. Imaginai por isso como eu ficaria quando soube que aquele ferimento me condenava a ficar coxo para toda a vida!. . . Adeus esplendor do vestuário, pompas daí pedrarias, amor das damas!. . . Adeus, volteios rápidos da dança e todas as alegrias que o prestígio da beleza proporciona aos homens !. . .

“Podeis crer, meus irmãos, que nenhum suplício humano se poderia equiparar ao que eu sofri quando me falaram daquela desgraça, que agora considero como uma bênção do céu. . .”

“Pareceu-me que a causa do mal era um osso da perna que se me tinha deslocado, e por isso quis que mo tirassem, e apesar das dores atrozes que isso me causou, consenti que os médicos mo serassem. Pois vendo que apesar de tudo uma perna me ficara mais curta do que a outra, submeti-me a outro tormento ainda mais horrível: apliquei à perna mais curta um aparelho que a cada instante lhe imprimia um esticamento, que me causava dores atrozes. Os ossos estalavam, as dores faziam-me emperlar um suor frio à raiz dos cabelos, mas tudo foi inútil: — fiquei coxo.”

“Durante a minha doença, quis o Senhor que me viesse o desejo de ler, e pedi que me trouxessem romances de cavalaria. A Providência determinou que em vez desses livros me viessem às mãos a “Vida de Jesus Cristo” e “Fios Sanctorum”. Li-os, ao princípio com repugnância, depois com prazer e afinal com entusiasmo. Quando a minha perna estava curada, bem outro era também o estado do meu espírito: eu já não era um galanteador vaidoso, um soldado sanguinário. — Era um cristão”.

Aquela narrativa, que hoje em dia enfastiaria soberanamente qualquer auditório, por menos ilustrado que fosse, era, pelo contrário, escutada por aquela assembléia com uma atenção sincera e quase febril.

Com efeito, naquele tempo ninguém olhava com indiferença as coisas da religião. O grande movimento, que se produzira na Alemanha, suprimira os indiferentes e dividira-os todos em duas classes bem distintas: uma, que era constituída pelos que respeitavam e obedeciam à Igreja romana, confessando-se seus campeões; outra, que era formada pelos que se apresentavam para abalar as bases do edifício do pontificado, fazendo ruir com ele todas as velhas instituições que tinham o apoio e consagração da Igreja.

Ser indiferente naqueles tempos aos assuntos religiosos seria tão impossível como nos ditosos dias de 1848 conservar-se estranho aos movimentos políticos. Era preciso tomar-se parte

naqueles ou nestes; ser por Lutero ou por Clemente, pela autoridade eclesiástica, ou pela liberdade do pensamento.

De uma e outra parte, a fé estava de tal modo sobre-excitada, que nenhuma força humana poderia impedir que as discussões fossem tempestuosas, violentas e irreprimíveis. Como acontecera nos primeiros tempos do Cristianismo, o apostolado fazia-se à custa do martírio. Paris, Madrid, Roma, queimavam os protestantes; Londres e Genebra perseguiram e destruíam os católicos.

E por isso aquela narrativa ascética de Loiola correspondia tão exatamente às preocupações da ocasião, às agonias daquelas mudanças constantes, que todos seguiam a manifestação daquele sentimento religioso com o mesmo interesse que hoje despertaria o mais comovente drama de ambições ou de amor.

— Continua! . . . continua! . . . — gritaram de todos os lados. Inácio de Loiola sentia que todos os olhares o fitavam com viva atenção; e a única paixão que o dominava — a de se impor aos outros, quer fosse pela admiração quer pelo medo, — achava-se assim completamente satisfeita nele.

Aquele convertido não tinha mudado nada quanto ao fundo do coração. Era sempre o arcanjo fulminado, que levantava orgulhosamente a frente para o céu, vencido mas não abatido pelo raio de Deus: a sua ambição, assim tão duramente desviada dos esplendores mundanos, tinha mudado de direção, mas nem por isso tinha diminuído.

— “Quando eu senti que a graça divina despertava em mim os sentimentos adormecidos, — prosseguiu com voz mais segura o peregrino — voltei-me para a Virgem, e diante do altar dela fiz voto de castidade. Depois resolvi fazer a vigília de armas, que tem de fazer todo o cavaleiro, antes que possa cingir o sagrado cinto da ordem.”

“Uma noite inteira passei diante do altar, orando, chorando, consagrando-me todo à milícia de Cristo. No dia seguinte pendurei a minha espada num pilar da igreja, dei a um pobre os meus trajes de cavaleiro, cingi o corpo com uma corda, vesti-me de burel, e dirigi-me a pé para Manresa.”

“Que mais vos direi, meus irmãos ? Amparado por uma fé sobre-humana, castiguei o corpo com mil penas e tormentos; infligi-me as mais cruéis privações, sem que nada pudesse alterar a minha saúde de ferro. Cingi os rins de cilícios; dormi na terra fria, mendiguei de porta em porta, e julgava-me feliz quando recebia mau tratos ou injúrias, que vinham aumentar o valor da minha expiação.

“Finalmente, a seiscentos passos de Manresa encontrei uma gruta oculta a todos os olhares. Foi essa que eu escolhi para minha habitação; aí recebi os tormentos e as privações como um favor do céu; aí experimentei as doçuras do êxtase divino e o languor da morte aparente. Enfim, meus irmãos, foi aí que...

Neste ponto Inácio fez uma pausa, como quem se assustava que ia dizer.

— Fala, fala! — gritaram de todos os lados.

“Pois bem — prosseguiu o peregrino, fazendo um grande forço, — foi aí que me apareceram os anjos do Senhor e que ensinaram a maneira de guiar os homens e de os conduzir à fé obediência, ao caminho do céu. Os preceitos que eles me ensinaram, meus irmãos, escrevi-os, e tenho-os aqui, — e Loiola mostrou folhas que tinha ao lado. — Com estes “Exercícios espirituais”, escrevi enquanto os anjos me ditavam, encontrei o modo de reduzir à submissão as almas mais rebeldes, e de fazer com que elas sejam nas mãos do seu diretor espiritual como um cadáver nas mãos do cirurgião.

Estas palavras resumiam em si a terrível doutrina da Companhia de Jesus, que Inácio de Loiola devia fundar. “Perinde ac cadaver” — como um cadáver — tal é a forma de obediência impositiva aos jesuítas.

A atenção geral, que despertara a narrativa de Loiola, fizera com que todos se calassem; contudo, Francisco de Burlamacchi, e havia já um pedaço se agitava com impaciência, levantou-se para interromper a piedosa narrativa de Inácio.

— Irmão, — disse ele — essas tuas visões serão talvez enviadas das pelo céu, tanto mais que muitas vezes tem permitido que anjos do inferno venham tentar os homens, especialmente os que mais presumem da própria santidade; mas eu só te peço que me diga que conclusões te inspirou essa tua devota solidão, com a qual há tanto tempo estás entretendo a ordem dos Templários.

A palavra audaz e franca do jovem italiano parece que quebrou o encanto que fazia com que todos os presentes estivessem suspensos dos lábios de Loiola. Muitos dos que assistiam à reunião repetiram as palavras de Burlamacchi, observando que a ordem do Templo não fora convocada com tanta solenidade para ouvir os devaneios de um visionário.

Inácio dirigiu a Burlamacchi um olhar carregado de indignação. Aquele homem, que dizia ter-se despojado, mediante o ascetismo, de todas as fraquezas humanas, conservava ainda duas paixões invencíveis, e que não são decerto o apanágio das almas fortes — a vaidade e o espírito de vingança.

— Depressa chego à conclusão, irmãos — disse Loiola, depois de um curto silêncio. — Sim; eu vim aqui com um propósito formado; é verdade que também eu desejo a transformação da nossa ordem, mas num sentido muito diverso do que propõe o nosso querido irmão Beaumanoir!. . . Também eu, meus irmãos, tenho notado o tumulto de idéias e o espírito de rebelião, que agitam a Europa, e especialmente a Alemanha e a Itália, e vim aqui precisamente para vos dizer: Este espírito de rebelião devemos nós abatê-lo, em vez de o favorecer! A ordem dos Templários — exclamou Loiola — deve transformar-se, não na associação dos Pedreiros Livres, mas na Companhia de Jesus!. . .

Estas palavras produziram um tumulto espantoso. A maior parte dos cavaleiros, indignados com aquela proposta, vociferavam contra Inácio, levando a mão ao punho das espadas; outros, pelo contrário, e esses em menor número e quase todos espanhóis, sustentavam que se devia escutar o orador e discutir as suas propostas, porque nada continham por que assim devessem ser repelidas brutalmente.

Parecia próximo o momento em que as duas facções viriam às mãos; mas naquele ponto ressoou sobranceira a todos os clamores a voz potente de Beaumanoir.

— Irmãos, — bradou ele — Inácio de Loiola tem o direito de falar, como vós tendes o direito de combater as suas propostas. Silêncio !. . . e tu, Loiola, fala, com certeza de que ninguém se atreverá a interromper-te!...

O silêncio restabeleceu-se como por encanto, tal era a influência de veneração e respeito que sobre todos exercia o nome de Beaumanoir.

Loiola vira desencadear-se e em seguida serenar o tumulto, se que nas suas faces pálidas e cor de terra se notasse a mais pequena alteração; apenas um pálido sorriso lhe errava nos delgados lábios.

. — Dizia eu, pois, — prosseguiu ele como se nada tivesse notado, — dizia eu que considero como um dever opormo-nos ao desenvolvimento da heresia. . . Irmãos, qual é o fim da nossa Ordem - o restabelecimento do seu antigo poder, o seu domínio em todo o mundo. Ora, esse domínio será impossível, se quisermos exercê-lo entre os povos do norte, que se revoltam contra toda a autoridade Se quisermos fundar um imenso poder oculto, devemos operar entre as nações católicas, e conservar nelas aquela fé invencível à que basta dizer: Crê e obedece, — para que desapareça toda a oposição.

“Unir-nos-emos em volta do sólido pontifício, como os pretorianos do antigo império, e defenderemos, alargaremos o poder do Papa, que depois será o nosso poder, porque o chefe da Igreja ser sem dar por isso, o nosso prisioneiro. . .

“Ensinares aos povos que eles devem obedecer com submissão e medo aos seus soberanos, e prestaremos aos reis este apoio obrigando-os a governar segundo a vontade e os fins da nossa Companhia. Por meio dos colégios dominaremos a mocidade, por meio dos confessionários dominaremos as consciências; os penitentes, aterrados pelo rigor fanático dos Dominicanos e dos Franciscanos, acorrerão ao nosso tribunal de penitência, onde a moral será suave, perdão fácil, e o juiz indulgente. . . Irmãos, escutai-me: por este modo, se consentirdes em transformar a nossa Ordem no sentido que vos peço, dentro de vinte anos — não é preciso mais — nos seremos os senhores do mundo!

— E teus escravos, não é assim ? . . — perguntou em tom desdenhoso Burlamacchi.

Esta interrupção produziu um sussurro, o qual, graças à presença de Beaumanoir, não degenerou em tumulto. A maior parte de Templários pôs-se do lado de Burlamacchi; alguns, poucos, mas decididos partidários, rodearam Inácio de Loiola.

— Irmãos, — bradou Francisco Burlamacchi — acabais de ou vir a proposta que vos foi feita: — A escravidão da humanidade e nós convertidos em guardas desses escravos, e todos de joelhos diante de um chefe supremo, de um chefe misterioso, que do fundo de uma cela monacal, imporia as suas vontades. E é para isto que a Ordem há de levantar-se? E é para isso que nós havemos de vencer os potentados da terra? E foi para isto que destruimos nos nossos espíritos as superstições e a ignorância? Só nós, de toda a infinita multidão dos nossos irmãos espalhados pelo mundo, só nós é que fomos iniciados nos terceiros mistérios; só nós que conhecemos a verdade de tudo isso, que o mundo adora e teme; graças à ciência que adquirimos, graças às misteriosas tradições, confiados à guarda dos sete senhores, graças aos imensos tesouros que possuímos, somos os únicos dentre os nossos irmãos, os únicos dentre os mortais, que não estamos sujeitos a nenhuma lei, a não ser à da morte. E havemos de ter-nos assim elevado tanto, como miraculosa força, acima do comum dos homens, para afinal ficarmos reduzidos a obedecer como cadáveres ao sinal de um só de nós? . .

Um murmúrio de aprovação acolheu as animadas e quentes palavras do nobre Burlamacchi. Na verdade era intolerável a pretensão de Loiola! . .

— Eia, pois; — prosseguiu Burlamacchi — levantemo-nos, sim, mas para despedaçar os nossos grilhões, e os de todo o mundo! Temos em nossas mãos uma força incalculável; aproveitemo-la e façamos uso dela contra os tiranos de toda a espécie. Os povos nos darão por tal serviço bem melhor recompensa do que o sombrio silêncio e a tenebrosa humildade do túmulo! Nós constituiremos na Europa a grande, a verdadeira aristocracia — a do bem-fazer. Será dentre nós que as cidades liberais e as nações ressuscitadas hão de eleger os seus regentes; nós reinaremos, não com as forças efêmeras do embrutecimento e da ignorância, mas com as do reconhecimento e do afeto.

“Irmãos! Em nome da fé que depositaste em nós, elegendo-nos para este supremo cargo, convido-vos a rejeitar as propostas de Inácio de Loiola, e a proclamar aqui, nesta nossa santa assembléia, que a ordem do Templo se transforma na sociedade secreta dos Pedreiros Livres!

— Viva a Maçonaria! — gritou o príncipe de Conde, saudando com este nome francês, tradução da denominação proposta por Burlamacchi, a origem de uma sociedade, que depois havia de ter tanta influência sobre os destinos do mundo.

Quase todos os presentes repetiram o grito de Conde e saudaram e aclamaram Burlamacchi.

Beaumanoir usou então da palavra.

— Não nos esqueçamos, irmãos, de que neste concílio todos somos livres. Ninguém é obrigado a aceitar qualquer mudança, que não seja aprovada pelo seu pensar e pela sua consciência. Que respondes a isto, irmão Inácio de Loiola?

— Respondo — disse com altivez o peregrino — que estas cisões não me dizem respeito. Fui irmão da ordem do Templo, observei fielmente os seus estatutos: agora, que o Templo acabe

retiro-me da instituição que lhe sucede, e em face da Maçonaria, que acabais de proclamar, declaro instituída a Companhia de Jesus!

Este nome, que mais tarde devia tornar-se tão terrível, repercutiu sonoramente sob aquelas abóbadas; tão forte e solene fora voz com que Loiola o pronunciara!

— Ninguém — disse Beaumanoir — ninguém quer acompanhar o nosso irmão no caminho a que ele quer aventurar-se sozinho?

Seis cavaleiros se levantaram, e foram colocar-se ao lado de Inácio de Loiola, que os olhou com um ar triunfante.

— Somos sete! — disse ele com um ar inspirado. — Pois bem, convosco, primeiros irmãos, que acreditastes em mim, reparto eu o império do mundo. Somos bastantes para vencer, e teríamos a certeza da vitória, se não tivéssemos de lutar contra os nossos antigos companheiros. Irmãos, o beijo de paz!

Entretanto, a voz de Beaumanoir pronunciava friamente os nomes dos que se tinham declarado prontos a aceitar a proposta i Loiola.

— Pedro Lefèvre, de Villaret, na Sabóia.

— Francisco Saverio, cavaleiro de Navarra.

— Jacopo Laynez, de Almazar.

— Afonso Salmeron, de Toledo.

— Nicolau Afonso, de Bobadila.

— Simão Rodrigues, de Avedo.

Na medida que iam sendo pronunciados os nomes daqueles poucos, Inácio ia-os inscrevendo num pequenino livro, que tinha na mão.

— E agora — disse Beaumanoir — agora, que os dissidentes nos abandonaram, repitamos, irmãos, o juramento de há pouco, e declaremos que a ordem do Templo se transformou na associação dos Pedreiros Livres.

Os cavaleiros presentes ergueram a mão.

— Adeus, irmãos; — disse Loiola, com uma voz a que não pôde, por mais que fizesse, tirar um certo tom de tristeza — por muito tempo estivemos unidos e concordes e agora estamos divididos em dois campos, que pugnarão com ferocidade sem par um contra o outro. Pois bem! eu ainda tenho esperança, e peço a Deus que reconheçais finalmente o vosso erro e vos acolhais todos sob a nossa bandeira, sob a bandeira de Jesus.

— Terás que esperar! — resmungou Burlamacchi, o mais indignado, ao que se via, pela traição de Loiola.

Inácio dispunha-se para partir com os seus companheiros, quando o presidente lhe fez sinal para que esperasse.

— Monge, — disse ele — deixaste de pertencer ao Templo, mas os juramentos que prestaste à nossa Ordem têm sempre vigor. Ai de ti, se o segredo que juraste guardar fosse violado.

Inácio voltou-se cheio de desdém, estremecendo como um cavalo, ao qual o chicote fustiga.

— Beaumanoir, — murmurou ele num tom de voz que a raiva fazia tremer, — em má hora me lembraste, a mim, que não pensava em violá-los, os juramentos que prestei à Ordem. Esqueceste talvez de que para nós, filiados nos terceiros mistérios, para nós, que somos os Sete Senhores, não existe lei moral nem positiva? Esqueceste de que a nossa elevação ao supremo grau nos libertou de todos os deveres?

— Pois então — disse ameaçadoramente o ancião — lembra-te de que, se o juramento te não fizer calar, nós te faremos calar doutra maneira. Temos irmãos por toda a parte, Loiola, e a ponta dos punhais do Templo ainda se não embotou.

Inácio sentiu um calafrio penetrá-lo até à medula dos ossos mas o rosto não manifestou senão um profundo desprezo. Um momento depois, pela escarpada encosta de Mont-Serrat caminhavam os sete homens que, conduzidos pelo gênio de Inácio de Loiola, viam constituir a famosa Companhia de Jesus, cujos atos e tenebrosas tiranias haviam de causar o assombro e o terror do mundo.

FIM DO PRÓLOGO

PRIMEIRA PARTE O REI CAVALEIRO

CAPÍTULO I

A CONFISSÃO DE DIANA

O palácio de Brezé, um dos mais antigos edifícios feudais de parte mais velha de Paris, perdera havia já muito tempo o esplendor das festas e alegrias, que por um momento o haviam animado

Quando João de Brezé, grande senescal da Normandia, oferecera a mão de esposo à filha do conde Saint-Vallier, no palácio ressoara o bulício e a animação das antigas festas; naquelas salas desertas ressurgira uma nova vida, acordando os ecos adormecido dos festins, por influência duma mulher nova, bela e sociável.

Uma tradição, de que adiante falaremos, circundava a formosíssima Diana de uma espécie de auréola de grandeza, que tornava mais brilhantes as festas e as reuniões em que Diana era a rainha. Os senhores mais grados da corte reuniam-se nas salas do grande senescal, e se Brezé fosse ciumento — defeito que por fortuna dele não tinha — decerto teria pensado seriamente nas homenagens que a flor dos cavaleiros franceses tributava à sua jovem esposa.

É certo também que Diana, aceitando aquela corte e comprazendo-se com aquele tributo de admiração, não dava à maledicência o mais pequeno motivo para falarem dela. Pelo contrário, mais trava ter pelo marido um afeto tanto mais para admirar e louvar quanto os cabelos grisalhos do senescal eram mais próprios para inspirar o respeito filial do que o amor das mulheres.

A corte, de sua natureza maledicente, procurava explicar aquela virtude, que a ninguém parecia natural; e alguns dos cortesãos mais maledicentes do que os outros, diziam que, se a formosa Diana fazia tanto alarde do seu amor ao marido, era para vender mais cara a sua complacência para com outro.

Diana soube quem foi que dissera aquelas palavras e não se deu por ofendida; mas naquele coração, que era friamente vingativo e cruel, o nome do homem que a insultara ficou gravado em caracteres indeléveis, e Diana jurou a si mesma que, cedo ou tarde, o insolente havia de pagar-lhe a ofensa.

João de Brezé morreu pouco tempo depois de ter casado.

A esposa mostrou a sua dor em públicas manifestações de luto, renunciou aos bailes, às festas e a tudo, e transformou o palácio em uma espécie de convento, onde não tinham entrada senão pessoas sérias, graves e tementes a Deus.

Daí a pouco, Paris inteira fazia os maiores elogios à gentil senhora, que aliava à piedade e à fé da viuvez a mais liberal beneficência. Sempre vestida de luto, Diana constituía um exemplo para as senhoras da corte, mais dispostas a enganar os maridos vivos do que a conservarem-se fiéis à memória dos mortos.

No palácio, em que agora vamos encontrar Diana, reinava absoluto sossego. A gentil viúva não recebia senão raríssimas vezes e, na ocasião em que vamos entrar nas suas salas, estava ela conversando com um mancebo, que devia pertencer à mais alta classe social, a avaliar pelo respeito com que o tratava a altiva condessa.

— Ah! monsenhor, — dizia ela — pois não reparais neste luto, que me cobre? Isto mostra que

renunciei à vida e às suas pompas; com a minha idade quase que poderia ser vossa mãe. . . Ah! monsenhor, aos vossos pés curvam-se hoje todas as belezas de Paris; renunciiai a despertar um pobre coração, que só deseja consagrar-se à sua salvação eterna.

E Diana ergueu os olhos para o céu com uma expressão tão encantadora, que o mancebo a quem ela se dirigia sentiu-se ainda mais apaixonado.

— Mas vós não quereis compreender-me, Diana! — insistia o jovem com uma espécie de impaciência febril. — Eu desejo o vosso amor, não para o ocultar ou envergonhar-me dele, mas para dele fazer a maior glória da minha vida! Concedei-me o vosso amor, Diana, e na corte de que hei de ser rei vós sereis a rainha!

Nos olhos de Diana brilhou fulgurante e fulgás um lampejo de orgulho. Havia muitos dias que ela esperava ouvir aquelas palavras, que não eram uma promessa vã, pois que aquele que diante de Diana se expandia com ardor tão apaixonado era o segundo personagem do reino, era Henrique de França, filho e herdeiro presuntivo do rei Francisco I, e que depois reinou com o nome de Henrique II.

O príncipe tinha então dezoito anos.

Era um mancebo de altiva e nobre figura, muito mais desenvolvido do que a idade parecia permitir. Em lugar dos traços delicados e moles da juventude adolescente, havia nele o desenvolvimento de formas e a robustez de um homem de trinta anos. A caça e a guerra, os seus dois passatempos prediletos, tinham contribuído para dar àquele filho dos Valois a aparência rude e semi-selvática de um soldado aventureiro.

Como seu pai, também Henrique era de uma estatura de gigante; mas, principalmente diante de uma mulher, o seu olhar era tímido e doce, e nos seus movimentos havia tal ou qual embaraço. Enfim, era o mais belo Hércules, que jamais se deixara prender nos laços de uma Ônfale moderna.

Mas, por outro lado, que admirável domadora era aquela, que tinha feito curvar a cabeça deste leão! . . .

Todos os poetas daquela época nos deixariam o retrato da deusa, que por tantos anos brilhou no céu da corte de França. Pintores, escultores, cinzeladores, como o Primaticcio, como Jean Goujon, como Benevenuto Cellini, idealizaram as formas admiráveis da bela sereia. Ela era realmente a grande cortesã, a mulher que podia desafiar o tempo, e receber, passados os cinqüenta anos, as entusiásticas homenagens com que tinha sido saudada na sua primeira mocidade! . . .

Diana de Poitiers, condessa de Brezé, orçava então pelos trinta e cinco anos.

Nenhum colorido de artista, a não ser o que saía dos pincéis mágicos do Ticiano, poderia reproduzir a cor de pérola daquela carnação, onde todavia ondeavam os reflexos dourados de um sangue quente e vivo.

Tinha os cabelos castanhos escuros, tão finos e macios, que comparada com eles a seda pareceria áspera lã. Os olhos negros, grandes, aveludados, profundos, ora pareciam perdidos numa espécie de êxtase, ora relampagueavam clarões de voluptuosidade, capazes de entregar nos braços de Satanás o mais austero anacoreta da ordem de S. Francisco.

A condessa trazia um vestido muito simples, todo preto, de luto. Um decote em quadrado sobre o peito deixava entrever a brancura deslumbrante do colo e do seio, que arfava. Das mangas curtas, segundo a moda da época, saíam dois braços admiráveis, que pareceriam de mármore, se não fosse o azulado das veias, que se desenhavam sob aquela finíssima pele.

Nenhuma jóia nos braços, nem no colo. Na mão direita só um anel, um só, o anel nupcial do defunto senhor de Brezé.

— Monsenhor! — disse a condessa, depois de uma pausa habilmente calculada — o que acabais de prometer-me bastaria para tornar feliz a maior princesa do mundo, quanto mais uma pobre viúva como eu.

— Diana! . .

— Deixai-me continuar. Hoje sois príncipe, monsenhor; hoje não dependeis senão de el-rei, vosso pai; amanhã sereis o senhor absoluto. Mas tereis de ouvir os conselhos da política, que vos dirá que o chefe de um grande povo não pode aparentar-se senão com famílias de soberanos. Nasci bastante próxima do trono, monsenhor, para compreender quanto é perigoso para alguém, mesmo sem o querer, aproximar-se da coroa. As jóias dela queimam a mão profana que as toca. Se o rei Francisco nosso senhor tivesse ouvido as imprudentes palavras, que há pouco pronunciastes, a prisão ou exílio seriam o meu destino.

O rosto de Henrique coloriu-se e os olhos injetaram-se-lhe de sangue.

— Se tal ousasse! . . — exclamou ele, levando a mão aos copos da espada.

Diana deteve-o com um olhar.

— Vós resistiríeis, monsenhor! . . e eu teria o infinito remorso de ter indisposto um filho com seu próprio pai, de ter amargurado a vida de um rei, que foi tão bondoso para com a pobre Diana de Saint-Vallier e que concedeu às súplicas da filha o perdão de seu pai...

E como Henrique olhasse para ela cheio de espanto:

— Pois vós ignorais este fato, monsenhor?! É natural; isto ocorreu quando ainda éreis criancinha, e desde então para cá têm-se operado grandes mudanças na corte. Mas desejo que o saibais:

— Meu pai, o conde de Saint-Vallier, implicado na fuga do condestável de Bourbon, foi condenado à morte. O rei estava tão indignado contra os cúmplices e protetores de Bourbon, que ousaram pegar em armas contra o seu Rei, que só alguns amigos é que ousaram implorar o perdão de meu pai; mas tudo foi inútil, a condenação era irrevogável. Tive então uma idéia, que decerto me foi inspirada por Deus. Penetrei no Louvre, e na ocasião em que o Rei ia passar, lancei-me aos pés dele.

— Vós! — exclamou o delfim com indizível expressão de ciúme, bem justificada para quem conhecia a galanteria do rei cavaleiro. — E ele... recebeu-vos. . .

— Como se recebe uma filha, que implora o perdão para seu pai, — respondeu Diana com tal acento de nobreza misturada de melancolia, que era do mesmo passo a censura e a destruição das suspeitas de Henrique. — Fez-me erguer e interrogou-me com afabilidade; e como o terror, o respeito, a comoção me tinham alquebrado as forças, recomendou-me benignamente a sua mãe, Luísa de Sabóia, e, um momento depois, meu pai livre dos seus ferros, tornava a abraçar sua filha. . .

— E depois disso não tornastes a ter outras conversações. . . com o rei meu pai ? . .

— Não, monsenhor; — disse Diana com altiva dignidade — poucas semanas depois desposava eu o conde de Brezé, grande senescal da Normandia. Conservei sempre sem mácula o meu nome de esposa. . . como hei de conservar o de viúva. . .

A Henrique pareceu-lhe ver tremer uma lágrima nos olhos da condessa, tão cruelmente e indiretamente ofendida, e louco, alucinado, caiu-lhe aos pés.

— Oh! perdoai-me, Diana! . . — exclamou ele extremamente agitado — perdoai-me, porque o meu amor é tamanho que decerto me perturba a razão! Mas ao ver-vos tão bela e encantadora, parece-me impossível que haja alguém que se não apaixone por vós, e que não empregue todos os meios para que vós aceiteis o seu amor. . . Não me desprezeis, Diana, porque senão, à fé de Valois! . . cometo uma loucura!...

E o mancebo, em cujo cérebro se debatiam as mais delicadas fantasias cavalheirescas com os

grosseiros costumes das caçadas e dos quartéis, prostrou-se de novo aos pés da condessa.

Esta, como que absorvida num pensamento mais alevantado, não reparava no mancebo, e deixava que este lhe apertasse a mão com apaixonado ardor.

— E contudo — murmurou a condessa, ao cabo de um breve silêncio — e contudo, seria todo o meu sonho ser a inspiradora de um jovem, valente, poderoso. . . guiá-lo no caminho da glória. . . fazer dele um grande príncipe, um herói. . .

— Oh! Diana, — exclamou Henrique — correspondei ao meu amor, e fareis de mim o que quiserdes... e eu considerara-os-ei como a salvadora da casa de França.

— Silêncio! erguei-vos! — respondeu a condessa, que viu que era tempo de pôr termo àquela cena. — Vem aí algum dos meus criados.

-Com efeito, naquele momento batiam à porta do salão e uma aia, tendo pedido licença, entrou e inclinou-se, dizendo à condessa:

— Senhora, o reverendo padre Lefèvre chegou agora para a conferência espiritual do costume.

— Que o reverendo padre tenha a bondade de passar ao oratório. . . Monsenhor, perdoai-me se vos deixo; vou falar com o senhor de todos os tronos, vou confessar-me a um ministro de Deus.

— Sois uma santa! — exclamou o príncipe, depondo na bela mão da gentil dama um beijo apaixonado.

A condessa deu-lhe em troca um sorriso cheio de amor e de tristeza; depois, tendo acompanhado o príncipe até à porta, como competia à hierarquia do seu real adorador, dirigiu-se para o oratório, onde a esperava o reverendo padre Lefèvre.

Se Henrique a tivesse visto naquele momento, é provável que a sua paixão se convertesse em horror. A fisionomia daquela mulher brilhava de uma alegria tão malévola, nos seus lábios pairava um ar de desprezo tão profundo, que a beleza ideal da inconsolável viúva desaparecia, dando-lhe ao rosto uma expressão sinistra em que se refletiam as mais tristes paixões.

Como os grandes comediantes, Diana tinha expressão de teatro e uma expressão verdadeira, e esta era a mais repugnante e odiosa que se podia imaginar!

CAPITULO II

O REVERENDO PADRE LEFÈVRE

Ao passar da sala onde recebera o príncipe para o oratório onde a esperava o jesuíta, Diana lançara sobre os ombros uma capa, que cobria todas as cândidas belezas, cuja vista acendera tamanho fogo de desejos no coração do príncipe Henrique.

A sereia bem compreendia que os meios de influir sobre um mancebo inexperiente e inflamável deviam ser diferentes dos que precisava empregar para ser benvista por um sombrio e austero frade. Por isso, quando entrou no oratório, Diana levava um vestido muito simples, e apresentou-se de frente serena, com o olhar franco e tranqüilo de quem não tem nada que se lhe lance em rosto.

O padre Lefèvre pouco tinha mudado desde aquele dia em que o vimos entre os cavaleiros templários tomar o partido de Inácio de Loiola, e inscrever-se com os outros cinco companheiros na nova instituição, proclamada por Inácio sob o nome de Companhia de Jesus.

Era sempre o mesmo tipo de montanhês, de elevada estatura, de porte austero, magro, de feições e formas angulosas. Conservava-se ordinariamente de olhos baixos, mas era fácil perceber, quando erguia o olhar, que a humildade monástica não tinha apagado neles o lampejo de orgulho.

Tinha agora a fonte mais escampada, por lhe rarearem os cabelos, e isso fazia com que ela parecesse mais vasta, dando à figura do ex-estudante saboiardo uma expressão de severa

majestade, que inculcia respeito.

Lefèvre saudou Diana com uma ligeira inclinação quando esta ao entrar se curvou profundamente.

— Perdoai-me, meu padre, — disse a viúva — se não vim tão depressa como desejava; mas uma visita de cerimônia. . .

Não foi por causa dessa visita de cerimônia que perdestes tanto tempo, minha filha, — disse o padre, que com um olhar rápido tinha observado o vestido de Diana. — Perdestes também alguns instantes para enganar o vosso pai espiritual.

— Eu! — exclamou Diana, cheia de confusão.

— Sim, vós. . . , receastes que eu achasse demasiado mundano o vestuário com que recebestes o príncipe Henrique, e mudastes de vestido. . . como se a vista de um sacerdote pudesse ser perturbada pelo que desperta a admiração e os desejos dos outros homens.

Em outra qualquer ocasião a senhora de Brezé ficaria maravilhada por ver que um estranho assim adivinhava os seus mais íntimos pensamentos; mas o padre Lefèvre já por vezes lhe dera tais provas da sua onisciência, que a condessa já de nada se espantava.

Inclinou a fronte, que passado um momento, ergueu.

— Então cometi um pecado? — perguntou ela.

— Pecado? Não; além de que, bem sabeis, minha filha, que nós procedemos com brandura e circunspeção, antes de considerarmos pecaminoso um ato qualquer. Entretanto, tivestes um trabalho inútil, o que é muito para sentir, dada a importância da vossa missão. Mas não falemos mais disso. . . Viestes para vos confessardes?

— Sim, meu padre — disse Diana. — Preciso de encontrar nas palavras e nos conselhos de Vossa Paternidade um conforto às dúvidas, que me amarguram a vida. Supliquei-vos que fósseis o meu diretor espiritual, porque a vossa fama de piedade, de saber, de austeridade. . .

— Obrigado, minha filha. A Companhia de Jesus foi instituída há poucos anos, mas o Senhor abençoou os nossos esforços, e hoje já dirigimos a consciência dos mais ilustres personagens católicos. De resto, os pecados que tendes confiado ao tribunal da penitência têm sido sempre tão leves, que na verdade, mesmo para um pobre padre ignorante como eu, — e o frade inclinou-se com orgulhosa modéstia, — não é difícil tarefa manter-vos sempre no caminho da salvação.

Diana parecia hesitar.

— Meu padre, — disse ela afinal — tenho de fazer-vos confissão de algumas faltas mais graves; mas primeiro desejava saber. . . se é certo. . . como se diz...

— Eu concludo a vossa frase, filha. Desejais saber se é certo, como se diz, que os padres da Companhia de Jesus têm para com os pecadores uma indulgência muito superior à que costumam ter os outros confessores; se é verdade que eles têm os meios de diminuir aos olhos dos pecadores a gravidade das suas faltas, e de reconciliar com Deus, sem sacrifícios. . . É isto que desejais saber minha filha?

— É, meu padre... ou pelo menos alguma cousa parecida.

— Pois bem, ficai então sabendo que esta nossa indulgência que os descrentes nos censuram como uma culpa gravíssima, é verdadeira.

Diana fez um gesto de espanto.

— Oh! entendamo-nos! — disse com o seu frio sorriso o padre Lefèvre, — nós somos tão severos como os outros, quando trata de culpas cometidas com pura maldade e só com a intenção de fazer mal; mas, quando julgamos os pecados, sabemos distinguir o elemento mau da intenção, das circunstâncias e dos impulsos exteriores; e quanto mais fortes são estes, tanto mais benévolos

nós mesmos em perdoar a queda.

— Não vos compreendo bem, meu padre, — disse a jovem viúva, tornando-se pensativa.

— Eu vos apresento um exemplo, — disse o jesuíta, envolvendo num olhar perscrutador toda a pessoa da condessa. — Suponhamos que uma jovem, vendo passar um príncipe belo, valoroso galante, lhe corre ao encontro e se lhe lança aos pés, oferecendo-se o corpo; essa tal seria uma mulher perdida, uma cortesã dissoluta, uma condenada às penas eternas, que sofrem os que pecam por luxúria.

— E então ? . . — perguntou Diana em grande ânsia.

— Mas suponhamos agora que aquele príncipe, tanto mais pronto a ir-se, quanto mais poderoso, tinha resolvido fazer morrer o pai daquela jovem. Suponhamos que ela resgatou, à custa da própria honra, a vida de seu pai, e nesse caso converteu-se ela numa Judite, transformou-se numa heroína.

— Padre! padre! que dizeis! — exclamou a condessa.

— Porventura conheceríeis vós alguma jovem, alguma mulher que se achasse nestas circunstâncias ? — perguntou com absoluta tranqüilidade o padre Lefèvre.

Diana, completamente abatida, deixou pender os braços.

— Eles sabem tudo; — murmurou, — sabem tudo, e eu, como louca, quero competir com eles. . . Com estes aliados serei tudo, sem eles não serei nada. . . Oh! é preciso que eu me decida!

E resolutamente, voltando-se para o jesuíta, disse-lhe:

— Meu padre, tende a bondade de me ouvir de confissão.

— Estou pronto, minha filha, — respondeu o jesuíta, disfarçando um sorriso de triunfo, que lhe despontava nos lábios.

Diana sentou-se num escabelo forrado de veludo, e o sacerdote numa cadeira.

— Meu padre, já sabeis que sou filha do conde de Saint-Vallier, o nobre fidalgo, que auxiliou a fuga do duque de Bourbon, e que por tal fato foi condenado à morte pelo rei Francisco I. Nem os rogos dos amigos, nem as súplicas dos parentes, conseguiram obter para o condenado a clemência do rei. Então, eu, enchendo-me de coragem, corri à corte e lancei-me aos pés do soberano. Foi uma imprudência da minha parte, não é assim, meu padre?

— Era esse o vosso dever de filha, — respondeu o jesuíta, impassível. — Continuai.

— O rei recebeu-me afetuosamente, e quase com respeito: ordenou que se suspendesse por um dia a execução, que estava marcada para o dia seguinte. Quando eu me erguia do chão, onde me tinha prostrado para lhe fazer aquele pedido, o rei murmurou-me ao ouvido: — Esta noite. . . conceder-te-ei completamente... o perdão de teu pai. — Eu quis protestar, quis resistir, mas o soberano disse-me com altiva frieza: — Dize que não, e a cabeça do conde de Saint-Vallier rolará do patíbulo na praça de Greve.

Padre, eu amava meu pai... e além disso a condenação e o suplício traziam consigo a confiscação dos bens. . . Assim, eu ficaria sozinha no mundo, pobre, sem esperança. . . Aceitei. Foi um grande pecado, não é verdade?

— Era-o, se tivesse sido cometido só com o fim de gozar. . . mas tratando-se da gravíssima razão, que vos levou a isso, pelo contrário, praticastes uma obra meritória. . . que vos será levada em conta no céu.

— Obrigada, meu padre. Mas ainda não é tudo... O rei voltou mais vezes a procurar-me. . . e, valendo-se dos direitos adquiridos da primeira vez, encontrou-me dócil aos seus desejos. . . Mais tarde fez-me casar com o conde de Brezé, grande senescal da Normandia, e mesmo depois do matrimônio. . . Ah! meu padre, eu sou muito culpada; porque então já não tinha a desculpa do

risco que corria a vida de meu pai, e apesar disso os impuros desejos do acharam-me sempre disposta. . .

— Minha filha, na verdade o que acabais de narrar-me ti muita gravidade; mas talvez que no vosso zelo de perfeição o exagereis um pouco. . . Mas primeiro dizei-me: o rei honrou a casa vosso marido com riquezas e privilégios?

— Sim, meu padre, apesar de eu lhe pedir que o não fizesse dizendo-lhe que, pelo menos, era preferível uma proteção secreta em vez de favores muito manifestos, para não excitar a inveja e a maledicência da corte. . . Com os presentes e benefícios que lhe fez, meu marido pôde deixar uma fortuna considerável da qual eu fui a única herdeira. . .

— Então estais justificada, minha filha. Então já não era por concupiscência carnal que aceitastes os galanteios e amores de um homem, que decerto não era o mais belo da corte; não era também por vaidade, visto que fizestes todo o possível para ocultar essas relações, o que efetivamente conseguistes. Não, o que vós quisesseis foi aumentar os bens e a importância da casa de vosso marido, compensá-lo da involuntária falta para com ele cometida de entrardes para casa dele menos. . . irrepreensível... do que ele tinha direito de esperar. Na verdade, minha filha, que é em vão que procuro encontrar nesta vossa confissão motivos por que deva condenar-vos.

Diana lançou ao confessor um olhar de espanto, que não pôde encontrar-se com o olhar velado do jesuíta.

— Mas não são só estas as minhas culpas! continuou Diana com humildade.

— Estou a escutar-vos; mas pelo rigor com que a vós própria vos estais acusando, entendo que essas outras culpas, de que ia acusar-vos, não passarão na realidade de ninharias.

— Ouve-me, meu padre. O rei Francisco é um homem externamente cavalheiro, como sabeis, e raras vezes abandona uma mulher que uma vez foi sua amante, e eu não tenho a coragem de ser a primeira a abandoná-lo. Pois bem, desde que o príncipe Henrique voltou da guerra, persegue-me com as suas insistências amorosas e a minha fragilidade é tal, que receio succumbir mais dia menos dia...

— E horroriza-vos a lembrança de serdes ao mesmo tempo a amante do pai e do filho?

— Sim, é esse o meu terror. . .

E a condessa escondeu a face nas mãos, conservando contudo os dedos bastante separados para poder seguir a expressão de fisionomia do padre.

Lefèvre conservou-se silencioso algum tempo, e a condessa chegou a recear que ele não encontrasse na casuística da Companhia os sofismas necessários para absolver aquela espécie de incesto. Mas o bom padre não era homem que se prendesse com tão pouco; por outro lado, tudo quanto a senhora de Brezé lhe estava confidenciando já ele o sabia havia algum tempo, e tivera por isso o tempo necessário para preparar as suas respostas.

— Minha querida filha, — disse ele, com o seu seráfico sorriso — a Igreja não teria excomunhões bastantes para vós, nem o inferno teria penas bastantes grandes, se a vossa intenção, unindo-vos ao príncipe Henrique, fosse unicamente a de vos saciardes de prazeres pecaminosos e de ofenderdes o céu, multiplicando os amores proibidos. Mas eu conheço-vos, e sei que sois experiente, e que tendes largas vistas; por isso tenho a certeza de que se consentirdes nesses amores, que repugnam à vossa consciência, o fareis unicamente para conseguirdes altos fins, que bastariam para absolver e justificar culpas ainda mais graves do que essa. . .

A condessa, conquanto fosse forte, não o era bastante para poder lutar contra um dos fundadores da Companhia de Jesus.

— Altos fins!. . . — balbuciou ela. — Se tivésseis a bondade de me indicar algum.. . para me guiar, meu padre.

— Ora suponhamos, minha filha, que vós exerceis sobre o príncipe Henrique tal predomínio que, quando este subir ao trono, por morte de seu pai, que Deus conserve largos anos, lhe seja impossível libertar-se da sua doce escravidão. . . Temos então um príncipe verdadeiramente católico, um príncipe que será um inimigo e perseguidor inexorável dos hereges, um defensor da Companhia de Jesus e dos direitos da Inquisição.

Diana ergueu-se ao ouvir aquela terrível palavra. Compreendera tudo.

— E vós julgais, meu padre, — perguntou ela, com voz insegura — julgais que se eu obtiver tudo isso do príncipe Henrique.. Deus me perdoará o meu passado?

— Não só Deus, tendo em conta a grandeza do fim obtido por meios aparentemente censuráveis, vos desculpará esses meios mas, por meio das orações da nossa Companhia, Ele vos cobrirá bênçãos... O Rei, conhecendo a virtude e a nobreza da vossa alma encher-vos-á de dons e de honrarias; uma coroa ducal ornará o vosso brasão, e tesouros incalculáveis encherão os vossos escrínios.

— E essas riquezas deverei distribuí-las pelos pobres, não verdade, meu padre? — perguntou a viúva de Brezé com um acento de amargura, que não escapou à observação sagaz do confessor.

— Ah! tu és avarenta!. . . — disse para si com infinita satisfação o jesuíta. — Pois bem, tanto melhor!. . . assim estarás mais segura nas nossas mãos.

Depois, em voz alta:

— Aos pobres!. . . e donde vos viria tal obrigação, minha lha? A vossa posição exige que vivais com a conveniente ostentação, e Deus, que criou as desigualdades sociais para maior bem das almas, decerto não veria com bons olhos quem se empenhasse certo modo em destruir esta sua vontade, reduzindo-se a uma espécie de pobreza voluntária. Não, minha filha, vós conservareis vossas riquezas. . . e além disso a humilde voz da Companhia Jesus, que se faz ouvir em toda a parte, repetirá com tanta insistência louvores ao vosso nome, quantas foram as maldições que em tempos passados era costume vociferar contra as favoritas dos reis.

Diana ergueu-se, com os olhos acessos e o vulto altivamente ereto.

— Vamos, padre, — disse ela com altivez e frieza — acabemos com esta singular maneira de tratar, que muito se parece com uma comédia. Então vós, em nome da vossa Ordem, oferecis-j uma aliança?

— Ofereço, minha filha.

— E garantis-me riquezas, honras, considerações, e o apoio onipotente da vossa Ordem, contanto que eu obrigue o Rei e delfim a combaterem os hereges do modo mais inexorável que hoje se tem visto?...

— Tudo isso vos ofereço, e é preciso que saibais o que isso vale.

— Bem sei, e por isso aceito. Precisamente esta noite o rei Francisco deve vir visitar-me...

— Já o sei: deve vir incógnito, vestido de simples cavaleiro, e há de bater três pancadas na pequena porta do jardim. A vossa aia Alison irá abrir. . .

— Mas vós sabeis tudo!. . . — exclamou Diana, em quem o espanto cedia o lugar ao terror.

— Não exageremos, minha filha: eu só sei o que me convém saber para utilidade da Companhia, e isso mesmo esqueço-o, logo que essa utilidade cessou. Sei também outra coisa: que amanhã haverá no Louvre reunião de conselho presidida pelo rei, para se deliberar sobre o modo de proceder acerca das novidades importadas da Alemanha e que dizem respeito à religião.

— Também já ouvi falar dessa reunião, — disse com certo embaraço a senhora de Brezé.

— Pois bem, eu sei que nessa reunião há alguém, que, desconhecendo os verdadeiros interesses do reino, proporá que se tolere a difusão das novas idéias. Esses, que assim pensam, hão de

afirmar que os Reformadores não tiram a autoridade aos príncipes, e que por outro lado a perseguição poderia servir para ir dar mais força aos inovadores, como sempre acontece com as religiões novas.

— Mas parece-me que este juízo não deixa de ser razoável — disse Diana.

— Engano!.. — exclamou o jesuíta, pondo-se de pé — É certo que a perseguição incerta, medrosa, compassiva, redobra a força dos hereges; mas quando a força daquele que fere é tal, que destrói sem remissão todas as resistências, então a perseguição desfaz e estirpa os erros. É ver o que sucedeu com os hereges dos primeiros séculos, com os Donatistas, com os Arianistas e com os Albigenses: o trono e a Igreja até a memória de tais heresias destruíram, porque não se perdoou a ninguém, nem aos velhos, nem às mulheres, nem as crianças. . .

— E se eu não me sentisse com bastante ânimo para aconselhar esses terríveis meios?... — disse a condessa, verdadeiramente aterrada. — E se eu não pudesse corresponder às esperanças que em mim deposita a Companhia?.. .

— Minha filha — disse benignamente o jesuíta. — Tanto rei como o delfim são dois príncipes de sentimentos religiosos. . e eu sei-o bem, porque escolheram para confessores dois padres c nossa Ordem. Seria muito fácil atemorizá-los com o pensamento do grande pecado que cometeram, amando ambos a mesma mulher que já não teria para atenuar o seu grande pecado a desculpa de interesses da religião.

Diana estremeceu ao ouvir aquela ameaça.

— Meu bom padre, — disse ela com voz sincera, eu não quero retroceder, hei de cumprir o nosso tratado, e não será de certo culpa minha se a heresia puder alargar os seus domínios em França mas sobressalta-me um outro receio: poderei eu resistir sozinha contra o espírito de tolerância que, como há pouco dizíeis, domina no conselho do rei?

— Não sereis só vós a aconselhar o rei a que proceda com energia. Um dos mais considerados conselheiros de Francisco I há de sustentar ao lado dele essas mesmas idéias.

— E posso saber quem ele é?

— Decerto, visto que deveis proceder de comum acordo; é condestável de Montmorency.

— Essa harpia! — exclamou Diana, aludindo à reputação de insaciável avidez de que justificadamente gozava aquele famoso general.

O jesuíta examinava com um olhar profundo aquela nova recruta por ele alistada no exército da Igreja. Aquele grito da avareza assustada pela possibilidade de ter um concorrente, afinal deixou espantado o frade, apesar de ele ter amplos e variados conhecimentos da alma humana.

— Tranqüilizai-vos, minha filha, — disse ele afinal. — Por muito rapace que seja o senhor de Montmorency, ele sempre há de deixar ao rei o bastante para recompensar largamente os vossos serviços ao estado. A França é rica, e além disso teremos a confiscação dos bens dos hereges !. . .

— Ah!. . . não me lembrei disso. . . Além de que, meu padre eu não sou ambiciosa, e contanto que tenha com que sustentar digna mente a minha posição.. .

— Já vos disse o que pensava a tal respeito. Adeus, minha filha; deixo-vos, levando o coração a transbordar de contentamento por ver as belas intenções de que estais animada com respeito à eterna salvação da vossa alma.

E o jesuíta ergueu-se para sair.

— Como!. . . ide-vos embora, meu padre! — exclamou Diana com inimitável acento de humildade. — Partis sem me terdes absolvido dos pecados que confessei!

Desta vez o padre Lefèvre não pôde reprimir um movimento de espanto quase respeitoso. Aquele mulher, que nunca tirava a máscara, aquela hipócrita sublime, que conservava o seu hábito de

fingir até na presença do homem, que tão intimamente a conhecia, era na verdade uma mulher forte, digna de ser elevada a um dos mais altos postos da Companhia de Jesus!

— Ajoelhai-vos, filha — disse o padre.

Diana ajoelhou-se, e Lefèvre, pondo-lhe a mão sobre a cabeça, pronunciou as palavras sacramentais da absolvição. Depois saiu, acompanhado até à porta pela condessa com respeitosa deferência, como uma visita soberana.

CAPÍTULO III

UMA VINGANÇA FEUDAL

O palácio dos senhores de Montmorency podia justificadamente chamar-se uma fortaleza, tão grossos eram os seus muros guarnecidos de ameias, tão bastos os seus torreões, tão numerosa a guarnição que se acotovelava nos pátios e nas casernas daquele imenso edifício.

Naquele tempo Paris estava cheia de pequenas fortalezas, onde se acolhiam os mais poderosos fidalgos, desafiando de dentro dos seus muros a cólera real e o furor popular.

Ê certo que naquele tempo raro se aventuravam os reis a encolerizar-se com os seus feudatários, de cujo auxílio a cada passo precisavam; e quanto ao povo, esse tinha naqueles tempos bem radicadas no coração as idéias de obediência, e foram necessários três séculos de vícios ignóbeis e de culpas sem nome para que o povo esquecesse o tradicional respeito que sempre votara a todos os que lhe estavam superiores.

Então, ainda não tinha nascido Armando Duplessis, duque de Richelieu, que, passado século e meio, havia de abater a cabeça da nobreza com o cutelo do carrasco, e fazer curvar a nação inteira aos pés do rei, numa vassalagem única. Naquele tempo, cada senhor feudal era rei no seu palácio e nos seus domínios; os delitos mais graves daqueles altos personagens passavam impunes, a não ser que a punição interessasse a algum nobre ainda mais poderoso, ou a algum padre inexorável.

De resto, se então ainda estivesse em vigor a lei que proibia a todos os súditos terem homens armados ao seu próprio serviço em Paris, nem por isso teria sido outro o aspecto guerreiro do palácio de Montmorency.

Com efeito, o duque usava a espada de condestável do reino de França, o que o constituía chefe de todas as forças armadas, que existiam nos domínios do Rei cristianíssimo. Naquela qualidade, o duque podia requisitar para o seu serviço todos os soldados que havia em França: os coronéis, os mestres de campo, os generais, e até os marechais de França, eram obrigados a obedecer a todas as ordens do condestável, sob pena de serem acusados do crime de traição militar.

Para se exercer o altíssimo cargo de condestável, não bastava ser-se um guerreiro experimentado e valoroso, era também preciso pertencer à primeira nobreza, porque os oficiais, que na sua maior parte pertenciam às primeiras famílias de França, não suportariam com paciência as ordens de um homem que lhes fosse inferior em nobreza de sangue. A nobreza do exército francês, que continuava a ser na sua máxima parte feudal, ainda depois da reforma de Carlos V, o sábio, obrigava o governo a ter em grande conta a opinião da nobreza; e por outro lado Francisco I, que se orgulhava mais da sua qualidade de fidalgo do que mesmo da de rei, nunca se atreveria a violar, em assunto tão importante, os privilégios dos seus barões. O duque de Montmorency era, pela sua nobreza, o mais nobre entre os barões de França, que não pertenciam à casa real. Um barão da casa do duque fora o primeiro a abraçar o cristianismo, e o chefe da família usava por tal fato o título de *primeiro barão cristão*. Na mais escolhida nobreza era difícil encontrar quem pudesse equiparar-se em nobreza de sangue aos Montmorency; apenas os Guises, príncipes soberanos da Lorena, ou os Courtenay, de cuja família saíram alguns imperadores para Constantinopla, podiam equiparar-se-lhe. De resto, a família dos Montmorency estava

aparentada com todas as casas mais ilustres.

O senhor de Montmorency gozava por isso o duplo privilégio de chefe natural da nobreza de França e de generalíssimo de todos os exércitos do rei. Este duplo poder tornava o duque temido dos seus inimigos, e utilíssimo aos seus amigos. Os segundos, porém, eram em número muito restrito: podia até dizer-se que o nobre duque, graças à sua avidez, ao seu orgulho desmesurado e à sua fria crueldade, não tinha sequer um amigo.

Mas, como quer que fosse, era com certeza arriscadíssimo lutar contra aquele poderoso príncipe, que dispunha de todas as forças de Francisco I, e que no seu salão feudal de Montmorency tinha recebido o juramento de vassalagem de muitos centos de barões e fidalgos, muito poderosos. rios seus castelos e domínios, mas sujeitos ao padroado do grande feudatário.

E pelo prosseguimento da nossa narrativa ver-se-á a que terríveis conseqüências se expunha quem ousava desafiar aquela cólera.

O duque estava no seu gabinete, conferenciando com um personagem da mais alta importância, segundo o dizer das gentes < palácio, e na verdade muito importante devia ser o assunto de que se tratava para assim ter ocupado durante mais de duas horas u homem como Montmorency.

Quando, afinal, terminou a conferência, viu-se quem era o considerado personagem: era nem mais nem menos do que o reverendo padre Lefèvre, da congregação de Jesus.

O grande condestável de França acompanhou o jesuíta até porta, como se se tratasse do rei ou do príncipe Henrique, delfim de França, porque, quanto aos outros príncipes da casa real, o orgulhoso Montmorency considerava-os inferiores a ele.

Logo, porém, que o padre saiu do palácio, — ainda os gentil homens e servos da casa não estavam refeitos do espanto que lhe causara verem o seu senhor inclinar-se com tanta humildade diante de um simples sacerdote de modesta aparência — o sorriso obsequioso desapareceu dos lábios de Montmorency, e a sua fisionomia retomou a expressão dura e severa, que lhe era habitual.

Um criado, tremendo como todos os que tinham de aproxima se daquele temido senhor, acudiu. ao primeiro sinal de uma campainha nervosamente tocada pelo duque.

— O preboste! — disse o duque, com acento brusco.

Um minuto depois, apresentava-se o preboste, homem de estrutura baixa e reforçada, de olhar oblíquo, testa estreita, tendo escritos na fisionomia em caracteres evidentes todos os sentimentos de malvadez e de crueldade. Vestia um saiote de lã escura, calções de pele de búfalo, bota até meio da perna, e trazia à cinta um molho de chaves e uma espada curta ao lado.

Tal era o preboste, Conrado o Negro, terror de todos os habitantes dos palácios e feudos do condestável, pois era ele que estava encarregado das execuções secretas do duque, e às vezes, também das suas públicas vinganças como chefe do exército.

Esta segunda parte do cargo de Conrado era uma verdadeira usurpação, porque só os prebostes militares é que tinham direito indiscutíveis de executar as sentenças, e além disso, Conrado não tinha o diploma de régio executor das altas justiças, que era o único que lhe podia dar o privilégio de fazer execuções em nome do rei na Cruz do Trahoir ou na praça de Greve.

Mas o poderoso Montmorency não era homem que se prendesse com semelhantes ninharias; além de que, tinha uma afeição cega e bestial por aquele bandido valente, fiel executor das suas terríveis vontades. Montmorency era homem de tais sentimentos e tendências, que, apesar de viver naquele tempo de cruéis perseguições, ainda não estava satisfeito; gostaria mais de viver no tempo dos reis merovíngios, na corte daquele Clóvis, que matava os próprios irmãos e parentes, e que por tais feitos mereceu que a Igreja de Roma o considerasse como um santo.

De resto, o preboste executor era um luxo que os grandes feudatários quase sempre mantinham

nos seus castelos; mas em Paris raríssimos eram os que os tinham, porque era necessário que os senhores fossem da mais alta nobreza e de grandíssimo poder para ousarem fazer executar quase à vista dos reis, das cortes judiciárias e do Parlamento. Montmorency era um desses poucos. Apesar de tudo, o preboste tinha dele o mesmo medo que todos os outros servos e oficiais!

— Conrado — disse o duque, adoçando um pouco para com este seu favorito a brusca aspereza da sua voz, — Conrado, foste ver o preso?

— Fiz o que o senhor duque me ordenou — respondeu o preboste.

— E então. . . que faz ele ?

— O costume: implora, geme, diz blasfêmias e pede a Deus que faça cair toda a casta de desgraças sobre a cabeça de Vossa Senhoria. . .

— Pouco me importa isso — murmurou o duque, encolhendo os ombros. — A maior desgraça que me poderia suceder era ele fugir. . . e dessa, graças ao céu, garantido estou pela segurança da sua prisão.

— Com certeza — respondeu o preboste, com um sorriso selvagem — que, a não ser que ele se transformasse em ar, não sei como havia de escapar-se. . . A alma dele decerto sairá dali; mas o corpo, esse aposto eu que não.

O condestável sorriu àquela observação do preboste; a outro qualquer que se atrevesse a falar-lhe com tanta confiança, decerto teria castigado sem piedade.

— E... cumpreste as minhas instruções, quanto ao resto? - disse o duque em voz baixa.

— Decerto! Vossa Senhoria bem sabe que seria mais fácil deixar-me esfolar do que desobedecer às suas ordens. Deixei cair como por acaso um punhal afiadíssimo na prisão, e pus sobre banco do cárcere a caixa que Vossa Senhoria me entregou, dizendo ao prisioneiro que lhe não tocasse, porque continha um veneno fulminante.

— E apesar disso, nada?

— Nada. Pois a verdade é que eu, cumprindo as vossas ordens fiz todo o possível para lhe mostrar que já agora o que ele tem esperar de melhor é ter de fazer uma viagem até o outro mundo com vontade ou sem ela!

O duque pôs-se a passear agitadamente na sala.

— É uma obstinação incompreensível! — murmurou ele. - Qualquer outro homem, em tais circunstâncias, já se teria suicidado dez vezes, em vez de uma. E lembrar-me eu de que tantos presos se dão aos maiores trabalhos para conseguirem enforcar-se miseravelmente nas grades da prisão. . . e que este miserável, a quem não temos o cuidado de fornecer os meios de fazer uma viagem até outro mundo sem dor e como um cavalheiro, recusa absolutamente corresponder a esta atenção, satisfazendo os meus desejos. . .

— Parece-me que a cousa não levará tanto tempo como : pensa — murmurou o preboste. — A saúde do preso está muito arruinada; a enxovia em que o metemos decerto não é própria para o curar dos seus sofrimentos, e decerto mais cedo do que se pensa o nosso homem irá naturalmente até o outro mundo.

— Por mais depressa que isso aconteça, para mim será sempre muito tarde, — murmurou o condestável. — Talvez que eu precise de que ele morra dentro de uma hora, talvez. . .

— E então, — disse o preboste, com um sorriso — porque não me dais ordem para. . .

E com um gesto completou a frase, que os lábios não ousavam proferir.

— Não posso, Conrado, não posso. O rei, que me deu licença, ao cabo de mil pedidos e ameaças, para fazer prender o meu inimigo, contra o qual inventei a acusação de conspirar contra o Estado, fez-me jurar que o não mataria. . . Não, não. Conrado, não há outro meio senão induzir o preso a

procurar na morte um termo para os seus sofrimentos, e, para se obter isso, é necessário que eles se agravem de dia para dia.

— Mas esse suicídio — disse o preboste, fitando atrevidamente o senhor — esse suicídio é preciso que seja real? Não poderemos nós dispor as cousas de modo que o façamos acreditar aos juizes. . . que afinal não se atreveriam a esmiuçar tanto, tratando-se de monsenhor o duque de Montmorency!

— Ó desgraçado! e o juramento? — exclamou o duque, com voz colérica. — Pois não jurei eu sobre a milagrosa imagem, que o bispo de Angoulême por suas mãos pendurou ao pescoço do rei? e não seria eu irremissivelmente condenado às penas eternas, se assim faltasse impudentemente à minha promessa?

Conrado curvou a cabeça e calou-se. Desde muito tempo que ele aprendera a não discutir as vontades do amo, por mais singulares e incompreensíveis que elas fossem. Por outro lado, como homem que era do seu tempo, não se admirava, como nos admiraríamos nós, da contradição que se manifesta naquele homem, que, sem escrúpulos, matava com mil tormentos um inocente; que arquitetava mil maneiras de levar o seu inimigo a matar-se, e que estremecia só com a idéia de violar um juramento, que prestava sobre a imagem dum santo.

— Pega na tua lanterna e caminha adiante de mim — disse O duque ao preboste, depois de curta pausa.

Conrado pegou na lanterna. O duque premiu certa mola que pôs a descoberto uma larga abertura feita na parede, e depois o algoz e o senhor desceram uma comprida escada que, enxuta e em bom estado nos primeiros degraus, se ia tornando gasta e escorregadia à maneira que iam descendo.

Três ou quatro vezes Montmorency escorregou, e teria caído se não se agarrasse às saliências da parede.

Quanto ao preboste, esse ia descendo tranqüilo e sereno, como se em toda a sua vida não tivesse feito outra cousa; o hábito dera-lhe aquela serenidade.

— Chegamos? — perguntou a certa altura da escada o condestável.

— Mais alguns degraus ainda, monsenhor. Demais, não corre a gente risco de se enganar: o bosque conhece-se mesmo de longe, só pelo canto dos pássaros que nele estão embrenhados.

E o carrasco riu-se daquela facécia, que não conseguiu alegrar o semblante do feudatário.

Bem depressa Montmorency reconheceu a verdade do que lhe dissera o preboste. Das entranhas da terra vinha um ruído indistinto, composto de suspiros, de gritos, de gemidos, como se eles se fossem aproximando dos escuros abismos onde a crença popular colocou o inferno.

— Estão aqui todos aqueles de que ultimamente te dei a nota, não é verdade? — perguntou o duque.

— Sim, monsenhor; mas agora há mais um: é Domingos, o marido da leiteira Pierina.

— Domingos! — e o duque franziu o sobrolho. — Eu não te mandei meter nas enxovias esse criado, que nunca foi desobediente nem traidor!

— Foi a ordem que me deu o senhor duque de Damville, primogênito de Vossa Senhoria.

— Ah!. . . o meu filho. . . Começa bem, aos dezoito anos. . . E que falta quis ele castigar no criado?

— Oh! uma cousa de nada, mas que o senhor duque julgou particularmente ofensiva. Monsenhor talvez não ignore que o senhor duque de Damville honrava com as suas atenções a Pierina, mulher de Domingos. O marido sabia da cousa, e naturalmente não se opunha — isso seria contrário a todos os costumes. Mas um belo dia, ou fosse que o diabo o tentasse, ou quase não

tivesse a cabeça no seu lugar, atreveu-se a intimar Pierina, na presença do senhor duque, para que terminasse as suas relações com o patrão, e como a mulher se pusesse a rir, ele deu-lhe uma bofetada.

Durante aquela explicação o condestável franzira o sobrolho.

— E por quanto tempo — disse ele afinal — te ordenou o duque que tivesse preso o criado?

— Até receber ordem em contrário, o que ainda pode demorar muito, porque, como monsenhor sabe, o senhor duque partiu ontem para os seus domínios de Damville.

— Está bem. Esta noite porás em liberdade o Domingos, dizendo-lhe que o duque de Damville, comovido pelas lágrimas da mulher, concedeu o perdão ao marido. Depois mandarás um correio a Henrique, ordenando-lhe da minha parte que deixe todos os negócios e que venha a todo o galope para Paris.

— Assim se fará, monsenhor — disse o preboste inclinando-se. Tinha chegado ao plano das prisões. Ali, o cheiro, o ar mefítico, os gritos que se ouviam de todos os lados, davam àquele lugar maldito a perfeita aparência do inferto católico.

— Abre a porta e acautela-te — disse Montmorency com o seu ar de tranqüilidade — O preso é terrível, e já duma vez, que tinha partido as cadeias, pouco faltou para ele matar o preboste que me acompanhava.

— Quanto a isso, pode monsenhor estar tranqüilo — disse Conrado com um sorriso. — As cadeias que eu soldo nunca mais se quebram.

O duque encolheu os ombros. O preboste abriu a porta de uma cela, e entrou com a lanterna na mão.

O duque entrou após ele.

O espetáculo, que então se deparou àqueles dois homens, teria comovido e impressionado quem quer que não fosse um Montmorency.

Sobre uma enxerga apodrecida e fétida via-se um misto informe de farrapos, de cadeias, de membros humanos. Do meio daquele horrível amontoado destacavam-se dois olhos brilhantes, que lhe davam o único tom de vida. A pouco e pouco viu-se então ir surgindo da enxerga uma barba branca e hirsuta, um corpo quase nu, magro e chaguento, que se ergueu sobre um braço. Finalmente, o prisioneiro sentou-se no miserável leito, e viu-se então um corpo enfraquecido e magro, e um rosto que devia ter sido belo em outros tempos, mas que, naquele momento, parecia uma caveira.

Gritos medonhos acolheram a entrada dos dois visitantes na prisão. O preso fez até um esforço para se precipitar sobre eles, mas caiu no mesmo instante sobre a enxerga, soltando um gemido. A cadeia, que era muito curta, repuxara-o violentamente para trás.

O preboste soltou uma risada de escárneo.

— Não teimes, que quebras os ossos, amigo, — disse o malvado. — São correntes feitas por mim — sistema especial, que um dia me há de alcançar de monsenhor o condestável um privilégio de capitão de qualquer cousa.

— Retira-te para trás, miserável! — exclamou o duque de Montmorency — vim aqui para falar com o preso, e não para ouvir as tuas facécias.

O esbirro deu dois passos, recuando cheio de susto e a tremer.

Ao ouvir aquela nova voz, o prisioneiro voltou-se para o lugar donde ela vinha, e descobriu o duque.

— O duque! — murmurou ele, com acento de suprema angústia — Oh! meu Deus ! meu Deus! meu Deus!

— Sim, o duque — disse Montmorency, avançado para ele, com os braços cruzados sobre o peito, e cravando os olhos acesos em ódio no encarcerado. — Sim, o homem cuja amizade traíste, infamando-lhe o nome e seduzindo-lhe a esposa. Olha agora para mim, conde Virgínio de Poix, e dize-me francamente se não achas que a tua situação é pior do que a minha.

— Ele vingá-se.. . — balbuciou o prisioneiro — castiga-me assim.. . e Deus está por ele, porque ele tem por si a justiça!. Oh! Senhor, então nunca me concedereis o vosso perdão?

— Pode ser que ele te conceda o seu, — disse brutalmente o condestável — mas faltar-te-á sempre o meu, e esse, por SantAna de Auray! é o que te seria mais necessário. Com que então, amigo Virgínio, não se está aqui muito à vontade, não é assim?

— Sofro os tormentos do inferno! — murmurou o preso.

— Eh! eh! entendo. . . Isto não é a deliciosa alcova do castelo de Damville; esta palha é um pouco menos macia do que o leito nupcial; estas cadeias são menos agradáveis para os pulsos e para as pernas do que o amplexo dos brancos braços de Juliana, duquesa de Montmorency! Pois meu caro, é preciso a gente acostumar-se; o mundo é assim constituído; cada dia trás consigo mudanças mais extraordinárias.

— Mas, afinal, que pretendes tu de mim? — gritou preso no auge do desespero. — Agora a tua vingança deve estar satisfeita; que mais queres?

— Satisfeita a minha vingança? — exclamou Montmorency, com um riso de hiena — Oh! como me conheces mal, conde Virgínio!. . . e contudo, éramos os dois melhores amigos deste mundo, até o dia em que quiseste trair-me. . . E em má hora o fizeste, conde de Poix! Oh! se eu te visse nos abismos do inferno, torturado pelos demônios mais insaciáveis e desesperado com a certeza de que a tua alma sofreria um tormento infundável, só então eu me consolaria.

E ao cabo de uma pequena pausa:

— E contudo, Virgínio, vim aqui para te propor um meio de salvação.

O preso ergueu-se sobre os joelhos, fitando no seu algoz um olhar de ardente esperança, que se diria que era o olhar luminoso de um louco.

— Queres tu — disse o duque, depois de meditar durante alguns minutos — queres tu trocar este horrendo cárcere pela paz de um convento ?. . . Queres trocar estas algemas por um hábito de monge, e acabar os teus dias numa vida tranqüila e casta, no recolhimento e na oração?

O preso escutava estas palavras, enlevado numa espécie de êxtase.

— Oh! Montmorency!. . . — exclamou ele — se tu me concedesses essa graça, serias o mais generoso dos homens, e eu passaria o resto dos meus dias pedindo ao céu que perdoasse os meus pecados... e os teus. . .

— Pois bem, isso depende de ti.

— De mim?! Pois podes tu pensar que eu hesitarei, seja qual for a condição?

— Assina este pergaminho, e ainda esta mesma noite verás quebradas as tuas algemas.

O preso lançou a mão ao documento e leu em voz sumida: “Eu, abaixo assinado, Virgínio, conde de Poix, marquês de Neville, senhor de La Ferté, de Dijon e outros domínios, cavaleiro de S. Miguel, declaro à face de Deus e à face dos homens que resolvi retirar-me do mundo e ir terminar a minha vida num claustro. E por isso fiz e faço doação de todos os meus bens, fundos, rendas, títulos e privilégios, ao meu caríssimo sobrinho Henrique, duque de Damville, filho de monsenhor, o duque de Montmorency, grande condestável de França. E mais declaro que se Carlos, conde de Poix, ousasse protestar contra esta minha vontade, seria injusto para sempre, porque entendi oportuno deserdá-lo, por ter motivos muito fundados para duvidar de que ele seja legítimo”.

— Miserável! . . . — bradou o preso, arremessando o pergaminho ao rosto de Montmorency.

O condestável conservou-se impassível.

— Então, queres assinar ou não?... — perguntou o duque de Montmorency, não podendo ocultar a inquietação que o dominava.

— Eu!... eu declarar bastardo o filho da mulher mais santa que tem havido no mundo!. . . eu despojá-lo dos privilégios e dos feudos, que lhe pertencem por nascimento!. . . E onde encontraria eu refúgio contra a acusação da minha consciência e contra a ira de Deus ? . . .

— De uma maneira ou de outra, teu filho não terá nada: os teus bens foram confiscados. Se assinares este documento, os teus haveres ficarão na minha família, e Carlos pode contar com a generosidade do meu primogênito para alcançar uma boa posição. Se não assinares, teu filho morrerá de fome, e os bens da casa de Poix passarão para uma caríssima amiga tua, a viúva condessa de Brezé, que precisa deles para completar a doação do seu ducado de Poitiers. . .

— Seja como for, — disse o desgraçado, com acento cheio de resignação — eu não contribuirei para a ruína de meu filho. Se o prejuízo lhe vier de outrem, seja feita a vontade de Deus; mas eu preferia queimar esta mão a ter de firmar esse documento. Tiveste forças para me lançar estes ferros, e reduzir-me à situação mais desgraçada, em que homem algum jamais se viu; mas não conseguirás apagar-me do coração os sentimentos de pai e de fidalgo.

— Faze o que quiseres; — respondeu com mal disfarçado rancor o grande condestável — mas entendo que te hás de arrepender mais cedo do que pensas. As desgraças que te esperam são tantas e tão terríveis, que tu hás de chamar desesperadamente a morte, para que ela venha libertar-te delas.

— A morte!... — exclamou o preso, ferido pela intenção que transparecia nas palavras de Montmorency. — Mais do que uma vez tu me tens feito pensar nisso, ó duque... e as tuas propostas têm sido sempre seguidas dessas palavras. . . Pois será possível que tu tenhas tanta vontade de me ver morto, que tu próprio me proporciones os meios de me suicidar ?!

— E se tal fizesse — exclamou com ar de ironia o duque, — daria prova de muita piedade para contigo. Pois que esperança poderias tu nutrir ainda, depois que todos te abandonaram?

— Os meus amigos hão de fazer o que puderem, e talvez consigam descobrir onde estou, e tirar-me desta sepultura.

— E até agora não o fizeram, desgraçado!. . . e tu estás aqui encerrado há cinco anos.. .

— Há cinco anos! — exclamou o preso. — Há cinco anos que aqui estou sepultado! Meu Deus, tende compaixão de mim!

E depois, como se o iluminasse um clarão de luz inesperada:

— Ah! — exclamou — compreendi-te, carrasco! Eu perdi a conta aos anos, mas Deus quis que pela boca do meu próprio algoz eu soubesse tudo.

— Que queres dizer?

— Quero dizer ,que, quando à traição me meteram nesta enxovia, meu filho tinha quinze anos! Agora deve ele estar a chegar à maioridade, e então há de tomar posse dos seus feudos e há de vingar seu pai. . . E por isso, miserável, que tu queres a minha declaração, ou a minha morte. . . Se eu morresse antes de meu filho atingir a maioridade, tu poderias facilmente assenhorear-te das nossas terras... ao passo que logo que o pequeno leão tenha tomado posse dos seus castelos, aí de quem lhe tocar!

E o rosto do preso estava radiante de alegria. Se ele ainda pudesse ter dúvidas sobre a exatidão nas suas suposições, a confusão e a raiva do seu implacável inimigo bastariam para lhe provar que não se enganara.

— Tu estás a sonhar — disse afinal Montmorency, tentando readquirir a vantagem perdida. — Se o rei assinar o decreto de confiscação, eu tenho força bastante para destruir dez feudatários como teu filho.

— Sim, mas o rei não assinará o decreto; isso seria uma grande injustiça... e depois, estás enganado se julgas tão fácil empresa. O meu castelo de Poix está completamente fortificado, um exército precisaria de seis meses para se apoderar dele.. . E o rei precisa muito do seu exército para que o ponha ao serviço das tuas vinganças pessoais.

— Pois bem, ficarás aqui dentro — bradou afinal o condestável no auge da ira. — Morrerás mais lentamente, mas morrerás. . . e eu hei de te dobrar a frente e de quebrar a tua resistência.

— Que meio? Talvez a tortura! — disse em tom de desprezo o encarcerado.

— Oh! não. . . bem sei que a tua tempera é de ferro.. . mas eu farei de modo que na prisão, que fica aqui ao lado desta, seja metido dentro de poucos dias... o teu filho.

Virgínio deixou escapar um grito, que parecia um rugido.

O duque retirou-se acompanhado pelo preboste. Ia furioso por lhe ter falhado o plano, mas ao mesmo tempo satisfeito pelo golpe que vibrara no coração do infeliz pai.

Este deixara-se cair de joelhos.

— Meu Deus! — balbuciou ele, erguendo para o céu as mãos carregadas de ferros. — Meu Deus, vós não haveis de permitir tão grande crime. . . Eu sou culpado, mas meu filho é inocente. . . Senhor! recomendo à vossa infinita misericórdia o pobre inocente... ele não pode ter esperança em ninguém, senão em vós...

Grossas lágrimas deslizaram pelas emagrecidas faces do ancião. Aquele pranto aliviou-o; uma infinita esperança, enviada por Aquele que se compadece dos desgraçados e aflitos, lhe iluminou o coração. Pouco depois adormeceu com o nome de Carlos nos lábios.

O desgraçado enganava-se quando pensava que seu filho não podia esperar auxílio algum no mundo, a não ser um milagre de Deus.

Em breve veremos que amigos poderosos e desconhecidos se preparavam para por em campo o seu misterioso poder, para salvar a cabeça e o patrimônio do inocente, e libertar-lhe o pai da horrível prisão em que jazia.

CAPÍTULO IV

PAI E FILHO

Decorreram três dias depois da cena que se passou entre o duque de Montmorency e o conde de Poix, cena que nós já descrevemos.

Vamos agora encontrar o velho duque na grande sala de justiça, sala que ele percorre a largos passos. A fisionomia, os modos, as palavras soltas que o duque pronuncia, mostram bem a irritação de uma impaciência que chegou ao seu auge.

Dois homens d'armas seguiam atentamente os passos do duque, meneando a cabeça e esperando de um momento para o outro alguma ordem terrível, porque o rosto carregado do duque não pressagiava nada de bom para o desgraçado que provocara aquela tempestade.

Afinal, um criado chegou à porta da sala e anunciou:

— O senhor duque de Damville!

Montmorency deu três passos em direção à porta; mas depois, como se se lembrasse de qualquer cousa, fez sinal aos dois homens d'armas para que o deixassem só, no que foi obedecido com a costumada presteza.

Apareceu então no limiar da porta Henrique de Montmorency, duque de Damville, primogênito do grande condestável.

Henrique de Damville tinha dezoito anos, como ouvimos dizer a seu pai; mas na realidade parecia ter vinte e cinco ou vinte e seis. De elevada estatura, ombros largos, o lábio superior coberto por farto bigode, fisionomia altiva e carregada, olhar ameaçador, Henrique era o digno representante daquela terrível família feudal, que crescera ao lado do trono de França, aliada muitas vezes dos reis, algumas vezes inimiga, e súbdita quase nunca.

Os olhares daqueles dois homens encontraram-se como dois floretes num duelo de morte. Ambos se preparavam para uma luta.

Montmorency amava aquele filho precisamente porque reconhecia nele as suas próprias qualidades — um orgulho indomável e uma altivez a toda prova.

— Senhor duque ! — disse o velho com voz fremente, que teria feito empalidecer outro qualquer que a ouvisse.

— Monsenhor! — respondeu tranqüilamente Henrique.

— Há dois dias que vos esperava, senhor duque! — prosseguiu Montmorency, sempre reprimindo a cólera. — E durante dois dias vosso pai esperou baldadamente!

— Monsenhor, eu não sei o que quereis dizer: teria obedecido como sempre às vossas ordens, mas não fui avisado.

— Como! então não recebestes a minha mensagem, levada por um dos meus escudeiros?

— Uma mensagem, monsenhor? Não, decerto. Vejo a Damville um escudeiro vosso, ordenando-me da vossa parte que voltasse a toda brida para Paris. Respondi-lhe que meu pai não confiaria nunca uma missão tão imperiosa a um servo e disse-lhe que me mostrasse a ordem por escrito. Ele não a tinha, e então eu...

— Então? . . — exclamou o duque.

— Mandei-o por a ferros.

— Desgraçado!

— Era o menos que merecia um vil, que abusava indignamente do nome de meu pai.

— Pois bem, duque, enganastes-vos completamente! — gritou o condestável. — A ordem emanava de mim, e estava para mandar-vos buscar à força quando chegastes.

— Muito sinto o equívoco, monsenhor; — disse Henrique sempre sereno e tranqüilo — mas a minha justificação está na estranheza do caso. E agora, monsenhor, posso saber as razões porque me chamastes a Paris ?

— Razões gravíssimas! — exclamou o condestável, cruzando os braços sobre o peito. — Ah! o senhor duque de Damville exerce no palácio de seu pai os direitos de alta e baixa justiça!. . . Ah! o senhor mando meter nas enxovias os maridos que empecem as suas aventuras galantes!. . .

— Monsenhor!. . .

— Mas estais enganado, se julgais já estar de posse da vossa herança, senhor duque! Enquanto eu viver, e, graças ao céu, conto durar ainda muitos anos, nas terras e nos palácios de Montmorency só tem lugar uma vontade e uma só ordem — a minha. E os desobedientes, ainda que fossem do meu próprio sangue. . .

Henrique tivera tempo para se assenhorear de si, durante aquela violenta expansão.

— Monsenhor — disse ele com a maior serenidade, — decerto são falsas informações que me acarretam esse juízo, tão desfavorável.

— Falsas informações!. . . Quando fui eu próprio que fiz sair Domingos da prisão. . . Vede lá o que fazeis, senhor duque!. . . não agravais a vossa situação com uma mentira.

Um tremor nervoso agitou o corpo de Henrique; a mão, como que impelida por um impulso irresistível, palpou o punho do espadim; mas Henrique limitou-se a curvar-se um pouco, dizendo:

— Monsenhor provavelmente engana-se...Esquece-se de que sou também um Montmorency. . . e que um fidalgo da minha estirpe não mente nunca!

— E então, como explicais a contradição?

— Não há contradição alguma monsenhor. Eu não castiguei Domingos porque lhe desagradassem os meus amores com sua mulher; eu tinha esse direito, e além disso, nos primeiros tempos, ele mostrava-se satisfeito com a honra que eu fazia a sua família. Castiguei-o porque ele, na minha presença, ousara bater numa vassala da casa de Montmorency. . . Se ele fosse um fidalgo, tê-lo-ia desafiado; como era um servo, mandei-o meter na prisão.

O grande condestável fitou o filho com um olhar um pouco menos rancoroso.

— Mas aquela serva era mulher dele, e mulher infiel, — disse o condestável — e as circunstâncias desculpavam, ou pelo menos atenuavam, a falta que dizeis...

— Meu pai — disse Henrique, empregando pela primeira vez aquele nome — vós estais colocado demasiado alto, e estais muito preocupado com a direção dos negócios supremos para verdes o que se passa nas esferas mais baixas do povo. Eu, como simples fidalgo, lido de perto com gente de esferas muito baixas. . . e vejo e ouço...

— O que é que vedes e o que é que ouvis, senhor meu filho!... — exclamou com impaciência o duque.

— Vejo que o senhorio absoluto, que por tantos séculos a estirpe feudal exerceu em toda a França, está ameaçado e mal seguro. Já não somos nada nas cidades. Os almotacéis e os chefes das comunas tratam-nos como simples cidadãos, e se um dos nossos servos deve alguma coisa a um plebeu, ou lhe paga, ou quando não a comuna manda-lhe a sua gente e executa-o. O nosso poder está circunscrito ao campo, e mesmo aí já vêm aliciar os nossos vassallos, e levam a insolência até ao ponto de dizerem que os fidalgos, que habitam nos arredores de uma cidade, prestam homenagem aos almotacéis dela.. .

— Pelo inferno!... — exclamou o condestável — se uma comuna ousasse dizer tal a meu respeito, eu arrasaria a cidade e passaria a fio de espada todos os seus habitantes.

— Monsenhor, a cousa seria extremamente fácil, se se tratasse da nossa pequena cidade de Montmorency; não tem talvez mais de três mil habitantes, e bastariam cem dos nossos homens d'armas para a arrasá-la; mas sucederia o mesmo se o inimigo a combater fosse uma grande cidade, como Paris, Rouen, Lyon, Bordeaux? Ah! monsenhor; as vossas forças seriam destroçadas pelos bandos comunais, podeis crê-lo. Demais, aquela gente, não é tão temerária que se atreva a bater-se, assim à primeira, com os príncipes mais poderosos. Começam por submeter os nobres de menor importância, e têm muito tempo, porque os povos são pacientes. Dentro de trinta ou quarenta anos, quando a maré destes populares tiver submergido todos os pequenos fidalgos, então ficaremos só nós, os de importância suprema, só nós que somos quase reis, isolados como escolhos no meio do oceano; e então hão de cair sobre nós, e, por terrível que seja a nossa defesa, facilmente nos sufocarão.

— No que dizeis há muito de verdade, meu filho — disse o condestável, pensativo — e com profundo e doloroso espanto meu, O rei, que está em primeiro lugar, o rei, que é nosso chefe natural, mostra-se muito propenso a favorecer estas rebeliões comunais... Desde que faço parte do conselho da coroa, tem sido passadas e registradas muitas cartas de liberdade comunal, por expressa vontade do rei. E todavia, o rei devia compreender. . .

— O rei! Mas, meu pai, o rei é o mais interessado em sustentar os burgueses mesmo em prejuízo dos nobres! Pois o que somos nós? — seus iguais, seus aliados, algumas vezes seus inimigos.

Nós não pagamos impostos ao seu erário; nós desembainhamos a espada umas vezes em sua defesa e outras vezes contra ele; esquivamo-nos à sua autoridade, à prepotência dos seus ministros, às espoliações dos seus exatores. O rei é nosso inimigo, e, pelo contrário, é amigo das cidades que procuram nele apoio contra nós que lhe pagam grandes impostos; que obedecem aos seus oficiais e preferem a justiça uniforme dos seus magistrados e senescais à confusão das nossas inumeráveis cortes feudais. Crede-me, meu pai; a nobreza, colocada entre o poder do rei e a insurreição da plebe, está condenada a morrer, se não tirar de si própria a força necessária para combater o seu destino.

— E essa força consiste em ter amores com as mulheres dos vassallos ? — disse Montmorency, sem poder reprimir um sorriso.

— Oh, monsenhor, não me censureis mais por um momento de fraqueza, que cruelmente expiei, visto que incorri, ainda que por um dia só, no vosso desagrado e dei lugar à vossa cólera. Não, eu falo-vos de castigo aplicado aos vassallos insolentes.

— De modo que então parece-vos. . .

— Parece-me — e vós, meu pai, tendes bastante inteligência para já terdes compreendido — parece-me que a autoridade feudal precisa de ser revigorada por todos os meios possíveis, mesmo pelo terror, se tanto for necessário. Um vassallo foi insolente para com o seu senhor? — morra; e pouco importa saber se as razões que ele tinha eram graves, ou se o procedimento do senhor o levou a exceder-se. Um senhor nunca pode ofender um vassallo, porque, por mais que faça, está no seu direito; nos nossos feudos temos pleno domínio, porque os nossos avós o conquistaram à ponta de espada. Se somos justos, humanos, tolerantes, é porque assim nos apraz; temos o direito de fazer o que nos apetece: de matar, de saquear, de violentar, e isso sem que nenhum vilão possa resistir-nos. Por isso, se algum, como quer que seja tratado, se atreve a queixar-se ou tenta opor-se, só por isso é réu de morte.

A exposição daquela terrível teoria feudal, de resto rigorosamente conforme com o direito daquele tempo, não pareceu surpreender, nem ligeiramente sequer, o duque de Montmorency. Esteve pensativo por algum tempo; depois, com um sorriso cheio de subentendidos, replicou:

— Então, segundo o vosso parecer, o poder feudal não tem outro meio para se conservar, senão a severidade e a força?

— Assim o entendo, meu pai.

— o vosso sistema tem alguma cousa de bom, Henrique, e decerto o aceitaria, e obrigaria a nobreza de França a aceitá-lo se não tivesse meio muito melhor e de êxito mais seguro

— Um meio mais seguro! — disse o duque de Damville cheio

de curiosidade — e poderei saber. . .

— Decerto. Encontrei um aliado.

— Talvez o duque de Lorena? — murmurou Henrique, contraindo os lábios numa expressão de desdém.

— Oh! não; o meu aliado não é um poderoso da terra. É um homem, é certo, mas esse homem encarna em si uma instituição, e essa instituição está criada de tal modo e com tão largo poder de efusão, que já se estende por toda parte, e envolve nas suas redes inextricáveis toda a Europa católica, desde o papa até ao último aldeão. Eu próprio, o duque de Montmorency, grande condestável e primeiro entre os fidalgos de França, eu próprio obedeço aos chefes dessa instituição e sou seu agente.

— Um Montmorency agente de quem quer que seja! — exclamou Damville. — Ah! meu pai, o meu alvitre era mais digno do vosso nome.

— Entedamo-nos bem: eu prometi a essa gente que nunca os contrariaria com o meu voto no

conselho do rei, nem com a minha autoridade como chefe dos exércitos; por isso, quando me indicarem que devo fazer qualquer cousa, fá-lo-ei. Em troca, logo que Montmorency tenha um inimigo, esse inimigo será imediatamente envolvido numa rede invisível, será espiado em todos os seus atos, e eu serei avisado de tudo; e logo que se lhe descubra o lado fraco, imediatamente será atacado por ele e sucumbirá sem esperança de nunca mais se levantar.

— Mas quem são então esses formidáveis homens, meu pai? Não sereis vós enganado... por alguns desses charlatães, que prometem mares e mundos para arranjam algum dinheiro?

— Não tendes ouvido falar dos Jesuítas ?

— Sim... vagamente... falaram-me dessa congregação, há pouco instituída, e notável pela sua piedade e saber.

— Pois bem, Henrique — disse o duque — são esses os meus aliados, e juro-vos que prefiro esta amizade à do rei de Espanha, com todos os seus exércitos e todos os seus tesouros.

— Assim são poderosos! . . . — murmurou Damville com certa desconfiança.

— Haveis de apreciá-los por vós mesmo, meu filho, porque vou pôr-vos em relação com um dos seus chefes mais ilustres, que representa a Ordem em França, ele vos demonstrará como só a grande Companhia é que pode debelar a febre de transformação, que agora invade o mundo.

Assim dizendo, Montmorency carregou numa mola. Abriu-se uma porta secreta, pela qual saiu um homem que com toda a certeza tinha ouvido o colóquio dos dois fidalgos desde o princípio até o fim.

Este homem, trajando um vestuário escuro e modesto, como qualquer humilde burguês, de figura altiva e cheia de nobreza, de cabeça alta e de olhar dominador, era, como os nossos leitores decerto já adivinharam, o reverendíssimo padre Lefèvre.

CAPITULO V

A CONTRAMINA

Na época de que nós estamos ocupando, Paris tinha uma extensão incomparavelmente inferior à que tem atualmente.

Naquele tempo, a grande cidade não só não tinha para o resto do mundo os atrativos de que dispõe atualmente, mas nem sequer podia ser considerada como a verdadeira capital da França, a não ser sob o ponto de vista político.

De feito, muitas províncias, que hoje não fazem a mínima diferença entre si, eram naquele tempo governadas por príncipes independentes. A Bretanha, por exemplo, quase pode dizer-se que era um país estrangeiro, que havia poucos anos fazia parte dos domínios da coroa francesa, mas que de nenhum modo fazia parte da França, nem moldava as suas aspirações por Paris. Outras grandes províncias, apanágio de príncipes da casa real ou de outras casas soberanas, viviam de uma vida própria, vida desafogada e liberal, onde a pressão dos feudatários não produzia a décima parte dos males que em nossos tempos produz a opressão burocrática, a tirania administrativa.

Entretanto, a antiga Lutécia já não era a mesma daqueles tempos em que o duque de Bedford ali tinha feito coroar rei de França o seu jovem soberano, o rei de Inglaterra; daqueles tempos em que Carlos VII se deixava morrer de fome, com receio de ser envenenado na comida pelo seu amantíssimo filho Luís, que depois foi Luís XI.

A Universidade, os esplendores da corte do Louvre a coragem e o poder de Francisco I, tinham aumentado consideravelmente a importância de Paris, fazendo convergir sobre as margens do Sena aos olhares de toda a Europa.

As expedições de Luís XII e os feitos brilhantes de Francisco I, tinham feito chegar a cavalaria

francesa ao máximo grau de esplendor. O próprio Carlos V, cujos domínios se estendiam pela Alemanha, pela Espanha, pela Itália, pela Flandres, pela América, o poderoso Carlos V achava um estorvo sério contra a extensão universal do seu poder, nas forças consideráveis da França. Assim, Paris ia aumentando de dia para dia e os seus muros iam-se alargando; mas, segundo o costume da Idade Média, ninguém tratava de dar àquelas edificações, que todos os dias iam surgindo na cidade, a regularidade e a harmonia, que mais tarde se observou em muitas outras capitais da Europa.

Cada um escolhia um terreno e nele edificava a sua casa, a capricho, sem perder tempo com a arquitetura ou com outras bagatelas artísticas. Daí resultava uma aglomeração de edifícios, que seriam talvez pitorescos, mas que, apesar disso, deixavam horrorizados o Primaticcio, Benvenuto Cellino, e tantos outros artistas de grande mérito, representantes divinos do gênio italiano, que freqüentavam a corte faustosa e remuneradora do rei de França.

Mas nós nada temos que fazer nos esplêndidos salões do Louvre, onde dormitam os cortesãos, e onde os guardas velam ameaçadores às portas e grades, que, pelo menos em teoria, defendem a segurança e a preciosa vida do rei Francisco.

E dizemos em teoria, porque enquanto os mais valorosos fidalgos do reino velam à porta do Louvre, prontos a derramarem em defesa do rei até a última gota do seu nobre sangue, o soberano, acompanhado apenas por um gentil-homem, com a sua faca de caça presa à cinta, corre as mais perigosas ruas da cidade, abraça o mulhierio que encontra, seduz as mulheres dos mercadores, e de vez em quando cruza o seu ferro real com o punhal de qualquer assassino vulgar.

E dizia-se na corte que fora precisamente numa dessas aventuras que o soberano se encontrava com a formosíssima Diana de Saint-Vallier, que os esbirros tinham expulsado da casa paterna, levando-lhe preso o pai, e que perseguida, desesperada, corria por toda a parte procurando quem a socorresse. E dizia-se também que fora precisamente a parte romanesca daquela aventura a que mais seduzira o rei cavaleiro, e que o levara a vender a Diana por dulcíssimo preço o perdão do pai.

Mas, como já dissemos, nada temos que fazer no palácio dos reis, e tão pouco nos importa determo-nos à porta do colégio da Sorbona, residência dos intolerantes teólogos, que acenderam em França tantas fogueiras, e que prestaram sempre à autoridade real um tão forte apoio de sentenças e pareceres.

Aqueles teólogos, que teriam feito queimar nas fogueiras quem quer que se atrevesse a abrir a boca contra uma sentença pontifícia, não hesitaram também em excomungar o próprio papa Bonifácio VIII, quando o soberano Filipe o Belo lhes deu essa ordem; o que, quando mais não provasse, bastaria para demonstrar como aos olhos de tal gente o justo e o injusto mudavam facilmente, conforme isso conviesse ao patrão, que lhes dava casa e manutenção, conquanto que eles fossem dóceis e obedientes.

Mas a Sorbona não é o objetivo das nossas indagações, nem tão pouco o é a Universidade, tempestuosa reunião de estudantes, que de todos os países vinham ali estudar os mestres mais célebres e ouvir as suas lições naquelas salas onde se tinham sucedido os mais ilustres professores (desde Abelardo até Dante, desde São Bernardo até Pedro Ramos).

Os estudantes viviam ali com leis próprios, governados por magistrados e autoridades próprias, e isentos de um grande número das determinações a que estavam sujeitos os outros cidadãos. E não só os chefes da Universidade, mas até os magistrados de Paris e o próprio rei, velavam cuidadosamente pela manutenção daqueles privilégios; porque, se eles fossem violados, não só a Universidade de Paris seria abandonada pelos estrangeiros, que ali concorriam precisamente por causa desses privilégios; mas, além disso, os estudantes, que todos manejavam habilmente a espada e o florete, teriam descido em turba do seu bairro, e teria havido que ver em Paris!

Saiamos daquele amontoado de palácios suntuosos de torrões feudais, de sombrios edifícios reais, que constituem a ossatura mais esplêndida da antiga cidade de Paris; deixemos as sombras das torres de Notre-Dame, eterna maravilha da arte; saiamos das escuras ruas onde se projetam as sombras da Bastilha, do Chatelet, do convento de São Domingos, esses antros terríveis onde a justiça secular e a justiça eclesiástica preparam os seus processos mais atrozes.

A medida que caminhamos para os muros da cidade, a população vai sendo menos basta, as casas cada vez mais raras e mais baixas. Em certos pontos atravessamos espaços completamente desertos.

É que o terreno é pouco, e grande a procura nas ruas mais centrais de Paris; e aí, em volta do Palácio Real, dos Tribunais de Justiça, do Hotel de Ville e dos mercados, em volta de todas as manifestações da vida de cidade, as casas multiplicaram-se e ergueram-se para o céu, pelo desejo de encerrar o maior número de pessoas no mais pequeno espaço possível.

Mas, nas proximidades dos muros da cidade, há muitos terrenos, a população é menos abundante e está mais espalhada; e por isso quem ali edifica, alarga-se à sua vontade, ocupando para uma mansarda, que sirva de hospedaria, o terreno que em outra qualquer parte bastaria para nele edificar um palácio. E apesar disso, ainda se vêem muitos terrenos por edificar e cobertos de plantas parasitas.

Ao sinal de apagar lume, que correspondia pouco mais ou menos ao toque de Ave-maria, por toda a parte reinava a escuridão e o silêncio. As casas dos nobres, únicas que não são obrigadas a observar aquela disposição da polícia, ficam todas colocadas no centro; junto dos muros vagueiam livremente os ladrões, os assassinos e outros malfeitores, para quem as trevas e a solidão são os melhores auxiliares das suas obras.

Ai do viandante que sozinho e sem armas se aventurar por tais lugares!. . . Se levar consigo alguma cousa, ainda será um tanto feliz, porque os malfeitores contentar-se-ão com tirar-lhe tudo, e deixá-lo meio morto de medo e de frio, mas sem o esfaquearem; mas se o desgraçado tivesse a má ventura de não levar consigo dinheiro, ou alguma pequena jóia, que pudesse pagar aos senhores ladrões o incômodo que tiveram, então a cousa seria mais séria: poderia contar com uma boa dose de pancadas e ainda por cima talvez com um mergulho nas geladas águas do Sena, que tantos vivos engole e não restitui senão cadáveres.

Todavia nós vamos entrar nesses lugares perigosos: protegidos pela deusa que vela pelos romancistas, atravessaremos esses lugares infamados e iremos sair pela porta que fica em frente da dupla cadeia, e dos guardas que dormitam em volta do fogo da guarita, tremendo com a idéia de terem de afrontar a umidade e o frio, que lá vai fora.

O demônio familiar que nos acompanha murmura-nos um nome ao ouvido, e então nós, apesar de nos gabarmos de espíritos fortes, e posto que sejamos mais instruídos — e não o dizemos por vaidade — do que a maior parte da gente daquele século, estremecemos ao ouvir a terrível palavra, por mais baixo que ela foi pronunciada.

— O quê!. . . é possível!

— Com certeza; é lá mesmo.

— Mas nós encontraremos lá os archeiros do grande preboste, a guardar os cadáveres. . .

— Isso sim!... ao cair da noite os archeiros consultaram-se em voz baixa, olharam em redor, e com uma conformidade que faz muita honra à disciplina, escaparam-se para a cidade... Os archeiros são homens, e como tais têm muito medo das feiticeiras e dos mortos!...

— Mas eu ouvi dizer que a última feiticeira foi queimada anteontem por ordem do Parlamento, na praça de Greve, à vista do nosso augusto e amado soberano o grande Rei Francisco I!

— Ora histórias!. . . Se ela fosse uma verdadeira feiticeira, podes ter a certeza de que não a teriam queimado; ela havia de encontrar meio de se escapar à fogueira, auxiliada pelo compadre diabo; mas provavelmente puseram a assar alguma pobre velha, que não tinha culpa nem pecado.

. . e entretanto as verdadeiras feiticeiras andam lá em cima, na árida colina, a rir às gargalhadas por entre os cadáveres pendurados das forcas.

— Então sempre é verdade ? Vamos mesmo a...

— A Montfaucon!. . . Dissemo-la, afinal, a terrível palavra!. . . Sim... dirigimo-nos para a medonha colina, cujo nome basta para fazer persignar devotamente o bom burguês de Paris. Dirigimo-nos para aquele cemitério, onde por tantos séculos a justiça feudal e regia expôs com feroz ostentação os cadáveres dos seus condenados; onde os plebeus culpados de terem incorrido no desagrado dos senhores, os mestres sobre quem a Sorbona ou os Inquisidores dominicanos lançavam a suspeita de heresia, e finalmente os ministros que incorriam no desagrado do rei, onde todos esses iam deixar a vida no meio de mil tormentos. Vamos ver as forcas de que ontem esteve pendurado o cadáver de Enguerrand de Marigny, e de que daí a pouco estará pendurado o corpo mutilado do almirante Coligny; vamos ver a monstruosa máquina de grandes braços de ferro, que durante muitos séculos foi para a França o resumo de todas as justiças e de todas as formas de governo usadas pelos senhores.

Nas profundas cavernas que se rasgavam nos flancos da colina, tinham sido sepultados milhares de cadáveres. A antiga lei não feria só os réus, ou aqueles que julgava, mas levava o castigo e a perseguição muito mais longe, — negava sepultura ao cadáver, infamava e espoliava os filhos e os descendentes.

£ como poderia ser doutro modo, se os juizes, tanto seculares como eclesiásticos, sentenciavam em nome de um Deus cruel, de um Deus terrível, que se orgulhava de lazer pagar as culpas dos pais aos filhos, até à quarta geração?

Pois bem!. . . era precisamente naquela colina cheia das dores infinitas de quarenta gerações, era precisamente naquele Gólgota, onde, em vez de um Redentor, fora crucificada e dilacerada uma humanidade inteira, era precisamente ali que se reuniam os vingadores, os Pedreiros Livres, aqueles que se propunham restituir ao mundo oprimido a sua vida e a sua liberdade.

E enquanto uns, sob o nome e o estandarte do doce Jesus, se preparavam para lançar aos desgraçados novos grilhões, enquanto os frades respondiam com novas ameaças e com horríveis criações de terror ao gemido imenso que vinha das prisões e dos ergástulos, ali, nas profundas entranhas da terra, entre as ossadas de mil infelizes executados pela horrível máquina dos juizes feudais, ia preparar-se a defesa dos humildes e dos fracos.

No palácio dos Montmorency e em casa da condessa de Brezé preparavam-se as minas.

E ali, por baixo da colina infamada de Montfaucon, um punhado de homens generosos preparava a contamina.

Um homem, com um ar cauteloso, e cheio de medo, aproximou-se de um dos flancos da colina, pelo lado oposto àquele que está voltado para Paris.

A noite estava escura e ameaçadora; um ar pesado e quente, indício de próxima tempestade, oprimia o peito e dificultava a respiração.

Relâmpagos cor de sangue sulcavam a cada momento o céu, àquela luz avermelhada podiam ver-se as copas das árvores agitadas pelo vento curvarem-se umas para as outras, como espectros gigantes, que se aproveitassem da noite para umas às outras contarem alguma horrível história.

O personagem, que àquela hora percorria a deserta planura, devia ser homem de muita coragem. Na verdade, pouquíssimos se atreveriam a aproximar-se de noite da colina de Montfaucon, e talvez até que nenhum outro se atrevesse a tentar aquela perigosa empresa, numa noite como aquela, que, a julgar pela tempestade que se estava preparando, se podia considerar indubitavelmente como uma das mais prediletas de Satanás.

Havia em Paris talvez oito ou dez mil aventureiros, gente da mais baixa estofa, que se teriam

batido com os arqueiros na proporção de um contra quatro; que seriam capazes de roubar do bolso ao carrasco o preço de uma execução; salteadores terríveis, corpos costumados às intempéries e às torturas, que sabiam suportar o tormento ordinário e extraordinário, sem revelar o nome de um cúmplice nem uma circunstância do crime.

Pois bem, de toda essa terrível canalha ninguém teria tido a coragem que mostrava aquele desconhecido, porque entre aquela gente não havia ninguém que não prestasse inteira fé às histórias que os pregadores contavam a respeito do diabo, e da sua negra corte de bruxas e feiticeiros, e das suas danças macabras em meio dos túmulos dos cemitérios.

A certa altura da colina, e quando o noturno visitante subia com mais pressa, um relâmpago, que durou mais que os outros, sulcou a escuridão com o seu violento fulgor; depois ressoou o ribombo de um trovão com fragor tremendo, repercutindo-se nas quebradas e cavernas de Montfaucon, como o rugido de um monstro feroz nas profundidades do céu.

O homem, movido por um impulso maquinal, devido à força do hábito, levou a mão à altura da frente, como para fazer o sinal da cruz; mas bem depressa retirou com desprezo, murmurando uma blasfêmia.

Quem era então esse estranho personagem que, naquele lugar cheio de terrores, em meio do desencadear da fúria dos elementos, quando qualquer outro tremeria e se encomendaria a Deus, assim interrompia com raiva o começado sinal do cristão, e com aquela blasfêmia se consagrava de certo modo a Satanás?

Por certo que alguma dor atroz, algum desespero inoportável, algum terrível desejo de vingança, deviam ter impellido aquele homem a tão estranha excursão, àqueles sinais, àqueles movimentos, pelos quais o mais novato dos inquisidores, mesmo sem ter lido o mais pequeno “Malleus Maleficorum”, imediatamente reconheceria que o desgraçado procurava fazer um pacto com o diabo.

Quando chegou a meio da colina, o homem parou um instante. Um suor frio inundava-lhe a frente e deixava-o paralisado e sem forças. O grito estrídulo de uma poupa fê-lo estremecer. Ergueu a cabeça, e, ao clarão de um relâmpago, viu três formas humanas, três corpos de enforcados, que o vento e a tempestade faziam balouçar numa alta força. Então, cedendo à impressão do terror geral que fremia em toda a natureza, o desgraçado ergueu as mãos para o céu, gritando:

— Não posso. .. não posso mais. . . senhores, quem quer que sejais, socorrei-me. . . , salvai-me.. .

Não disse mais. O terreno sobre que estava pareceu ceder ao peso dele. O infeliz sentiu-se puxado, arrastado para baixo por um espaço de tempo curtíssimo, mas que lhe pareceu eterno: depois, a pedra que o sustinha bateu num fundo sólido, e parou.

— Chegou? — disse uma voz potente e máscula.

— Sim. . .

— Bem; tragam-no cá.

Dois braços vigorosos enlaçaram o corpo do misterioso viajante, tentando erguê-lo; mas foi necessário transportá-lo em peso para o lugar onde o esperavam, porque ele tinha perdido os sentidos.

CAPÍTULO VI

A ASSEMBLÉIA DOS VINGADORES

Quando o desconhecido recuperou os sentidos, viu-se estendido sobre uma espécie de colchão, no meio de um subterrâneo baixo, mas bem iluminado. Alguns indivíduos mascarados, cujos olhos cintilavam pela abertura da máscara, estavam curvados sobre ele.

Um daqueles mascarados tirou do bolso um frasco de forma quadrangular, aproximou-o dos lábios do paciente, e despejou-lhe na boca um gole do conteúdo do frasco.

O homem sentiu como que um choque elétrico abalar-lhe o corpo; depois experimentou em toda a sua pessoa uma indizível sensação de bem estar. Levantou-se já completamente bom, e lançou em roda um olhar de espanto.

— Domingos, — disse o que parecia o chefe dos mascarados

— levanta-te e responde às nossas perguntas.

O servo dos Montmorency levantou-se sem mostrar o mínimo espanto por ver que lhe soubessem o nome: Julgava-se entre os demônios, e por mais extraordinária que fosse a prova de perspicácia por parte do grande senhor de pé de cabra, não lhe causaria admiração.

— Então tu és Domingos, servo do duque de Montmorency? . . .

— prosseguiu o mascarado.

— Bem o sabeis — respondeu Domingos com certo ar de mau humor. — Vim aqui para a pequena cerimônia, e para mais nada. Despachemo-nos. Isto já vai sendo bastante aborrecido, e escusado será estarmos ainda com mais tolices.

— Para a pequena cerimônia! — disse o outro cheio de espanto. — Mas então onde cuidas tu que estás ? . . .

— Com os diabos! . . . estou no conselho dos demônios. . . e para isso é que aqui vim. Mas a dizer a verdade admiro-me de não ver...

— O quê?

— As feiticeiras, com os demônios!

— Então tu vieste aqui para fazer um pacto com o diabo! . . . Para vender a tua alma a Satanás?

— Vim para lhe comprar a minha vingança a troco da minha salvação eterna — disse o servo com voz triste.

— Então, tão grande é o teu desespero? E não pudeste encontrar na terra nem no céu quem tivesse compaixão de ti!

— Compaixão! — exclamou o servo com um grito tão terrível, que bem mostrava quanto deviam ser acerbadas as dores que o tinham levado àquele extremo. — Compaixão para mim, para um vassalo, para um servo! . . . Mas se eu tivesse tido a mais pequena esperança em Deus e nos homens, pensais que me teria voltado para o inferno?

— Bem o ouvís, irmãos; — disse com acento de profunda mágoa o mascarado que falara — bem ouvís esta criatura humana, feita por Deus à sua imagem e semelhança, e que a tirania dos homens reduziu ao estado de não rezear precipitar-se nas chamas eternas, para um dia ver satisfeita a sua vingança!

Depois, num tom de voz carinhosa:

— Irmão, — disse ele — enganaram-te quando te disseram que encontrarias aqui os sacerdotes do inferno. Olha!

O servo, estupefato, ergueu os olhos e soltou um grito de espanto ao ver na parede um crucifixo de prata, sobre o qual se refletia a luz de duas velas.

— Já vês o símbolo que adotamos, irmão Domingos — disse com voz grave, e ao mesmo tempo triste, o mascarado. — Em nome d'Aquele que tanto sofreu pela redenção dos homens, em nome d'Aquele, que foi martirizado e crucificado pelos senhores e pelos príncipes e pelos sacerdotes, é que nós trabalhamos para libertar a humanidade do senhorio dos feudatários e dos sacerdotes. E agora, irmão Domingos, ainda te pesa de teres vindo aqui ter conosco?

O vassalo respirou largamente.

— Ah! — murmurou ele — tirastes-me um grande peso de sobre o peito. Por mais que a gente

faça, sempre nos ficam no coração algumas velhas crenças, que ali se conservam com as palavras que ouvimos a nossa mãe quando éramos pequeninos... Eu venderia a minha alma ao diabo, com certo pesar, não nego, mas ter-lha-ia vendido...

Depois, em voz mais baixa e com certo ar de amargura:

— Porque é preciso que eu encontre no céu ou no inferno alguém que me vingue. . . Jurei-o à noite passada no fundo do meu cárcere, e agora renovo esse juramento.

— Então, que foi que te fizeram, que assim te faz sofrer?

— Ê preciso que vô-lo conte? Pois não sabeis tudo?

— Pouco importa que sabemos. Conta sempre. Domingos deu um suspiro e começou:

— Aí vai como foi. Eu nasci no ducado de Damville, que é um dos inumeráveis feudos da casa de Montmorency. Há duzentos anos que a minha família é serva da família ducal; conservamos sempre fiéis até ao sacrifício, e até ainda há bem poucos dias eu seria capaz de dar de boa vontade a minha vida pelos meus patrões.

— E contudo, — disse aquele que parecia ter-se encarregado de interrogar o recém-vindo — e contudo já por mais do que uma vez devias de ter visto tratar os teus companheiros, que eram servos como tu, do mesmo modo como tu foste tratado depois. . . E o exercício dessa abominável tirania, o espetáculo desses homens esmagados sem razão e sem direito por um homem, nunca te fizeram duvidar da infalibilidade dos teus patrões?

Domingos deixou cair a cabeça sobre o peito.

— Tendes razão, — exclamou ele — eu mereci esta minha desventura; mereci-a porque não só vi, sem protestar, praticarem para com os meus companheiros violências iguais às que depois sofri, mas porque até mais do que uma vez prestei auxílio aos homens que o patrão mandava bater em algum marido, ou trazer-lhe à força ao castelo alguma pobre rapariga.

“Mas que fazer-lhe? Entre servos não há amizade; a miséria comum torna-nos desconfiados e de mau gênio; a cada um de nós parece-lhe que a desgraça dum vizinho ou companheiro é consolação para a própria desgraça. O fato é que quando na aldeia algum dos filhos do patrão queria usar do seu direito de primeira noite de noivado, e que o marido não se prestava a isso de boa vontade, era eu um dos primeiros a oferecer-me para lhe bater. Por outro lado, não receava que me sucedesse o mesmo; atrevido como era e de gênio volúvel, nunca pensei em casar-me.

“Um belo dia, todo o meu gênio aventureiro desapareceu como por encanto, e senti-me enamorado a valer, Pierina nascera serva como eu, e estava ao serviço da defunta duquesa, que era muito amiga dela. Vimo-nos e amamo-nos logo. Passados poucos meses, eu tinha obtido o consentimento do duque, e Pierina o da duquesa. Os nossos patrões deram-nos um pequeno dote, e o capelão do castelo celebrou o casamento.

Por um instante me veio à lembrança o pensamento de que o patrão ou alguém da família podia querer exercer o direito feudal, que lhe competia, sobre minha mulher, que nascera vassala; mas bem depressa pensei que os patrões tinham tido sempre em consideração a minha humildade e os meus bons serviços, quer em caso de paz quer em caso de guerra, e que por isso nunca poderia ser tratado como um criado vulgar, e em todo caso contava com a proteção da duquesa. Mas nem sequer precisei de invocar essa proteção; as minhas bodas passaram sem que do castelo me viesse o mínimo indício daquela espantosa pretensão, e durante um ano a minha felicidade não teve limites.

— E aqui está, — disse o mascarado — aqui está a razão porque os nossos irmãos são e serão eternamente escravos, se não houver alguma influência externa que procure levantá-los. O escravo, que é bem tratado, não vê a miséria dos seus companheiros, e muitas vezes até escarnece deles: o marido, que conduz intacta a esposa ao seu quarto de noivado, ri na cara do desgraçado que viu a sua mulher ultrajada pelo capricho do senhor. Depois sobrevém a desven-

tura, e então o desgraçado pede socorro e auxílio, e em volta de si não vê senão a indiferença, que ele mesmo semeou.

— Deve ser como dizeis — observou humildemente o servo. — Vós, senhores, sabeis como vão as causas, e eu sou um pobre vassalo, que me queixo, porque a dor que sofro não tem limites.

E depois de ter estado calado um pouco de tempo, continuou, com a fronte carregada e um olhar cheio de rancor:

— Uma noite coube-me estar de guarda ao torreão do palácio, aqui em Paris. Fui para o meu posto e encontrei o preboste da casa, um tal Conrado o Vermelho, mais mau do que o próprio demônio. Conrado ao ver-me deu uma gargalhada, e disse-me:

“— Como está tua mulher ? . . .

“— Olha lá como falas, vilão dum dareto! — respondi eu — não te consinto que brinques com essas cousas, que não é para tu apreciares,

O riso do celerado cada vez era mais escarecedor.

“— Parece-te isso?... — disse ele. — Pois bem, a tua casta esposa pensa que tu estás de guarda; vai fazer-lhe uma surpresa, vai ter com ela. . . farei eu a guarda em teu lugar, não haja dúvida. . . Os amigos conhecem-se nas ocasiões.

E depois, com um tom de mofa:

“— Só com uma condição: se a surpresa te sair pouco agradável, ou a tua mulher, não me fiques com rancor. . . Faço-o para teu bem; bem o sabes. . .

“Eu conhecia aquele demônio e sabia que ele era capaz de tudo; mas as indicações dele eram tão exatas, o tom de certeza com que dizia aquilo admitia tão pouca dúvida, que eu não pensei em mais nada e fui de corrida a minha casa. As pancadas repetidas que bati à porta, esta abriu-se e no limiar apareceu-me um homem.

Domingos esteve um pedaço como que esmagado pela ira e pela dor e pela vergonha; depois, erguendo a fronte, continuou:

— E eu não o matei!. . . e eu não lavei com sangue o insulto que sofri!. . . Pelo contrário, quando ele com um gesto imperioso me indicou a porta, recuei. . . e quando ele passou altivo e sem olhar para mim, curvei-me como de costume. . . Eu continuava a ser o servo Domingos, e a raiva que me escachoava na alma não era bastante para me transformar de tal modo que chegasse a matar o meu patrão, o jovem duque Henrique de Montmorency!...

O servo calou-se. Os olhos tinham tais lampejos de ódio, que se Henrique pudesse observá-los, recuaria cheio de medo.

O chefe da assembléia murmurou:

— È assim mesmo!. . . Estas fronteiras, que desde os primeiros dias de vida se curvaram diante de um homem; esta raça, que há dez séculos treme diante de uma outra raça, nunca se erguerá de per si em frente dos patrões! É necessário que outros lhe dêem o impulso irresistível que obrigue todos estes desgraçados, assim prostrados de joelhos, a erguerem-se, e a olharem de cara os seus senhores... para compreenderem quão pouco são inferiores a eles. . .

Domingos continuou assim:

— Eu quis fazer recair a minha cólera e o meu ódio sobre a miserável, que assim me tinha traído vilmente; mas ela, debulhada em lágrimas, atirou-se-me aos pés, jurando-me que só cedera violentada pela força, e que não me tinha dito nada por temer que eu com alguma imprudência atraísse sobre mim a cólera terrível do patrão . . . Perdoei-lhe, mas bem depressa me convenci de que a desgraçada tinha cedido não tanto à violência, como ela dizia, mas à vaidade e às carícias de um homem tão superior a ela pelo nascimento. Bem depressa conheci que a trega infame

continuava, e a desgraçada acabou por declarar-me clinicamente que não tinha podido resistir à tentação, e que para o futuro, apesar da minha proibição, havia de ser a favorita do patrão. . . Cego pela ira, dei-lhe uma bofetada, na presença do duque Henrique, que acudira ao ouvir o barulho da discussão. . .

O marido de Pierina parou de falar, e o peito arfava-lhe sob a influência de uma paixão violenta, irreprimível.

— E é tudo ? . . . — perguntou o mascarado.

— Tudo! é preciso não conhecer os nossos senhores para pensar assim! . . . Uma hora depois, quando eu ainda errava pelas dependências do palácio, sem saber se havia de ir pedir justiça ao velho duque, ou se devia fazê-la pelas minhas mãos, dois esbirros, acompanhados por Conrado o Vermelho atiraram-se a mim. Tendo-me amarrado de maneira que não pudesse fazer o menor movimento, fui atirado para as enxovias subterrâneas do palácio, para aqueles sepulcros onde a vingança do duque faz morrer de morte lenta os seus inimigos... Chumbaram-me a corrente à parede, e fui avisado de que devia preparar-me para morrer naquele fétido cárcere.

— Horror! — murmuraram todos os presentes.

— E eu não tinha de que admirar-me, — disse Domingos escondendo a face entre as mãos — eu, que tinha ajudado os meus companheiros a conduzir outros infelizes àquele poço. Quando me vi ali encerrado, pensei que já algumas vezes algum dos infelizes ali presos tinham conseguido evadir-se, ou fosse por um raio de clemência do duque, ou por outro qualquer motivo. Esperei a mesma sorte, e jurei que se saísse dali venderia até a minha alma ao diabo, para me vingar de quem me tinha tratado tão cruelmente.

— E afinal saíste, e decerto não foi por intervenção diabólica — disse o mascarado.

— O velho duque, despeitado por ver que seu filho lhe usurpava as prerrogativas quase soberanas, ordenou que me pusessem em liberdade; mas, apesar disso, e como castigo por eu ter faltado ao respeito à amante do meu patrão — à minha mulher, senhores! — exigiu que eu pedisse publicamente perdão a monsenhor Henrique. . . Ajoelhado diante dele, e devorando o insulto e a vergonha, tive de confessar-me culpado e de invocar a clemência do ofendido; e quando ele, com a sua regia benignidade, me estendeu a mão em sinal de perdão, eu depus um beijo naquela mão. . . que tinha vontade de dilacerar com os dentes.

Neste ponto o servo limpou o suor abundante, que lhe banhava a frente. Era evidente que a lembrança daquela última humilhação era para ele mais dolorosa do que todas as outras ofensas.

— Terrível prova, na verdade! — disse o desconhecido. — E quem te deu força para resistir?

— Quem! . . . o meu ódio, este ódio voraz, que nada poderá domar. Oh! eu enganei-os a todos com a minha humildade em reconhecer que tinha andado mal!...E como mais tarde, quando de novo me juntei aos meus companheiros, soube rir e gracejar com eles à conta da desgraça de um marido enganado! Havia momentos em que precisava de cravar as unhas no peito, para não fazer disparate ... e ri... ri... Oh! duque de Montmorency, como eu hei de rir no dia em que puder cravar-te mil vezes um punhal no coração !

E o servo, dizendo isto, erguia o busto e estendia os braços para a frente, como que para ameaçar um inimigo invisível. Nos seus olhos, na sua fisionomia, estava impresso a caracteres de fogo o ódio do homem que, ao cabo de tão longa sujeição, se levanta, sedento de vingança.

Seguiu-se um breve silêncio.

— Então — disse o presidente daqueles mascarados — tu, Domingos, servo do duque de Montmorency, vieste ter conosco a estes sítios, que inspiram terror aos mais corajosos, unicamente para que nós te ajudássemos na tua vingança!

— Só para isso aqui vim, e já vos disse que, pensando encontrar aqui as potências do inferno,

prontas para comprarem a minha alma, apesar de tudo vim.

— E o que podes tu oferecer-nos em troca do que nós fizemos para tu tirares essa vingança?

— O servo é pobre; — respondeu Domingos com um ar de tristeza — o servo não tem nada de seu. Tomai a minha vida, é tudo quanto posso oferecer-vos.

— A tua vida, essa já nos pertence desde o momento em que penetraste nestes abismos. O que te perguntamos é com que serviço compensarás tu as imensas forças que empregaremos para que o Montmorency chore com lágrimas de sangue as injúrias que te fez.

Desta vez o vassalo compreendeu.

— Eu sou servo de confiança em casa do condestável — disse ele — e posso em qualquer ocasião encontrar no meu serviço ensejo de surpreender segredos importantes. Juro-vos que de todos os que souber vos darei conta rigorosa e exata.

Mas desde o momento em que o jovem deixou de proceder para contigo de modo tão cruel e atroz, decerto há de desconfiar de ti. Como hás de fazer para recuperar a confiança dele?

— Oh! eu sei como há de ser, não tendes dúvida! — disse o servo com um sorriso terrível. — Aos olhos dele hei de fazer-me mais vil e desprezível do que ele nunca imaginou. . . hei de ser eu próprio que o hei de conduzir ao quarto de Pierina, e que hei de vigiar que ninguém os incomode. E olhai: estes senhores fazem tal juízo de nós, os servos, que seja qual for a infâmia que nós procuremos fingir, eles acreditam sempre que é verdadeira. Oh! é fácil enganá-los, aos nossos nobilíssimos senhores.

O marido de Pierina calou-se um momento, e depois, com voz pouco firme, acrescentou:

— E.. . além disso. . . agora estou senhor dum segredo. . . que o duque pagaria com um tesouro, se pudesse suspeitar que eu o sei..

— Um segredo de Montmorency!. . . — exclamaram todos os presentes, acercando-se do servo, cheios de curiosidade — um segredo do chefe dos nossos inimigos!. . .

Domingos lançou em roda um olhar desconfiado.

— Oh! podes falar — disse o que parecia o chefe da reunião. — Aqui todos somos iguais em grau e poder, e tu mesmo, quando tiveres feito as provas exigidas, serás igual aos maiores dentre nós.

— Pois bem, vou falar. . . mas olhai que se alguma coisa transpirasse deste segredo, o duque acharia logo meio de se acautelar, e nós seríamos as vítimas.

Ao ouvir estas palavras, o chefe dos mascarados ergueu o capuz, e tirou a máscara, descobrindo assim a fisionomia nobre e venerando do marquês de Beaumanoir.

— Repito-te — disse ele, estendendo solenemente a mão — repito-te que podes falar com confiança. Dou-te a minha palavra : estás satisfeito ?. . .

O vassalo esteve um momento olhando para a fisionomia do homem, que lhe falava naqueles termos, e achou-a tão nobre e tão leal, que toda a desconfiança se lhe varreu do espírito.

— Isso me basta, senhor — disse ele respeitosamente — e agora direi tudo, e descobrirei esse terrível segredo.

CAPITULO VII

CARLOS DE POIX

A descoberta que fiz deste segredo — disse Domingos — data da ocasião em que estive preso no cárcere subterrâneo do palácio. Os carcereiros tinham-me metido numa prisão contígua a outra, onde há cinco anos geme um preso da mais alta importância.

— Há cinco anos!. . . — exclamou um dos mascarados, com uma voz agitada.

E imediatamente o indivíduo que soltara aquela exclamação desmascarou-se e deixou ver uma fisionomia pálida e cheia de energia, aparentando ser um mancebo de vinte ou vinte e dois anos.

— Sim — disse Domingos, olhando atentamente para o mancebo, como que parecendo-lhe descobrir nele uma vaga semelhança que ele não podia precisar. — Está ali há cinco anos; sei-o muito bem, porque algumas vezes fui levar-lhe a comida, quando não estava Conrado o Vermelho, e por essa ocasião revelaram-me uma parte do segredo.

— E viste o preso?... que homem é?...

— Oh! é um velho de sessenta anos, de compridas barbas brancas, as faces cavadas pelos anos e pelos sofrimentos. . . todo curvado. . .

— Não é ele!. . . — murmurou o jovem, deixando cair os braços com profundo desânimo.

— Continua a tua narração, Domingos — disse o senhor de Beaumanoir.

— O preso, — continuou o servo — de todas as vezes que me tinha visto entrar na prisão dele, tinha-me acolhido com um silêncio feroz; eu, pelo meu lado, também não tinha tratado de o fazer falar, porque o espetáculo de tanta miséria fazia-me mal, e sentia necessidade de fugir o mais depressa que pudesse daquele sepulcro. Mas quando me vi fechado na minha prisão, depois de ter invocado Deus, e chorado e rogado e blasfemado, quis explorar a minha sepultura, e à luz indecisa, que vinha do corredor de fora, descobri uma espécie de buraco circular, que ficava à altura de dois pés acima da minha cabeça. As cadeias que me prendiam eram compridas bastante para me deixarem chegar lá acima; peguei na pedra que devia servir-me de cabeceira, reuni tudo o que podia servir-me para arranjar uma espécie de pedestal que me alteasse, e subi-me até aquela abertura, na esperança de que ela desse para algum pátio. Estremeci ao ver que dava para outra prisão, exatamente para aquela em que há tantos anos gemia O pobre velho.. .

Dir-se-ia que a vida de todos os ouvintes estava pendente dos lábios de Domingos, tão profunda era a atenção que todos lhe prestavam.

— Tentei entabular conversa com aquele desgraçado, — continuou o servo com voz profundamente comovida — mas era cousa quase que impossível: ele olhava para mim calado, e eu lia nos olhos dele toda a desconfiança, que lhe inspirava. Então contei-lhe toda a minha história, rogando-lhe que me dissesse uma palavra, que salvasse a minha alma do desespero em que se achava, e jurei-lhe que se conseguisse sair dali, dedicaria a minha vida a salvá-lo.

“Pareceu-me que estas palavras o decidiram a acreditar-me; hesitou ainda um bocado e depois disse-me:

“— Se és um desgraçado, como poderás tu recuperar a liberdade e ajudar-me a reconquistá-la?... Se em lugar disso és um traidor, pouco poderás aumentar as minhas agonias, e Deus saberá castigar-te onde quer que estejas, embora te acolhas à sombra do trono.

“Repeti-lhe os meus protestos e os meus juramentos.

“— Pois bem — disse ele então — se saíres daqui, procura meio de chegares à presença do rei; Francisco é bom, apesar de leviano, e facilmente conseguirás falar-lhe. Deita-te aos pés dele, e dize-lhe que há cinco anos que um seu súdito fidelíssimo jaz sepultado no mais horrendo cárcere, vítima da vingança secreta do duque de Montmorency. Dize-lhe que se não quer libertar-me, ao menos proteja contra os inimigos que o querem roubar, o meu estimadíssimo filho, o meu Carlos.
. . .

A estas últimas palavras, o jovem que já tinha interrompido Domingos, colocou-se de um salto, por assim dizer, diante do vassalo e com voz sufocada, que nada tinha de humano, exclamou:

— Mas o nome!. . . o nome do preso!. . .

— O conde Virgínio de Poix — respondeu Domingos. Um grito dilacerante, um grito

inexprimível saiu do peito do mancebo; depois ergueu os braços para o ar e caiu como que fulminado.

Houve então uma grande confusão. Os vinte e cinco homens que estavam no subterrâneo, precipitaram-se todos e rodearam o corpo do mancebo, que perdera os sentidos.

Naquela precipitação, a maior parte deles arrancaram as máscaras como um estorvo inútil, e então o servo, com indizível surpresa, reconheceu alguns senhores da mais alta nobreza, que ele muitas vezes vira na corte, quando ali acompanhava o condestável. Dentre todos estremava-se pela sua alta posição o príncipe de Conde.

Compreendeu então a importância e a nobreza das palavras verdadeiramente cristãs, com que Beaumanoir lhe prometera que ele havia de ser igual aos maiores daqueles grandes da terra, e compreendeu que aquela promessa, pronunciada por tais lábios, não era uma palavra vã.

Entretanto aqueles homens generosos tinham erguido nos braços o jovem que desmaiara, e tratavam de chamá-lo à vida, empregando todos os cuidados e carinhos.

— Este é o filho, não é ?. . . — perguntou o vassalo, que contemplava muito comovido o mancebo desmaiado.

— Sim; é Carlos de Poix, o mais leal e o mais valente dos homens. Mas quem te disse. . .

— Há um pedaço que eu estava a olhar para ele e parecia-me descobrir nêie uma semelhança, mas não me lembrava com quem. Foi então que ele perdeu os sentidos, e veio-me então à memória um clarão que me fez lembrar o preso. . .

— Sim — disse Beaumanoir, profundamente comovido — a semelhança, era com efeito espantosa entre o pai e o filho, e o pobre Virgínio orgulhava-se disso... Ai!... se tudo o que disseste é verdade, como creio, essa semelhança já não existe.. . Mas nós o vingaremos, juro-o sobre esta cruz há cem anos consagrada. . .

E pôs a mão sobre uma cruz de pérolas, que lhe brilhava sobre o peito.

Entretanto, Burlamacchi, que, como era de supor, não faltara àquela reunião noturna, tirara do bolso um pequeno frasco e fazia respirar o perfume dele ao desfalecido. Foi maravilhoso o efeito daquela droga, que fora dada a Burlamacchi por um desses médicos judeus, que tudo sabem. Carlos de Foix deu um longo suspiro, e pareceu despertar dum sonho. Tinha o semblante triste, mas sereno. Evidentemente fora vencido por uma fraqueza passageira, perfeitamente explicável peia narração que ouvira; mas aquelas crises não se repetiriam.

A presença de Domingos causou-lhe um sobressalto, e mais nada. Aproximou-se do servo e interrogou-o com voz serena, como se se tratasse de um assunto que não lhe interessasse absolutamente nada.

O servo, que olhava com espanto, contou-lhe minuciosamente o diálogo que houvera entre Montmorency e o conde de Poix, diálogo que ele ouvira de princípio a fim porque estava preso no cárcere contíguo. Não lhe ocultou o desígnio ferozmente bizarro do duque, que, desejando a morte do inimigo, e proibindo-lhe matá-lo ou fazê-lo matar, o juramento que ele fizera, punha à disposição do pobre e desesperado velho, os meios mais prontos de suicídio, esperando que ele se servisse deles.

Durante esta narração todos os ouvintes tinham mudado de cor três ou quatro vezes, e alguns tinham levado a mão às espadas com gesto convulso, que não prometia nada de bom para o duque de Montmorency. Mas só uma fisionomia se conservara impassível; era a fisionomia de bronze do filho da vítima.

Domingos olhava para ele cheio de terror.

Quando o servo terminou, tomou a palavra o marquês de Beaumanoir.

— Carlos, — disse ele — compreendo perfeitamente no que estás pensando; mas nós devemos

antes que tudo cumprir a vontade de teu pai e recorrer ao rei. Eu, que fui seu companheiro e irmão, eu te apresentarei a Francisco I, e ainda que ele tivesse um coração de pedra, nós havíamos de ter meio de o comover.

— Obedecerei em tudo às vossas ordens, senhor, — disse o mancebo com um sorriso de profunda tristeza. — Pois não sois vós o meu segundo pai, o meu melhor conselheiro ? Mas se, como tenho razões para recear, o rei não ouvir as nossas súplicas. . .

Interrompeu-se neste ponto, e voltando-se para a assembléia:

— Senhores, — disse ele — a empresa a que me vou votar não entra no pacto que fizemos; não tenho por isso direito algum de chamar em meu auxílio as forças dos Pedreiros Livres, e portanto sou obrigado a fazer um apelo à amizade individual de cada um de vós. Quem se decidirá a seguir-me?

— Todos!. . . — responderam os presentes como um só homem.

— Que dizes? — exclamou Beaumanoir — A empresa que tentas para salvar teu pai é também daquelas pelas quais a nossa Ordem não pode eximir-se a sair a campo. Havemos de estar todos contigo, Carlos, e veremos se há força humana capaz de resistir aos Pedreiros Livres, que querem ajudar um filho a salvar seu pai.

Carlos apertava a mão a todos aqueles homens. Naquela comunhão de afetos, de esperanças, de sentimentos, o coração dilacerava-se-lhe, e apesar do desespero que nele lhe lançara a narrativa do servo, ainda ali se lhe abrigava um raio de esperança.

Neste ponto, Domingos deu alguns passos para o meio da sala e disse com humildade:

— Senhores, bem sei que eu nada fiz para ser digno de pertencer à vossa companhia; mas suplico-vos que me aceiteis como subalterno, como cooperador. Conheço tão bem a casa dos duques de Montmorency, que talvez vos possa ser útil. . .

— Tu és nosso irmão — disse Beaumanoir — Recebemos-te na nossa Ordem com inteira fé, como tu com inteira fé deveras ser nosso. Príncipe de Conde, nosso irmão, abraçai o novo irmão e servi-lhe de padrinho e protetor na Ordem e na vida.

Conde avançou um passo.

— Monsenhor, — disse Domingos cheio de confusão, — Vossa Alteza esquece-se de que eu sou um pobre servo e de que o primeiro príncipe da França não poderia abraçar-me sem descer da sua nobre posição?

O príncipe apontou-lhe para o crucifixo.

— Nós recebemos-te em nome do Santo dos Santos — disse ele com voz solene — e aos olhos d'Ele não há príncipes nem servos. Abraça-me, irmão, e possa a tua amizade amparar-me, como eu hei de fazer tudo para que a minha te ampare!

Domingos atirou-se chorando aos braços do príncipe.

Ah! na verdade, aquilo era um mundo novo, e a Igreja tinha razão para condenar como malditas aquelas reuniões, em que se desprezavam as odiosas distinções sociais, e em que à altiva figura dos príncipes dos sacerdotes se opunha à doce e dolorosa figura do Cristo!

— Agora,, irmãos, separemo-nos — ordenou Beaumanoir, que tinha o posto e autoridade de Grão-Mestre. — Mas primeiro renovemos o juramento de nos amarmos e de nos socorrermos reciprocamente, e especialmente de ajudarmos com todas as nossas forças Carlos de Poix na santa batalha em que ele vai empenhar-se !

Todos estenderam a mão e fizeram o juramento.

— E eu, — disse Carlos com voz firme e máscula — eu, por mim, juro que se chegar muito tarde para libertar meu pai, hei de fazer pagar ao duque de Montmorency todos os suplícios com que

oprimiu meu pai durante cinco anos. E se eu faltar ao que prometo, que Deus me precipite nos abismos do inferno!

Todos escutaram em religioso silêncio aquele juramento, que não era uma ameaça vã.

Depois, por caminhos subterrâneos só deles conhecidos, afastaram-se do lugar da reunião, e, chegando à superfície da terra, dispersaram-se todos em várias direções.

CAPÍTULO VIII

A CORTE DE FRANCISCO I

Enquanto se tramavam tantas intrigas, todas com o fim de: assenhorearem da vontade e do favor do rei; enquanto que Beaumanoir e Carlos de Poix se preparam para implorar, ainda que sem esperança, a misericórdia do soberano, e ao passo que duque de Montmorency trata de tirar o maior partido possível ira a sua insaciável cobiça da prisão de Virgínio, vejamos o que dizia o homem que, sem dar por tal, nem ter disso a mínima desconfiança, era o ponto a que miravam tantas esperanças e tantos preparativos.

Francisco I habitava no Louvre. As Tulherias não serviram para palácio real senão muito mais tarde; o Louvre era então a principal moradia dos reis de França, que, segundo as diversas tendências do seu caráter, tinham acumulado ali os tesouros de gêneros mais variados.

Francisco I, apaixonado pelas belas artes, tinha transformado aquela regia habitação num museu. Sempre cheio de dívidas, sempre desprovido de dinheiro para realizar as suas fantásticas empresas, para as guerras, para os seus amores, ainda sim o bom rei achava sempre meio de obter os milhões necessários para enriquecer a sua regia habitação com objetos de belas artes, para contratar e pagar aos melhores artistas da Itália — ele então era a sede incontestada de todas as grandezas artísticas — e para fazer surgir por toda a parte edifícios e estátuas, que causavam a admiração de toda gente.

É certo que, como sempre fora um cigano, o rei não perdia ocasião de defraudar em alguns escudos os próprios artistas que fizera vir para Paris à custa de grandes tesouros. Benvenuto Cellini, na narração que ele próprio faz da sua vida original e aventureira, conta a tal propósito alguns desses logros, que chegam causar riso.

Enquanto que nós procuramos o rei na grande sala das audiências; enquanto que os seus ministros se impacientam, e entre si vão murmurando acerca das graves notícias recebidas de Espanha, o rei está muito sossegado no seu gabinete, que é uma maravilha de riqueza e de bom gosto artístico, e cujas paredes estão cobertas de desenhos e de quadros firmados pelos primeiros mestres do mundo.

O rei, de pé, e com os braços apoiados sobre um divan, contempla com um olhar cheio de fogo e paixão a formosíssima mulher que, meio despida, está recostada no divan, numa atitude voluptuosa. Ao vê-la, dir-se-ia que era o modelo de algumas daquelas admiráveis pinturas que guarnecem as paredes, alguma Venus, alguma Bacante, alguma Madalena antes do pecado.

Mas, oh! surpresa!... em vez disso é Diana de Saint-Vallier, a casta, a pudica, a impassível viúva do conde de Brezé, senescal da Normandia. Com que então todos os escrúpulos daquela nobre senhora assim se dissiparam! Os conselhos do padre Lefèvre produziram este efeito? E então, aquela mulher, que se mostra tão austera com o jovem príncipe, diverte-se assim lascivamente com o rei libidinoso e velho?

Como quer que seja, Diana já não é a santa vestida de luto, que vimos na sala do palácio, nem tampouco a calculadora ambiciosa, que tratava como de potência para potência com o geral dos Jesuítas. Era a cortesã soberanamente bela e lasciva, a odalisca enfeitada dos sultões; era a favorita em todo o esplendor da sua impudica beleza, e compreende-se facilmente como um homem com a vaidade de Francisco I, que, segundo se diz, viveu e morreu por uma delas — a bela Feronnière — compreende-se como ele estaria enamorado daquela sereia, que na verdade

seria capaz de fazer cair vencido a seus pés o homem mais frio e calmo de toda a França!

— Com que então, meu belo senhor, — dizia Diana, com um sorriso feiticeiro, ao seu real amante — fazeis-me a honra de ter ciúmes de mim?

— Por Deus! — exclamou Francisco — e parece-vos isso cousa para admirar, duquesa? Vós sois o mais belo encanto da minha vida! a própria coroa para mim vale menos do que o delicioso colar em que os vossos braços me cingem. E queríeis então que eu não tivesse ciúmes, quando é certo que longe de vós não respiro, nem vivo.

O rei Francisco I era, como todos sabem, muito propenso a fazer madrigais, e alguns ficaram registrados na história, como por exemplo, o que ele escreveu em honra de Inês Sorel. Não é por isso para admirar que em circunstâncias em que ele era o interessado, deixasse a sua veia poética expandir-se em cumprimentos à moda da época.

A duquesa ergueu para ele os olhos feiticeiros e brilhantes de voluptuosidade.

— Oh! vós estais a enganar-vos, estais a mentir a vós mesmo, meu belo senhor!. . . — disse ela em tom caricioso — há na corte tantas mulheres mais belas do que eu. . . e a quem bastaria um olhar do Rei para as fazer felizes!. . .

— Doidices!. . . brincadeiras!. . .

— Oh! eu bem sei o que digo. Vós sois como o sol, Francisco. Basta um olhar dos vossos para que por toda a parte brotem as flores e se renove a vida. E há aqui muitas senhoras, e mesmo alguma duquesa, que esperam esse olhar — e já alguma mais ditosa o tem obtido. ,

Ao ouvir esta alusão aos seus amores com a duquesa de Châteauroux, que, por menos hábil ou menos feliz do que Diana, não soubera ocultar as suas complacências para com o Rei, Francisco corou até à raiz dos cabelos, e, como costumava fazer quando via que tinha andado mal, engrossou a voz e fingiu-se zangado.

— Pelo ventre do papa! — exclamou ele, empregando essa linguagem demasiado livre, que naqueles tempos se usava tanto nos quartéis como na corte — sabeis vós, Diana, que se tivésseis jurado fazer-me perder a paciência, não deveríeis proceder de outro modo?. . . Aos protestos de amor, que vos faço, só respondeis com acusar-me de alguma pequena falta que cometo. . . por amor de vós...

— Por amor de mim? — exclamou Diana, erguendo-se um pouco. — Oh! isso é curioso e gostaria de saber!...

— Por certo!. . . Vós sabeis perfeitamente que nesta corte, mais por maledicência do que por outro qualquer motivo, — e o rei não pode esconder um sorriso cheio de vaidade — me são sempre atribuídas aventuras amorosas às dúzias.

— E não há razão para isso?... — disse maliciosamente a condessa.

— Não falemos nisso. . . Ora, suponhamos que de repente eu, o conquistador, o libertino, o rei das minhas súditas, mais do que dos meus súditos, como dizem esses impertinentes reformados me abstenha até de fazer uma carícia às damas da corte. O que aconteceria ?. . . Que toda a gente, vendo que eu não fazia caso das belezas que me rodeiam, havia de pensar. . .

— Que o rei se convertera e estava decidido a fazer penitência — disse a condessa, sorrindo. — Não havia nisso, a meu ver, nada que não fosse muito honroso para a sepultação do rei cristianíssimo.

— Ai, condessa, como conheceis tão mal a corte!. . . Todos diriam que o lobo mais depressa muda de pêlo do que de costumes; e o lobo neste casa seria eu. O que haviam de dizer é que o rei já não faz a corte às damas porque anda todo absorvido na adoração de uma só; e nisso diriam a pura verdade; juro-vo-lo, Diana. E como em Paris não há senão uma mulher que tenha beleza bastante para enlaçar nos seus feiticeiros encantos o rei mais difícil e inconstante do mundo, aí

estáveis vós descoberta, condessa. . . vós, que sempre recusastes fazer conhecer publicamente os doces laços que nos unem.

Diana pos-se a rir.

— Ora vamos; — disse ela — vós tendes muitos pecados a pesar-vos na consciência, mas tendes uma tal maneira de vos desculpardes, que vos faria absolver mesmo por um juiz menos indulgente do que eu. Bem me custa isso; eu quisera que a vossa consciência fosse mais negra do que o pez, e que tivésseis a máxima necessidade do meu perdão.

— Para que? — exclamou o rei — para mo concederdes em troca do meu?. . . Pois peço-vos que vos não esqueçais de que eu tenho mais razões para vos acusar e que vos me deveis uma justificação.

— Ah! é verdade; vós tinheis-me acusado — disse a condessa, enroscando-se como uma gata friorenta ao canto do divan. — E de que me acusais, se vos apraz ?. . . confesso-vos que me esqueci completamente. . .

— Diana, Diana, não me façais desesperar!. . . Quereis negar-me que ontem meu filho, o príncipe Henrique, foi a vossa casa, ; teve uma conversa demoradíssima convosco?

— Meu senhor, as pessoas da minha hierarquia podem receber os príncipes da casa de França; visitando-me não descem da sua nobreza. De resto, eu nunca tive a mais pequena intenção de negar esse fato: se quisesse ocultá-lo, não teria recebido o príncipe com toda a pompa de que pode dispor a minha pobre casa; então teria entrado a ocultas, por uma escada particular, e não precedido pelo meu mordomo, que, com todo o legítimo orgulho, que tal caso merecia, anunciou: Sua Alteza monsenhor o Delfim de França!.. .

— Seja como dizeis. . . Mas negareis que na conversação que meu filho teve convosco ele vos fez os mais ardentes protestos de amor, acompanhando-os de ameaças terríveis a um rival, que ele ainda não conhece... mas que cedo conhecerá, logo que eu me decida a refrear a meu modo a sua louco paixão?

— Senhor, eu não nego nada, repito; não tenho nada que ocultar. Vosso filho falou-me de amor, é verdade; mas quem vos contou tudo isso não vos disse de que maneira eu respondi às súplicas desse mancebo, que é o segundo senhor de França ?. . .

— Tenho a curiosidade de saber, senhora — disse Francisco que sentia a cólera crescer-lhe no peito, e não sabia como reprimi-la.

— Respondi-lhe, — disse Diana, cujos olhos, por um esforço maravilhoso, se encheram de lágrimas — respondi-lhe que Diana de Saint-Vallier, viúva do senescal de Brezé, era uma mulher honesta; que tal me conservara sempre, e que nem mesmo o fulgor de uma coroa poderia levar-me a faltar aos meus deveres de mulher honesta. Foi isto que eu lhe disse, Francisco, e ele acreditou-me. . .

Depois, debulhando-se em lágrimas:

— E contudo, vós bem sabeis que lhe menti, Francisco. . . Eu não fui uma donzela honesta, não fui uma esposa fiel, não sou uma viúva exemplar. . . porque tudo, a minha honra e a minha fé, tudo sacrifiquei a um único homem... E vós sabeis quem é esse homem, senhor, vós, que me acusais!...

Se quem dizia aquelas palavras fosse menos bela do que era Diana, talvez que o rei se sentisse irritado com aquelas acusações, mas a condessa era tão adorável naquela sua dor admiravelmente simulada! os seus olhos brilhavam com tal expressão de meiguice, apesar de banhados pelo pranto!. . .

O rei não pôde resistir, e deixou-se cair aos pés da condessa.

— Perdoai-me, Diana; — disse ele pegando-lhe nas mãos e cobrindo-lhas de beijos — não tenha

razão, sou um culpado, nem sei o que hei de dizer. . . Que culpa tendes vós, se a vossa beleza transtorna todas as cabeças! e que culpa tem meu filho, pobre rapaz, se o vosso rosto divino produziu nele a mesma impressão que produziu em mim?. . . Fui mau, fui brutal; perdoai-me e dizei-me de que modo hei de conseguir merecer que os vossos belos olhos tornem a sorrir-me outra vez.

— Mereceríeis que ficasse arrufada para sempre, senhor mau-zinho, — disse a encantadora Diana, ameaçando-o com o dedo. — Mas eu, pobre mulher, estou muito enamorada. . . e, demais, tenho uma graça a pedir-vos.

— Dizei então, Diana, e, seja o que for, dou-vos a minha palavra de cavalheiro que. . .

Neste momento, algumas pancadas discretas na porta do gabinete obrigaram Francisco a levantar-se.

— Maldito importuno — exclamou ele. — Ah! és tu, Tasmin? — disse ele em seguida, num tom de voz mais agradável, ao reconhecer o fiel servidor, que sabia todos os seus segredos.

— Senhor, um gentil-homem trouxe esta carta, e insiste para que Vossa Majestade a leia já.

— Já te tinha dito que não queria receber importunos. . . O gentil-homem que volte amanhã.

— Senhor, o indivíduo de que se trata não é um importuno qualquer; é o companheiro de armas de Vossa Majestade nas guerras d'Itália, é o senhor marquês de Beaumanoir.

— Beaumanoir! — exclamou o rei — o meu melhor amigo! o selvagem indomável, que nunca quis pedir-me um favor! Oh! deve tratar-se de assunto gravíssimo, para que ele se decidisse a vir à corte,

E quebrou o sinete da carta.

“Senhor — escrevia o velho fidalgo — em nome da nossa fraternidade de companheiros d'armas, em nome da vossa honra e da salvação da vossa alma, concedei-me uma breve audiência. Qualquer demora seria irreparável, funesta”.

Marquês de Beaumanoir

— Ele tem razão, é preciso que eu o receba — disse Francisco. — Decerto não viria aqui, se não fosse para cousa importante.

Depois, aproximando-se da condessa e beijando-lhe a mão:

— Minha bela Diana, — disse ele — o vosso escravo deixa-vos por um instante, para uma audiência importantíssima. Voltará sem demora, e então me direis de que modo posso ter a ventura de vos ser agradável.

A condessa lançou-lhe um olhar cheio de promessas, e o rei saiu do gabinete.

Mal se tinha apagado o ruído dos passos do rei, quando a uma pequena porta lateral, em que a condessa ainda não reparara, assomou a cabeça de um homem.

Aquele homem tinha um dedo sobre os lábios, recomendando silêncio.

Sem essa precaução a condessa teria soltado um grito de surpresa, vendo em tal lugar o padre Lefèvre.

Este entrou rapidamente no gabinete, olhando em roda, como quem temia ser surpreendido.

— Vós aqui, padre! — exclamou a condessa, estupefata.

— Silêncio! — disse o jesuíta em voz baixa e breve — sabeis quem é que neste momento está falando com o rei?

— Não. . . não tenho a mais pequena idéia. . .

— E o marquês de Beaumanoir, o vosso mais figadal inimigo.

— Mas eu nunca tive com ele qualquer questão! — exclamou Diana cheia de espanto.

— Falai mais baixo! O marquês de Beaumanoir é inimigo mortal da nossa Ordem e do duque de Montmorency, vosso aliado, e portanto é também vosso inimigo.

— Compreendo — disse Diana com um sorriso.

— O marquês decerto vem implorar do rei a liberdade de um fidalgo, que o duque de Montmorency, com consentimento do soberano, tem preso no seu palácio. Francisco é frágil, Beaumanoir é amigo dele e estiveram ambos na guerra d'Itália. . .

E aproximando-se da condessa, e falando-lhe em tom ainda mais baixo:

— É preciso — ciciou ele — é preciso que o rei recuse o favor que Beaumanoir lhe pede. . . e, se lho prometeu, é preciso que lhe retire a promessa. . . E disto ficais encarregada vós, senhora condessa. . .

— Mas eu não sei por que meios. . .

— Disse-vos que é preciso, senhora — acentuou friamente o jesuíta — e a nossa Ordem nunca emprega esta palavra em vão... Obedecereis, senhora? Refleti antes de me dizerdes que não!

— Obedecerei; — disse precipitadamente Diana — mas escondi-vos . . . ouço o rei que volta. . .

O padre Lefèvre dirigiu-se a passo de lobo para a porta por onde tinha entrado; mas antes de desaparecer voltou um último olhar à condessa, olhar cheio de eloqüentes recomendações.

Francisco I entrou no gabinete, de sobrececho carregado, de mau humor, sem preferir uma palavra e correspondendo apenas com um aceno ao sorriso dulcíssimo com que o acolheu a sua amante.

Entretanto, a sereia concentrava todas as suas forças para a batalha que via iminente.

CAPÍTULO IX

O REI CAVALEIRO

Quando Francisco I entrou no salão onde o esperava Beaumanoir, viu que ao lado do seu companheiro de armas estava um mancebo.

— Salve, meu velho amigo!. . . — disse prazenteiramente o soberano. — Graves acontecimentos devem ter-se dado para que tu te decidisses a transpor o limiar maldito desta corte, que te inspira tão profundo horror. . .

— Senhor, — disse o marquês, inclinando-se — qualquer que seja a minha opinião acerca das pessoas que rodeiam Vossa Majestade, em mim o respeito e a veneração pelo meu rei não diminuiram desde o dia em que. . . em que. . .

— Desde o dia em que me salvaste a vida!... Vamos, dize assim, meu velho Beaumanoir. Francisco não é daqueles que se envergonham dos favores que recebem. Desde aquela ocasião fiquei sendo teu devedor; e se me alegro por te ver no Louvre, isso provém de que não me seria desagradável ir pagando a minha dívida, pelo menos em parte! Pelo ventre do papa!... sabes tu que não é decoroso para um rei de França o papel de um devedor insolvente ?. . .

— Senhor, — exclamou Beaumanoir — concedei-me a graça que vos peço e eu ficarei em tal dívida para com Vossa Majestade, que mesmo quando lhe tivesse consagrado todo o meu sangue, parecer-me-ia ainda ter feito muito pouco.

— Mas tu começas a meter-me medo!. . . trata-se então de um favor enorme, visto que um Beaumanoir tem necessidade de recorrer a tais súplicas para o obter?. . .

O marquês pareceu hesitar; depois tomou resolutamente uma decisão. Pegou pela mão ao seu companheiro, e conduzindo-o ao pé do rei:

— Senhor, — lhe disse ele — o mancebo que tenho a honra de apresentar a Vossa Majestade chama-se Carlos de Poix.

O semblante de Francisco, até aí iluminado por uma alegria franca e leal, anuviou-se subitamente. Recuou um passo e deixou pender os braços, murmurando com indizível expressão de amargura:

— Compreendi.

— Senhor, desde que Vossa Majestade compreende o meu pedido, já o obtive — exclamou o marquês. — Oh! senhor, cumpri este ato magnânimo de justiça e de bondade; restituí um pai ao filho, um súdito fiel ao rei.

— Súdito fiel, súdito fiel ... — exclamou Francisco. — Então pensas que se eu o deixei meter numa prisão não tinha as minhas razões para isso? O conde Virgínio de Poix conspirava contra mim, está provado. Meu pobre Beaumanoir, tu, que estás acostumado a combater com a tua nobre espada à luz do sol, tu não sabes o que é a conspiração que se trama insidiosamente nas trevas; mas eu, por minha desgraça, soube-o, e o conde de Poix é castigado precisamente por essa culpa.

Neste ponto, Carlos de Poix deu alguns passos à frente, falando assim ao rei:

— Mentiram-vos, senhor, mentiram-vos; assim vo-lo juro!... Meu pobre pai!. . . nunca, durante os breves anos que passamos juntos, nunca ele deixava de me ensinar que o primeiro dever de um fidalgo é combater fielmente pelo seu rei e morrer por ele. . . Meu pai um conspirador!. . . mas quem o acusa?. . . Onde estão os documentos, onde estão as provas ?. . . Que o tragam à presença do Parlamento ou ao tribunal do Chatelêt, e então se verá. . .

— Mancebo, — observou Francisco num tom extremamente seco — esqueceis que em França o Rei é superior aos tribunais e ao Parlamento, e que aquilo que ele entende que é justo é que é a própria justiça.

Reinou profundo silêncio por alguns instantes. O soberano sentia-se ainda mais embaraçado do que os dois suplicantes.

— Senhor, — disse Beaumanoir — concedei-me ao menos uma outra graça.

— Fala, meu amigo.

— O conde Virgínio de Poix conspirou, reconheço isso; foi justo o castigo que sofreu, também concordo. A mão de Vossa Majestade, como a de Deus, não pode enganar-se, e quando castiga, o castigado, por isso mesmo que é castigado pelo rei, fica sendo réu. Creio firmemente que esta lei deve prevalecer a todas as outras; a não ser assim, o que seria da monarquia em França ?. . .

— Vamos à conclusão — disse o príncipe, maravilhado por ouvir aquelas teorias absolutas proferidas por um homem como Beaumanoir, cuja altiva independência ele bem conhecia.

— Mas, — prosseguiu o marquês — a infalibilidade do rei não se estende aos seus cortesãos. Se Virgínio de Poix ofendeu o seu rei, por que é que se está exercendo sobre ele uma vingança pessoal? Se ele é réu de Estado, por que é que, em lugar de estar preso na Bastilha ou em Vincennes, está sepultado numa das masmorras do palácio de Montmorency?

Posto que o rei esperasse de um momento para o outro ouvir proferir este nome, apesar disso foi-lhe impossível esconder um sobressalto.

— Oh! Montmorency! — murmurou o rei, tentando, por um último resto de pudor, ocultar a verdade — e quem pôde fazer-vos acreditar. . .

— Senhor, senhor, — exclamou Beaumanoir com o rubor da vergonha a escaldar-lhe as faces — tais são então os laços que vos prendem ao condestável, para assim obrigarem o mais leal fidalgo da terra a recorrer a subterfúgios para ocultar a verdade ?!...

— Tem conta em ti, Beaumanoir — disse o rei, pálido e agitado como raras vezes se via.

— Oh! eu não temo a vossa ira, senhor. Se ela pudesse prevalecer no coração de Francisco de França, eu apelaria para outro Francisco, para aquele nobre e corajoso rei, que eu vi combater ao meu lado, para aquele rei que terá toda a minha dedicação enquanto me restar um sopro de vida. Mas, do mesmo modo que respeito o meu rei, odeio e aborreço os cortesãos, que em seu nome cometem as maiores infâmias. Senhor, o conde Virgínio de Poix está carregado de ferros e preso numa masmorra, onde parece impossível que uma criatura humana possa resistir um dia. O seu leito é um punhado de palha fétida e apodrecida, o seu alimento um bocado de pão negro; os andrajos que o cobrem caem a farrapos daquele corpo esquelético; quem o vê julga que ele tem mais de sessenta anos, ele, o moço brilhante e fidalgo, que ainda há cinco anos era o mais esplêndido ornamento da vossa corte! Fazei justiça, senhor; o rei não tem que dar contas dos seus atos aos homens, mas é que acima dos homens está Deus!

— Mas tu estás enganado, meu querido Beaumanoir!. . . O condestável pediu-me que lhe confiasse a guarda do conde de Poix. . . e eu acedi àquele pedido para ser agradável ao preso, porque tinha a certeza de que no palácio de Montmorency ele seria muito mais bem tratado do que nos negros cárceres do Estado. . . E a prova é esta: se o conde estivesse preso em Vincennes, poderia ter resistido à prisão talvez um ano... ao passo que assim. . .

— Ao passo que assim ainda vive!. . . — concluiu desdenhosamente Beaumanoir. — Tendes razão, é verdade, senhor; o conde, apesar das espantosas torturas que sofre, ainda vive. . . e isso apesar de Montmorency ter conscienciosamente feito quanto possível para despedaçar aquela vida demasiado resistente. E sabeis vós, senhor, de que maneira esse cristão, esse leal fidalgo, guarda a vida do prisioneiro, que ele sob juramento se comprometera a respeitar?

Francisco fez sinal para que continuasse.

— Oh! duma excelente maneira, indício certo dos generosos sentimentos que se abrigam no coração do vosso condestável. Ia todos os dias visitar o preso e cobria-o de injúrias, de ameaças, de sarcasmos. Demonstrava-lhe quanto era horrível a vida que ali passava, e como não devia ter esperança de a ver melhorada. E quando assim tinha lançado o desespero no coração do infeliz. . . afastava-se, tendo o cuidado de deixar ao alcance da mão do preso um frasco de veneno e um punhal agudíssimo. . . para que, se o conde de Poix tivesse a boa idéia de matar-se, não lhe faltassem os meios de perder ao mesmo tempo o corpo e a alma. . .

Francisco estremeceu. Apesar de estar bem informado da malvadez de Montmorency, apesar de estar convencido de que o velho malvado havia de exercer a vingança cruel de uma ofensa mortal como a que recebera, ainda assim nunca chegara a supor um requinte de malvadez tão horrível como o que lhe contava o marquês.

— Talvez te enganassem, Beaumanoir — disse o rei com voz um pouco alterada pela comoção. — é impossível que um homem se deixe arrastar a tal excesso.

— Pela minha alma, senhor, pela minha consciência de fidalgo vos afirmo que o duque fez o que vos digo.

Francisco ficou convencido. Bem sabia ele que Beaumanoir mais facilmente afrontaria, mil mortes do que seria capaz de mentir; e assim, a afirmativa do velho fidalgo tinha uma influência enorme no ânimo do rei.

Principiou então a passear agitado no salão; era evidente que no seu ânimo se agitavam sem trégua os pensamentos mais desencontrados e diversos. A sua fisionomia mudava a cada momento de expressão, conforme a ira ou a piedade prevaleciam no seu espírito.

— Montmorency é uma grande espada. . . é o apoio do meu exército — murmurou o príncipe, como falando consigo.

— E então, senhor, — exclamou impetuosamente o jovem Carlos de Poix — que vos importa

uma espada, quando cingis a vossa!. . . Onde reina Francisco I, quem pode pretender o título de valoroso!. . . Experimentai, senhor; chamai à guerra os vossos cavaleiros, e vereis se no meio deles tereis precisão de recorrer a Montmorency!. . .

Francisco olhou demoradamente o mancebo, que lhe falava tão ousadamente, e agradou-lhe em extremo a expressão de coragem e lealdade, que se estampava naquela máscula fisionomia.

— Talvez tenhas razão, mancebo; — disse o monarca, um pouco pensativo — e em todo o caso falaste tão acertadamente e com tanta altivez de ânimo, que desejo contentar-te. Estás então convencido de que teu pai não se maculou com a culpa de ingrato e traidor, e que nunca conspirou contra mim?

— Por Deus o juro, senhor!. . . — exclamou o jovem.

— Pois bem; eu quero que teu pai seja julgado por uma Corte, segundo as leis do reino, e que tenha ensejo de expor a sua defesa. E se do julgamento ele sair inocente, eu te juro, mancebo, que hei de enchê-lo de tantas graças e favores, que ele se há de esquecer das penas que sofreu.

Beaumanoir, profundamente comovido, pegou na mão do rei e cobriu-a de beijos e de lágrimas.

Quanto a Carlos, esse inclinou-se profundamente, e disse num tom de voz quase desdenhoso:

— El-rei sabe que hoje e sempre pode dispor à sua vontade das nossas vidas.

Os dois fidalgos despediram-se. Apenas se encontraram fora do Louvre, Beaumanoir abraçou o seu companheiro, dizendo-lhe, cheio de contentamento:

— Consentiu. . . eu bem sabia que ele não teria coração de recusar. . . Não tinha eu razão quando te disse que o rei era muito generoso para deixar de fazer-nos o que lhe pedíamos, Carlos?...

— Meu pai ainda está nas enxovias de Montmorency — disse com frio acento o mancebo.

— O quê!. . . pois ainda duvidarás?! . . . Uma palavra de rei!

— Meu pai, — porque desejo e tenho o direito de dar-vos tal nome — meu pai, se o rei tivesse estremecido ao ouvir as vossas palavras severas, eu teria esperança... Se ele, irritado pela idéia de que outro lhe tinha usurpado uma parcela do seu poder real, tivesse mandado chamar Montmorency, e à nossa vista o tivesse obrigado a reparar a malvadez que cometeu, então eu acreditaria que tínhamos um soberano.

— Pois ousarás duvidar ?!

— Não duvido, meu pai; tenho a certeza. A nós Francisco prometeu-nos tudo, vencido pelas súplicas, pelas lágrimas, e pelo respeito que os homens honestos e honrados como tu inspiram mesmo aos malvados; mas daqui a um quarto de hora, um cortesão ou uma favorita terão voltado a seu modo a flexível,vontade do Rei, e este renegará a sua palavra. . . É cavalheiro leal, bem o sei; mas está rodeado de padres e de mulheres, que lhe demonstrarão que a palavra que ele deu é nula.

— Ah! se tal acontecesse, — disse o marquês de Beaumanoir, muito pesaroso — não devia então a gente fiar-se na honradez de quem quer que fosse, e deveria andar nesta vida sempre desconfiado e armado, como quem se encontra entre animais ferozes.

— E isso farei eu — disse sombriamente o visconde de Poix — e dos meus lábios não ouvirás sair lamento nem gemido, mas só planos de vingança. . .

— Ao menos esperemos que o príncipe nos tenha provado claramente a sua má fé.

— Esperar. . . e entretanto meu pai que se definhe naquela horrível masmorra, e quem sabe se, enquanto nós aqui estamos falando, ele não está pensando em realizar esse suicídio, para o qual o seu odiento carcereiro lhe proporciona todos os dias os meios!. . .

— Teu pai a esta hora está confortado — disse o marquês — Domingos deve ter encontrado

meio de fazer-lhe chegar ao cárcere uma palavra que o tranqüilize, fazendo-lhe saber que há quem pensa em salvá-lo. . .

Carlos, ao cabo de curto silêncio, estendeu a mão ao senhor de Beaumanoir.

— Visto isso, esperarei ainda três dias — disse ele com tristeza. — Mas prometei-me que, se nesses três dias tivermos a prova manifesta de que o rei nos traiu, posso contar que estareis a meu lado?

— Todas as minhas forças, todas as nossas — e o ancião frisou de propósito esta última palavra — estarão à tua disposição. Nós havemos de salvar teu pai, ainda que ele estivesse encerrado, não nos subterrâneos de um palácio particular, mas na masmorra mais vigiada e guardada da Bastilha.

Os dois homens trocaram um aperto de mão cheio de promessas e em seguida separaram-se.

capítulo x

QUID FEMINA POSSIT

Já dissemos que o rei Francisco I entrara no gabinete onde Diana o esperava, com um ar carregado que resistiu a todas as carícias, a todos os sedutores sorrisos da bela condessa.

Diana sabia perfeitamente, pela prevenção do jesuíta, o que era que assim anuviava a fisionomia do rei; mas, como mulher prudente que era, não o interrogou e esperou que Francisco dissesse tudo, cedendo à irresistível necessidade, que é a pedra de toque das almas fracas.

— Meu belo senhor, demoraste-vos muito. Estes fastidiosos negócios de Estado são os meus piores inimigos porque me absorvem o meu rei, o meu amante, e restituem-me triste e mal humorado.

Francisco tomou uma atitude apaixonada.

— Ah, Diana, — disse ele com um suspiro — como sois ditosa, vós, que reinais só pela graça e pela beleza! Vós não tendes receio de serdes traída; não tendes cortesãos, que vos enganem, nem falsos amigos, que cometam infâmias em vosso nome.

— Mas parece-me que Vossa Majestade está exatamente no mesmo caso — disse tranqüilamente a condessa. — Quem se atreveria a trair o melhor e mais poderoso príncipe do mundo, sem tremer de remorso e medo, sem se horrorizar de si mesmo?

— O vosso afeto, Diana, perturba-vos a razão — disse o soberano, que aceitava como boa moeda todos aqueles dizeres. — E contudo, eu tive hoje um grande desgosto, porque me convenci de que alguém, em cuja afeição eu tinha motivos e direitos para confiar, traiu a minha vontade e procurou prejudicar-me e desonrar-me.

Diana fez um gesto de espanto.

— Jesus!. . . e existem na nossa corte monstros desses ? Dizei-me sem demora de quem se trata, para eu ter tempo e cuidado de me acautelar.

O rei teve um sorriso cheio de amargura.

— E quem havia de ser o ingrato, senão aquele que tem recebido a maior soma de benefícios? Quem trairia o amigo, senão aquele que tudo deve à minha amizade? Quem, numa palavra, se tornaria prejudicial e funesto a Francisco de França, senão o duque de Montmorency ?

Havia já meia hora que a condessa de Brezé esperava ouvir pronunciar o nome do condestável, mais a sua fisionomia exprimiu ma surpresa tão cândida, que qualquer homem menos crédulo do que o rei cavaleiro se deixaria enganar.

— Sim, Diana, — prosseguiu Francisco, em tom de profundo desgosto — sim; o duque de Montmorency traiu a minha confiança; serviu-se da autoridade que nele deleguei para praticar uma injustiça, e foi a causa de que ao céu subissem as súplicas de oprimidos que amaldiçoavam

o meu nome! Felizmente fui avisado a tempo, e isto há de acabar antes de chegar a ter conseqüências muito funestas.

— Oh, contai-me, contai-me tudo! — disse a formosa mulher com um sorriso cheio de encantos.
— Bem sabeis quanto eu gosto e ouvir essas histórias horríveis. Ora dizei-me, então, o que fez o osso condestável?

O rei sorriu-se: estava saboreando antecipadamente o prazer da narração romanesca que ia fazer-lhe.

— Ora imaginai, Diana, — disse o rei — imaginai que esse nobre Montmorency casou há vinte anos com uma dama da primeira nobreza, Gilberta de l'lie-Adam. A esposa de Montmorency era bela orno uma deusa, mas soberba como uma rainha. Desposando um Montmorency, ela pensara apenas em fazer um casamento razoável, porque na opinião dela julgava-se digna de se sentar ao lado do rei, no trono ornado de flores de lis.

— Quando eu era criança, conheci essa dama, — disse a condessa — e correspondia exatamente ao retrato que dela me fazeis. E depois?

— Depois, aconteceu o que acontece sempre, quando o marido tem muitos anos e a mulher poucos! . . . A duquesa teve traças de contar as suas penas e pesares a um jovem e belo cavaleiro, o conde Virgínio de Poix, um feudatário que, pela sua nobreza e pelo número de castelos que possuía, podia dizer-se que pouco inferior era a Montmorency. Aquilo durou assim muitos anos; afinal, por denúncia de uma criada, o condestável soube tudo, e apoderou-se dele um furor indizível. Devo também dizer-vos, Diana, que essa criada, que traiu a ama, caiu mais tarde nas mãos dos meus juizes, como implicada num processo de bruxaria e tão bem a recomendei, que a queimaram viva. Provavelmente ela não tinha nada de bruxa, mas não me desagradava que ela pagasse a abominável culpa que cometeu, vendendo o segredo de sua ama.

— Ah, senhor, tanta indulgência com gente que afinal vivia no adultério!

— Minha bela Diana, se eu não fosse indulgente para as culpas do amor, como poderia esperar piedade? . . .

Diana sorriu e estendeu a mão ao rei, que nela depôs um apaixonado beijo, prosseguindo depois na sua narrativa.

— Montmorency surpreendeu o seu rival nos aposentos da duquesa; nenhuma dúvida lhe restava sobre a culpabilidade dos dois. A duquesa, ao ver-se surpreendida, caiu fulminada pelo terror; a doença, que havia já muito tempo minava o coração de Gilberta, agravara-se com as inquietações dos últimos anos, e a irrupção do marido nos aposentos onde ela se encontrava com o amante vibrara-lhe o golpe mortal. Duas semanas depois, a duquesa era sepultada com pompa verdadeiramente real na capela de Damville. Quanto ao conde Poix, foi preso pelo marido ultrajado, que desde então o tem tido num cárcere, e que o trata, segundo me dizem, com uma barbaridade inaudita.

— Mas como pôde o senhor de Montmorency? . . .

— Oh, ele veio ter comigo e contou-me que tinha surpreendido o conde Virgínio com a esposa. Tinha o pleno direito de matar os dois; mas disse-me que tinha perdoado à esposa, e quanto a Poix pediu-me que lhe consentisse tê-lo preso no seu palácio. Eu, suspeitando que aquilo não fosse senão um meio para prolongar e tornar mais atroz o suplício do conde. Declarei ao condestável que tomaria eu conta daquela ofensa, e entretanto o senhor de Poix ficaria preso no meu castelo da Bastilha. Afinal, vencido pelas súplicas de Montmorency, concedi-lhe o que ele pedia; mas primeiro fiz-lhe jurar sobre uma imagem sagrada que ele não atentaria contra a vida do preso. O duque prometeu-mo, e há cinco anos ou seis anos o conde Virgínio arrasta uma existência desgraçada na prisão do palácio.

— Parece-me, — disse Diana, lembrando-se das recomendações do jesuíta — parece-me que em

tudo isso o senhor de Montmorency só fez senão usar com brandura dos direitos que cabiam a um marido ultrajado. Portanto, Vossa Majestade, como é seu costume, encontrou modo de harmonizar as razões da justiça com as da clemência, que tão cara é ao seu coração.

— Até agora também eu pensava assim, condessa, e o meu procedimento dava-me o prazer de ter cometido uma boa ação. Mas nós os homens, quer sejamos reis quer cidadãos de nenhuma importância, estamos sujeitos a enganar-nos tremendamente, e felizes somos, ainda assim, quando alguém tem a generosidade de nos prevenir a tempo do engano. Parece que Montmorency descobriu meio de centuplicar a sua vingança, e que eu involuntariamente me tornei cúmplice de um horrendo delito, e que o conde jaz numa prisão cem vezes medonha do que os cárceres reais... Se isto é verdade, cruel condestável perdeu o direito de vingar-se, e é meu dever sagrado restituir a liberdade à vítima.

— E quem o diz? — exclamou a condessa de Brezé, erguendo-se impetuosamente — quem disse isso?

— Quem? As pessoas que há pouco vieram apresentar-me as suas súplicas; o marquês de Beaumanoir e o conde de Poix, filho do preso. A ambos prometi que a minha justiça saberia ser superior à vingança particular de um meu súdito, e que o conde de Poix seria transferido por minha ordem da casa do condestável para algum dos nossos castelos.

— Pediram-vos isso, meu belo senhor, e vós o prometestes?! E não ordenastes que os insolentes que pediam ao rei que assim ultrajasse o primeiro dos seus fidalgos fossem metidos na Bastilha?!

— Meter na Bastilha um rapaz que veio solicitar do seu rei o perdão do pai! Vós não pensais na gravidade do que dizeis, minha querida Diana; isso causaria horror a todo o meu povo.

— Ora, mas quem vos fala do filho?... Esse é um pobre rapaz com o espírito perturbado pela desgraça que o feriu, e deve ter-se compaixão dele. Mas o outro, o Beaumanoir, que se atreve a censurar um ato da justiça de Vossa Majestade. . . que ousa pedir-vos, a vós, Francisco de França, que falteis à palavra dada a um Montmorency. . .

— Montmorency faltou à dele — observou o monarca, um pouco desconcertado,

— Em quê? Qual é o seu crime? Prometeu conservar vivo o conde de Poix; e o conde vive, os amigos dele acabam de vo-lo afirmar. Porventura tinha ele prometido tê-lo num dourado cativo, como se fosse um rei que ele tivesse preso?

— Sem contar — interrompeu Francisco, com um pouco de amargura — sem contar que aos reis nem sempre se proporciona esse dourado cativo, como dizeis... e para prova veja-se o que fez Carlos V, quando me tinha preso, que até me fazia passar privações, chegando até a faltar-me a roupa branca.

Diana mordeu os lábios, porque viu que tinha cometido uma inconveniência.

— Pois bem, senhor, — disse a condessa com veemência, tentando fazer esquecer a leviandade cometida — pois bem, o que faz o duque de Montmorency... Castiga com uma benignidade que revela a sua índole magnânima, a mais grave das culpas, o adultério. Um homem ousou macular o tálamo do primeiro barão cristão; quem, quem poderia livrar esse homem da vingança do marido?... Lembrai-vos, senhor, de que afinal, nestes casos, o poder real está desarmado; lembrai-vos do rei de Espanha, que tinha amores com uma súdita sua. . . A lealdade e a fidelidade do marido ofendido fizeram com que este respeitasse a vida inviolável do rei, mas a cúmplice foi degolada pelo marido atraído, sem que o rei ousasse interpor-se para salvar a sua querida da vingança do marido.

— Morte da minha vida!. . . — exclamou o rei. — Se tal caso de desse com uma dama que conheço, eu teria feito o contrário do que fez esse poltrão do rei de Espanha, e o corpo do senhor de Brezé seria pendurado na mais alta forca de Montfaucon, embora ele tivesse a interceder por ele junto de mim a Virgem Santíssima em pessoa!

— Pois teríeis feito muito mal, senhor — observou Diana, baixando os olhos. — Ai!... Conquanto a minha doce falta fosse desculpável, eu expiei com muitas orações e com muitas lágrimas, e apesar disso, se o conde meu marido, descobrindo a minha falta, tivesse entendido que devia castigar-me, como fez aquele marido espanhol, eu havia de reconhecer a justiça da minha sorte, e morreria suplicando ao rei que não tocasse sequer num cabelo de meu marido.

E a condessa enxugou os olhos, em que realmente havia lágrimas. Na verdade, uma mulher não serviria para ocupar o lugar de favorita, se não tivesse disponíveis sempre as lágrimas necessárias.

— Ah! senhor! — prosseguiu ela em tom dramático — considerai que vós, como rei e chefe da casa de França, sois por natureza o defensor da santidade do matrimônio!... Que a vossa mão nunca intervenha para proteger um adultério! Que a pena aplicada a tal crime não seja diminuída, para que se não diga que o vício e a luxúria encontraram abrigo à sombra do trono!

A condessa estava realmente bela naquele avesso de moralidade. Aquela mulher, que soubera aliar uma depravação monstruosa a tamanha hipocrisia; aquela Messalina, que sem vislumbre de amor, e unicamente por cálculo e por uma ambição insaciável, se preparava para manter a rivalidade entre pai e filho, como amantes dela, tinha um aspecto tão beatificamente será-fico ao falar assim dos direitos da virtude, que abalaria quem quer que fosse, ainda mesmo um coração menos impressionável que o do rei cavaleiro.

Como sucede com todos os grandes libertinos, Francisco I gostava de pecar com as belas devotas; parecia-lhe cousa muito apetecível e agradável fazer aceitar o pecaminoso culto do Demônio a uma mulherzinha, que parecia toda possuída do Espírito de Deus. Por isso saboreava como um precioso néctar aqueles preceitos da deliciosa moralista, e maior era o prazer ao pensar que num dado momento todos eles se dissipariam.

Mas Diana estava ainda longe de ter vencido a causa.

— Minha querida, — disse o príncipe — no entusiasmo da defesa esqueceste uma cousa. . .

— Oh! meu Deus! e vem a ser. . .

— Que dei a minha palavra a Beaumanoir e ao visconde de Poix, e que palavra de rei não volta atrás. . .

— E então não fizestes vós uma outra promessa, também real, ao senhor de Montmorency? e que razão há para que essa promessa, com certeza anterior à que agora fizestes, fique sem cumprimento, senhor?

Francisco ficou pensativo e levantou-se cantarolando, como costumava fazer quando alguma cousa o preocupava, e, dirigindo-se para a janela, pôs-se a tamborilar com os dedos nos vidros,

Naquele entretanto, e no brevíssimo intervalo em que Francisco, voltando as costas a Diana, não podia ver o que se passava ao pé do divã, a condessa ouviu um ruído quase imperceptível.

Olhou, e viu cair-lhe aos pés um papelinho enrolado com o máximo cuidado.

Apanhou-o rapidamente, sem que o rei visse, e desenrolando-o leu o seguinte:

B. . . Huguenote L

Um sorriso de triunfo iluminou a fisionomia da condessa. Aquelas poucas letras continham a arma que devia dar-lhe a vitória; agora já sabia que caminho devia seguir.

— Demais, condessa, — disse o rei, voltando para ao pé da favorita — parece-me que Montmorency não pode queixar-se da minha lealdade para com ele. Deixei-o torturar o seu inimigo à sua vontade durante cinco anos, e já é tempo de acabar com o escândalo... Tanto mais que se o meu procedimento desagradar Montmorency, que é um dos meus cortesãos mais leais, há de dar grande prazer a um outro fidalgo, que não me é menos dedicado, e, além disso, meu companheiro de armas, que é o marquês de Beaumanoir.

Diana ergueu os olhos para Francisco, olhando-o em face. Depois, rompeu numa risada tão franca, tão irresistível, que o rei ficou um pouco perturbado, parecendo-lhe não ter dado motivo para tanta alegria.

— O que é isso, Diana?. . . — disse ele um pouco sério — Quereis com isso dizer-me que faço mal em falar dos negócios mais craves do meu reino a uma doidinha, como é a minha encantadora amiga?

— Não... oh! não... Mas que entreis?... ao ouvir-vos dizer que Beaumanoir era vosso amigo dedicado... ah! ah!... não pude conter-me! Perdoai-me! . . .

Francisco ia-se tornando cada vez mais sombrio.

— Senhora, — disse o rei num tom de voz sacudido e brusco - peço-vos que vos abstenhais de fazer comentários desagradáveis a respeito de um homem que eu amo e respeito, e que é um dos primeiros fidalgos da França.

A condessa pôs-se imediatamente séria.

— E eu, meu belo senhor, — disse ela com gravidade — afirmo que o rei cristianíssimo não pode ter por amigo fiel e dedicado . . . um huguenote.

Francisco estremeceu.

Aquele rei, estranho misto de corrupção e misticismo tinha um horror especial aos hereges. Francisco entregava-se desregradamente aos prazeres, correndo sem escrúpulos as mais estranhas aventuras pelos bairros mais populosos de Paris, sem lhe importar se a mulher que se entregava às suas carícias era uma boa burguesa, ou uma mulher do povo, ou mesmo uma “filie de joie” da mais baixa estofa; mas morreria de horror e de medo, se soubesse que tinha tocado numa herege, e teria, sem hesitar um momento, mandado lançar à fogueira a mais bela das suas amantes, se suspeitasse que ela estava ligeiramente inquina da das heréticas doutrinas de Lutero e de Calvino.

Assim, para ele o adultério mais impudente era cousa de pouco monta chegando até a mandar prender ou desterrar os maridos que o incomodavam, mas a idéia de usar da mais ligeira piedade para com os desgraçados que sofriam a tortura porque tinham opiniões contrárias às do seu confessor, isso era cousa que o enfurecia extraordinariamente.

E eis que dos rosados lábios da condessa de Brezé saia contra Beaumanoir a mais terrível e perigosa acusação daqueles tempos de fanatismo — a acusação de heresia!. . . a única contra a qual não era Garantia nem a nobreza de nascimento, nem a autoridade da posição ou das armas, nem o valor militar. Aquele que fosse acusado de heresia, devia esperar que, mais cedo ou mais tarde, seria julgado como herege. A inquisição, que do país dos Albigenses e da sua sede primitiva de Tolosa se alargara por toda a França, não largava a presa que uma vez mirava; e mesmo os príncipes de sangue, como Conde, se escanavam aos esbirros do santo tribunal, era já não tanto pelo privilégio do nascimento, mas sim porque, formidavelmente armados e fortificados como estavam eram um osso muito duro de roer para as milícias da fé.

E foi precisamente essa perseguição cepta, obstinada, que não fazia distinção de classes sociais nem de importância pessoal, que obrigou os gentis-homens e cidadãos calvinistas a pagarem em armas para defenderem a liberdade da sua fé, e que lançou o belo reino de França nos tumultos sangrentos, que durante um século fizeram dele o país mais desventurado da terra.

Portanto, para Francisco I não podia ser uma cousa indiferente a acusação de heresia, que assim feria Beaumanoir. O que tornava terrível aquela acusação era precisamente a circunstância de bastar o ser ela feita sem provas, por simples suspeita ou capricho para perder um homem.

— Herege! Diana... Beaumanoir um herege!... — disse o rei com voz mal firme — Tendes a certeza disso, condessa?...

— Se tenho a certeza! . . . Pois não é ele que, conjuntamente com o seu amigo Conde, preside às reuniões dos Huguenotes nos arredores de Paris? . . . Não proibiu ele aos dominicanos mandados pelo Padre Santo que pregassem nas terras dos seus domínios, e que recebessem dos vassallos a esmola das indulgências?

Estes fatos eram invenção da condessa; mas aquela nova filiada na congregação de Loiola sabia perfeitamente que, segundo a máxima do seu padroeiro, sempre é bom caluniar, porque da calúnia sempre fica alguma cousa.

— Então é verdade?!... — exclamou o soberano, cheio de exaltação. — Todos me traem, todos procuram salvar aqueles que do cárcere, e não pensas no golpe mortal que te ameaça a ti!... eu desejo perder. Ah, Beaumanoir! . . . tu pensas em tirar os outros

Tasmin bateu timidamente à porta, e perguntou ao rei se lhe aprazia receber naquela ocasião o grande condestável de Montmorency.

— Aqui! . . . O condestável! . . . — disse o rei, agitado — Mas se ele vos vê aqui, condessa, é capaz de supor. . .

— As cousas mais inverossímeis — respondeu a dama, com absoluto sangue frio. — Pois bem. Francisco, segundo a minha opinião, é necessário que o recebais. . . Pode dar-vos algum esclarecimento importante.

— Faça-se como dizeis, Diana. Tasmin, faze entrar imediatamente o duque de Montmorency.

Um momento depois, a figura elevada e austera do velho soldado apresentou-se no limiar. O duque curvou-se profundamente diante do rei, e beijou com galanteria a mão de Diana, sem mostrar a mínima surpresa por a encontrar naquela lugar. Em seguida, usando do privilégio da idade e da posição que tinha, assentou-se tranqüilamente.

CAPITULO XI

ALIANÇA DE MALVADOS

Com que então, nosso fiel amigo, — disse Francisco — as notícias que vos trazeis são de tal gravidade e importância, que não admitem demoras!.. .

— Se vos dissessem que havia fogo no Louvre, acharíeis vós que a notícia era grave e digna de se pensar nela? . . .

— Pelo ventre do papa! . . . decerto que sim. Mas, que eu saiba, no Louvre não há fogo senão nas minhas cozinhas, e o palácio não corre risco de incêndio.

— O palácio não, mais quem lá vive decerto. Senhor, na corte conspiram para vos roubar a coroa.

— A mim! . . . — gritou o monarca, soltando uma gargalhada demasiado ruidosa para que fosse natural. — E quem terá a ousadia de tocar nessa coroa, quando ela está guardada pela minha espada?...

— Quem? . . . Primeiro, o vosso primo de Conde e o vosso primo de Bourbon; e depois os Huguenotes.

— Os Huguenotes! . . . — exclamou o rei, na realidade mais impressionado do que queria mostrar.—E parece-vos que eles terão o atrevimento e a ousadia. . .

Montmorency encolheu os ombros, numa tal manifestação de falta de respeito, que só a ele se podia perdoar, em vista da sua conhecida rudeza! . . .

— Essa é curiosa, senhor, verdadeiramente curiosa! . . . — exclamou o condestável com a grosseira liberdade que adquirira na vida dos quartéis. — Vós sois o rei cristianíssimo, vós queimais os Huguenotes, ou pelo menos os mandais prender e pôr a pratos, consentindo que os vossos soldados se divirtam com as mulheres deles; vós sois para eles o suplício e a perseguição,

e quereis que eles vos estimem! Vós tratais de dar cabo deles; eles tratam de dar cabo de vós. Não há razão para queixas da parte de um nem dos outros, com os diabos! . .

— Queríeis então — disse o rei, tornando-se pensativo — queríeis que eu deixasse a heresia espalhar-se nos meus reinos, e fazer desaparecer não só a fé na Igreja, mas a obediência que é devida ao rei?... Ousaríeis vós, em tais circunstâncias, aconselhar-me indulgência ? . . .

— Eu não pretendo nada; sou soldado, e como tal tenho uma espada para combater, não tenho conselhos para dar. Quereis exterminar os Huguenotes?... dai-me uma ordem, e eu tarei neles tal matança como nunca se viu. Quereis deixá-los fazer o que quiserem? Não tenho nada que ver com isso há tantos anos que obedeço, que não estou resolvido a mudar de costumes, agora que estou velho.

Esta altiva franqueza de Montmorency não era senão um cálculo ainda mais hipócrita e astuto do que os outros. O condestável bem sabia que aqueles seus modos de rude franqueza tinham grande influência no ânimo de Francisco I, o qual, versátil e leviano como era, não tinha a penetração de inteligência necessária para conhecer o profundo hipócrita, disfarçado sob aqueles ares de soldado leal e franco.

— Mas talvez tu fosses enganado por falsos informes — observou o rei de França, quase com timidez. — Uma conspiração dessas não se descobre assim, de repente; há sempre indícios preliminares, sublevações parciais. . .

— Está bem... ele não se convencerá senão a tiro de peça!... — murmurou o condestável com voz bastante alta para que o rei o ouvisse.

Depois, dirigindo-se diretamente ao rei:

— Então, se pensais desse modo, que dizeis da reunião dos excomungados, que ontem à noite se efetuou nas cavernas de Montmartre, e a que presidiram o príncipe de Conde, o marquês de Beaumanoir, e um personagem alto, mascarado e todo de preto, a quem os dois à compita manifestaram os seus respeitos e veneração? . . .

Um personagem de preto e mascarado ? . . — exclamou Francisco. — E a vossa polícia, condestável, não conseguiu saber que ele era ?...

— Ora essa! . . — respondeu brutalmente o duque. — Pois a minha polícia há de mesmo esfalar-se a descobrir a verdade, quando os próprios interessados não a acreditam. . .

— Montmorency. . .

— Senhor, eu não sou homem de corte, sou um soldado, e costumo falar tranco. Se o meu modo de falar vos desagrada, digei-me a quem devo entregar a minha espada de condestável, e uma hora depois estarei a caminho para o meu ducado, todo contente e feliz. . .

— Vamos, duque, não façamos de crianças — acrescentou o rei, impacientado. — Perguntei-vos se tínheis podido descobrir quem fosse o mascarado; a cousa, como compreendeis, é de suprema importância, e vale a pena de a sobrepor a todas as vossas susceptibilidades.

O condestável viu que era tempo de mudar de tática, porque a corda estava muito tensa e facilmente quebraria.

— Não tive nenhuma informação segura, — disse ele. — Uns dizem que era Calvino em pessoa, que viera de Genebra para dar instruções e incutir coragem aos seus adeptos; outros afirmam que se trata de um personagem muito mais poderoso. . .

— E quem é ? . . — exclamou o rei — quem é que no meu reino é mais poderoso do que Conde, que, apesar disso, vós dizeis que compareceu de cara descoberta? Rebelde de posição mais elevada do que meu primo, não conheço.

— Com permissão de Vossa Majestade, é o diabo; — disse tranquilamente Montmorency — e pelas informações e indícios obtidos, desconfio bem que o terceiro presidente da reunião era o

grande senhor de Chavelhos.

Francisco empalideceu, e fez devotamento o sinal da cruz.

Aquele cérebro de Valois era precisamente daqueles que são mais propensos a acreditar as cousas mais absurdas. Uma polícia, que dissesse a qualquer outra pessoa que tinha visto uma reunião presidida pelo príncipe do inferno, teria caído no ridículo mas ao rei de França podiam dizer-se aquelas cousas, porque ele acreditava-as facilmente.

Diana voltou-se para o rei, com um ar triunfante. As palavras de Montmorency, que evidentemente não podiam ter-lhe sido ditadas por ela, vinham confirmar e dar força à denúncia por ela feita.

Beumanoir já não era só um herege, era também um rebelde; não só negava a fé ao verdadeiro Deus, mas aliciava soldados e pegava em armas contra o seu legítimo rei. Francisco talvez tivesse podido perdoar o primeiro daqueles crimes, mas devia ser inexorável para com o segundo, e não fora baldadamente que o condestável tinha preparado aquele acervo de calúnias contra o nobre marquês.

Os nossos leitores decerto já perceberam que tudo o que disse o condestável eram invenções rapidamente arquitetadas. O jesuíta Lefèvre, saído dos aposentos de Diana peia porta secreta, que só ele conhecia, prevenira a tempo Montmorency, e ensinara-lhe o papei, para que as palavras de Diana ao rei fossem confirmadas por um testemunho insuspeito.

— Afinal, que me aconselhai? — disse o monarca, ao cabo de curto silêncio — pois que não quero supor — acrescentou ele com mau humor, — que viésseis contar-me todas essas cousas, sem terdes qualquer meio de as remediar prontamente.

— Não me atrevo. . .

— Falai; eu vo-lo ordeno.

— Pois bem, senhor, todas as noticias e informações que tenho são concordes em descrever os conspiradores como desprovidos de meios e de gente, e prestes a darem princípio à obra. Portanto, eu aconselharia Vossa Majestade a que se limitasse a vigiar-lhes atentamente os passos, esperando que os negros planos deles tivessem um princípio de execução, para então os castigar e aniquilar. Então será fácil envolvê-los por todos os lados numa rede inextricável, e destruir d'um só golpe todos os rebeldes de França.

— Fazei o que entenderdes, duque — disse o monarca, afetando indiferença — à fé de Valois! . . . se não se tratasse senão, do medo que eles julgam meter-me, eu iria com uma dúzia dos meus guardas ao encontro desses terríveis adversários, e com algumas cutiladas da minha espada de batalha havia de ensiná-los a diferenciar os reis de farsa dos soberanos a valer.

— Não se trata de medo da parte de Vossa Majestade — disse respeitosamente o condestável, — trata-se das exigências da justiça, que determina que quem quer que tente perturbar a paz do reino, embora o não consiga, seja castigado. E agora, se Vossa Majestade não tem outras ordens a dar-me, posso voltar às minhas occupações ?

— Um momento, duque — disse a condessa, que dava admiravelmente a deixa ao seu novo aliado. — Sua Majestade decerto pensava em informar-se de um assunto, que de perto vos diz respeito, e por causa do qual, se aqui não tivésseis vindo, vos teria mandado chamar.

A fisionomia de Francisco I cobriu-se de um véu de descontentamento.

— Diana, — murmurou ele com uma espécie de súplica na voz, — pois julgais necessário que nesta ocasião. . .

— Sem dúvida, senhor, julgo-o necessário. Seja qual for a resolução que tomeis, o senhor duque de Montmorency receberá de muito melhor grado essa resolução quando lhe seja comunicada pessoalmente pelo rei.

E voltando-se para o condestável:

— Trata-se — disse ela — da questão de Poix.

— De Poix!. . . — gritou o condestável, fingindo um espanto cheio de raiva. — Quem ousa mentir, afirmando que existe uma questão de Poix!. . . Eu tive a palavra do rei e fiei-me nela. Outra lei não conheço.

O rei franziu o sobrolho.

— E parece, senhor condestável, — disse o monarca num tom áspero — que entre as leis que dizeis não conhecer está incluída também a da humanidade, que atrocemente violastes na vossa conduta com o desgraçado conde Virgínio.

— Peço perdão a Vossa Majestade — disse o velho soldado, num tom de deferência, mas que deixava adivinhar uma firmeza implacável. — Eu podia matar o homem que me ofendeu, e poupei-lhe a vida. Decerto não o cerquei de prazeres e de gozos, — e neste ponto a fisionomia do feudatário tomou uma expressão horrível — mas afinal tem vivido. Se tivesse usado do meu plano direito, Poix teria morrido às minhas mãos, e todos achariam isso naturalíssimo.

— Matá-lo, sim; — exclamou Francisco — uma punhalada ou uma estocada, isso admito eu, e de bom grado perdoaria ao marido ofendido que assim desafrontasse a sua honra; mas o suplício lento a que o condenastes, duque de Montmorency, é demais!. . . é demais, vo-lo diz o vosso rei!

— Senhor, eu trocaria de boa vontade pelos tormentos que passa o conde de Poix na sua prisão, as agonias que há cinco anos me dilaceram a alma — disse Montmorency.

Esta resposta foi dada num certo tom de nobreza, que o condestável sabia encontrar em dadas ocasiões. Francisco sentiu-se impressionado; ele conhecia bastante o coração humano para compreender que aquele grito de Montmorency era sincero, era a expressão de uma angústia desesperada e irremediável.

— Afinal, — disse o soberano, de mau humor — o que pedis agora ?

— Eu?. . . Nada. Eu não tenho que pedir. Há cinco anos que exerço um direito, que Vossa Majestade me reconheceu, e que nenhuma força humana pode contestar-me. Que Vossa Majestade não perturbe este meu direito, que não consinta a ninguém, por maiores e mais legítimas que possam ser as suas razões, que se intrometa na justiça particular do primeiro fidalgo de França, e Vossa Majestade não tornará a ser importunado com pedidos meus sobre tal assunto.

— Mas, eu, duque — exclamou Diana, — eu, que vi os esforços feitos para pôr em liberdade um rebelde perigoso, eu, que há um instante fui a primeira a denunciar o marquês a Vossa Majestade como herege e traidor, eu é que peço mais alguma cousa.

— E o quê, condessa — perguntou asperamente Francisco. — Desejais talvez que eu ceda metade do meu reino a monsenhor de Montmorency, com direito de alta e baixa justiça sobre todos os habitantes ?

Montmorency, vendo que o jogo se ia tornando perigoso, dada a insaciável cobiça do rei, acudiu com a seguinte observação:

— Creia Vossa Majestade — disse ele com uma reverência tão profunda, que parecia impossível num homem como ele — que eu nada peço e nada quero, só trato de servir os interesses e a glória de Vossa Majestade.

— E é precisamente pelos interesses e pela glória do nosso amado senhor, — exclamou Diana — que eu entendo que é necessário que o rei vos dê uma carta, na qual, como rei, aprove o vosso procedimento, e vos prometa fazê-la respeitar. Deste modo acabarão as tentativas dos vossos inimigos, e a justiça seguirá o seu curso.

— Mas eu dei a minha palavra a Beaumanoir. . . — murmurou Francisco.

— Uma promessa a um herege!. . . um compromisso para com um rebelde!... Então Vossa Majestade ignora que a Santa Igreja dispensa os fiéis católicos de cumprirem as promessas, quando delas resulte benefício para hereges ou outros inimigos da Igreja?

— Paciência! — disse o soberano, suspirando. — Já vejo que é preciso que eu escreva a tal carta. . . Dai-me com que escrever, condessa. Quero contentar-vos.

Diana, aproveitando um momento em que o rei não a via, trocou com o condestável um olhar de triunfo, olhar a que aquele correspondeu com um outro cheio de gratidão. A aliança entre aqueles dois espíritos perversos ficou assim celebrada e selada com uma troca de olhares.

— Aqui tendes, duque — disse Francisco, entregando ao condestável uma carta em que tinha escrito algumas palavras carregadas de uma aristocrática enormidade de erros de ortografia.

O grande condestável leu o seguinte:

“Meu primo:

A presente serve para vos dizer que soubemos quanto tendes feito com relação ao conde de Poix, o que tudo aprovamos e declaramos feito por nossa expressa vontade, derogando qualquer lei, tanto geral como especial, que se opusesse a esta nossa ordem, dada com nossa plena ciência e consciência e regia autoridade; além do que, peço a Deus, meu primo, que vos tenha em sua santa guarda.

Francisco”.

O condestável beijou a assinatura real, e guardou o bilhete. . . Depois curvou-se diante de Diana, olhando-a com uma expressão que queria dizer:

— Sei quanto vos devo, e terei ocasião de provar-vos que não sou um ingrato.

Em seguida saiu com todos os sinais do mais profundo respeito.

— Ah! finalmente!. . . — exclamou o soberano, lançando-se com um ar de cansado sobre o sofá, ao lado da condessa. — Até que enfim, espero, minha querida Diana, que poderemos conversar ambos com alguma liberdade!, . .

— E vós bem o merecestes, meu belo senhor! — disse graciosamente a sereia, estendendo-lhe ambas as mãos, que o rei cavaleiro cobriu de beijos.

Quase no mesmo momento em que a condessa de Brezé premiava com as suas carícias a traição e a vileza do seu real amante, dois gentis-homens vestidos de escuro e com o traje severo e nobre dos senhores que não pertenciam à corte, apresentavam-se no palácio de Montmorency.

O condestável, como lhe dissessem que o marquês de Beaumanoir e o conde de Poix desejavam falar-lhe, desfranziu um sorriso terrível e ordenou que os introduzisse imediatamente na sala de recepção.

— Prudência, meu filho — recomendou ansiosamente o marquês ao seu protegido. — Esquecei-vos de que o duque é o assassino de vosso pai, e lembrai-vos unicamente de que se trata de dar liberdade ao conde. Lembrai-vos de que o condestável está em sua casa e que estimaria ter o mais insignificante pretexto para nos pôr fora da porta.

O visconde teve um sorriso de desdém.

— Tão mal me conheceis, meu pai? — disse ele. — O mármore dos sepulcros não é mais insensível nem mais frio do que eu. . . Não receeis, que o vosso protegido não fará falhar por culpa sua a empresa em que nos empenhamos. . .

Beaumanoir ficou completamente tranqüilo, porque conhecia a vontade de ferro do mancebo, e sabia que, quando ele a si próprio impunha qualquer obrigação, era homem para a cumprir, por mais custosa que ela lhe fosse.

O Sr. de Montmorency apareceu daí a pouco, e cumprimentou os dois gentis-homens com urbanidade e quase com afetação, convidando-os a sentarem-se. Eles corresponderam-lhe com uma inclinação, mas conservaram-se de pé.

— Provavelmente o senhor duque já imagina qual o fim da nossa visita — disse o marquês; de Beaumanoir. — A cortesia com que nos recebeste dá-nos a certeza de que não viemos aqui baldamente.

— Não conheço, senhores, o motivo da honra que me dispensam — disse Montmorency que também se conservava de pé. — Ouvindo anunciar o nome de um dos cavalheiros, pude imaginar qual fosse o motivo de tal visita, mas muito obrigado vos ficarei se quiserdes expor-mo detalhadamente.

Beaumanoir estremeceu, sem o dar a conhecer; a resposta de Montmorency dava claramente a perceber qual era a sua resolução.

— Fomos esta manhã recebidos por Sua Majestade el-Rei Francisco, — disse o marquês — e obtivemos dele uma nova prova da sua magnanimidade.

— Isso não me espanta, senhores; o rei bem conhece os melhores fidalgos do seu reino, e trata-os como eles merecem.

— A benignidade de que falo não nos dizia respeito senão como intercessores. Expusemos ao soberano as desventuras que há tantos anos estava sofrendo o conde Virgínio de Poix, e ele prometeu-nos que as faria terminar com um ato da sua real vontade.

— E como, segundo a vossa opinião, o autor dessas desventuras é o duque de Montmorency, — disse o condestável com uma gentileza cheia de ironia — vindes intimá-lo a que ponha em liberdade o seu prisioneiro. . . não é assim?

— Vimos pedir-lhe que pelo menos não queira esperar pela ordem do rei, e que faça por cavalheirismo aquilo que mais tarde terá de fazer por obediência.

— A ordem do rei! — exclamou o condestável, fingindo-se muito surpreendido. — Mas estais bem certo de que o rei me dará essa ordem?

— Sua Majestade deu-nos a sua real palavra, ainda não há duas horas.

— Acho isso inexplicável — disse Montmorency.

— Duvidais talvez da minha palavra? — disse Beaumanoir inflamando em ódio.

— Deus me livre de tal, senhor marquês. Mas deixai-me ao menos supor que há aí qualquer equívoco, porque a não ser assim, não saberei como hei de conciliar o que me contaís com esta carta, que Sua Majestade me fez a honra de enviar-me, ainda não há uma hora.

Dizendo isto, o condestável entregou ao marquês a carta que já conhecemos.

Um suor frio umedeceu a fronte do leal cavaleiro. Aquela carta não era só a condenação do seu amigo, era a prova certa, indiscutível, palpável, de que o primeiro fidalgo da França, aquele em quem deviam encarnar-se a lealdade cavalheiresca e a generosidade de toda a nobreza, não era senão um miserável mentiroso, um vilão para quem o faltar à própria palavra era uma cousa sem importância.

— Lede isso, meu filho — disse o marquês, apresentando a carta ao visconde.

— É inútil, senhor marquês; já sei do que se trata — respondeu o mancebo, afastando a carta com a mão.

O som daquela voz clara e tranqüila fez estremecer Montmorency. Pela primeira vez o duque fitou aquele vulto de mármore, aquele olhar, cujo lampejo de aço indicava uma vontade e uma resolução inabaláveis, e estremeceu ao pensar na força de ódio que devia acumular-se em semelhante homem.

Um sentimento de humanidade fez vibrar pela primeira vez o coração de pedra do velho soldado, e então adiantou-se para o visconde.

— Talvez o rei não apreciasse bem as circunstâncias — disse ele com voz mal segura. — Se vós, senhores, puderdes obter dele uma nova ordem, prometo-vos, à fé de Montmorency, que não farei nada para que ela seja revogada.

— Nós sabemos o que vale a fé de um Valois — murmurou o marquês.

Mas já nessa ocasião o visconde tinha respondido por estas palavras:

— É inútil, senhor duque. Sua Majestade decretou na sua plena ciência e consciência, como na carta está escrito; a nós só nos resta curvarmo-nos à sua real vontade, senhor duque. Até à vista!

Montmorency não pôde dominar um ligeiro estremecimento, mas, orgulhoso como competia à sua posição e à sua estirpe, não o quis dar a conhecer, e limitou-se a responder com uma inclinação de cabeça.

Os dois gentis-homens, sempre de chapéu na mão, foram quase até à porta acompanhados com demonstração de deferência por parte do duque. Quando estavam para sair, o visconde de Poix voltou-se.

— Senhor duque, perguntou ele, tendes filhos ? Montmorency perturbou-se àquela pergunta inesperada.

— Sim. . . tenho dois... — respondeu ele. — Mas.. . por que ?.. .

— Pois bem; visto que tendes filhos, lastimo-os — disse o mancebo estendendo o braço para o velho como que para o envolver e a todos os seus numa mesma maldição.

E saiu a passo vagaroso e grave, deixando o duque surpreendido e aterrado com aquelas palavras, que lhe soavam aos ouvidos como as maldições a que a superstição daqueles tempos atribuía um efeito infalível e mortal.

CAPÍTULO XII

UM ESTRANHO CASO

Mesmo os dias mais compridos têm finalmente um termo; a vida mais atribulada chega, através de vicissitudes mais ou menos longas, ao porto tranqüilo da velhice, ou pelo menos à serenidade da morte.

Qual é a dor ou angústia, que o tempo não dilui? Qual é a fibra, que todos os dias oprimida por uma mesma dor, não se torna quase insensível! A quantos infelizes concedeu o céu o horrível privilégio de sofrer sempre, de sofrer sem descanso, de achar sempre novas forças para ser cada vez mais cruelmente atormentado pela dor?

Decerto o número desses desgraçados é limitadíssimo: o maior número deles, ao cabo de certo tempo, resigna-se e cala-se, e essa resignação já diminui muitíssimo a aspereza da dor.

A sorte compraz-se em ferir quem lhe resiste; o escalpelo da desventura corta mais cruelmente as carnes que ainda conservam a vitalidade necessária para sofrer. Onde há a gangrena, aí está a morte, a podridão, mas não existe a dor.

Há, porém, uma espécie de desventura, que oprime com força sempre nova; é um requinte do destino adverso, que não dá tréguas. E esse estado é aquele em que se sucedem as alternativas de esperanças e desesperos.

O homem então já não tem ocasião nem meio de habituar-se à sua desgraça. Como o mesquinho alimento, que torna mais lenta e dolorosa a morte pela fome a alguns infelizes, a esperança, que de espaço a espaço ressurgue no homem, faz reviver nele a capacidade para sofrer, e é como que o anjo inexorável, que vai sacudir os mortos nos seus túmulos para lhes dizer pela trombeta do juízo final:

— Despertai e sofrei!

Havia já longos anos que o conde de Poix estava reduzido à condição de quem mesmo no excesso dos próprios males encontra um conforto para eles. Que tinha ele a esperar? Nada. Que tinha ele a temer? Nada.

Desde o dia em que fora lançado na masmorra do palácio de Montmorency, considerava-se corno morto. A decomposição das carnes, a duração do seu longo suplício, era uma questão de tempo; não se tratava senão de esperar.

E o conde esperava, pedindo algumas vezes a Deus que lhe abreviasse aquela agonia, outras vezes dispondo-se a sofrer aquele prolongamento do seu suplício como uma expiação das suas culpas. Esperava, porque o duque de Montmorency, no seu insaciável desejo de vingança, lhe mostrara que a vida dele valia alguma coisa, e que portanto ele havia de conservá-la o mais tempo que pudesse.

Mas havia algum tempo que as cousas tinham mudado. Havia algum tempo que o prisioneiro já não sentia a fúnebre tranqüilidade de outros tempos; a vida, aquela vida que havia muito parecia ter fugido daquela medonho cárcere, tornava a entrar ali, e agitava com os seus sobressaltos o descarnado peito do mártir.

O conde de Poix esperava; e todas as agonias da esperança o atormentavam.

Era que havia algum tempo que se dera um fato estranho e inverossímel. Alguém conseguira introduzir naquela prisão um bilhete.

Existia então no mundo exterior alguém que conhecia a prisão do conde, e que se empenhava em libertá-lo!

O bilhete, naturalmente sem assinatura, fora encontrado pelo conde no meio das suas cadeias. Não continha senão estas poucas palavras:

“Tende esperança; há quem pense em vós!”

No dia em que o conde de Poix tinha lido aquele bocadinho de papel, julgava-se mais feliz do que qualquer rei entre os esplendores do trono. Invadiu-o uma alegria imensa, uma alegria ultrahumana. Aquele contentamento sem igual tê-lo-ia matado se ele não tivesse fibras de ferro.

Desde aquele dia o senhor de Poix mudou de aspecto. O abandono que tornara horrível a pessoa do conde, e que mais aumentava o horror do cárcere, cessou. Desde então o conde tratou de se conservar de pé, tanto quanto lho consentia o comprimento dos ferros, de se mover, numa palavra, de desenvolver e reforçar os membros entorpecidos por uma prolongada inação.

Poucos dias depois, encontrou novo bilhete. Desta vez o conde julgou endoidecer. O papel não tinha escritas senão as palavras do primeiro bilhete, mas com esta assinatura, que compendiava mil promessas e esperanças: “Vosso filho!”

Então o nobre mancebo, sem dúvida perseguido e proscrito, conseguira iludir o ódio de Montmorency, e rondava as imediações da casa do duque, na qual sem dúvida tinha relações — aqueles dois bilhetes provaram-no exuberantemente!

Então, enquanto que o pai se condenava ao mais tremendo cárcere, para não privar da sua herança o filho, este arriscava a vida, ou pelo menos a liberdade, tentando salvar seu pai!

Nobre filho, na verdade digno de tal pai!... E pensar este que ele estava ali fora, a poucos passos, rodeado de perigos!... O conde orou com fervor.

Orou para que o seu filho estremecido, que por sentimentos e virtudes se mostrava digno de tal pai, saísse ileso da terrível luta que ia travar.

Orou, pedindo ao céu que, se tinha de haver uma vítima, o golpe caísse antes no velho e árido tronco, em vez de ferir a vergôntea nova e robusta. Orou para que o triunfo da sua causa não

custasse lágrimas a ninguém, nem mesmo aos seus mais encarniçados inimigos.

E enquanto orava, grossas lágrimas sulcavam as faces emagrecidas do nobre velho, e aquela tristeza consolava-lhe e desoprimia-lhe o coração.

Quanto a adivinhar quem tivesse atirado para dentro do cárcere aqueles bilhetes, ao princípio não conseguiu, por mais que cismasse.

Na prisão não entravam senão duas pessoas! Uma era o duque de Montmorency, o carrasco que vinha deliciar-se com a agonia de sua vítima, e certificar-se de que as suas cruéis ordens tinham sido cumpridas; a outra era o preboste. verdugo ainda mais cruel e feroz do que o amo, se tal era possível.

É certo que havia já algum tempo que o preboste não vinha à prisão, mas tinha sido substituído por uma tal figura de assassino, que o conde pensava ter perdido muito na substituição.

Por isso, acabou por concluir que os seus libertadores dispunham de algum meio secreto para lhe fazerem chegar à prisão aqueles avisos de salvação, se não era mesmo Deus, que, comovido com as angústias daquele desgraçado, tinha feito um milagre para o salvar.

Naqueles tempos a fé era mais sincera do que em nossos dias. Demais, os anos passados num cárcere e no maior desespero, favorecem grandemente o desenvolvimento dos sentimentos religiosos; a solidão e o perigo concorrem muito para erguer o pensamento para o céu!

Desde aquele dia o conde de Poix nunca mais esteve só; tinha consigo uma doce e luminosa esperança. A sua vista nunca mais foi limitada pelas paredes daquela estreita prisão; ele via horizontes mais vastos, e o seu pensamento, que nenhum peso de ferros podia deter, galopava livremente pelas margens floridas do Garona ou pelos verdes prados do condado de Poix.

O duque notava que a serenidade do seu inimigo era cada vez maior, e estremecia, não podendo compreender-lhe a causa. Mas de todas as suposições que lhe passavam pela mente, a suposição de que o conde pudesse evadir-se era tão extravagante e tão impossível, que fazia rir toda a gente.

O palácio do conde d' Montmorency, condestável do reino, estava mais bem guardado do que o do rei de França!

O duque trazia constantemente, pendentes da cinta, as chaves da prisão. Era preciso ser louco para ter ilusões sobre o êxito de tal tentativa!

Um dia, o servo que acompanhava o senhor de Montmorency nas suas excursões, disse-lhe com certo mistério:

— Monsenhor, parece-me que o preso endoideceu, ou pelo menos está quase doido. . . Morde os ferros como um desesperado ...

— É possível!. . . Aí está explicada a razão do seu sossego de há dias. . . E está furioso?.. .

— Com certeza. E até, se monsenhor quisesse vê-lo. . . mas bem acompanhado, porque deita uns olhares que parecem lume.. .

— Acompanhado!. . . — disse o duque encolhendo os ombros. — Pois bem, escolhe então o mais fiel dos nossos. . . Mas na verdade é uma vergonha que um homem como Montmorency precise de dois para se defrontar com um homem amarrado.

— Monsenhor, já se tem visto alguns doidos quebrarem as cadeias... A força daqueles desgraçados é incalculável... Se o senhor duque o consente, levarei comigo o Ruço.

— Ah! teu sobrinho. . . Aquele bravo rapaz que me pediu que o auxiliasse para obter o lugar de ajudante do carrasco de Paris. . . Hei de conseguir-lho, palavra de Montmorency!. . . uma tal vocação merece ser ajudada. Mas sabes que tens uma bela família, Domingos?... Teu sobrinho é um carrasco aspirante... e tu.. .

— Eu mostro vocação... — respondeu Domingos num tom feroz. — Monsenhor experimente-

me, e verá o que eu sou capaz de fazer. . . Então o senhor duque consente que eu leve comigo meu sobrinho?

— Se entendes que é preciso, arranja lá. . . — disse despreocupadamente o duque.

Veio o sobrinho de Domingos. Lançava em volta uns olhares torvos e cheios de ferocidade, que, na opinião de Montmorency, indicavam uma excelente disposição para o proveitoso mister de algoz.

O duque abriu a porta da escada secreta e desceu acompanhado pelos dois homens. Um deles levava na mão um archote, ao passo que o outro, com a mão no cabo do punhal, ia examinando o caminho, pronto a matar quem o seu sanguinário patrão lhe indicasse.

Chegaram assim ao fundo da negra escada, onde começava o corredor que ia aos cárceres subterrâneos.

A porta da prisão do conde de Poix abriu-se. O duque e os dois algozes entraram.

O conde de Poix estava deitado na sua enxerga. Ao ver os três homens que penetravam no seu túmulo, o desgraçado estremeceu e olhou, a ver quem eram os visitantes.

A luz do archote iluminava em cheio a fisionomia do Ruço, sobrinho de Domingos.

Do peito do preso escapou-se um grito sufocado. Os olhos dilataram-se-lhe extraordinariamente, e a fisionomia tomou a expressão do maior espanto. O preso juntou as mãos carregadas de ferros.

O Ruço levantou uma mão e pôs um dedo na boca. Àquele sinal, que confirmava a suspeita do encarcerado, este ergueu os olhos para o céu, numa atitude de sublime reconhecimento.

Abundantes lágrimas lhe banharam as faces.

— Está a chorar, o pobre diabo!. . . — disse Domingos, fingindo-se comovido. — Agora a loucura é inofensiva.

— Nada de fiar nele — disse o Ruço. — Muitas vezes estes malvados têm hipocrisias, que enganam os mais espertos. Eu é que não acredito nada na loucura dele.

Enquanto o carrasco falava, o preso escutava o som daquela voz, e ao ver a expressão da sua fisionomia, dir-se-ia que nunca uma harmonia celeste soara aos seus ouvidos como aquela voz!

Montmorency, que não reparava em nada daquilo, debruçou-se sobre a enxerga do condenado com um ar de escárneo.

— Então, conde Virgínio, — disse o malvado — é verdade o que me contaram ?. . . Que vos deu volta o miolo ?. . .

O preso sorriu-se.

— Nem sempre a opinião dos homens é a de Deus — disse o conde de Poix. — Muitos há que neste mundo passam por sábios e que no céu têm a reputação de loucos.

— Oh! oh!. . . temos sermão!. . . Ora sempre queria saber porque recusaste aceitar o refúgio que te ofereci num convento. Já tens muita tendência para os sermões de frade, meu velho.

— Montmorency, — disse o conde, firmando-se num cotovelo — o orgulho cega-te. És um velho robusto e valoroso, mas nunca pensaste em que também te há de chegar a sombra da morte?

— Sou cristão como um Montmorency — disse o condestável, impressionado, mau grado seu, por aquelas palavras. — Quando a morte vier, achar-me-á pronto e confortado pela minha religião.

— E a tua religião aprovará os tormentos que há tantos anos fazes sofrer a um desgraçado, que já há muito expiou a sua culpa? Julgas que Deus te perdoará, quando lhe disseres que nenhuma sú-

plica pôde comover o teu coração para que perdoasses?

O duque sorriu desdenhosamente.

— Não percebes nada, meu pobre velho. Para nós, os grandes e poderosos, não vigoram as leis por que se rege o resto do mundo. O reverendo padre Lefèvre, da Companhia de Jesus, já me absolveu do pecado que possa ter cometido tendo-te aqui preso. . . e até dos que tenciono cometer, tendo-te sempre aqui. . .

— Vamos, é tempo de acabar com isto! — disse de repente o Ruço.

E atirou-se com tal ímpeto ao duque de Montmorency, que o velho guerreiro caiu pesadamente no chão. O Ruço então precipitou-se sobre ele.

— Desgraçado! — bradou o condestável, cheio de terror e de confusão por aquela agressão imprevista — deixa-me. . . Hei de mandar-te enforcar. . . Domingos, acode-me!. . . dá-lhe uma punhalada nas costas.

— Eu, meu bom senhor!. . . Tenho mais que fazer!. . . — respondeu o servo com uma risada terrível.

O duque debatia-se furiosamente entre os braços de ferro que o tinham preso, e talvez conseguisse libertar-se deles. Tinha-se já erguido sobre um joelho, e a fisionomia decomposta pela ira e pelo terror, as faces banhadas em suor pela violência da luta, causavam horror.

Montmorency lançava em torno um olhar feroz, mas estava calado. Bem sabia ele que os seus gritos, por mais agudos que fossem, não teriam nenhum resultado, e preferia então recolher-se a um profundo silêncio.

O Ruço, aparentemente sossegado, tinha presas nas suas as mãos do velho feudatário, e resistia como um rochedo aos violentos empurrões do duque.

Mas Domingos, sem se importar com as imprecações nem com os esforços que o duque fazia para libertar-se, aproximou-se dele, tirou-lhe o cinto de couro de que lhe pendia a espada, e num movimento rápido amarrou-lhe com segurança os braços.

Montmorency, reduzido assim à impotência, soltava gritos desesperados.

— Mas esteja calado, senhor duque!... — disse Domingos, que entretanto lhe ia revistando os bolsos. — Isso pode fazer-lhe mal à garganta. As rouquidões neste mês são perigosas.. . Ah! finalmente achei o que procurava!

E dizendo isto, o servo agitava com alegria feroz um punhal afiadíssimo, que encontrara no seio do duque.

— Por caridade! não derrameis sangue! — exclamou o conde.

— Libertai-me, se podeis, mas que não seja à custa de um crime!

— Visto que assim o mandas, faça-se a tua vontade, meu pai, — disse respeitosamente o Ruço, que não era senão o visconde de Poix. — Mas este malvado será castigado doutra maneira, e talvez pior.

Entretanto, Domingos, prosseguindo nas suas pesquisas, tinha encontrado no bolso do duque uma pequena chave. Ao ver o clarão de ódio que iluminou o olhar do condestável, o criado adivinhou a importância daquele achado.

— É esta! — exclamou ele — é esta a chave!. . . senhor conde, isto abrevia o nosso trabalho e restitui-vos a liberdade.. . Pronto!...

As cadeias do senhor de Poix, abertas com a chave que o duque trazia sempre consigo, caíram no chão com grande ruído.

Então o conde ergueu-se num ímpeto; ao princípio vacilou, mas depois conservou-se altivamente

ereto, e avançou para o condestável.

Chegando diante dele, cruzou os braços sobre o peito e olhou-o fito.

— Duque, — disse ele com um acento de profunda tristeza — ainda há pouco tu zombavas de Deus; mas ele estava presente, e ouviu-te.

Montmorency encolheu os ombros, num movimento de desprezo. Que lhe importa já agora o que lhe pudessem dizer, visto que a sua vingança, e talvez que a sua vida, iam terminar?

Mas assaltou-o um profundo terror, quando reparou no que estavam fazendo o criado e o filho do conde.

Num abrir e fechar de olhos, e sem que o duque pudesse opor-se-lhe, visto que tinha os braços amarrados, aqueles dois homens tiraram ao condestável o chapéu, o saio carregado de jóias e de condecorações, as botas e os calções. Depois de o terem assim deixado quase despido, arrastaram-no para o canto onde estavam os ferros.

— Perdão! . . . perdão! . . . — balbuciou o infeliz, lívido de terror — antes me matem. . . mas uma morte tão horrível! . . . sede cristãos!

— E te mostraste tu cristão para com a tua vítima? — disse o visconde, que ia rebatendo as cadeias do duque.

— Meu filho, vê lá o que fazes! — recomendou o conde. — Não tornes a nossa causa injusta pela crueldade.

— Meu pai, isto é preciso — disse resolutamente o mancebo. — Se o deixássemos livre e salvo, bem depressa nos oprimiria com sua tirania. É preciso que ele aqui fique preso até que o venham libertar, e isso há de ser muito tarde, posso afirmá-lo. Entretanto teremos tempo de nos pormos a salvo.

O conde deu um suspiro e calou-se. Um momento depois, os ferros do duque estavam tão bem fechados, que seriam precisos dois serralheiros, com todas as ferramentas próprias, para os quebrar num dia.

— Agora experimenta se são pesados — disse o jovem com um sorriso de escárneo. — E agora, meu pai, mãos à obra!

Virgínio de Poix sentou-se sobre uma pedra. Domingos trouxe uma navalha, e com uma habilidade pasmosa despojou completamente as faces do conde da barba inculta que as cobria, deixando-lhe só a pêra, que naquele tempo usavam os cavaleiros. Depois, com a mesma rapidez, os dois homens vestiram ao conde as roupas de Montmorency, cingindo-lhe as armas que ele trazia.

Assim arranjado o ex-prisioneiro, tinha na verdade uma nobre aparência, e ninguém seria capaz de reconhecer nele o triste condenado, que ainda meia hora antes sacudia com desespero as suas algemas.

Terminadas aquelas diferentes operações, os dois homens, tranqüilos como pessoas que tem a consciência de terem praticado uma boa obra, caminharam para a porta, acompanhando o conde.

— Esperai!... — gritou o duque, estendendo para eles os braços carregados de ferro. — Se quereis libertar-me, juro pela minha alma que não vos farei mal algum, e que vos auxiliarei com todas as minhas forças.

— É muito tarde — exclamou Domingos. — Devias resolver-te quando estavas livre; agora, que mal nos podes tu fazer? . . .

— Renunciarei à metade dos meus bens; a todos, se preciso. Far-me-ei frade de qualquer convento, farei penitência até morrer

Ao pronunciar estas últimas palavras, não ouviu senão o ruído da pesada porta de ferro, que se

fechava sobre o preso, como a pedra de uma sepultura.

^ Então, o grande condestável de França, o homem que assistira a vinte batalhas e que zombava dos perigos, deixou-se cair sobre a palha, onde por tantos anos gemera a sua vítima, e então chorou.

Chorou como uma criança, como uma mulher. A desventura tinha quebrado aquela tempera de ferro e o homem inflexível convertera-se num fraco que sofria e chorava.

CAPÍTULO XIII

HORRÍVEL SITUAÇÃO

Os três conspiradores, — que bem podemos chamar-lhes assim — tendo fechado o cárcere subterrâneo, encaminharam-se para o corredor. Apenas o conde de Poix é que parou um momento para escutar os gemidos dolorosos do infeliz, que lhe sucedera na tremenda prisão.

O conde dirigiu um olhar de súplica aos seus dois libertadores, mas as fisionomias de seu filho e de Domingos tinham uma expressão tal de rancor, e lia-se nelas uma resolução tão cruel e inflexível, que o conde não se atreveu a interceder pelo condestável.

Demais, jamais castigo algum tinha sido mais justo do que aquele.

Os três homens foram avançando, guiados por Domingos. Era este que subia as escadas com grande desembaraço, como quem estava perfeitamente habituado a caminhar por aqueles sítios, mesmo às escuras, tão bem os conhecia ele.

Assim chegaram à porta de ferro, que servia de comunicação entre o gabinete particular do duque de Montmorency e os cárceres subterrâneos.

De repente, Domingos soltou um grito sufocado.

— Que é? — perguntou o visconde.

— É que se fechou a porta de ferro depois que nós descemos. . . e o único que conhece o segredo de fazer girar a mola é o duque de Montmorency.

— Vamos a ver se damos com a tal mola!. . .

E os três homens, cada um armado do seu punhal, começaram a examinar minuciosamente a parede.

Mas foram baldadas todas aquelas investigações. O fabricante do mecanismo soubera ocultá-lo de tal maneira, que só quem estivesse de posse do segredo é que poderia descobri-lo.

O conde e os seus dois companheiros andaram longo tempo por aquelas escadas, subindo, descendo e procurando ansiosamente uma saída; mas todos os seus esforços foram inúteis: a parede mostrava-se impenetrável, e não havia meio de descobrir nela a almejada saída.

O pobre velho, alquebrado por tão longo cativo, já não podia mais. O filho, sempre sereno e forte, amparava-o com o braço, e quase o levava em peso; mas por fim sentiram-se ambos sem forças.

— Por aqui. . . por aqui... — disse afinal Domingos, todo esbaforido. — Descobri uma saída!

A luz do crepúsculo penetrava por uma invisível fresta, entre a parede e o teto. Os fugitivos precipitaram-se para o corredor, que se abria ao lado direito, e à fraca claridade que ainda havia, viram um tabique de madeira já muito carcomido pelos anos e coberto de teias de aranha.

Para lá daquele tabique via-se luz, que brilhava através das numerosas fendas.

— Eis a salvação! eis a liberdade!. . . — exclamou o servo com um entusiasmo que o terror até aí experimentado ainda duplicava.

E empurrou o fraco tabique com tanta força, que as taboas caíram para a frente e deixaram uma

grande abertura.

Mas Domingos soltou um grito de terror e recuou horrorizado.

Aquele tabique vedava o ingresso para uma grande sala circular e que era iluminada por uma abertura redonda, que havia no alto.

Mas aquela sala. . . não tinha pavimento. Havia apenas uma estreita faixa em volta de um grande poço, onde as taboas do tabique caíram com espantoso fragor, e onde Domingos também se teria precipitado se não tivesse recuado a tempo.

E no fundo do poço, à luz indecisa e trêmula do crepúsculo, viam-se cintilar as afiadas lâminas de aço, que lhe serviam de revestimento . . .

— Eu já tinha ouvido falar disto! — murmurou o servo, cuja frente estava banhada num suor frio.

Com efeito, aquela era a última palavra da justiça feudal. Era naquele poço armado de aguçados ferros que eram precipitados os infelizes, que por qualquer modo tinham incorrido no desagrado do senhor feudal.

Naquele momento, a pouca luz que entrava pela abertura exterior desapareceu. A sombra da noite descera sobre a terra, e as trevas mais profundas invadiam aquele lugar de desolação, onde aqueles, infelizes andavam às apalpadelas pelas entranhas da terra, receando a cada instante serem engolidos por qualquer voragem.

CAPITULO XIV

DEMÔNIO CONTRA DEMÔNIO

Quanto tempo durou aquele estado de prostração em que estavam sepultados os nossos heróis?

Talvez dois minutos; talvez uma hora. Eles é que não podiam dar conta de nada, imersos como estavam numa espécie de profundo abatimento, que anulava neles toda a limpidez de conhecimento.

Por outro lado isto em nada prejudicava aqueles valentes, que se debatiam nas entranhas da terra. A coragem compreende-se, e é mesmo necessária, quando se luta contra um perigo certo, quando se conhece bem o inimigo que se combate. Mas neste caso, contra quem desembainhar a espada? e de que serviam o valor ou a prudência naquela escuridão profunda em que até era impossível ver de que lado vinha a morte?

Todavia aqueles homens não eram de tempera ordinária, nem se deixavam facilmente esmagar por tamanho desastre. Um era um mancebo heróico, a quem o amor apaixonado que sentia por seu pai multiplicava a coragem; o outro era um servo por tal maneira exaltado pelo ódio, que desafiava sem pestanejar os mais atozes e os abismos do inferno, só para se vingar.

Quanto ao conde de Poix, esse era uma espécie de mártir, que havia já muitos anos fizera o sacrifício da sua vida, e que, não esperando mais nada, nada temia. Se alguma cousa o magoava era unicamente o pensar no risco que corriam os seus companheiros e na morte afrontosa que, segundo todas as probabilidades, lhes estava reservada. Quanto a si, o conde, vendo aproximar-se a hora do repouso, sorria-se.

De repente, Domingos, que velava mais atentamente que os outros, ergueu-se muito agitado.

— Escutem... — disse ele em voz muito baixa, como se receasse que algum inimigo estivesse a espioná-los — escutem. . . aqui perto ouve-se falar.

Estas palavras causaram um sobressalto nos outros companheiros. Não há nada mais contagioso do que a esperança.

Virgínio de Poix tinha o ouvido extremamente apurado, como acontece aos presos, que por

longos anos se costumaram a seguir com ouvido atento os mais ligeiros rumores, e que ouviram fender-se prontamente as paredes, e as gotas de água ou escorrem pelos muros descerem vagarosamente pela calíça esverdinhada.

Virgínio de Poix aplicou o ouvido, e depois disse com segurança :

— Fala-se a dois passos de nós; distingo duas vozes. . .

— Então estamos perto de uma parede; delgada bastante para deixar passar a voz — observou Domingos, no mesmo tom. — Vejamos se descobrimos.

— Quem sabe se será uma cilada! — murmurou o visconde. Ouviu-se então um frouxo de riso naquela escuridão. Era o servo. Na verdade era cousa para o fazer rir aquele recrio de um perigo, no momento em que toda mudança devia ser vantajosa!

Domingos deu dois passos na direção do lugar donde vinha o som, e esbarrou-se logo com um obstáculo.

— Cá está a parede! — murmurou ele. — Portanto, do outro lado está a salvação .E pensar a gente que talvez a parede seja tão grossa que se não possa deitar abaixo. Não temos senão os nossos punhais!

E com a ponta do punhal começou a picar furiosamente a parede.

Mas, com grande espanto seu, duma das vezes em que ia a desenterrar o punhal, sentiu que havia resistência. Apalpou com as mãos, e pouco faltou que ele não fizesse ressoar no subterrâneo um grande grito de alegria.

— È um tabique de madeira! — murmurou ele. — Ainda que ele fosse mais grosso do que uma parede mestre, havíamos de conseguir furá-lo!. . .

— E se fosse um simples revestimento! — murmurou o filho do conde Poix.

— É impossível! Então a voz não se ouviria assim distintamente. Vamos a isto, mãos à obra!

Os três punhais enterraram-se na madeira; o trabalho era feito com a cautela necessária para que os três homens não corressem o risco de se ferirem uns aos outros.

Mas de repente aquele trabalho tornou-se inútil. Um deles tinha tocado com a ponta do punhal a mola oculta de um maquinismo ignorado.

Ouviu-se um ruído tenuíssimo, e depois uma parte do tapume de madeira deslizou sem ruído, sumindo-se pelo chão abaixo. Os fugitivos fizeram um grandíssimo esforço para conterem um grito que ia a escapar-se-lhe dos lábios.

A abertura, que dava para uma sala modestamente mobiliada, estava admiravelmente encoberta por uma estante cheia de livros. Entre estes tinham sido colocadas umas travessas de divisão, que na realidade eram verdadeiros tubos, por onde se podia ver perfeitamente tudo o que se passava na sala.

Quem poderia dizer para que fim misterioso e terrível tinha sido arranjado aquele esconderijo? Na verdade, as paredes daquele palácio dos Montmorency ocultavam estranhos mistérios, e a cada passo se encontravam ali cousas desconhecidas, que ninguém seria capaz de supor.

Os três fugitivos, esquecendo naquele momento o cansaço e a fome, puseram-se a olhar atentamente, porque o que presenciavam despertava-lhes o maior interesse.

A sala, como já dissemos, estava mobiliada com grande simplicidade. Havia em roda algumas estantes cheias de livros, que provavelmente escondiam algum mistério, assim como a outra estante escondia os nossos heróis. Todas as comunicações daquela sala com o exterior consistiam em uma ampla janela e em uma porta, coberta por vim reposteiro verde. Uma esteira muito simples, às riscas vermelhas e cor de castanha, forrava o chão e amortecia o ruído dos passos.

No meio de sala havia uma grande mesa de estudo, coberta de livros e de papéis, e sentado à mesa, numa poltrona muito larga e pesada, um padre de aspecto severo e resoluto.

— O reverendo padre Lefèvre!. . . — segredou Domingos ao ouvido do visconde de Poix.

Este estremeceu ao ouvir aquele nome, porque sabia que o jesuíta era um inimigo encarnado de sai pai, e conhecia os interesses que ligavam o jesuíta ao duque de Montmorency. Achando-se agora ali inesperadamente ao pé de tão terrível adversário, o mancebo experimentava a sensação, mais de estremecimento do que de medo, que assalta um homem, ainda que este seja corajoso, quando vê uma serpente. Lefèvre não estava só.

De pé diante dele estava um rapaz de cerca de dezoito anos, com um ar embaraçado, os olhos baixos, o rosto mimoso purpureado, e parecendo responder a um interrogatório que o aborrecia e atormentava.

— Com que então, meu belo pajem, — disse o padre Lefèvre, erguendo a cabeça, que tinha um pouco inclinada para o chão — com que então, fostes admitido no número dos pajens favoritos da Dama de Beleza dos nossos dias, da encantadora Diana d'Étampes?

Um sobressalto de terror sacudiu os membros do visconde, ao ouvir pronunciar aquele nome, que era o de uma outra inimiga da casa dele.

Quanto ao rapaz, o encarnado das faces voltou-se-lhe em perfeito carmin.

— Reverendo padre. . . — balbuciou ele.

— Vamos! — exclamou alegremente o jesuíta — deixemo-nos dessa inútil timidez! Por ventura sou eu um dominicano ou um capuchinho para me escandalizar com certas cousas? Eu também sou homem, e também fui rapaz como tu, meu caro Tancredo. . .

O mancebo ergueu involuntariamente os olhos para o rosto do jesuíta, espantado de que um horror daqueles pudesse orgulhar-se de ter sido rapaz em algum tempo.

— Sim, sim; fui rapaz e tive as minhas fraquezas... Ora, adeus! isso é natural; uma patroa nova, bela, amorosa... e além disso viúva, o que justifica as maiores esperanças!... Depois, a gente encontra-se num canto. . . e é um beijo. . . uma promessa. . .

— Senhor!... — exclamou Tancredo indignado, e esquecendo-se, na sua confusão, de que falava a um padre.

— Ora, ora. . . eu bem sei, meu rapaz, que há certas cousas que se devem sepultar no mais profundo do coração. São os doces segredos do afeto, são os fantasmas que nos acariciam nas noites de insônia. . . Ah! ah! bem vês que eu também sei fazer belas frases, como se tivesse estude do esses mestres italianos do amor, que são agora o manjar favorito da Corte.

— Mas eu... cumpro sempre com os meus deveres! — balbuciou o mal aventurado rapaz, que já não sabia onde estava.

— Os teus deveres, sim; isco é justíssimo. Não debes faltar aos teus deveres de cristão e de católico, nem aos de fidalgo e de gentil cavaleiro, que, principalmente para os nobres, também esses são deveres. Ora vamos lá, Tancredo, o que te disse a tua amável patroa?

— Reverendo — disse o mancebo com firmeza — a minha ama não tem motivo para me fazer confidencias... e se mas fizesse. . .

— Tu não te julgarias obrigado a confessá-lo a mim, não é verdade? — disse Lefèvre, com um sorriso que fazia medo. E isso apesar de eu ser o teu pai espiritual, e de ter o direito e a obrigação de exhibir a tua confissão completa.

— A confissão não compreende os segredos dos outros — disse imprudentemente o pajem.

— Ah! então sempre os há!... sempre há segredos, vejo que tu te recusas a revelá-os! Trata-se do príncipe Henrique, Delfim de França, não é verdade?

Tancredo empalideceu. As palavras do jesuíta correspondiam tão exatamente à verdade, que ele chegou a convencer-se de que nada havia que aquele sombrio padre não soubesse.

— Não é verdade?... — insistia curiosamente o padre — Então o que viste? o que te disse Diana? a maquinação em que estado está? vai bem?

— Padre! meu padre! — suplicou o infeliz Tancredo — não me atormenteis mais!

— Ah! entendo. . . tens medo. . . Mas eu não o tenho, ouviste? e quero... quero saber tudo.

O pajem calou-se. Mas na contração nervosa dos lábios conhecia-se-lhe a resolução inflexível de resistir àquela prepotência.

Lefèvre compreendeu o que significava aquela atitude concentrada; mas ele não tinha vivido tantos anos, nem tinha chegado ao elevado grau que ocupava na Companhia de Jesus, sem ter perfeito conhecimento do processo por que as vencem as naturezas mais rebeldes.

— Sois um doido, Tancredo, — disse o jesuíta com severidade — e além disso sois um mau coração. No vosso cérebro devem germinar bem tristes pensamentos, e são precisamente os que imaginais nos outros.

— Mas, reverendo padre. . .

— Não há reverendo, nem meio reverendo. Eu consenti colocar-vos ao pé de Diana d'Étampes, apesar de saber perfeitamente o que deveria acontecer entre um mancebo belo e gentil e uma mulher jovem e bela, e ambos em todo o fogo das suas paixões. Mas, procedendo assim, procurei dos males o menor, para a maior glória de Deus. Com uma afeição séria e profunda por uma pessoa tão distinta por nascimento e sentimentos religiosos, eu defendia-vos, como ao meu aluno predileto, de outras seduções bem mais perigosas; atraindo sobre vós a atenção de Diana, minha penitente, eu tinha em vista dar outra direção às paixões ardentes da viúva, e livrá-la da corrupção da Corte. Já vêdes, meu filho que o meu procedimento conquanto possa parecer censurável aos olhos ignorantes do vulgo, é contudo digno de louvor pelo fim que eu tinha em vista.

— Que é sempre a maior glória de Deus! — observou com azedume o rapaz.

— Ah! patife! — resmungava Domingos, sempre escondido atrás da estante. — E com tal doutrina não há patifaria que não possa absolver-se, sempre para a maior glória de Deus!

O conde de Poix estava silencioso, e profundamente contristado deixava descair a cabeça para o peito. As execrandas teorias do discípulo de Loiola apareciam-lhe ali em toda a sua nefanda luz, e demonstravam-lhe a toda a evidência qual era o cancro roedor que estava destruindo em França toda a flor de honestidade e lealdade, e a que mestres devia ter recorrido Montmorency para justificar aos seus próprios olhos o horror das suas ações.

Lefèvre continuou deste modo:

— Assim, eu tinha o direito de esperar da tua parte que me correspondesses com reconhecimento. Colocando-te ao pé de Diana, conquistando-te as boas graças de uma senhora, que faz andar loucamente apaixonados por ela todos os senhores da Corte, a começar pelo Rei e pelo Delfim, julguei que tu em compensação me ajudarias a desviar paternalmente Diana do caminho do erro, e a conduzi-la à prática das mais celestes virtudes.

— E para isso estou eu sempre disposto, meu padre! — exclamou o rapaz com ingênuo entusiasmo.

Tancredo era por natureza de uma índole boa e leal, e bastaria para o provar aquela sua resistência às vontades do jesuíta; mas o efeito das doutrinas mortais dos sequazes de Loiola era tão pronto e eficaz no espírito dos que tinham sido educados por um jesuíta, que o pajem já chegara a achar simples e naturais os discursos que o seu pai espiritual lhe fazia.

Achava natural, por exemplo, que um velho, um sacerdote, um diretor de consciências,

preparasse e facilitasse os amores de dois jovens — amor que não tinha nada de espiritual — e isso com o especioso pretexto de que mais tarde os jesuítas haviam de abusar tanto, isto é, que “o fim justifica os meios”.

Achava clara e compreensível a fórmula adotada pelo padre, que qualificava a espionagem mais odiosa, — a que um homem exerce sobre uma mulher, — “como um meio para reconduzir ao céu uma alma transviada”.

Que passassem mais alguns anos sobre ele, e Tancredo tornar-se-ia um perfeito jesuíta, e aceitaria como legítima a teoria segundo a qual assassinar um rei se chamava “suprimir um obstáculo”, e os outros crimes eram suavizados com fórmulas ainda mais brandas.

Mas naquela ocasião, ou fosse porque o pajem visse brilhar na sua imaginação os grandes olhos de Diana enamorada, — o amor é para os moços mestre e inspirador supremo de lealdade viril — ou fosse porque o jesuíta tivesse tido demasiada pressa, o pajem achava-se em condições inteiramente impróprias para receber documente as inspirações do padre Lefèvre.

— Estou pronto para fazer o que vós quiserdes para salvação das *nossas* almas, meu padre — repetiu o mancebo ao cabo de breve silêncio.

— Já te disse qual é o teu dever — continuou imperturbável o jesuíta. — Deves dizer-me o que se passou entre o Delfim e a condessa.

— Não sei nada! não sei nada! — exclamou Tancredo, num tom de súplica.

O jesuíta encolheu os ombros.

— Ora, vamos, já vejo que é necessário auxiliar a tua memória. Ontem à noite, um pajenzinho, chamado pela dama dos seus pensamentos, tinha entrado no quarto da gentil viúva. Os dois amorosos entretinham-se. . . a ler as vidas dos Santos...

— Não sei o quer dizer, meu padre!. . . balbuciou o jovem, curvando a cabeça para o chão.

— Espera um pouco, e já o saberás. . . E eloquência do pajem e a devoção da dama eram tão profundas, que o tempo passou rápido como um relâmpago para os nossos dois pombinhos... de maneira que eles não deram fé de que vinha alguém, alguém que tinha o direito entrar a qualquer hora no quarto de dormir da dama... O pajem, cheio de susto, mais pelo perigo que corria a sua dama do que pelo que ele próprio corria, — porque o nosso pajem é um valente, é preciso fazer-se-lhe essa justiça — consentiu em esconder-se num armário, e lá de dentro viu. . . e ouviu. . . mais do que desejava ver e ouvir.

— Meu padre, por piedade!. . . — murmurou o pajem com voz apenas perceptível, e com os olhos cheios de lágrimas.

— Ah, percebo, são cousas que não agradam; mas quem vai caçar em terras doutrem, não tem o direito de se espantar se alguma vez encontra o posto ocupado pelo seu legítimo dono. Dizíamos nós que o nosso rapaz, de quem a nobre visita não desconfiava que estivesse ali, do seu esconderijo ouviu sem querer uma conversa importante.

Tancredo ergueu a cabeça. Desaparecera-lhe todo o indício de comoção, e os seus olhos, agora enxutos, relampejavam clarões ameaçadores.

— Reverendo, eu não ouvi nada!. . .

— Bela resposta, e que revela um perfeito cavaleiro! Se a qualquer outro tu respondesses doutra maneira, eu declarar-te-ia traidor à honra de cavaleiro, e indigno de tal nome. Mas comigo. . . é outro caso. . .

— Repito que não ouvi nada! — replicou o pajem.

— Ora vamos, então preciso de provar-te que sei tudo e que se te peço estas informações é só para te experimentar. Talvez eu não saiba que naquela entrevista se falou numa mudança pro-

vável de governo. . . e se observou que Sua Majestade o rei Francisco I não tem grande saúde.

Ao dizer estas palavras, o jesuíta, que se deitava a adivinhar, observa disfarçadamente o pajem. O jesuíta sentia uma terrível angústia oprimir-lhe o coração: se se tivesse enganado nas suas suposições, o prestígio misturado de terror, que ele exercia sobre

o mancebo, dissipar-se-ia completamente, e ter-se-ia perdido todo o trabalho executado para alcançar uma aliança tão útil junto de Diana d'Étampes — que era a verdadeira e única rainha de França.

Mas o efeito excedeu toda a expectativa. Tancredo, ao ouvir as palavras de Lefèvre, perdeu completamente a cabeça, e atirou se aos pés do jesuíta, exclamando:

— Matai-me. . . mas perdoai-lhe a ela!

— Então resolves-te finalmente a falar? — exclamou Lefèvre, dardejando sobre o pobre rapaz um olhar acerado e frio como a lâmina de um punhal. — Está bem; conta tudo, e minuciosamente, se não. . .

O pajem já se recompusera daquela momentânea fraqueza.

— Vossa reverendíssima compreendeu-me mal — apressou-se ele a dizer. — Eu confesso as minhas relações com a senhora. . . que sabeis: confesso que fiquei aterrorizado ao ouvir as vossas palavras, porque sei que a fraqueza de Diana para comigo, se alguém soubesse dela, lhe causaria grande mal. . . Mas quanto ao resto, nada sei, nada. . . nada. . .

O jesuíta refletia.

Era evidente para ele que o colóquio entre Diana e Henrique de França devia ter versado sobre o terrível assunto que ele presumia. O Delfim, de índole violenta, ambicionando o trono, e tendo já tido por vezes questões com o pai, questões em que as espadas tinham chegado a sair mais de metade da bainha, suportava com raiva o governo do rei Francisco, e na sua mente perturbada e feroz, nascera, espontaneamente ou por sugestões de estranhos, o horrendo plano de matar seu pai.

Mas para os jesuítas tal plano era de extrema importância. Se ele chegasse a realizar-se, ao rei Francisco, que era devoto só em certas ocasiões, capaz de um ímpeto cavalheiresco, não consentindo que outrem, e principalmente padres, governassem no seu reino, sucederia Henrique II, sobre o qual os jesuítas estavam seguríssimos de exercer o maior predomínio. E este predomínio tornar-se-ia absoluto se eles pudessem assenhorear-se também de Diana, a favorita.

Conhecer a conspiração que Henrique e Diana se preparavam para tramar contra Francisco, deixá-la desenvolver-se e executar-

se, e exercer sobre Diana o poder enorme de quem está de posse do segredo, ou antes do crime de alguém, tal era o plano infernal que Lefèvre concebera, que os acontecimentos até então tinham auxiliado, e que a obstinação de Tancredo ameaçavam inutilizar e destruir.

— Ah, tu não queres falar! — disse o jesuíta, erguendo-se ameaçador e terrível. — Pois bem, eu te obrigarei a falar.

E antes que o pajem pudesse opor a mais pequena resistência, antes que ele suspeitasse sequer o que ia acontecer, o jesuíta tinha-o arremessado ao chão, pusera-lhe um joelho sobre o peito, e brandia-lhe junto dos olhos um punhal!

— Falarás agora? — repetia o jesuíta; e as palavras sibilavam ao passarem-lhe por entre os dentes cerrados. — Falarás, ou queres experimentar a ponta deste punhal?

— É tempo de intervir — disse em voz baixa o conde de Poix, que já não podia conter-se.

Mas Domingos deteve-o com um gesto.

O pajem, sentindo-se sob aquela pressão do jesuíta, não deu um grito, nem baixou o olhar.

— Podeis matar-me, — rouquejou ele, porque o joelho do padre lhe tolhia a respiração — mais não falarei.

Lefèvre então soltou uma gargalhada terrível.

— Matar-te! eu! Estás doido, meu filho! a tua vida para mim é mais preciosa do que propriamente a minha... eu só quero diminuir um pouco as Qualidades de sedução que tu tens, já que não queres dedicá-las ao triunfo da nossa causa... Vou arrancar-te os olhos.

Um grito sufocado respondeu àquelas palavras. Tancredo leu nos olhos do jesuíta que ele realizaria a ameaça; além disso, sabia que nos subterrâneos de muitos conventos gemiam infelizes, que tinham sido atrozmente punidos com aquele terrível castigo, por vinganças idênticas. O coração do pobre rapaz despedaçava-se.

— Perdão. . . meu bom padre. . . matai-me... eu não oporei resistência. . .

— Já te disse, amiguinho: ou falas, ou te arranco os olhos. Sabes como eu sou e deves conhecer-me.

Era impossível a alguém enganar-se sobre o sentido e verdade daquelas palavras. Todavia o heróico Tancredo não disse uma palavra.

— Então, é necessário. . . — disse o jesuíta, com um tom de voz terrível. — Pois bem, cumpra-se o teu destino. Tens ainda um minuto para pensar!

E ergueu o punhal.

— Uma! . . duas ... tr. . .

Não pôde concluir. Ouviu-se um fragor enorme de móveis derrubados e partidos. Lefèvre voltou-se, cheio de terror, e nesse momento foi agarrado pelo pescoço e desarmado num relâmpago por uma espécie de demônio todo coberto de pó, e que parecia ter surgido do chão.

Num segundo o jesuíta estava desarmado, amordaçado e amarrado. O conde e o visconde de Poix tratavam de Tancredo, que, em meio de tantas e tão terríveis comoções, tinha desmaiado; entretanto, Domingos chegara-se ao jesuíta, que estava estendido no chão; e mimoseava-o com freqüentes pontapés pelas costelas, dados com tanta consciência e eficácia, que arrancavam ao jesuíta gemidos dolorosos, apesar da mordança.

— Oh! meus senhores — disse Tancredo, voltando a si. — Salvaste-me mais do que a vida! . . O meu reconhecimento. . .

— Silêncio, mancebo... — respondeu o conde de Poix. — Conduze-nos à porta do palácio e ternos-ás dado um prêmio mais que suficiente.

— Do palácio!. . . do convento, quereis dizer. Estais no convento dos jesuítas, e não sei como poderemos sair; o guardião está alerta. . .

— Eu encarrego-me de tudo; — observou Domingos — mas em primeiro lugai, vamos a decidir o que se há de fazer deste desagradável personagem. Eu, por mim, propunha que o atirássemos ao poço dos punhais.

O jesuíta, apesar da sua coragem, — que era real e grande — sentiu um suor frio à raiz dos cabelos, e esperou ansiosamente a resposta àquele alvitre.

— Não faleis assim, meu amigo — disse com brandura o senhor de Poix. — Matemos aqueles que tentarem prender-nos, porque tal é a triste necessidade da nossa fuga, mas não cometamos crimes inúteis, porque a proteção do céu, que até agora tem sido tão evidente, abandonar-nos-ia.

Entretanto, o visconde de Poix tinha descoberto um armário, que tinha uma espécie de postigo à altura de um homem.

— O que é isto? — perguntou ele a Tancredo.

— É o *armário de penitência*. Quando algum noviço comete algum pecado, metem-no aqui

dentro, deixando-lhe aberto o postigo para poder respirar.

— Belíssima idéia! — exclamou sarcásticamente Domingos — Idéia de homens de coração e de engenhos, como são estes bons padres!

— Aqui está o lugar para o reverendo — disse o visconde, que nunca se ria, nem riu tão pouco daquela idéia burlesca. — Ali dentro estará como um príncipe, e terá tempo para meditar na salvação da sua alma e da nossa. . .

— E no perigo que há em querer tirar os olhos aos rapazes que não querem fazer de espíões. . .

O armário estava fechado, mas Domingos procurou tão bem no cinto do reverendo, que entre muitas outras chaves achou precisamente a que abria aquela prisão.

Lefèvre, apesar da sua resistência, foi metido no armário, e este fechado. O espaço dentro daquele cárcere de novo gênero era tão pequeno, que o jesuíta foi obrigado a ficar de pé e com a cara no postigo.

Aquele focinho de padre, com a mordança na boca e com os olhos a rolarem-lhe medonhos nas órbitas, era tão grotesco, que Tancredo, com a leviandade própria da sua idade, não pôde deixar de dar uma grande gargalhada.

— E agora vamo-nos daqui — disse Domingos. — Passai bem, meu reverendo padre, e sobretudo tende cuidado que não sufoqueis, porque vamos fechar-vos aí dentro, e precisais de poupar muito o ar, se quiserdes que ele vos dure até que venha alguém tirar-vos daí.

Os fugitivos, aos quais se juntara Tancredo, que contava procurar ao pé de Diana um refúgio contra a vingança dos jesuítas, chegaram à portaria. Ali, o guardião opôs alguma dificuldade, mas Domingos deu-se a conhecer como um familiar da casa do duque

de Montmorency, que viera com um recado do seu amo, e não lhe puseram mais obstáculos à saída.

O grande condestável de França, era geralmente reconhecido como o mais firme e poderoso apoio dos jesuítas em França.

Quando se viram fora do convento, o conde de Poix, pela primeira vez, respirou livremente; a sua fisionomia estava radiante. O filho, ao contrário, parecia preocupado.

— Parece-me, — disse finalmente o visconde — que fizemos mal em deixar assim Lefèvre. Semelhantes víboras, quando se enfurecem, é necessário esmagá-las; só os mortos é que não tornam.

— Uma palavra... — exclamou Domingos, dando um passo para tornar a entrar no convento — só uma palavra, e livro-vos para sempre daquele malvado.

Mas o conde Virgínio de Poix deteve-o.

— Não derramemos sangue inutilmente — repetiu ele.

E assim é que a demasiada indulgência das almas generosas constitui a segurança e a fortuna dos malvados!

CAPITULO XV

GALANTEÍOS DE REI

Enquanto tão negra trama se urdia contra Francisco I, o Rei cavaleiro; enquanto os diferentes partidos disputavam entre o trono, chegando mesmo algum a conspirar contra a vida do rei, guiado pelo próprio filho do monarca, vejamos o que fazia o voluptuoso rei, que, mais do que qualquer outro soberano, gozou as delícias do mando supremo, e que pôde exclamar ao morrer:

— Vi e gozei quanto há de bom no mundo!

O rei, segundo o seu costume, descurava os negócios do Esta- do pelas artes e pelas mulheres.

Posto que a bela Diana ocupasse o primeiro lugar no coração do monarca, ainda assim este não desprezava as aventuras menos ruidosas, mas nem por isso menos apreciáveis.

A chama que naquele momento ardia mais viva no coração do príncipe libertino era ateadada pelos belos olhos de uma bonita burguesa, a *Arnaudina*. que fazia andar à roda as cabeças de todos os caixeiros e de todos os escriturários de advogados da cidade.

A Arnaudina era a bela esposa de um ourives calvo e dos seus cinquenta anos, muito ciumento, mas não tanto que se atrevesse a contrariar os amores de Sua Majestade, apesar de ter conhecimentos deles. Naqueles ditosos tempos, um marido que se atrevesse a mostrar-se zeloso da sua cara metade, quando sobre esta caísse o benigno olhar do rei, tinha o seu quarto pronto e preparado na Bastilha, uma prisão donde era freqüente saírem os mortos, mas os vivos raras vezes.

Esta paixãozinha do rei não era ignorada por Diana, mas a condessa parecia-se nisso com todas as favoritas, que conservam o poder por muito tempo, e Diana, bem longe de fazer ao rei cenas de ciúmes, arranjava traças de lhe facilitar as entrevistas com o seu temporário ídolo. Deste modo a condessa conseguira ocupar junto do soberano quase a posição de uma esposa legítima e respeitada, à qual se pode enganar, mas à qual se torna sempre com dobrada

dedicação, e com o desejo de obter o perdão, desejo que acompanha a consciência das faltas cometidas.

Francisco patenteava nestas aventuras todo o seu gênio leviano, que o distinguiu em vida, e que foi grande motivo de vaidade para ele e de ruína para a nação.

No trono, onde só devia manifestar altos desígnios e uma atividade infatigável, não provara aquele príncipe senão um gênio envaidecido pelos costumes cavalheirescos e o desejo imoderado de dar que falar de si. Ao princípio procurava triunfar pelas vitórias, mas àquela sua vontade bem depressa lhe cortaram os vãos os generais de Carlos V.

Então, vencido, arruinado, não podendo impor à Europa os caprichos do seu orgulho, o rei entregara-se completamente às satisfações pessoais do seu gênio aventureiro. O amor e as justas ocupavam-lhe o tempo, que não lhe chegava para os negócios do Estado, e aquele príncipe, que não pudera cruzar a sua espada com a do imperador Carlos V — que era homem de bastante bom senso para não aceitar um duelo — andava à noite pelas ruas de Paris, correndo atrás das raparigas, e batendo-se com os ladrões, com os aventureiros, com os namorados, que era a única gente que, naqueles tempos de pouquíssima segurança, ousava andar pelas ruas depois do pôr do sol e do toque de apagar luzes.

É também justo dizer-se que numerosos casos sucedidos nestas correrias noturnas explicavam, se não justificavam, a mania do rei. Francisco era um verdadeiro gigante, e, mesmo fora do círculo adulator dos seus cortesãos, era considerado, com justo motivo, como o homem mais forte, mais valente e mais audaz do seu reino. Contavam-se dele casos extraordinários que indicavam que misto de loucura e de generosidade era aquele rei, que então presidia aos destinos da França.

Assim, por exemplo, uma noite tinha ele encontrado uma dessas desgraçadas raparigas, que os franceses daquele tempo chamavam *filies de joie*. Aquela desgraçada, que procurava quem lhe matasse a fome, tinha encontrado uns vadios, que queriam que ela fosse com eles, e, como ela se recusasse, espancaram-na brutalmente.

Francisco, apesar de ser só a bater-se com três bandidos bem armados e valentes, atirou-se a eles, atravessou um do peito às costas com a sua adaga de Milão, que Benvenuto Cellini em pessoa lhe

tinha temperado e cinzelado; matou o outro com um murro que lhe despedaçou o crânio, e entregou o terceiro à polícia, que, por verdadeiro milagre, estava próxima do lugar da luta.

Quando o preso soube com quem tinha sido a briga, e se lembrou de que no calor da luta tinha dado “alguns socos e vibrado algumas estocadas à sagrada pessoa de Sua Majestade, invejou a sorte dos seus dois companheiros mortos na luta, porque a tortura, o potro e o esquartejamento eram delícias que não faltavam a quem, mesmo sem o conhecer, tivesse posto mãos no rei. Mas Francisco tomou outra resolução: por autorização do monarca foi concedida a vida ao bandido, mas este teve de casar-se com a rapariga de costumes livres, à qual o rei dotou com grande liberalidade dispensando-lhe a sua real proteção.

Esta família, assim formada por um estranho acaso, teve sorte muito próspera. Vinte e cinco anos depois, as comadres do bairro da cidade, quando repetiam aquela história, apontavam umas às outras um belo mocetão, capitão de arcabuzeiros do rei, que era filho dos dois esposos tão extravagantemente casados. No capitão era frisantíssima a semelhança com Francisco I, o que concordava perfeitamente com o caráter c com as extravagâncias do rei cavaleiro.

Assim, o príncipe sozinho, modestamente vestido de sarja escura, por baixo da qual levava a forte armadura que o cobria completamente, dirigia-se uma noite para casa de Arnaudina. Esta, que fora prevenida da visita, pusera uma luz no peitoril da janela e estava esperando.

Era uma fresca e encantadora mulherzinha, com dois olhos de fogo e a boca sempre a sorrir, deixando ver duas filas de dentinhos preciosos.

O rei, que gostava de fazer madrigais, chamava àquela boca deliciosa o seu escrínio de pérolas.

A Arnaudina agradava ao rei principalmente pelo seu inalterável bom humor, pelas francas risadas que a cada instante ela soltava, e pela simplicidade das suas palavras e do seu amor.

Ela nunca lhe falava nos negócios do Estado; nunca lhe pedia nada, e mostrava-se zangada quando o rei, com a satisfação de um tio que comprou um brinquedo novo para a sobrinha, lhe oferecia um colar de pérolas, ou um preciosíssimo anel, ou mesmo os títulos de propriedade de umas terras. Assim, a esperta amante ia-se

tornando riquíssima, e isso sem dar lugar àquelas terríveis invejas, que causam muitas vezes a desgraça das favoritas.

A Arnaudina estava vestida o mais provocantemente que era possível. Tinha um vestidinho branco, apertado por um cinto de seda, que lhe fora dado pelo rei: das mangas saíam-lhe os braços brancos e roliços,^p o decote deixava ver os ombros e o peito, dignos de serem esculpidos em mármore. Raríssimas damas da corte teriam podido permitir-se uma “toilette” tão simples, e talvez que só Diana, a Juno do rei, pudesse arriscar-se, como a Arnaudina, a descurar todos os artifícios para embelezar a sua pessoa, já divinamente bela.

Na torre da igreja próxima deram as nove horas.

A rapariga, que esperava havia já um pedaço, estendeu graciosamente os braços, dando um pequeno bocejo e cruzando-os depois sobre a cabeça, com todos os modos de uma pessoa que está aborrecida.

Vista naquela atitude, teria feito pecar o próprio taumaturgo Santo Antônio.

— Quando tarda o meu senhor! — murmurou ela.

De repente a porta abriu-se, e então ela sorriu-se com ar de satisfação.

— És tu, meu belo senhor? — perguntou ela languidamente, c sem se voltar para a porta.

— Arnaudina, ouve-me! — respondeu uma voz breve e imperiosa, Ela voltou-se então num grande sobressalto.

Não fora Francisco que entrara por aquela porta. Uma figura de mulher, alta, majestosa, coberta com um negro véu, estava no limiar.

Arnaudina, toda assustada, curvou-se até ao chão.

— A senhora condessa! — murmurou ela a tremer.

E lançou em roda um olhar, procurando alguma roupa com que cobrir a sua meia nudez.

Diana viu aquele gesto e encolheu os ombros.

— Deixa-te estar, doida, — disse a condessa com um sorriso. — É bom que o rei te encontre assim à vontade; estás muito bonita assim, e na verdade o meu real amigo é homem de bom gosto!

A Arnaudina, ainda não refeita do susto, aproximou-se da condessa.

— Minha senhora, — balbuciou ela — bem sabe que eu nunca me atreveria. . . é por ordem da senhora que. . .

— E quem te diz o contrário? . . . Preciso eu de recordar o que se passou? Tu és filha de uma família de servos de meu pai; eu trouxe-te para Paris e arranjei-te um marido que excedia muito as tuas esperanças; depois fiz-te aproximar de Francisco, que, segundo as minhas previsões, se enamorou de ti. Tu, pela tua parte, tens sempre cumprido o nosso contrato. . .

— Oh, sim, minha senhora; juro-o. Nunca disse ao rei uma palavra sobre negócios do Estado. . . Não quero saber nada dessas cousas, e além disso. . .

— E além disso. . . tu amas o homem e não o rei. Querias dizer isto, não é verdade, rapariga?

— Sim, minha senhora; — respondeu Arnaudina, recobrando ânimo — e quando o aperto ao seio, parece-me que é um homem da minha condição e não o senhor das nossas vidas e dos nossos haveres.

— Bem, bem. . . Adivinhei completamente, quando dei aos caprichos de Francisco tão bela diversão. E nota, pequena, que o manter-se o nosso tratado é principalmente em teu interesse, porque eu sou diferente de ti; eu ocupo-me do soberano mais do que do homem, e no dia em que tu me servires de obstáculo. . . tenho a Inquisição às minhas ordens. . .

Arnaudina ergueu as mãos, suplicante. O terror tolhia-lhe a palavra.

— Portanto, obedece sempre, — continuou Diana — e lembra-te que eu tenho espias em toda a parte e que não me escaparia uma palavra tua, nem um gesto. . .

— Mandai-me, senhora; — disse a pobre rapariga, com as lágrimas nos olhos — mandai-me e eu obedecerei.

— Oh! as minhas ordens ser-te-ão agradáveis... Que esta noite Francisco fique contigo o mais tempo que for possível... que as tuas carícias o inebriem mais do que de costume. . .

— Assim farei, senhora.

— E se o rei por qualquer motivo. . . se sentisse cansado. . . aborrecido. . . com pouca vontade de continuar a divertir-se. . .

Diana tirou do bolso um pequeno frasco.

Naqueles tempos ainda não se tinha generalizado o uso dos venenos de corte: Catarina de Medicis ainda não pudera levar para a corte de França a terrível doutrina dos seus avós e dos Bórgias.

Contudo, a pobre mulher, à vista daquele frasco, não pôde reprimir um grito tão forte, que a condessa compreendeu quais fossem os seus terrores.

E pôs-se a rir, dizendo-lhe:

— Louca! A pessoa que em França tem mais interesse em que o rei Francisco viva, sou eu, entendes?. . . Que ele morra, e eu ou serei desterrada, ou metida num convento. . . Mas eu sou uma doida em estar a falar-te nestas cousas. O que este frasco contém é simplesmente um

bálsamo restaurador; deitá-lo-ás na água em que o rei há de lavar as mãos.

— E se o príncipe. . . não se sentir fraco?

— Deitarás lambem este perfume na água. Isto é uma prevenção para ter a certeza de que o rei, depois de te ter deixado, não irá procurar outros prazeres... Se se servir deste perfume, sem outra mistura, tenho a certeza de que não irá...

A Arnaudina, se não lhe faltasse a coragem, teria feito ainda outras objeções, mas o terror que lhe inspirava a condessa era tal, que não se atreveu a dizer nada.

Naquele memento ouviu-se na rua um assobio prolongado.

— É ele! — disse a rapariga cheia de inquietação. — É ele, minha senhora!

Diana encolheu os ombros.

— Aqui tens o frasco — disse ela rapidamente. — Lembra-te do que te disse... e se te esqueceres... ai de ti!

Ao ouvir estas palavras, a Arnaudina ergueu a cabeça; mas era demasiado tarde: a fantástica aparição sumira-se, exatamente como se tivesse surgido do inferno e para lá tivesse voltado sem demora.

Arnaudina ainda não recobrou o sangue frio quando entrou Francisco.

— Boa noite, minha querida — exclamou o monarca, imprimindo um beijo pouco paterno na espádua de Arnaudina. — Pela salvação da minha alma! nunca te vi tão bela!. . . Se te vissem assim todas as damas da corte, incluindo a orgulhosa Diana, de certo morreriam de inveja!. . .

— Senhor!. . . peço- vos. . . — murmurou a amante, juntando as mãos em atitude suplicante.

Francisco, que tratava de desapertar a couraça, repetiu a frase da Arnaudina:

— Senhor., peço-vos. . . — Tu dizes isso, Arnaudina? Oh! O que é que assim transformou a minha bela namorada! tu dantes não ousavas chamar-me *senhor*; eu era para ti simplesmente Francisco, o pobre e enamorado cavaleiro Francisco. . .

— E o mesmo sois sempre, meu senhor! — disse a mulher do ourives, que mesmo com o grande terror que a dominava, conseguiu recuperar a serenidade. — Mas quando penso na inveja que a minha fortuna deve causar. . . porque, apesar, da tua bondade para com a pobre Arnaudina, tu sempre és o rei de França. . .

— Ora, ao diabo o rei de França e a sua coroa! — exclamou alegremente Francisco, que nos atos oficiais usava o título de rei Cristianíssimo. — Repito-te: aqui não está senão um cavaleiro enamorado da sua Arnaudina, e pronto a sustentar de espada em punho a primazia de beleza da sua dama. Queria que aqui estivessem todas as damas da corte, para ouvirem proclamar que uma deliciosa burguesa as vence a todas em beleza e bondade. . .

— Mais baixo, Senhor, mais baixo! — disse Arnaudina.

Esta recomendação, repetidas duas vezes, acabou por causar espanto e suspeitas a Francisco.

— É já a segunda vez que me recomendas que fale baixo! — disse o monarca num tom áspero — Pode saber-se a razão disso?

— Mas. . . é que pode ouvir-nos alguém...

— Pela salvação da minha alma! — exclamou o rei, batendo um murro sobre um móvel, que se partiu com a violência da pancada. — E quem poderia ouvir-nos? Talvez o duque de Montmorency, meu ministro; talvez a rainha, minha esposa, ou Diana, a minha favorita; eu considerá-los ia bem atrevidos se se lembrassem de vir importunar-me nos meus gozos. . . Que venha alguém incomodar-nos, e juro-te que na praça de Greve se erguerá um patíbulo. . .

A Arnaudina contemplou com uma ternura misturada de orgulho aquele homem, o mais belo, o mais valoroso, o mais poderoso

do reino. O rei franzira o sobrolho, e o olhar fulgurava-lhe. Francisco era verdadeiramente belo naqueles acessos de cólera, e o seu artista favorito, o grande Benvenuto Cellini tê-lo-ia de bom grado aproveitado para modelo de uma estátua de Júpiter tonante.

— Perdoai-me, meu belo senhor. . . — disse a Arnaudina, que já não sabia onde estava. — Queria eu dizer que poderíamos perturbar o sono. . .

— De teu marido!. . . — interrompeu Francisco, com uma risada tão estridente que ressoou pela rua fora.

Com efeito, a idéia de que mestre Nicolau Arnaude, o ourives, pudesse aparecer com o clássico barrete de dormir a perturbar os passatempos do rei de França tinha tanto de inverossímil e burlesco, que a Arnaudina sentiu também vontade de rir e fez coro com o seu real amante.

— Assim é que eu te quero! — disse o monarca apertando-a nos braços. — Quando ris, vejo os teus brancos dentinhos, verdadeiro escrínio de pérolas; o teu seio arfa, os teus ombros de marfim sacodem-se em frêmitos deliciosos. . . Minha querida, como és bela! e como o cavaleiro Francisco se sente mais ditoso do que o rei de França e do que todos os soberanos do mundo!

A Arnaudina, com o seio a arfar, os olhos úmidos, correspondia com ardor às carícias do soberano. Como ela dissera a Diana, a Arnaudina amava o homem e não o rei, e nos braços dele esquecia de bom grado a sua condição de favorita subalterna, instrumento dos cálculos de Diana, e sempre sob o peso das suas mais terríveis vinganças.

Bem depressa deixaram de ouvir-se as palavras, não se sentindo senão os suspiros. . .

— Delicioso perfume é este, minha bela; — disse o soberano, lavando as mãos na água em que Arnaudina despejara o frasco que lhe dara a condessa — dir-se-ia que as mais perfumadas flores que desabrocham sob o céu da Itália, prestaram o seu delicioso aroma a esta água. Quem te fornece tão precioso perfume?

Arnaudina fez-se vermelha até à raiz dos cabelos.

— Um estrangeiro. . . um freguês de meu marido. . . ofereceu-mo ... de presente. . .

— E tu guardaste-o para eu lavar as mãos com ele! — disse o príncipe rindo, rindo. — Uma maravilha de cortesia, na verdade; mas esqueceste-te de um risco. . . Não se pode oferecer nada ao rei sem primeiro o ter experimentado, bem o sabes... E se esta perfumaria estivesse envenenada ?

Arnaudina empalideceu, e sem considerar a falta de respeito que tal ato importava, tomou nas mãos um pouco daquela água e levou-a convulsivamente às faces.

Francisco ria a bandeiras despregadas.

— E ela não tomou isto a sério? exclamou ele alegremente. — Se o perfume está envenenado, morreremos juntos, minha bela... Estou a ter pena de que não seja um verdadeiro veneno, tão doce me seria morrer nos teus deliciosos braços!

No entanto a mulher do ourives experimentava os efeitos daquela água deliciosa. Sentia invadi-la até o cérebro uma espécie de vapor sutil, sentia-se alegre, vivaz, disposta para rir e brincar. Também em Francisco a água produzia os mesmos efeitos de bem estar e de alegria.

Os dois amantes despediram-se com dobradas manifestações de ternura; e Francisco, segundo o seu costume, completamente armado e com a espada debaixo do braço, saiu cantarolando.

— Ora, vamos! — disse a Arnaudina. — Eu era bem tola em i.atribuir à minha senhora sabe Deus que negros planos. Este perfume é digno de um grande rei, e nunca me senti tão bem como desde que banhei a cara com ele.

Mas de repente, e como que para provar-lhe o seu engano, as pernas fraquearam-lhe e dobraram-se-lhe.

— Meu Deus! — murmurou ela — que é isto? E caiu desamparadamente sobre o sofá.

A pobre fez esforços sobre-humanos para se levantar, e para gritar; tudo foi inútil; um letargo invencível lhe fez fechar os olhos, apagando-lhe o pensamento, e ela ficou assim, semi-nua como estava, imóvel e gelada. À primeira vista dir-se-ia que estava morta.

A lâmpada perfumada, que alumia a sala, deu um último lampejo e apagou-se.

CAPITULO XVI

A MORTE DE UM SOBERANO

No Louvre, desde as sete horas da manhã que a consternação era geral. Os criados e os oficiais atravessavam, como sombras mudas e consternadas, as salas do palácio. Reinava em todo o edifício uma atmosfera de dor e de luto; e sentia-se que a morte entrara na morada dos reis, e que não escolhera uma vítima vulgar.

De feito, quem jazia exânime no seu leito de grandes cortinados de veludo vermelho, recamados das augustas flores de lis, não era senão Francisco I de Valois, rei de França e de Navarra.

A notícia espalhara-se com rapidez do raio pela corte e pela cidade. O fato da morte do rei apresentava-se tanto mais grave quanto desde a véspera ninguém dava notícias do duque de Montmorency, grande condestável do reino, que, como comandante em chefe das forças militares de Paris e da França, tinha a seu cargo a missão importante da manutenção da ordem pública.

Contudo, naqueles tempos de fé robusta, não se corria perigo algum. De resto, o príncipe Henrique, a quem uma morte tão inesperada fizera rei, tomara imediatamente as rédeas do governo com um vigor extraordinário, e com uma prudência que ninguém esperava daquele galucho de dezoito anos.

Como sucedera aquilo? Como se dera o fato?

O oficial que velava à porta do aposento real, interrogado pelo cardeal d'Osset e pelo grande preboste Tannaguy-Duchâtel, contara que ao romper do dia ouvira partir do quarto como que um grito abafado.

Cheio de inquietação, batera à porta, sem que de dentro lhe respondessem, e depois, cheio de terror, correria em procura do duque de Guise, primeiro fidalgo da câmara, e entrara com ele no quarto do rei.

Francisco estava estendido sobre o leito. Pela posição do corpo conhecia-se que ele, surpreendido de improviso por uma grande aflição, se erguera para saltar da cama, mas vencido pelo ataque fulminante caíra outra vez sobre o leito, e ali ficara sem movimento e sem vida.

Ambrósio Pare, o primeiro médico daquele tempo, fora chamado para ver o monarca e pousara a sua doura mão sobre o coração de Francisco, mas aquele coração já não pulsava. Tinham-lhe feito passar por diante dos lábios a luz de uma vela, e esta não tremulara; aproximaram-lhe um espelho da boca, sem que o límpido cristal de Veneza ficasse embaciado.

De tal modo que o capitão das guardas do rei, depois de ter recebido as ordens do seu novo amo, — pois que Henrique era maior e por isso tomava imediatamente posse do trono — anunciou em voz alta de cima da escada principal do palácio:

— O rei Francisco I é morto; viva o rei Henrique II!

— Viva o rei! — gritaram os raros cortesãos que àquela hora tão matinal se achavam nas antecâmaras.

Um momento depois, um fidalgo de cabelos brancos e de elevada estatura entrava pelo grande

portão do Louvre, e dirigia-se para os aposentos reais.

— Aonde ides, senhor? — lhe perguntou um oficial, em tom de respeitosa deferência, pois que as condecorações que cobriam o peito do estranho visitante indicavam com certeza um personagem de elevada categoria.

— Falar ao rei, como é do meu direito, — respondeu o outro, sem se deter.

— A qual rei, senhor? — insistiu o oficial num tom de grande firmeza.

— Como a qual rei? eu não conheço senão um, o meu senhor Francisco I.

— O rei Francisco I é morto, senhor, e já se proclamou sucessor seu filho.

Beaumanoir, que os leitores decerto já reconheceram, ficou como que fulminado.

— Morto! — exclamou — o rei Francisco é morto!

— Morto! — repetiu uma voz cheia de espanto ao fundo da escadaria.

E o duque de Montmorency, lívido, agitado, tendo impressos na fisionomia os sinais dos sofrimentos passados, apresentou-se também na sala.

Beaumanoir e o condestável mediram-se com um olhar em que se revelava o ódio que um sentia pelo outro.

Mas naquele momento uma preocupação mais grave sobreleva-va àquele ódio. Era o pensamento do importantíssimo acontecimento que se dera.

— Repito-vos, senhor, — disse o oficial, inclinando-se diante de Montmorency, seu chefe supremo — que esta grande desgraça nos feriu inesperadamente esta manhã. Sua Majestade ainda está estendido no seu leito de morte; tende a bondade de ir ver.

O condestável, em presença do qual desapareciam todas as autoridades secundárias, encaminhou-se para os aposentos reais; o marquês de Beaumanoir seguiu-o, cambaleando como um homem embriagado.

Montmorency ficou-se imóvel diante daquele leito mortuário.

A majestade da morte imprimira na fisionomia de Francisco I uma serenidade, que as suas paixões versáteis poucas vezes lhe tinham consentido em vida. O velho guerreiro, que pouco antes, numa situação mais horrível do que a morte tivera ensejo de fazer as suas reflexões e de sentir abrandar-se-lhe um pouco o coração de pedra, descobriu-se diante do cadáver do rei, pôs um joelho em terra e murmurou uma oração.

Quanto a Beaumanoir, o espetáculo do seu companheiro de armas, assim colhido pela morte quando mais lhe sorria a vida, fez-lhe esquecer a ingratidão, a doblez, a vileza com que o rei procedera para com ele. Uma das mãos de Francisco, uma branca mão aristocrática, pendia enregelada fora do leito; o marquês pegou naquela mão fria, beijou-a com transporte e rompeu em soluços.

Os camaristas, que rodeavam o leito de Francisco I, respeitavam e admiravam aquela dor, cuja sinceridade ninguém podia pôr em dúvida.

Mas Montmorency quebrou de repente o patético daquela cerimônia.

— Senhores, — disse ele, erguendo-se — enquanto não vierem ordens em contrário da parte de el-Rei nosso senhor, o comando supremo de todas as forças do reino pertence-me. Que me tragam as chaves dos castelos reais, dos arsenais e do Tesouro.

Partiram alguns mensageiros a toda a pressa para comunicarem as ordens daquele que, morto Francisco, reassumia a si todos os poderes militares, quer dizer a onipotência, num estado feudal e militar, como então era a França.

— E quanto a vós, marquês de Beaumanoir... — prosseguiu em tom ameaçador o grande condestável.

Mas de repente deteve-se. Por mais que procurasse com a vista em toda a volta da ampla sala, não descobriu sinais do seu odiado rival.

Beaumanoir desaparecera.

— Teve medo... — disse por entre os dentes o condestável. — E não andou mal; se se demorasse, esperava-o a Bastilha!

Se o duque de Montmorency se encontrava no Louvre tão a propósito para assumir de certo modo a herança política e militar do defunto rei, devia-se isso à fortuna insolente, que parecia que acompanhava o bom padre Lefèvre em todas as suas empresas.

Um noviço, que se dirigia aos aposentos do reverendo para o consultar sobre um caso delicado de consciência, descobrira o bom padre preso no *armário de penitência*, com a mordaza na boca. O noviço, acostumado à fórmula do *perinde ac cadáver*, teria deixado estalar de desespero qualquer outro padre da Companhia, para se não intrometer numa ordem, que ele devia supor que emanava dos seus superiores.

Mas, como se tratava do *magister socius*, do terrível companheiro, que, pelos estatutos da Companhia, devia estar dia e noite ao lado do fundador, Inácio de Loiola, o noviço não hesitara: aproximara-se do armário de penitência, abriu-o, e dera assim a liberdade ao *socius*, que estava quase asfixiado.

O discípulo do jesuíta levava a discreção, ou, se assim o querem, a observância das regras da sua Ordem, até ao ponto de não fazer ao seu superior a mais pequena pergunta acerca das causas que o tinham levado àquele extremo duro e ao mesmo tempo ridículo.

O noviço, dentro de breve tempo, pois apenas se passaram alguns meses, teve a prova de que andara bem. Apenas se ordenou, achou-se dum momento para o outro pároco de Saint-Germain-1'Auxerrois, a freguesia mais rendosa de Paris; volvido um ano foi eleito bispo de Senlis, e no decurso de poucos anos chegou a cardeal.

A proteção oculta, onipotente, da Companhia de Jesus caíra sobre ele e supria-lhe os merecimentos, a piedade e o estudo. Era esse, de resto, o costume da benemérita Companhia, que nunca abandonava quem a servia ou a tinha servido de um ou outro modo. . . a menos que esse alguém se não tornasse perigoso para ela pela sua autoridade ou engenho.

Lefèvre, vendo-se livre, não perdeu tempo em agradecimentos; nem sequer descansou um pouco, como faria outro qualquer no lugar dele. No que acabava de suceder-lhe havia um ponto misterioso, e era portanto necessário que ele conseguisse descobrir aquele mistério.

Descobrir por onde os seus inimigos tinham penetrado ali não era empresa difícil.

A estante, que encobria a comunicação com o subterrâneo, lá estava ainda no chão; nem os fugitivos tinham sequer pensado em tornar a pô-lo no seu lugar.

O jesuíta, acompanhado pelo noviço, penetrou no escuro subterrâneo, donde tinham surgido, como demônios do inferno, os libertadores de Tancredo.

Munido de archote, o padre Lefèvre rasteou facilmente no pavimento úmido do subterrâneo a piugada dos três fugitivos. Assim chegou passo a passo até às prisões subterrâneas, donde saíam, como o rugido de um animal feroz os gritos desesperados de Montmorency.

Quando o jesuíta entrou no cárcere, cuja porta ficara semi-cerrada, o grande condestável, que ali estava amarrado, julgou ver nele o anjo que, segundo o Evangelho, desceu à prisão de Paulo, o Apóstolo, e lhe partiu as cadeias.

As explicações foram breves: ao jesuíta bastaram-lhe duas palavras para saber a maior parte do que sucedera, e para adivinhar o resto. Por outro lado, não havia tempo a perder.

Com a ajuda do noviço, e servindo-se dos instrumentos que Domingos deixara abandonados no chão, desprenderam do muro as cadeias que prendiam o senhor de Montmorency; depois, arrastando o seu lúgubre fardo, o duque entrou no convento dos jesuítas, onde Lefèvre, que sabia todos os ofícios, bem depressa conseguiu desembaraçá-lo daquele peso.

Deste modo, o grande condestável pôde achar-se presente no momento em que Beaumanoir ouvia anunciar a morte do rei; e estar à frente do exército, em tão grave conjuntura, um homem tão dedicado à Companhia não era cousa de pouca monta para os jesuítas. Quanto a Beaumanoir, que fugira como um louco dos aposentos do rei, encontrou a sair do Louvre o médico ilustre, Ambrósio Pare.

— Ah! mestre — disse o marquês, que por comunhão de sentimentos e de fé religiosa era amicíssimo de Pare, um dos mais firmes sustentáculos do protestantismo, — ah! mestre, que grande desgraça!

— Que grande desgraça, com efeito! — respondeu gravemente Ambrósio. — Ele tinha defeitos, mas era um verdadeiro rei, e o cetro nunca passaria para as mãos dos jesuítas... ao passo que o filho, tão sujeito aos padres, . .

— E dele, do meu amigo, não me resta nada, — continuou Beaumanoir — senão este lenço.

E mostrou ao médico um lenço que tirara das mãos do rei morto.

Ambrósio, conquanto distraído e absorto, foi vivamente impressionado por um perfume particular e ativo, que se exalava daquele lenço.

— Meu Deus!. . . — exclamou ele—e dizeis que este lenço o tiraste das mãos do rei?

— Das mãos, sim...

— Vinde, vinde comigo, marquês! — exclamou o médico, arrastando o marquês à força. — Provavelmente estamos no rasto de um grande crime. . .

Beaumanoir seguia-o sem compreender bem o que ele queria dizer.

— É um caso gravíssimo, repito! — dizia o médico, a quem a ansiedade de chegar prestava um passo rápido, que já não era próprio de sua idade. — Imaginai que esta manhã, antes de ser chamado ao Louvre, fui ver certa minha vizinha, ainda nova, que também morreu de repente a noite passada. . .

— Como Francisco! — murmurou o marquês, estremecendo.

— No quarto, — continuou o médico — sentia-se um perfume muito ativo, perfeitamente igual ao que tem este lenço. . .

Pare apertou convulsivamente o braço do amigo.

— E sabeis vós quem é a mulher que morreu precisamente da mesma morte que o rei?

O marquês olhou-o cheio de ansiedade.

— Era a bela Arnaudina, a amante do rei... e Francisco tinha estado com ela a noite passada!

Beaumanoir deu um grito.

— Quem quer que seja, deu um duplo golpe — acrescentou o médico por entre os dentes. — O rei e a favorita. . . aqui anda ciúme.. . a não ser que o príncipe Henrique. . .

E, assim falando, tinham chegado ao laboratório do mestre Ambrósio Pare, vasto edifício que os empregados de polícia tinham sempre respeitado, apesar das doutrinas heréticas do seu proprietário.

Ambrósio Pare era um grande médico, e os reis e as rainhas preferiam ser curados e salvos por um douto herético, a morrerem às mãos de um ignorante católico.

Pare tirou do bolso uma chave monumental, e, aberta a porta, entrou em casa, seguido sempre pelo triste e pensativo Beaumanoir.

Ao entrar naquele escuro pátio, Beaumanoir não pôde reprimir um ligeiro estremecimento, ao lembrar-se das suspeitas que o ilustre médico dera a perceber sobre a morte do monarca.

Agitavam-no os mais descontraídos sentimentos, ao entrar naquele laboratório, onde o grande médico e químico ia procurar desvendar o mistério da morte de Francisco I.

CAPÍTULO XVII

A RESSURREIÇÃO DOS MORTOS

O lugar em que o ilustre médico introduziu o seu companheiro, era uma ampla sala que recebia a luz por uma grande clarabóia envidraçada. Assim, a luz não entrava pelas janelas laterais, mas caía do alto, sempre igual, suave e branda.

Era perfeitamente o lugar que convinha para laboratório de um homem de ciência, que precisava de ver e observar.

Nenhum ruído exterior chegava até ali, àquele lugar isolado, e colocado na parte mais alta da casa, toda ela deserta: nenhum olhar indiscreto podia examinar os segredos do médico, segredos todos referentes ao bem da humanidade que sofre, mas que, apesar disso, se fossem descobertos, seriam terríveis para muitas pessoas.

. A biblioteca do ilustre homem de ciência compunha-se de alguns livros impressos, de muitos manuscritos em pergaminho, cobertos de caracteres latinos, gregos e hebraicos — pois que Pare era um douto orientalista, e devia grande parte das suas curas mais maravilhosas ao seu conhecimento das ciências asiáticas.

Uma grande quantidade de frascos e retortas revelavam em Pare o precursor dos médicos modernos, que davam à química uma grande parte da sua ciência.

Ao fundo da sala havia uma grande alcova que escondia um leito. O marquês estremeceu ao olhar para aquele sítio, porque imaginou que por trás daqueles cortinados, e estendidos sobre uma banca anatômica, eram espartilhados os corpos humanos, em cujas entranhas palpitantes o grande médico procurava o mistério da vida e da morte.

— Assentai-vos, amigo; — disse Ambrósio Pare — em duas palavras ponho-vos ao fato de tudo.

O marquês sentou-se, e a sua fisionomia exprimiu toda a ansiedade que lhe inspiravam aqueles preliminares.

— Esta manhã, — continuou o médico — estava eu a ler num dos meus mestres favoritos uma passagem relativa aos envenena-

mentos, quando ouvi baterem-me furiosamente à porta. Mandei abrir, e precipitou-se por aí a dentro, chorando como uma criança, o ourives mestre Nicolau, marido da bela Arnaudina, que todos sabiam que era a favorita do rei. Contou-me ele que um momento antes, tendo entrado no quarto de sua mulher, para lhe dar o beijo matutino, a tinha encontrado fria e inteiriçada. O pobre homem vinha-me suplicar que lhe acudisse, porque lhe parecia que ainda podia haver alguma esperança. Eu, levado pelo desejo de descobrir algum segredo para a ciência, corri imediatamente à casa dele.

— E era verdade?

— Era: a Arnaudina, apesar de todos os meus esforços e tentativas, não podia ser chamada à vida. O desespero do pobre homem era profundíssimo; eu não sabia a que causa atribuir uma morte tão rápida e imprevista, quando senti o estranho perfume que há pouco me deixou admirado ao ver esse lenço. Mandei então que se retirassem todos, e comecei um exame muito minucioso. Aquele perfume sentia-se em toda a parte, mas não levou muito tempo que eu não descobrisse que ele provinha principalmente de duas origens, uma das quais era a bacia em que

alguém se tinha lavado, e que ainda tinha alguma água.

— E a outra? — perguntou Beaumanoir, profundamente interessado no que ouvia.

— A outra? . . . era este frasco, que ainda tem uma gota daquele líquido misterioso... Olhai, mas não vos aproximeis muito; as exalações deste líquido decerto são mortais.

— E não procurastes descobrir. . .

— Procurei: mas quando eu me ocupava disso, vieram do Palácio chamar-me, dizendo que o rei tinha morrido. . . Corri imediatamente, e vi o que já sabeis. Agora, que estou aqui, não descanso enquanto não tiver descoberto este terrível mistério.

Assim falando, Pare abriu um pequeno armário, tirou alguns frascos para fora, e arregaçou as mangas até ao cotovelo. Despejou os ácidos contidos em alguns daqueles frascos numa lâmina de ouro, e em seguida despejou-lhe em cima, com infinita precaução, a gota do líquido que ficara no frasco de Diana.

— É singular — disse o médico, depois de ter examinado atentamente os efeitos daquela mistura. — Não se produz coloração. . . nada. . . Então não se trata de um corrosivo, cujos vestígios seriam

evidentes. Além disso, o corpo do rei e o da sua favorita não tinham o mais pequeno sinal de um veneno corrosivo. . .

O médico ficou um instante pensativo, com a cabeça apoiada nas mãos, esquecendo-se naquela sua preocupação da presença de Beaumanoir.

— Sim, sim; — disse ele ao cabo de certo tempo — não pode ser outra cousa. Trata-se de um violento narcótico, que, tomado em grande quantidade, produz a morte. Mas como foi possível propinar ao rei uma quantidade tamanha de veneno? . . . e se foi a Arnaudina que lho propinou, como é que também ela morreu? . . . Além disso, a quantidade que este frasco levava não era grande. . . e a água que tinha este perfume. . . Ó ciência, dá-me um guia neste labirinto de trevas!
. . .

Assim dizendo, o seu olhar, que errava pelo gabinete, pousou-se por acaso sobre os grandes cortinados que encobriam o leito.

— Ah!. . . — exclamou ele em tom de triunfo. — Ah! a ciência responde ao meu apelo!. . . Não posso procurar no cadáver sagrado do rei as causas que lho produziram a morte; mas este outro corpo pertence-me, e eu rebuscarei nas suas vísceras para descobrir o mistério.

Dizendo isto, ergueu-se e abriu as cortinas do leito.

Beaumanoir soltou um grito de espanto e de horror.

A Arnaudina, vestida daquele modo que tão perto estava da nudez, jazia sobre o leito, como adormecida. Tinha os braços cruzados sobre o peito; a brancura deslumbrante do seio e dos ombros dava àquela morta um atrativo tremendo. As faces tinham a serenidade do sono, e não a rigidez imóvel que é quase sempre o resultado da morte.

— Jesus!. . . que bela criatura!. . . — murmurou o marquês, juntando as mãos.

— Era também essa a opinião do rei Francisco... — disse Ambrósio Pare, que, quando estava absorto nas suas preocupações de ciência, não respeitava ninguém. — E apesar disso, este belíssimo corpo será dentro em breve desfeito pela podridão; sobre estes lábios, que nem a morte pôde descolorir, hão de correr os vermes, os repelentes habitantes do sepulcro. Mas antes que isso aconteça. . .

E o médico pegou num escalpelo.

— Meu Deus! — disse o marquês horrorizado. — Isso é uma profanação.

Beaumanoir era talvez o espírito mais independente de toda a nobreza do seu tempo; mas não adiantava decerto à sua época, e a idéia dos estudos anatómicos, feitos sobre os corpos dos mortos, parecia-lhe um dos delitos mais horríveis contra a religião.

Haviam de volver-se ainda muitos anos antes que a anatomia, apoiada nas descobertas e no martírio do grande André Vesálio, entrasse nas escolas de medicina. Naquele tempo, apenas era exercida em segredo e quase como um crime, às ocultas, nos estudos das mais eminentes e audazes personalidades médicas.

Mas Pare era o primeiro desses audazes, e ao grito de Beaumanoir respondeu:

— Profanação chamais vós a empregar a matéria inerte para salvar as criaturas de Deus ?! Não sabeis que os mistérios que eu descobro no cadáver de um doente me dão os meios de curar os vivos, que tenham a mesma moléstia de que morreu aquele desgraçado? Vamos, Beaumanoir, sede mais homem! Este corpo, privado da vida que o animava, não é senão uma pouca de terra, e a esta terra é que eu obrigo a desvendar-me o segredo da morte do nosso rei, e juro-vos que mo dirá. . .

Dizendo isto, o médico descobriu o peito da pobre rapariga, tão branco e puro que parecia de mármore, e ergueu o escalpelo. . .

Mas no mesmo instante soltou um grito abafado, tornou-se extremamente pálido, e estremeceu violentamente, deixando cair inerte a mão em que tinha o escalpelo, sem ter tocado no cadáver.

— Que foi, mestre? — exclamou Beaumanoir, admirado da mudança que notava na fisionomia do ilustre médico.

— Um estremecimento. . . um tremor... — balbuciou Pare — Talvez um resto de vida, que ainda existe neste corpo... E eu — disse ele estremecendo, — que estive quase a retalhar a carne de uma pessoa viva!

— Viva! — exclamou Beaumanoir. — Mas as aparências de morte são as mesmas. . . que as do rei... E se isso fosse verdade. . .

Ambrósio já não lhe prestava atenção. Dentre os inúmeros frascos, que tinha no seu laboratório, escolhera um violento repulsivo, e aproximara-o do nariz da Arnaudina. A morta teve um estremecimento por todo o corpo.

— Viva! — exclamou Ambrósio Pare, quase louco de alegria. — Bendita seja a minha curiosidade. . . foi ela que me fez salvar esta infeliz de uma morte horrível... e quem sabe se também Francisco...

Entretanto, na favorita do rei eram cada vez mais acentuados os sinais de volta à vida. Primeiro, moveu um braço, depois a cabeça e por fim abriu os olhos:

Voltaram-lhe os sentidos, a princípio escuros e confusos, mas depois muito nítidos.

Ergueu-se e sentou-se na cama, e, vendo aqueles dois homens desconhecidos, soltou um grito de terror.

— Não temais nada, minha filha — disse Ambrósio Pare, com aquela autoridade persuasiva, que constituiu para os médicos uma grande parte do seu êxito. — Eu sou mestre Ambrósio Pare, médico de Sua Majestade e é precisamente por sua ordem que eu devo tratar-vos da estranha doença, que vos acometeu.

— O rei! disse a Arnaudina, juntando as mãos — então o rei está salvo?

— Repito-vos que é por sua ordem que aqui estou.

A rapariga ergueu os olhos ao céu, e a expressão de inefável gratidão que se lhe desenhava na fisionomia, bastaria para tirar a Pare toda a dúvida que este pudesse ter sobre a inocência da pobre rapariga, se porventura ainda lhe restasse alguma.

— Mas, minha filha, — continuou o médico, depois de ter com um olhar recomendado ao marquês que o auxiliasse — o rei teve urna indisposição semelhante à que vos acometeu. E como nos parece que estamos no rastro de um crime, desejamos que nos digais tudo o que se passou.

A rapariga fez-se muito pálida.

— Hesitais! — disse o médico carregando o sobrecenho, e assumindo um ar grave e carrancudo. — Então é porque tendes a acusar-vos de algumas cousa!. . . A vossa confissão é daquelas que precisam da clemência dos reis para evitar ao réu confesso a força ou o suplício!. . .

A Arnaudina rompeu num pranto desfeito. — Oh! meu Deus! — exclamou ela — eu ser culpada em tudo isto!. . . Eu, que por causa disto estive quase a morrer!. . .

Se me mandassem à tortura não me custaria tanto o suplício como o horror que causaria ao meu belo senhor.

— E então, se não tendes nada de que vos acusar, porque vos recusais a falar?

— Porque se trata de pessoas poderosas, terríveis... e fizeram-me jurar...

— Nenhum juramento é válido, quando se trata de um crime—disse severamente o médico. — Se receais confiar o segredo da confissão, falai com segurança; eu sou bem conhecido pelo meu caráter, e aqui o marquês de Beaumanoir promete não revelar a ninguém o que ouvir dos vossos lábios.

— Juro-o pela minha fé de cavaleiro!. . . — disse o velho fidalgo, estendendo a mão.

A Arnaudina encarou aqueles dois anciãos, e leu naquelas nobres fisionomias tanta nobreza d'alma que não hesitou um momento.

A sua explicação foi completa. Narrou como Diana em pessoa a tinha arremessado aos braços do rei; corno por ordem da condessa ela tinha deitado aquele perfume, que considerava inofensivo, na água em que Francisco lavara as mãos, e como por tê-lo também ela aspirado caíra num torpor, de que só despertara um momento antes.

A estas palavras os dois homens ergueram-se como impelidos pelo mesmo pensamento.

— Ouvistes, Beaumanoir? — exclamou Ambrósio Pare. — Trata-se de um narcótico.

— Que adormece, não mata. . .

— Trata-se de alguma horrível maquinação. Corramos ao Louvre, que talvez ainda cheguemos a tempo.

Beaumanoir preparou-se para sair.

— E agora, minha filha — disse afetuosamente o grande médico — espera-nos aqui sossegada. Se formos bem sucedidos na nossa empresa, não haverá em França nenhuma dama, por mais nobre que seja, que não inveje a tua sorte.

Assim dizendo, saíram apressadamente, deixando a Arnaudina aturdida, e perguntando a si própria se tudo o que lhe tinha sucedido era real, ou se não era antes um sonho horrível e funesto. . .

Um instante depois de terem saído Pare e Beaumanoir, abriu-se a porta.

Entrou um homem dos seus cinqüenta anos, de aparência honesta e ar bondoso, vestindo uma daquelas compridas túnicas de pano preto, que os médicos costumavam usar nos laboratórios.

Trazia na mão um tabuleiro com uma chávena de caldo fumegante, que exalava o cheiro mais apetitoso do mundo.

— O meu mestre Ambrósio Pare — disse ele à pobre rapariga — deu-me ordem para vos preparar este caldo. Eu não sou tão bom médico como ele, mas em preparar um bom caldo... eh!

eh! . . . posso dar-lhe boas lições. . .

E iluminou-se-lhe a fisionomia por um sorriso de ingênua vaidade.

A rapariga, posto que tranqüilizada com aqueles modos, lançou para a chávena um olhar tão cheio de terror, que o ajudante de Ambrósio Pare compreendeu-o.

Apesar disso, fez-se desentendido e disse:

— Dai-me licença de provar, a ver se está bom de sal... Isso é o principal: um caldo muito salgado ou muito insosso. mesmo feito por este vosso criado Inocência, é sempre um mau caldo. . . Está excelente... — disse ele, depois de ter provado duas colheres. — Ainda há coisas boas neste mundo! . . .

A Arnaudina tinha vinte anos, e um estômago imperioso. O fato de o médico ter bebido primeiro uma parte do caldo tirou-lhe todas as desconfianças. Pegou na chávena, volvendo um olhar entre duvidoso e sunlirante ao homem que lhe apresentava, olhar que desarmaria um tigre, e bebeu com manifesto prazer aquele líquido confortante e quente.

De repente, empalideceu; soltou um grito abafado: deixou escapar das mãos a chávena, que se partiu no chão em mil bocados, e caiu desmaiada na cama. Um rápido estremecimento, uma espuma sangüínea aos cantos da boca, e tudo estava acabado.

Então desapareceu o sorriso do ingênuo ajudante de Pare, e apareceu a fisionomia sinistra e o sorriso infernal do reverendo padre Lefèvre.

Fora ele que, com uma destreza verdadeiramente infernal, conseguira deitar no caldo o pó mortal, depois de ter bebido um pouco para tirar a desconfiança à sua vítima! . . .

Lefèvre curvou-se sobre Arnaudina, e pôs-lhe a mão sobre o coração para se certificar de que este já não pulsava.

— Desta vez foi a valer — murmurou ele. — Aquele imbecil de Pare já não chegará a tempo; esta testemunha, que era a mais importante, desapareceu, e os dois compadres, se se saírem bem da empresa de salvar Francisco, passarão por mentirosos e caluniadores... Não correu mal a cousa... É uma pena, porque era uma belíssima criatura, e o capricho do rei ainda havia de durar um pouco.

Em seguida, após curta reflexão:

— Mas estamos em má situação, e o horizonte apresenta-se carregado. . . É melhor não me fiar em mim; este caso é grave o mais possível, e é melhor consultar o nosso fundador e mestre, o santo Inácio de Loiola!

E aquele corvo, que trazia consigo a morte, partiu, não lançando sequer um olhar para a infeliz criatura, que, por obra dele, jazia sem vida sobre o leito.

CAPÍTULO XVIII

UM JAVALI NA REDE

— Pelo ventre do papa! . . . senhores, é preciso acabar com esta ignóbil comédia! . . . Juro por S. Dionísio, meu patrono, que vos farei enforcar desde o primeiro até ao último, traidores infiéis!

E um homem semi-nu, com a fisionomia transtornada pelo furor e por um princípio de loucura, precipitou-se no refeitório, onde cinco frades estavam tomando uma ligeira refeição.

Os servos de Deus, à vista daquele furioso, que assim entrara inesperadamente no refeitório, levantaram-se de um salto, e cada um pegou na faca ou no garfo que tinha mais perto. Escondendo-se por trás das altas e pesadas cadeiras que então se usavam, tinham assim tomado uma posição fortificada, que ainda assim de pouco lhes serviria se o nosso louco tentasse assaltá-la.

Mas de repente entraram na sala quatro vigorosos montanhesees da Biscaia, que não sabiam uma palavra de francês, e que por isso obedeciam cegamente ao mais pequeno sinal dos bons padres. Apesar da resistência desesperada do louco, apesar de ele ter derrubado dois homens, o padre semi-nu foi agarrado, reduzido à imobilidade e sólidamente amarrado.

Os gritos que soltava chegavam aos astros; mas os padres não se incomodavam com isso, porque o barulho perdia-se pela imensidade do edifício do convento, que de mais a mais estava edificado num parque de grandíssima extensão.

Depois de amarrado o homem, levaram-no em braços para a sua cela, que ficava muito próxima do refeitório. Aí colocaram-no sobre uma espécie de pequena cama de campo, e retiraram-se, depois de se certificarem bem de que o doido não podia fazer alguma das suas.

Quando aquele homem se viu só, sem a presença dos seus algozes, que, excitando-lhe o orgulho, o obrigavam a mostrar certa coragem, então o seu furor diminuiu. Sentiu-se fraco, só, sem forças para lutar contra os seus assassinos; conheceu toda a imensidade da sua desventura, e chorou.

Era um homem de estatura elevada e de aspecto nobre.

Apesar dos maus tratos, apesar das cordas que o ligavam, apesar dos andrajos que o cobriam, reconheciam-se nele todos os indícios de um personagem costumado a dominar os outros.

Entrou o superior do convento; era um frade de fisionomia inteligente e de frente escampada, com um olhar perscrutador e profundo. Pegou numa cadeira, e foi sentar-se ao pé da cama do pobre doido amarrado.

— Preveniram-me de que tínheis sido atacado de um novo acesso de fúria, — disse ele com voz lenta. — Eu queria poder deixar de o acreditar, meu filho; mas as cordas com que vos vejo amarrado provam-me que me não enganaram.

O prisioneiro guardou profundo silêncio.

— Ora vamos, dizei-me, a mim, vosso pai em Cristo, e ao mesmo tempo vosso superior temporal, como abade que sou deste convento: deram-vos maus tratos? alguém deixou de usar para convosco dos cuidados devidos a um doente? Falai, meu filho; dizei-me francamente o que quereis.

— Quero que acabe esta odiosa e infame comédia! — disse o prisioneiro com cólera concentrada. — Quero que se me restitua a minha posição, o meu poder, os respeitos que me são devidos. . .

O prior fitava-o com uma expressão de nobre e cristã comiseração.

— Se me obedeceres, — continuou o prisioneiro — farei o que ainda ontem me parecia impossível: perdoarei aos autores deste sacrílego atentado. Mas se vos não aviais. . .

— Mas, meu filho, — disse brandamente o prior — vós falais de posição, de respeito, de perdão. . . E então quem pensais que sois ?

— Quem sou, vassalos? — exclamou o prisioneiro, fazendo um esforço supremo para despedaçar as cordas — sou o vosso patrão e senhor: sou Francisco I, rei de França!

Ao ouvir estas palavras, pronunciadas com voz terrível, a fisionomia do prior exprimiu profunda compaixão.

— Escutai, meu filho — disse o prior, depois de curto silêncio. — Conquanto as vossas palavras indiquem evidentemente um grave desarranjo nas faculdades mentais, ainda assim raciocinais tão bem em tudo o que não se refere à vossa mania de grandezas, e inspirais-me tanta simpatia, que vou tratar de expor-vos a vossa situação.

— Ontem, - continuou o prior — voltava eu de visitar os nossos pobres, que na verdade têm

grande necessidade de socorros, quando o irmão que me acompanhava viu uma massa inerte atravessada na estrada. Receando que fosse algum lavrador adormecido, ou embriagado, — vede que vos relato tudo — procuramos erguer aquele corpo e arrastá-lo para um dos lados da estrada, para não correr o risco de ser esmagado pelos carros que passassem. Mas, ata dolorosa surpresa nossa, bem depressa reconhecemos que se tratava de um doente, e talvez de um moribundo, porque as pulsações eram quase imperceptíveis. . . Aquele homem, assim prostado, éreis vós, meu filho!

— Eu!. . . — exclamou o prisioneiro com grande espanto.

— Sim, vós... As minhas forças e as do irmão, que me acompanhava, não bastavam para erguer um peso como o vosso; a noite aproximava-se e a nossa inquietação aumentava, quando providencialmente passou por ali um carro de um lavrador, vassalo do mosteiro . . . Colocamos-vos em cima do carro, trouxemos-vos para o mosteiro e fostes aqui tratado com todo o carinho. .

— Sim. . . com jejuns e duchas, e com estas cordas que me “ retalham as carnes... — disse tristemente o rei.

— Meu filho, ao princípio não foi assim; mas a violência do vosso gênio, os vossos gritos, e sobretudo a pretensão extravagante de serdes o rei de França, demonstrando-nos a vossa loucura, obrigaram-nos a usar destes meios, que me fazem sangrar o coração. Se eu pudesse ter a certeza de que daí não advirá mal, nem para vós nem para mim, de bom grado vos desamarraria.

— Dou-vos a minha palavra de fidalgo que, livre e solto, estarei quieto como se estivesse amarrado.

— Acredito-vos, meu filho, acredito-vos; transparece nas vossas palavras tal sinceridade, que me parece impossível que seja fingida. Ah! se pudésseis abandonar essa vossa funesta mania!. . .

Assim dizendo, o prior ia desamarrando as cordas ao prisioneiro, que, depois de completamente livre, se sentou na cama.

— Padre, — disse ele ao cabo de um momento, e com tal serenidade e compostura de maneiras, que já não parecia o mesmo homem — compreendo que muitas circunstâncias vos tenham feito persuadir de que estou doido.

O prior ergueu as mãos para o céu.

— E todavia — prosseguiu o outro — vou pedir-vos um pequeno favor, que não podereis negar-me.

— Dizei, meu filho; estou completamente à vossa disposição.

— Pois bem; mandai algum dos vossos irmãos ao Louvre; ele que peça para falar ao rei Francisco, para lhe dizer que há um doido que lhe usurpa o nome. Quando fizerdes esta experiência. . .

— Porque esperais que ela dê resultado, não é assim, filho? — disse pesarosamente o prior.

O rei ergueu-se.

— Neste momento, senhor prior, a corte de França está imersa na mais profunda consternação; partem correios em todas as direções, em procura do rei Francisco, que ninguém sabe onde pára; os ministros estão reunidos em conselho permanente, aterrados com a idéia dos tumultos, que a notícia ocasionaria, se se espalhasse entre o povo. Vamos, senhor, prior, tranquilizai aquela ansiedade, acalmai aquele terror; e em troca, como já não posso duvidar de que sois de boa fé, e de que eu sou vítima, não de uma horrível conspiração, mas de um acidente inexplicável, eu vos premiarei como se premiam os que salvam reis: — com um bispado já, e com um chapéu cardinalício depois... O cardeal de Tournon está velho; vós sereis o meu ministro mais considerado.

O prior abanou com a cabeça.

— Meu filho, — disse ele — o que me pedis já está feito.

O rei estremeceu.

— Como! já está feito?!

— Já. As vossas afirmações tinham um cunho de verdade tão profundo. . . e além disso eu notei em vós uma semelhança extraordinária com as feições do rei nosso senhor, a quem este mosteiro é devedor dos maiores benefícios. Conquanto fosse estranho ver um rei no estado em que vos tínhamos encontrado, entendi que não devia importar-me com essas estranhezas. Partiu um correio a toda a brida, dirigiu-se ao Louvre e tirou as necessárias informações.

— E encontrou as cousas como eu disse? - perguntou impetuosamente aquele que se dava como Francisco I.

— Ai, meu filho! — disse o prior, cujos olhos se velaram de tristeza — com efeito a corte estava consternada, não porque se não soubesse o que era feito do rei, mas porque se sabia demais o que lhe acontecera. . . Os correios cruzavam-se em todos os sentidos, não para irem buscar uma notícia boa ou má, mas para darem a todos uma tristíssima nova. . .

O rei escutava o prior, cheio de terror e espanto.

— Finalmente — prosseguiu ele — o irmão que eu mandara com aquela missão não teve precisão de pedir notícias de Francisco I, porque, pela bondade de Henrique II, e em consideração ao nosso hábito, consentiram que o nosso mensageiro beijasse a mão do real cadáver, exposto na câmara ardente.

Francisco I soltou um grito agudíssimo.

— Morto! Francisco I morto!

E deixou-se cair sobre o leito, ocultando a face nas mãos.

O que lhe estava sucedendo excedia realmente não só os sofrimentos comuns dos homens, mas até a fantasia dos mais extraordinários atormentadores.

Ser pranteado como morto, e no entanto estar vivo e sofrendo maus tratos como um doido, entre monges indiferentes e enfermeiros brutais; saber que era rei de França, e ouvir dizer que outro subira ao trono; ter o mais completo conhecimento da própria personalidade, e ao mesmo tempo a desesperada persuasão de não poder nunca mais demonstrá-la ao mundo, eis um cumulo de horrores, a que não resistiria uma cabeça ainda que fosse mais bem organizada do que a de Francisco I.

— Se eu não sou o rei de França, — disse ele — em todo o caso devo ser alguém. Ora, vejamos se por estas imediações desapareceu alguém, que tenha a minha figura e o meu corpo, visto não ser possível que um homem do meu tamanho caísse do céu inesperadamente.

O desgraçado procurava zombar, mas tinha lágrimas na voz. Os olhos seguiam ansiosamente, na fisionomia do prior, o efeito daquelas palavras.

Mas o prior tirou do bolso do hábito uma carta, e entregou-a ao prisioneiro, dizendo-lhe:

— Sabeis ler, meu filho?

— Eu! — exclamou Francisco — sou um poeta!

— Está bem, está bem — respondeu o frade com modo indulgente. — Então, lede esta carta. O outro pegou na carta, e leu:

Caro irmão em Jesus Cristo perto de Argenteuil, domingo 2 de abril Mosteiro de São Bernabé.

“Respondendo à carta de Vossa Reverendíssima Paternidade, cumpre-nos declarar que no prisioneiro por vós descrito reconhecemos com efeito um pobre louco, servente deste mosteiro, que fugiu do convento há cinco dias.”

“O dito servente chama-se Maturino Grange; representa quarenta e cinco anos, e tem uma semelhança notável com o Rei nosso Senhor, Francisco I, que Deus o tenha em sua santa guarda.

É de muito boa índole e muito humilde, exceto nos acessos da sua mania, em que se persuade que é o rei; mas, depois de algum repouso, volta-lhe a razão, e por muitos dias não torna a ter dessas veleidades reais.

“E como o pobre doido é muito estimado por todos nós, muito reconhecidos vos ficamos pelos cuidados que lhe dispensastes. Mandai-o o mais depressa possível para este Convento, onde o espera o seu quarto, e onde voltará à sua vida tranqüila. Esperamos que juntareis as vossas às nossas orações para conseguir que o pobre Maturino recupere o mais depressa possível a razão perdida.

“E agora, caro irmão em Cristo, rogo a Deus que vos tenha na sua santa guarda, e suplico-vos que não vos esqueçais de mim nas vossas orações.

Guilherme — prior.”

Francisco ficou confuso.

De modo que não faltava nada: nem a sua personalidade, nem a do personagem que ele supunha representar. Ele era Maturino Grange, não havia dúvida alguma; quanto ao grande e poderoso Francisco de França, esse dormia nos jazigos armoriados da abadia de São Dionísio, e a sua alma. . .

De repente, outro pensamento o fez estremecer.

— Dizei-me, meu padre: — disse ele depois de breve silêncio — o que pensa a Igreja da transmigração da alma humana?

O prior não mostrou a mínima surpresa ao ouvir aquela pergunta, aparentemente tão diversa do assunto de que se tratava. Ele adivinhara o pensamento do prisioneiro.

— Meu filho, — disse ele com gravidade — a Igreja ensina-nos que as almas, depois da morte, são julgadas pelo Senhor, e vão em seguida para o lugar que lhes é indicado para gozarem das alegrias dos eleitos ou sofrerem as penas dos réprobos. Contudo, há exemplos de almas, que, saindo do corpo que primeiro ocupavam, passaram para algum outro corpo, e isso porque Deus, na sua infinita bondade, quis suspender o julgamento definitivo e dar àquelas almas o tempo de expiarem com arrependimento as culpas cometidas na primeira existência.

Francisco estremeceu.

— Na lenda de São Silvano, fundador do mosteiro que tem aquele nome, — continuou o prior — conta-se que Sventbold, rei da Morávia, morrera e fora sepultado, mas que a alma dele, por vontade de Deus, entrara no corpo de um pobre rachador de lenha. O rei, no seu humilde estado, reconheceu a bondade do Senhor, que, em lugar de o precipitar no inferno logo depois da morte, lhe dera tempo para se arrepender. Retirou-se para um bosque, viveu uma vida de mortificação e penitência, e morreu santificado. São Silvano viu a sua alma subir ao céu transportada por anjos.

Francisco soltou um grande grito.

— *É* isso! — exclamou ele batendo na testa — *é* isso! . . Eu sou um exemplo vivo da misericórdia de Deus, como o rei Sventbold!

E, caindo de joelhos diante do prior:

— Meu padre, — disse ele, batendo no peito — vedes em mim um dos maiores pecadores deste mundo. Eu, antes de morrer, fui Francisco de França. . .

O prior não pôde disfarçar um ligeiro sorriso, que passou despercebido ao rei.

— Mas, — continuou Francisco — os meus pecados, especialmente o grandíssimo e execrável pecado da luxúria, irritaram de tal maneira o Senhor, que ele resolveu ferir-me com a sua maldição. A morte surpreendeu-me em pecado mortal, entre os braços de uma mulher, que não era minha esposa. — Eu estava condenado ao inferno; mas Deus quis que a minha alma, mudada para o corpo de Maturino Grange, tivesse tempo de se arrepender — . . .Eu me arrependo, eu me

arrependo, Senhor Deus!... e possam as minhas mortificações abrir-me as portas do Paraíso!

O penitente, ajoelhado aos pés do prior, curvava a cabeça em postura humilde.

O frade, de pé, olhava com indefinível orgulho aquele vencido, que se lhe rojava aos pés. O quê! . . . então aquele é que era o grande, o orgulhoso, o invencível Francisco de Valois?!...

Uma fábula, inventada na ocasião, e que teria feito sorrir o clérigo mais ignorante da Sorbona, bastava para assim perturbar a cabeça do principal senhor do mundo católico.

E o prior tinha motivo para se ensoberbar.

Eram os preceitos eclesiásticos, que ele bebera com o primeiro leite, que predispunham o espírito dos príncipes de França para os absurdos mais estúpidos ou para as ferocidades do fanatismo.

Um rei prostrado aos pés de um padre, que o desfrutava impudentemente, tal era o máximo triunfo daquela negra milícia, que Loiola tinha recrutado, e que se preparava para conduzir à vitória.

CAPITULO XIX

RAPOSAS E LEÕES

O abade Dosnange, que assim se chamava o prior do mosteiro, esteve saboreando por algum tempo o seu triunfo.

— Levantai-vos, meu filho, — disse ele com voz amável, estendendo as mãos ao penitente e ajudando-o a erguer-se — se o que dizeis é verdade, a gratidão que deveis ao Senhor é imensa, e deveis corresponder ao milagre com muitas penitências.

— O que devo fazer ? . . . Estou pronto para tudo.

— Em primeiro lugar, deveis ocultar a todos a verdade de tudo o que se passa no vosso interior. Estareis perdido, se em vós existisse ainda o fermento de orgulho, que decerto há de procurar sobreviver à mudança do vosso estado. Se tiverdes de salvar-vos na outra vida, como eu espero, salvar-vos-ei pelas virtudes que praticardes na pessoa de Maturino Grange, e dessas virtudes a primeira, podeis crê-lo, é a humildade. . .

— Serei humilde, meu padre — disse o rei com um suspiro. — O mais cedo possível, e logo que tendes sido reconhecido como digno de pertencer à nossa congregação, podereis proferir os três votos de pobreza, de castidade, e de obediência, que são o fundamento da vida monástica. Encerrado numa cela do nosso convento, passareis os vossos dias no isolamento e na oração, chorando amargamente os erros da vossa vida passada. . .

— Obedecerei, meu padre! . . . — acrescentou Francisco, não sem um certo pesar ao recordar-se de todos os prazeres da vida, que tão largamente gozara.

— E se sucedesse que o demônio, — continuou o prior, acentuando estas palavras — sob a forma de algum amigo vosso. . . ainda o mais dedicado. . . quisesse tentar-vos a voltar as antigas grandezas. . . deveis repelir com vontade firme essas tentações. Deus não sabe o que fazer de uma alma que se lhe oferece, porque já não encontraria quem a quisesse; *non mutile desiderium in oblatione*.

— Obedecerei... — disse Francisco pela terceira vez, curvando a cabeça e suspirando.

De repente ouviram-se no pátio do convento muitos gritos. Os dois cães de guarda ladraram furiosamente, depois ganiram desesperados, e por fim calaram-se. Ouviu-se pelos corredores um barulho enorme e grande tumulto.

— Que é isto? — exclamou o rei, erguendo-se. — Meu padre, assaltaram o convento; decerto mataram os cães de guarda. . . É preciso defendermo-nos; é preciso defendermo-nos! . . .

E o rei, vencido outra vez pelas suas tendências belicosas, pegou num banco, e ergueu-o em

atitude tão ameaçadora, que o prior descorou. -. O fruto das suas lições estava completamente inutilizado!

— Lembrai-vos das minhas recomendações — disse o padre. — O diabo para vos tentar pode ter tomado a figura de algum amigo vosso. . . Repeli as tentações, se quereis salvar-vos!

Mas a porta, violentamente empurrada, abriu-se de par em par. Apareceu então no limiar um homem armado até aos dentes; esse homem era o marquês de Beaumanoir.

Por trás dele via-se uma fila de soldados, em meio dos quais se estorciam furiosamente, berrando e protestando, uns cinco ou seis frades e uma dúzia de serventes do mosteiro.

— Senhor! — exclamou Beaumanoir, entrando na cela de espada em punho. — Senhor, conseguimos descobrir o lugar da vossa prisão!. .. Senhor, voltai para o vosso palácio, consolai a vossa família e o vosso povo. Amigos, apareceu o nosso soberano, .e Deus prolongue a vida a el-rei Francisco.

— Viva!. . . — gritaram todos, invadindo ao mesmo tempo a •sala onde estavam o prior e Francisco.

— É o demônio... — segredou o prior. — Resisti à tentação. ..

Mas Francisco, que deixara cair o banco, observava aqueles homens. O seu espírito, abalado por tão diferentes impressões, vacilava.

— Beaumanoir! — murmurou ele. — Es efetivamente tu, ou é um fantasma, que se parece contigo ? . . .

O marquês, conquanto não pudesse conhecer os escuros pensamentos que se debatiam no espírito de Francisco, teve uma inspiração feliz.

— Senhor, — disse ele — podeis seguir-me com toda a confiança, juro-vo-lo sobre a cruz da minha espada. . .

Este estendeu a mão ao marquês.

— Acredito, Beaumanoir. Já uma vez me salvaste a vida, e agora salvas-me o trono e a honra. Que me tragam com que vestir-me decentemente, e voltemos ao Louvre.

Um escudeiro trouxe imediatamente um rico vestuário de cavaleiro, já previamente preparado por Beaumanoir, que pensava em tudo.

— Um instante — disse, entrando em cena, um velho de aspecto majestoso. — Senhor, reconheceis-me ?

O rei fitou-o demoradamente.

— Não, — disse ele quase pesaroso — e contudo. . . estas feições. . . fazem-me lembrar.

— Eu fui o conde Virgínio de Poix, Senhor — disse o cavaleiro — e, mal me vi livre, quis ser dos primeiros a concorrer com o meu conselho e com o meu braço para libertar o meu rei.

Francisco I corou. Aquele homem, que, por consentimento do rei, estivera tão longos anos numa horrível prisão, começava a exercer a sua vingança daquele modo generoso.

— Conde, viestes aqui para me acusar ?! — disse o soberano um pouco embaraçado.

— Deus tal não permita, Senhor!. . . Tomei a palavra unicamente para dizer que a vossa detenção neste mosteiro é o fio de uma conspiração tremenda. — Proponho que estes frades sejam , presos e interrogados, até que confessem a verdade...

— Meu filho!. . . — prorrrompeu o prior, aterrado. Francisco deitou-lhe um olhar de revés.

— Padre, não fales, porque agravadas a tua situação, que não é invejável, garanto-te eu. Conde de Poix, tendes soldados convosco?

— Cem fidalgos, senhor, que acudiram a voz de Beaumanoir, prontos a cumprirem o seu dever.

— Pois bem; metade dessa escolta é suficiente para nos acompanhar ao Louvre. Os outros que guardem todas as saídas do convento; amarrem e prendam os frades. Que seqüestrem todas as cartas e mensagens que para aqui vierem. O conde de Poix, conjuntamente com os que escolher para companheiros, governará o mosteiro e as terras dependentes, fazendo justiça pronta e sumária. Senhores, a caminho!

O rei, ajudado pelo senhor de Beaumanoir, vestira num instante o traje de cavaleiro, e naquele traje severo era tão nobre e tão belo, que quem quer que fosse reconheceria o rei no, meio da multidão que o rodeava.

O prior, conquanto gemesse e protestasse em nome dos direitos da Igreja, foi sòlidamente amarrado. As mesmas cordas, com que tinha sido amarrado Francisco, serviram para amarrar o padre.

— O cavalo de Sua Majestade!. . . — gritou Beaumanoir do alto da escadaria.

E, voltando-se para o Rei:

— Senhor, eu tinha também mandado preparar uma liteira, com o doloroso receio de que a saúde de Vossa Majestade tivesse sofrido algum abalo; mas visto que, mercê da proteção do céu, vejo o meu rei tão são e robusto, suplico-lhe que queira sair a cavalo.

— Pensaste bem, e és um servidor bom e leal, Beaumanoir — disse Francisco. — E também ao conde de Poix — prosseguiu ele, erguendo a voz — e a vós todos, fidalgos e cavaleiros, eu vos provarei a minha gratidão. . . Pelo ventre do Papa!. . eu saberei descobrir a mão, que fez obrar tão celeradamente estes tonsurados, e então... o Mestre Enforca há de ter muito que fazer!. . .

Um momento depois, o esplêndido cortejo, composto pela flor da nobreza de França, e capitaneado pelo rei em pessoa, punha-se a caminho de Paris, deixando os frades e o convento confiados à guarda incorruptível do conde de Poix.

CAPITULO XX

ESPÍRITO DAS TREVAS

No Louvre o espanto era geral.

No momento em que Henrique II, bem depressa consolado da perda de seu pai, se preparava para presidir a um grande conselho, em que deviam tomar-se medidas muito rigorosas contra os partidários da Reforma; no momento em que os velhos ministros de Francisco I, profundamente magoados e compungidos, se retiravam, cheios de desgostos, daquela Corte, onde agora resplandecia um sol que para eles não tinha sequer um raio que os aquecesse; no momento em que os mais encarniçados partidários da política de regressão saíam do sepulcro como espectros, e vinham mostrar a sua face sinistra, uma grande cavalgada entrava com grande ruído no pátio do Louvre.

A sentinela, que, como todas as outras, acreditara na morte do rei, soltara um grito de espanto ao ver aparecer o defunto monarca, mais terrível do que nunca, montado no seu cavalo de batalha. A notícia espalhara-se com a rapidez do raio por todo o palácio, e chegara ao conhecimento do príncipe Henrique.

O príncipe desnaturado, que tinha conhecimento de tudo — do narcótico ministrado ao pai, do desaparecimento deste da sepultura, e do encarceramento no convento do prior Dosnange— teve por um momento a idéia de resistir. Todos tinham visto o rei no estado de morte aparente e era possível tratar o ressuscitado como a condessa de Flandres tratara o pai, quando ele saíra das prisões da Bulgária para vir reclamar o trono de Flandres, que lhe pertencia, e que em vez do trono encontrou o patíbulo, que a sua criminosíssima filha lhe preparou. . .

Mas Henrique olhou para os seus ministros, para os cortesãos, para os soldados, e em todas as

fisionomias não viu estampado senão um imenso terror. Evidentemente, logo que o rei Francisco se apresentasse, embora viesse desarmado, os soldados e toda a gente do palácio se precipitariam aos pés dele.

Por isso, o príncipe entendeu que o melhor expediente era correr ao encontro do pai, beijar-lhe a mão, e exclamar com um entusiasmo habilmente fingido:

— Meu pai!. . . O céu compadece-se do meu sofrer e da minha dor!

Mas o rei dardejou sobre o filho um olhar tão carregado de ameaças, que ele estremeceu todo e compreendeu que tudo estava descoberto.

— Aproximai-vos, senhor condestável; e vós também, meu capitão das guardas — disse o rei.

E como os cortesãos olhassem uns para os outros cheios de espanto, pois que não estavam presentes nem o duque de Montmorency nem o capitão das guardas, o rei acrescentou:

— A propósito, senhores, queiram todos reconhecer o grande condestável do reino na pessoa do senhor marquês de Beaumanoir, que aqui lhes apresento. Quanto ao capitão das guardas, esse já está nomeado: é o senhor visconde de Poix.

Os dois velhos fidalgos, surpreendidos e sufocados pela alegria e pelo reconhecimento, aproximaram-se do rei.

Um longo frêmito de espanto e de terror percorreu as fileiras dos cortesãos. Se o monarca principiava por ferir o mais importante personagem do reino, como era o duque de Montmorency, que esperanças de salvar-se podiam ter os mais pequenos?

Alguns houve que deitaram um olhar cobiçoso para a porta do Louvre, que ainda se não fechara, e que era o princípio de um amplo caminho de fuga.

— Que guardem as portas; — ordenou Francisco aos dois recém-nomeados — que ninguém saia sem minha licença.

— Vou executar as vossas ordens — disse apressadamente o príncipe Henrique.

— Deixai-vos estar — ordenou o rei, em tom glacial. — As ordens serão cumpridas pelo condestável e pelo capitão das guardas.

E voltando-se para estes dois:

— Senhores, tendes entendido; e olhai que as vossas cabeças respondem-me pela execução destas ordens. Podeis ir!

Beaumanoir e Poix cumprimentaram respeitosamente, e os oficiais militares do palácio vieram pôr-se às ordens do velho guerreiro, que, em virtude das ordens que o rei acabava de dar, ficava sendo o comandante em chefe de quantos soldados existiam em França.

Tomadas aquelas disposições, Francisco desmontou e dirigiu-se para o interior do Louvre. O filho e os velhos cortesãos cercavam-no; mas o rei fez um sinal, e os fidalgos armados, que o tinham acompanhado até ali, formaram um círculo em volta dele. Foi assim que o soberano entrou nos aposentos reais, muito mais como um conquistador, que entra em casa de outrem, do que como senhor, que entra na sua própria casa.

A passagem daquele estranho cortejo tinha um não sei que de lúgubre, que causava uma impressão de tristeza. O rei silencioso, carrancudo, severo; os soldados fazendo ressoar com o seu passo pesado o pavimento daquelas salas, costumadas à elegante ligeireza dos fidalgos e dos cortesãos. Quanto aos ministros, esses tinham toda a aparência de condenados, a quem a má fortuna tivesse entregado nas mãos da justiça; lançavam para todos os lados olhares oblíquos e cheios de medo, como quem procurava, sem esperança de o encontrar, um meio de fugir à sua desgraçada posição.

O rei, tendo entrado nos seus aposentos, despediu com um gesto os fidalgos da sua comitiva,

que, de resto, não eram necessários. A força estava toda do lado do soberano; a um sinal seu, os ministros teriam estrangulado aquele dentre eles, que tivesse sido designado pelo soberano.

O rei entrou na sala de conselho, e, tendo-se sentado, ordenou a um pajem:

— O cardeal chanceler!

— O grande preboste! — O duque de Enghien!

— O príncipe Henrique!

Um momento depois, os quatro personagens nomeados por Francisco, estavam na sala, pálidos e cheios de terror.

De todos o mais impressionado era Henrique. Ele bem conhecia que o maior culpado era ele, e que a sua culpa era tal, que justificaria aos olhos de quem quer que fosse o mais severo castigo, que lhe pudesse ser aplicado.

O chanceler do reino, cardeal de Tournon, colocou sobre a mesa de trabalho uma pasta cheia de papéis.

— Guardai esses papéis, senhor cardeal — disse severamente o rei. — Não vos chamei aqui para trabalhades como ministro; chamei-vos para exercerdes o vosso ministério de sacerdote.

E, dardejando um olhar terrível ao príncipe seu filho, acrescentou:

— Deveis assistir nos seus últimos momentos a um grande criminoso . . . que vai morrer. . .

Como uma seara que o vento dobra, todas as cabeças se curvaram sob o sopro da cólera real. Henrique sentiu um frio mortal invadir-lhe o coração, sentiu que os cabelos se lhe eriçavam; mas era um soldado, e nada disse.

— Vós, senhor grande preboste, tendes de fazer uma grande execução. Chamei-vos porque nenhuma outra mão, senão a vossa, pode executar uma condenação em pessoa pertencente ao sangue real.

O duque de Enghien deu um passo à frente. Era um mancebo de figura nobre e altiva, toda banhada daquela luminosa lealdade cavalheiresca, à qual ele devia o não ter sido envolvido nas acusações feitas a seu tio, o condestável de Bourbon.

— Senhor, — disse o mancebo com uma altivez cheia de nobreza — é para mim que vossa majestade decidiu fazer trabalhar o grande preboste?

E nas palavras do duque, no tom com que eram pronunciadas, conhecia-se a firmeza altiva de quem estava muito habituado a ver as condenações injustas choverem sobre a família a que ele pertencia.

— Não, primo — disse amavelmente o rei, pegando-lhe na mão. — Ao contrário, chamei-vos para que, como primeiro príncipe de sangue, como o homem mais aparentado com a coroa, deis o vosso parecer sobre um crime de alta traição.

A fisionomia de Enghien tomou uma tal expressão, que o rei compreendeu-lhe imediatamente a significação.

— Compreendo-vos — disse ele com certa amargura. — Aludis às questões passadas, e quereis recordar-me que não é como juizes que têm sido chamados à corte os vossos parentes... A vós, pelo menos, sempre tenho feito justiça; e a minha constante benevolência para convosco, quando para mais não sirva deve ao menos servir para vos provar que, se tenho castigado os vossos parentes, não ó tenho feito por ódio à vossa casa. . . Em todo o caso, se errei, o céu castigou-me cruelmente, visto que me fez reconhecer, em quem devia reinar depois de mim, um assassino.

— Meu pai! — exclamou, mau grado seu, o príncipe Henrique. .

— Calai-vos! — disse severamente Francisco, a quem a ira porpurejava as faces. — Assassino, sim, e parricida! Sereis talvez capaz de dizer que, quando por meio de um narcótico me fizestes

passar por morto; que, quando o vosso soberano e pai era por vossa ordem metido num convento de frades, que o consideravam um louco e que como tal o tratavam, direis talvez que respeitáveis a minha vida? Miserável! a duração do suplício torna-o por ventura menor? Se não fosse a coragem e a lealdade de alguns fidalgos, a quem eu injustamente desconsidere, Francisco de França morreria de angústia e de tormentos — tudo por obra de seu filho!

Todos os presentes, à exceção de Henrique, soltaram exclamações de horror. O culpado curvou a cabeça; era principalmente naquele momento que ele reconhecia a enormidade do crime que cometera, instigado por um padre e por uma mulher.

— Duque de Enghien — disse o rei — vós sereis chamado a suceder-me, se meu filho morrer. Mas a vossa nobreza de coração é tal, que nem mesmo a perspectiva de um trono poderá perturbar a vossa razão e sereno conselho. Que pensais do caso do príncipe Henrique ?

O duque de Enghien, extremamente pálido, enxugou a fronte banhada de suor.

— Eu penso — disse ele — que Vossa Majestade deveria fazer brilhar a sua clemência, e perdoar a primeira falta de um príncipe tão ilustre.. .

— Não vos pedi conselho sobre o que devo fazer; — respondeu asperamente Francisco — interroguei-vos sobre o crime de meu filho. Acreditais que esse crime seja real? Acreditais que com efeito o príncipe Henrique conspirasse contra a minha vida e contra a minha coroa?

Em outro qualquer caso a pergunta seria absurdamente inconsiderada; mas aqui o caso era diferente: a atitude do culpado equivalia a uma confissão completa.

O duque de Enghien curvou a cabeça.

— Ele está arrependido — balbuciou o duque.

— Isso servir-lhe-á de muito para a sua eterna salvação — disse o monarca num tom glacial. — Vamos, cardeal, levai convosco o príncipe; e preparai-o para morrer como convém a um fidalgo, a um cristão, a um príncipe. Senhores, as vossas cabeças respondem-me por ele.

O filho desnaturado. estendeu os braços para o pai numa atitude suplicante, mas o rei voltou os olhos para outra parte. O fúnebre cotejo saiu da sala, a um novo sinal do soberano.

Este, quando ficou só, sentiu finalmente as forças abandonarem-no. Aquele ato, que ele julgava necessário, mas em todo o caso cruel e horroroso, e pelo qual ele fora levado a condenar à morte o próprio filho, se não perturbava a sua consciência, todavia dilacerava-lhe profundamente o coração.

— Meu filho! — balbuciou ele — meu filho. . . morto. . . e por minha ordem!

Um frio mortal percorreu os membros do rei. E era este o termo final de tanto orgulho, de tantas esperanças? A criança cujo nascimento, assegurando o futuro da dinastia, enchera de alegria a França; aquela gentil criança, que o rei Francisco, quando voltava de um baile, costumava apertar nos vigorosos braços, deliciando-se com infinita ternura nas suas graças infantis; o adolescente, que, pugnando e combatendo nos torneios, tinha enchido de alegria e orgulho o coração do pai, fazendo-lhe palpitar como palpita o coração do leão ao ver a bravura dos leõezinhos; Henrique de França, em suma, tornara-se. . . o quê?

Um traidor, um assassino, um parricida!

E dentro em pouco, a um sinal do próprio pai, desapareceria todo o orgulho daquela vida; a espada do grande preboste faria rolar no chão aquela cabeça, que o nascimento predestinara para a coroa de França. . .

Mil pensamentos confusos tumultuavam no espírito daquele senhor onipotente. De repente, lembrou-se do que lhe contara um viajante seu amigo, a respeito de um costume singular, em uso na corte da Pérsia, segundo o qual nenhum criminoso podia ser castigado, se não quando a soma das suas culpas excedesse em muito a soma dos seus serviços ao soberano e à pátria.

Pensou finalmente que o perdão era a grande prerrogativa dos monarcas. O culpado era seu filho: se ele, em vez de ser rei de França, fosse um simples particular, decerto não teria deixado de correr a deitar-se aos pés dos juizes ou do soberano, para implorar o perdão do filho culpado. O depender aquele perdão da sua vontade queria por ventura dizer que ele devia negá-lo?

Mas acudiram-lhe à mente pensamentos ainda mais atrozes.

A um outro culpado poder-se-ia perdoar metade da culpa, e prendê-lo, degredá-lo, privá-lo da sua posição; mas o filho único do rei de França não podia viver numa condição subalterna: morto o pai, se Henrique vivesse, devia ser rei. Nenhum ato, nenhuma lei, nenhum decreto do Parlamento poderia impedir que, por morte de Francisco, o trono passasse ao seu legítimo sucessor.

Naqueles tempos ainda não existiam as ambições soberanas da casa de Guise, e os povos teriam recusado obediência a quem quer que fosse, exceto ao seu natural senhor.

Rei de França, aquele? Fiscal supremo das leis aquele que na pessoa de seu pai e rei tinha pisado aos pés todos os deveres do Estado e da natureza!

E tão grande prêmio, como era a coroa de França, havia de caber precisamente àquele por causa de quem ele, Francisco, o rei cavaleiro, se vira de mãos amarradas, e com as carnes retalhadas pelos açoites dos padres?

E ao pensar nisso, a cólera do rei subia de ponto. Teria talvez perdoado tudo, menos aquela afronta, de que Henrique nem sequer suspeitava, porque o príncipe, apesar de ter entrado na conspiração tramada contra o pai, tinha tirado como condição que este havia de ter um retiro sossegado e cômodo em qualquer convento.

O rei levantou-se pálido e decidido.

— Henrique morrerá — disse ele com tristeza. — Assim o resolvi, e nem Deus poderia desviar-me desta minha vontade.

— Deus pode tudo, meu filho — disse uma voz grave.

Francisco voltou-se. Um velhinho, pobrementemente vestido, de pequena estatura, e coxeando, achava-se na frente dele. Aquele velhinho pareceria a pessoa mais insignificante do mundo, se os seus olhos não chispassem chamas, que se não podiam fitar.

O rei sentiu um terror supersticioso. Os últimos acontecimentos, e especialmente a espécie de fantasmagoria que por um momento o riscara do número dos vivos, eram muito próprios para fazer nascer no espírito do rei os pensamentos mais extravagantes.

Todavia, tomou um ar severo, e perguntou:

— Quem sois vós?

— Inácio de Loiola — respondeu o velho com humildade, pronunciando sem ênfase aquele célebre nome, que já corria toda a Europa, suscitando o terror e a veneração dos povos e dos reis.

O soberano estremeceu, e a estranheza daquela visita inesperada distraiu-o um pouco das suas profundas preocupações.

— Então vós — disse o rei, fitando-o com curiosidade misturada de respeito — sois aquele que, ainda em vida, já é glorificado como um santo?

— Santo só Nosso Senhor o é — disse Inácio. — Nós somos miseráveis pecadores, que só pela fé e pela penitência esperamos salvar-nos.

— E como pudestes entrar até aqui, apesar das ordens que proibiam a entrada a quem quer que fosse?

— Deus guiou os meus passos, para que eu pudesse desempenhar a missão de que me

encarregou.

O santo homem não dizia — e por uma boa razão — que, além daquele auxílio de Deus, tinha tido também a cumplicidade de alguns guardas filiados, que, posto que tremendo pela responsabilidade que corriam, ainda assim não se tinham atrevido a negar a passagem ao geral da Ordem.

— Uma missão! — exclamou o rei, um pouco desconfiado — Deus encarregou-vos de uma missão, santo frade?

— Sim — respondeu com grande firmeza o fundador da Companhia de Jesus.

— Está bem, ouvir-vos-ei.. . Um homem como vós tem direito a ser escutado. Mas tende paciência de esperar um bocado; tenho um negócio muitíssimo sério a tratar.

— Senhor! — exclamou Inácio — é precisamente por causa do que vos dispondes a fazer que Deus me enviou a vós.

O rei voltou-se com um ar severo.

— Reverendíssimo padre, foi o sopro de Deus que vos. inspirou ... ou a vontade de alguém ?.. .

— Senhor, eu hei de provar-vos...

— Muitas vezes — disse o soberano com aspereza — muitas vezes também os homens revestidos do vosso caráter sagrado confundem a vontade deles com a vontade do Senhor.

— Pois bem, senhor; eis a prova do contrário—disse Inácio com altiva majestade — Deus disse-me: Vai ao Louvre; neste instante o rei de França está tratando com o preboste, com o cardeal chanceler e com o duque de Enghien a morte de seu filho...

— Estais enganado, padre! — tentou responder o rei, que, apesar de tudo empalidecera.

— Eles estão ali. . . — continuou o jesuíta, apontando a porta por onde tinham saído aqueles personagens. — Eles esperam naquela sala as ordens do soberano. . . e essas ordens, se não se lhe opuser .uma força mais que humana, bem depressa mancharão com o mais nobre sangue a coroa de França. . .

E Inácio estendeu altivamente o braço.

— Mas Deus pensou em tudo — disse ele—e mandou-me. aqui para te dizer, como ele já uma vez disse a Abraão: Rei, não derrames o sangue de teu filho!

Francisco, pálido como um cadáver, recuou um passo. Depois serenou um pouco, e fitando o jesuíta, disse-lhe:

— Padre, quem quer que tu sejas, santo ou velhaco, com certeza és um homem terrível. Fala.

CAPÍTULO XXI

O TRONO E O ALTAR

Inácio de Loiola falou nestes termos:

— Vossa Majestade parece ter-se esquecido de que acima do homem está Deus. Francisco de França, todo entregue à vingança das ofensas pessoais, parece muito disposto a esquecer os interesses da sua coroa.

— Enganas-te, santo homem — disse altivamente o rei. — Como homem, Francisco teria perdoado; nenhuma ofensa pode levar um pai a sentenciar à morte seu próprio filho; mas, como soberano de um grande povo, tive de antepor os princípios da justiça aos sentimentos do meu coração, para que todos se convençam de que quem ergue a mão contra o seu rei está destinado a morrer.

Inácio fez um gesto.

— Talvez tu não aproves esta doutrina não é assim? E contudo, segundo o que me contaram, os teus sequazes afirmam que a bondade dos fins justifica os meios empregados para os conseguir, embora eles sejam sanguinários e ímpios!

— E disseram-te a verdade; mas tu erras o teu alvo, e faltas ao teu dever. A veneração, mista de terror, que em outros tempos circundava as coroas, desapareceu; os povos, agitados por um frêmito inexplicável, que tem a sua origem nas malditas universidades da Alemanha e da Itália, começam a discutir, e já acreditam que o rei de França não é mais do que um homem. . .

— E assim é que eu desejo ser considerado.

— Pois fazes mal.. Houve tempo em que os povos só tinham dúvidas sobre o chefe que deviam ter, mas quanto a ter um chefe, isso era ponto assente. Nesse tempo as guerras de família, as conspirações de filhos contra pais, os castigos terríveis que os pais aplicavam aos filhos tudo isso era contemplado com religioso terror pelos súditos: — o vencedor mandava; mas hoje o estado é outro: os povos olham altivamente, não só o rei, mas até as coroas, e começam a pensar que não há motivo, algum para que uma família, que não é melhor nem mais bela do que as outras, obtenha um senhorio assim absoluto sobre tantos milhões de homens.

— Tenho ouvido falar disso — observou Francisco, que outra vez se tornara pensativo.

— Ora, — prosseguiu o jesuíta — dado este abatimento do poder real, só resta um caminho aos soberanos, para conservarem o trono. É necessário que o horror dos suplícios ensine o vulgo a não erguer os olhos para os ungidos do Senhor; é necessário que o rei, unindo-se em coração e espírito ao sacerdote, ofereça ao povo o espetáculo do seus carrascos, ameaçando-o com os horrores do inferno na outra vida; é necessário sobretudo que nenhum escândalo, nenhuma voz sinistra, saia do paço dos reis a dar pábulo aos ouvidos da plebe. Teu filho quis cobrir-te com uma cogula de frade, e ter-te-ia matado se não lhe faltasse a coragem. Execrando crime é esse, na verdade, mas livra-te de lhes dares publicidade, porque, quando os franceses souberem que na casa dos Valois há parricidas, começarão a pensar que a casa dos Valois é demais no Louvre.

— Portanto, — disse o rei, mais admirado do que irritado — portanto, ó monge, segundo a tua opinião, toda a ofensa feita ao rei por qualquer pessoa da sua família deve ficar sem castigo?

— Quem se atreveria a afirmar isso? Mas os castigos dão-se em segredo, substitui-se a espada pelo veneno. Evite-se principalmente o escândalo; porque é isso que perde as almas e dá cabo dos reinos.

— Então é um assassínio cometido na sombra o que tu me aconselhas, santo frade? E aos olhos de Deus serei menos culpado, se cometer um crime que toda a gente desconheça?

— Os que governam a terra — disse o jesuíta, sem se comover — não estão sujeitos às regras que regem o resto dos homens. Se o pecado de um rei concorre para a eterna salvação de milhões de almas, o príncipe é honesto e bom mesmo pecando, e a sua culpa é mais meritória do que mil ações boas.

— E quem há de julgar — disse o rei ironicamente — quem há de julgar se a culpa do soberano é censurável, ou se pertence ao número das que merecem encômios?

— Nós — respondeu Inácio, erguendo-se.

E aproximando do rei, e cravando nos olhos dele as suas pupilas cheias de fogo:

— Vós ainda não pudestes habituar-vos a este pensamento, ó poderosos da terra! — disse ele. — Vós, costumados a cortar todos os nós com a folha da espada, ainda não pudestes reconhecer este poder puramente ideal na influência de um padre pobre e obscuro, que, metido na sua pequena cela, rege as coisas do mundo. Mas hoje em dia a espada dos nobres já não basta para governar a terra; o arcabuz dum mísero plebeu deita por terra o filho do imperador. Acabou o vosso poder, ó guerreiros das armaduras de aço e dos generosos corcéis: se quereis continuar a reinar, deveis ser nossos aliados, porque só nós é que mandamos a plebe, porque só nós é que dirigimos a nosso

bel prazer as mãos que seguram os arcabuzes e que vibram os punhais.

— Ah! . . . Carlos de Espanha! — exclamou Francisco.

Esta exclamação, que involuntariamente escapara dos lábios de Francisco, indicava os pensamentos que nele despertara o discurso - de Loiola.

Com efeito, fora essa política cheia de dobrez e de intrigas, feita à força de padres, a que elevara o seu rival Carlos V às sumidades do poder de que dispunha.

O rei, que tinha uma inteligência perspicaz, viu num relance o quadro grandioso, que as palavras do jesuíta lhe apresentavam diante dos olhos.

Era absolutamente verdadeiro: a invenção da artilharia popularizara a força, fazendo-a passar dos cavaleiros para a plebe armada; a imprensa popularizara a ciência, por meio da qual os sábios da Idade Média tinham tiranizado a plebe; as viagens freqüentes, que Colombo estendera até às terras da América, tinham destruído o velho costume da escravidão da gleba, formidável fundamento do poder feudal; finalmente, a Reforma religiosa tinha feito ruir o último poder — o da Igreja — origem de todos os outros daquele tempo, e que se conservara de pé até então.

As velhas instituições não tinham, portanto, outro recurso senão o de se unirem todas, tornando-se soldados, e ferirem inexoravelmente quem ousasse tocar em qualquer delas. A Monarquia e o Papado, o trono e o altar, só podiam prolongar a sua existência estando estreitamente ligados, e o decorrer do tempo demonstrou que terrível perigo ameaçava aqueles que queriam reformar duas coisas tão intimamente ligadas.

— Se eu deixar viver meu filho...

— Ou se Vossa Majestade mudar a forma da execução. . . — disse respeitosamente Loiola.

— Não, não; só a necessidade de dar um grande exemplo é que poderia justificar a violência imposta ao meu coração de pai. Faltando-lhe a publicidade em todo o reino, esse castigo tornar-se-ia numa vingança, e eu não quero vingar-me de meu filho.

— Vossa Majestade tem os sentimentos de um rei verdadeiramente cristão — disse o jesuíta, imóvel.

— E se eu o deixar viver, ocultando a toda a gente a culpa, dele, o que hei de fazer do prior e dos frades que me ofenderam tão atrozmente?

— Que vos ofenderam? — disse Loiola, fingindo-se admirado.

— Como! . . . onipotente e onisciente como sois, ignorais que eu estive preso naquele convento, que fui amarrado, e que me bateram como a qualquer malfeitor?

— Vossa Majestade não fala com exatidão — disse num tom de humildade Inácio de Loiola. — Aqueles frades teriam cometido um crime execrável, se tivessem erguido a mão contra o eleito de Deus, contra o seu legítimo rei, ao qual têm inteira obrigação de obedecer. Sim, se eles se tivessem tornado réus de tão grande crime, os suplícios inventados pelo rei Luiz XI, de gloriosa memória, seriam demasiado suaves para semelhantes criminosos.

— Como! — exclamou o monarca, cheio de indignação — atrever-vos-íeis a negar que aqueles malvados fizeram o que acabo de vos dizer?

E o príncipe agitava-se, como se ainda sentisse os ossos doridos pelas pancadas que os frades lhe tinham dado.

— Não foi a Vossa Majestade que eles maltrataram, mas sim ao pobre doido, que tinha a pretensão de ser o rei de França. Cada pancada que vos davam era até certo ponto um ato de respeito pela Majestade do verdadeiro soberano.

Apesar da sombria gravidade dos seus pensamentos, o monarca não pôde deixar de sorrir, ao ouvir aquela singular teoria, de resto tão conforme com os hábitos de casuística sutil de que

aqueles jesuítas eram professores eméritos. , Mas bem depressa se tornou taciturno e severo. .

— Já refleti, meu padre — disse ele — e a minha decisão difere do vosso conselho. Suceda o que suceder, é necessário que ninguém possa dizer que bateu e zombou impunemente do rei de França. Os ofensores não de morrer, sejam eles quem forem! . .

— Vossa Majestade resolve assim, sem pensar de certo nos prejuízos futuros, que daí advirão à religião e às instituições monárquicas! . .

— Ora! — disse o rei impacientando — Quantos anos vos parece que serão necessários para que o espírito de rebelião e heresia nossa derrubar o trono de França?

— Que sei eu? talvez cinqüenta anos.

— Pois bem, dentro de cinqüenta anos já eu estarei morto; e falar verdade não sei porque deva preocupar-me com o que será a monarquia, quando eu já estiver enterrado. Eu penso no presente, santo monge; e, verdade, não me importo com um futuro remoto.

— Mas a mim, — disse o jesuíta em voz baixa, mas resoluta — a mim importa-me o futuro, entendes, rei de França?

O rei olhou com espanto, não isento de medo, para aquele velhinho magro, que já parecia ter um pé na sepultura, e que se preocupava com o futuro muito mais do que ele, que era novo, e que estava em toda a força e vigor da saúde e da idade.

— Sim, eu importo-me com o futuro! — acrescentou Inácio; a sua figura débil elevava-se com uma imponente majestade. — instituição por mim criada não poderá produzir os seus frutos senão dentro de um ou dois séculos. Então e só então é que os irmãos em Jesus, animados pelo meu espírito, alargarão o seu poder por toda a Europa, por todo o mundo. São necessários martírios e lutas, são precisos principalmente séculos de perseverança para que o meu grande plano se converta em realidade. . . E quererás tu impor-te a esta minha vontade? Rei da terra, não sabes que o Rei do eu pode aniquilar-te com um sopro?

Estas palavras veementes abalaram o soberano. Era então uma é tremenda, uma resolução invencível a daquele padre, que se sacrificava a si e à ambição do presente pela esperança do futuro, pelos triunfos que havia -de alcançar a Companhia de Jesus, quando os ossos dele já haviam de estar há muito desfeitos em terra!

O rei sabia o que valem os fanáticos. Nenhuma força de raciocínio ou de braço pode opor-se-lhes; a cega robustez da sua fé derruba todos os obstáculos. Pela primeira vez o rei conheceu que existia no seu reino uma força contra a qual até o seu poder se despedaçaria e seria impotente.

— Mas que faríeis então, se eu me resolvesse a castigar e a reinar? . . — disse o rei.

— Senhor, os vossos amigos huguenotes livraram-vos do cárcere, e ao mesmo tempo arrancaram das mãos dos inimigos a Arnaudina, a mulher por quem. . .

— Basta! . . — interrompeu asperamente Francisco. — A Arnaudina está nas mãos dos meus amigos, e ela me contará como as coisas se passaram.

— A Arnaudina morreu, senhor. A Providência penetrou no laboratório de Ambrósio Pare, mal o médico de lá tinha saído, e a testemunha com que os huguenotes contavam desapareceu para sempre.

— Morta! — exclamou o rei com doloroso espanto. — Morta! Talvez assassinada. . . porque me amava! . .

— Não, mas porque se opunha aos planos da Igreja — respondeu friamente o jesuíta.

Francisco estremeceu. Começava a compreender o sentido das palavras de Loiola. Aproximou-se dele e fitou-o demoradamente.

—Então essa morte é obra de algum agente da Companhia de Jesus? — perguntou ele.

— Talvez que o zelo de algum fiel tenha servido a vontade do céu.

— E tu com isso queres dizer que também eu possa ser vítima das mesmas insídias, se recusar submeter-me a essa tutela? — ‘ exclamou o Rei.

— Não, sem que antes eu pedisse ao Senhor que me poupasse a tamanha dor — respondeu com audaz hipocrisia o geral dos jesuítas.

Francisco ficou perturbado. Tanta audácia confundia-o.

— Mas tu então ignoras, jesuíta, que eu estou no meu palácio, cercado de guardas fiéis e inimigos de tudo o que lhe cheire a padre?

— Sei isso perfeitamente, porque, para fugir aos malditos protestantes, que guardam as portas, tive de vir à tua presença por caminhos que só eu sei.

— Basta-me fazer um sinal — prosseguiu o rei — para que o geral dos jesuítas seja agarrado e arrastado para um subterrâneo, onde morrerá ao cabo de dois dias ,de tormentos.

Inácio desfranziu um sorriso, em que havia alguma coisa de fúnebre, que gelava o sangue.

— Quando eu vivi no mundo, — disse ele pausadamente — os acasos da guerra fizeram com que eu ficasse coxo de uma perna. Isso feriu-me profundamente a minha vaidade, porque eu então era um miserável, que fazia consistir toda a sua felicidade nos deleites do corpo e na vaidade da sua pessoa. Por isso, para conseguir que perna aleijada me ficasse como era antes, segui o conselho de um médico, e amarrei ao pé pesos enormes, que me faziam estalar os ossos e me davam aos nervos da perna esticões horríveis. Os mais mimosos e afeitos a sofrer não resistiriam uma hora àquele suplício. Que tempo pensa o Rei que resistiu Inácio de Loiola?

— Que posso eu dizer! — disse o rei, que a seu pesar se sentia tomado de espanto — meio dia.. . um dia. . .

— Resisti durante trinta e cinco dias! — respondeu o jesuíta, fitando no rei Francisco um olhar triunfante.

O rei, vencido, curvou a fronte.

— Vamos, Rei de França! — disse o jesuíta — ajuda-nos e nós salvaremos e defenderemos a tua coroa! Os hereges invadiram reino, e em cada herege esconde-se um inimigo do Rei. Então, aceitas as minhas condições?

— Vejamos primeiro quais elas são — disse o soberano, acabrunhado e abatido.

— Em primeiro lugar, Sua Majestade esquecerá completamente as tristes ocorrências destes últimos dias, e restituirá as suas boas raças ao príncipe Henrique, ao condestável de Montmorency, à senhora de Poitiers, e a todos aqueles que por tal fato as tenham urdido.

— Assim farei — disse o soberano.

— Os huguenotes manifestos, aqueles que fizeram profissão fé protestante, serão expulsos da corte, perseguidos por todos os modos e principalmente por via do Santo Tribunal da Inquisição. Quanto àqueles que, conquanto tenham no coração o fermento da heresia, não se têm manifestamente declarado...

O jesuíta deteve-se para observar o efeito que aquelas palavras produziam no soberano. E com efeito, o rei carregara o sobrolho ao pensar que se lhe pedia o sacrifício de Beaumanoir, de Poix e de todos os outros amigos fiéis. Inácio de Loiola conheceu que era inútil insistir sobre aquele ponto.

— Quanto a esses, — disse ele numa voz melíflua — o Rei continuará a tê-los como bons amigos, e a dispor deles para o seu serviço, enquanto eles não praticarem algum ato de pública ofensa contra a religião.

Francisco respirou.

— Vossa Majestade digna-se aceitar estas humildes propostas? — disse o jesuíta, procurando temperar com a amenidade da forma a aspereza do ato.

Francisco acenou afirmativamente com a cabeça.

Um momento depois, Henrique de França, milagrosamente salvo da morte, prostrava-se aos pés do pai, e renovava o juramento de fidelidade e os protestos do mais profundo e sincero arrependimento.

— Ao menos que ninguém o saiba! — disse o Rei, lembrando-se dos conselhos do jesuíta.

CAPÍTULO XXII

AS CHAMAS DA FOGUEIRA

A praça de Greve, lugar onde ordinariamente se efetuavam as execuções, estava enormemente concorrida.

Tratava-se de uma dessas execuções que eram do particular agrado do povo parisiense. Um fornada inteira de hereges, homens e mulheres, apanhados enquanto assistiam ao sermão de um ministro evangélico, devia passar pelo fogo.

Se se tratasse de ladrões ou de assassinos, na multidão não deixaria de haver tal ou qual simpatia pelos condenados. Cartouche e Mandrin tiveram admiradores e admiradoras, que os acompanharam até ao patíbulo.

Mas tratava-se de hereges, e contra estes os parisienses, excitados pelas continuadas prédicas, não nutriam senão sentimentos de ferocíssimo ódio. Paris orgulhava-se de ser a cidade mais católica do reino, aquela em que a heresia nunca pudera penetrar, e olhava como inimigos terribilíssimos de toda a população aqueles que, seguindo uma religião diversa, pareciam ter em vista tirar à capital francesa a sua candura de cidade não inquinada de heresia.

E contudo, o suplício a que tinham sido condenados os hereges — e que se devia à satânica inteligência do cardeal de Tournon e do padre Lefèvre — era tal, que deveria comover até um coração de pedra.

Com efeito, os desgraçados hereges já não eram condenados só a morrer entre as chamas duma fogueira, suplício horrível, mas de curta duração. Os algozes tinham inventado umas cadeiras, que, amarradas a grandes argolas de ferro, subiam e desciam sobre o fogo, de modo que aqueles infelizes morriam ao cabo de convulsões cem vezes repetidas.

É certo que o exemplo de tão horrível crueldade já fora dado aos católicos pelo chefe dos protestantes, por João Calvino, que, discordando de Miguel Servet sobre um ponto da Trindade, o fizera queimar a fogo lento,

Assim, naqueles desditosos tempos, os vários partidos, em vez de se imporem pela razão e pela persuasão, competiam em ferocidade; e não havia culpa grave num, que o outro não tivesse. . .

Três gentis-homens, suntuosamente armados, e com um séquito de cem pessoas, entraram a cavalo na praça de Greve, falando e discutindo animadamente uns com os outros.

Não era para assistir ao suplício que eles se dirigiam para aquele lugar; mas, ignorando ou tendo esquecido que naquele dia tinha lugar uma grande execução, tinha tomado aquele caminho como o mais curto para chegarem ao sítio para onde se dirigiam.

— Sim, meu caro salvador — dizia um deles, um belo velho de aspecto cheio de frescura e serenidade, e que montava com notável maestria um fogueiro cavalo preto — sim, resolvi retirar-me para as Províncias Unidas ou para a Suíça. O Rei recebe-me sempre com o mesmo favor, e enche-me de festas; mas tenho notado certos sintomas. . . e ontem Montmorency deitou-me um olhar tão pérfido. . .

— E eu far-te-ei companhia, caro conde — respondeu o outro, que não era senão o marquês de Beaumanoir. — Francisco no fundo é bom, mas os jesuítas, e aquela maldita Diana, amiga e cúmplice deles, apertam-no por todos os lados. Posto que eu duvide de que ele queira tirar-me a espada de condestável para tornar a dar a Montmorency, estou sempre à espera, a ver quando o capitão das guardas me vem prender.

O conde de Poix não respondeu logo, absorto como estava com a vista no que se passava na praça.

O ex-prisioneiro do duque de Montmorency estava completamente refeito dos tormentos e privações sofridas. Apenas um tom de melancolia, que se lhe espalhava na fisionomia grave, lembrava as agonias passadas; mas aquela nuvem de tristeza desaparecia logo que o conde voltava os olhos para seu filho, mancebo altivo e cheio de garbo, que cavalgava ao lado dele.

O visconde Carlos de Poix, austera e nobre figura de soldado dos antigos tempos, era com efeito um cavaleiro que satisfazia completamente o orgulhoso afeto do pai.

— E vós, mancebo, — disse ele — também vos retirais desta corte, que, apesar de tudo, passa por ser a mais elegante e agradável do mundo, e onde o vosso nome e as vossas qualidades vos garantiam o mais brilhante futuro.

— Não sou homem de corte, e não ambiciono tal futuro — respondeu o visconde, inclinando-se.

Beaumanoir sorriu-se.

Com efeito, o visconde de Poix passava por ser uma espécie de belo sombrio. Não se lhe conheciam amores nem vícios; a austeridade do seu viver refletia-se-lhe na fisionomia, nas palavras, no olhar. Era um desses puritanos, que mais tarde Cromwell encontrou) seu lado, peitos de ferro e corações inquebrantáveis.

O conde de Poix, exilado voluntário, estava completamente refeito dos sofrimentos que adquirira na prisão. Era um belo velho, cuja velhice era evidentemente prematura, e cujo braço tinha um vigor, que o rosto não manifestava. Mas palavras do visconde seguiu-se demorado silêncio. Os três fidalgos avançavam juntos, ao passo que a multidão cada vez se remia mais na praça.

De repente, o marquês de Beaumanoir, que caminhava um tanto distraído, sentiu o cavalo estacar, e curvou-se para ver qual era o obstáculo.

A custe reteve um grito de espanto.

Uns quarenta populares, esfarrapados, descalços, arregaçados :é os cotovelos, armados de machados e foices, formavam uma espécie de guarda de honra à entrada da praça.

Dois frades, generais daquela ignóbil milícia, corriam de um ira outro lado, dando ordens e fazendo recomendações.

— Olá, amigos! — disse Beaumanoir, que era nobre bastante para poder ser delicado com os inferiores — deixem passar, façam favor. O meu cavalo não pode avançar.

Vozes ameaçadoras responderam àquela intimação.

— Nós estamos na praça de Greve — disse um daqueles esfarrapados, brandindo uma foice. — Quem manda aqui é a Santa inquisição e o povo de Paris!. . .

— Passagem a monsenhor o marquês de Beaumanoir, grande condestável de França!. . . — gritou naquele ponto um escudeiro, que chegara ao pé do patrão.

Um dos frades soltou um grito de raiva.

— Beaumanoir! — gritou ele — o huguenote, o réprobo, o inimigo da nossa santa fé! Morra! morra o huguenote!

Mas a escolta do condestável correu a toda a brida, e aqueles bons católicos em mangas de

camisa tinham muito mais coragem contra os hereges inermes do que contra gente armada. Por isso o condestável e os seus companheiros avançaram tranqüilamente.

Só o frade, que se adiantara como que para se opor sozinho à passagem de todos aqueles cavaleiros, é que foi violentamente empurrado pelo cavalo do marquês e caiu ao chão, vociferando imprecações e blasfêmias, que decerto não estavam escritas no breviário.

O incidente teria feito maior ruído, se naquele momento as atenções da multidão não fossem distraídas por cousa muito mais interessante.

Ouviu-se esta exclamação geral:

— Eles lá vêm!.. . Eles lá vêm!.. .

E um carro, rodeado de guardas, de frades, e da imensa multidão de povo semi-nu e ululante, desembocou na extremidade da praça.

Sobre o carro estavam empilhados doze condenados, sete homens e cinco mulheres, que Francisco I, em obediência às sanguinárias ordens do Papa Negro, tinha destinado ao suplício do fogo!

Poix desviou o olhar. Era impossível reconhecer algum daqueles infelizes, porque, além da mordaga que lhes cobria quase toda a cara, tinham a cabeça coberta por grandes capuzes negros, que lhes desciam até aos olhos.

O Rei Francisco chegou pouco depois, sendo acolhido pelos vivas frenéticos da multidão. Ao lado dele, na tribuna real, tomaram lugar a rainha, Diana de Poitiers, considerada como uma segunda rainha, o príncipe Henrique, e, imutável no seu ar orgulhoso e feroz, o duque de Montmorency.

Ao avistar aquele inimigo da sua família, o jovem visconde de Poix franziu a testa e apertou com mão convulsa o copo da espada. Se era verdade, como se afirmava, que o visconde era um huguenote fervente, ele decerto não observava a religião evangélica até o ponto de praticar o perdão das injúrias. ‘

O estrado real estava colocado de modo que Sua Majestade pudesse ver tudo, sem perder nem um grito, nem um tormento, nem uma contorção das vítimas. Estas já tinham sido colocadas sobre as cadeiras de ferro, e os algozes só esperavam um sinal para deitar fogo aos montes de lenha e fazer funcionar o horrendo aparelho.

Depois de tudo pronto, levantaram os capuzes que cobriam as cabeças dos condenados, e tiraram-lhes as mordagas. Aquela população enorme soltou um grito de alegria. Nunca fora proporcionada uma coleção mais bela de vítimas à católica ferocidade daqueles celerados! Havia ali um ancião de aspecto venerando, o conselheiro Duboug; havia um oficial, fidalgo navarrês, que cairá nas garras do Santo Ofício; havia além disso, como já dissemos cinco mulheres. Uma destas era uma freira, que fora surpreendida quando lia um dos violentos livros de Calvino; três mulheres do povo, de meia idade, com o olhar aceso pelo triste fulgor do fanatismo; a última era uma menina dos seus quinze anos, derradeira vergôntea de uma numerosa família protestante, já destruída pelo ferro e pelo fogo.

Os jesuítas, posto que não tivessem nada de que acusar aquela desgraçada menina, queriam extinguir com ela a família maldita a que pertencia. Por isso tinham-na feito prender e tinham-lhe imposto sepultar-se eternamente num convento ou, na alternativa, de morrer na fogueira.

A criança tinha um corpo fraco, mas uma alma corajosa; escolhera a fogueira. E fizeram-lhe a vontade.

Mas talvez que a firmeza da pobre criança tivesse vacilado, se ela tivesse sabido que a morte, já horrível, com que fora ameaçada, tinha sido por vontade do Rei rodeada de tão atrozes requintes de sofrimento, que a tornavam tão lenta e interminável!

De repente, o visconde de Poix, que por acaso voltara a olhar para o lado dos condenados, tornou-se pálido como um cadáver, e um grito abafado lhe expirou nos lábios.’

Um dos condenados, que tinham sido amarrados às cadeiras do suplício reconheceu-o, e enviara-lhe um sorriso de profundíssima amargura.

Era Domingos, o criado de Montmorency!. . . Domingos, o libertador do conde de Poix!... Era o homem que julgara poder vingar-se do patrão, e a quem o patrão castigava horrivelmente pelo braço da Inquisição!

O criado de Montmorency não tinha, como os outros condenados, os membros despedaçados pela tortura. Tendo sido preso demasiado tarde para poder ser submetido ao processo regular, e, sendo por outro lado necessário completar o número dos condenados, fora mandado para a praça de Greve sem mais nenhum preâmbulo. E até talvez que aquilo fosse um cruel cálculo dos jesuítas, que quisessem deixar-lhe as forças intactas para que ele sofresse mais tempo.

— Meu pai — disse o visconde, com um tremor na voz — meu pai, é impossível que nós deixemos morrer assim aquele homem. Devemos-lhe a vida... a nossa vida. . .

— Tens razão, meu querido filho!. . . — disse o conde, cheio de energia. — É preciso tentar salvá-lo, mesmo com risco de sermos postos no lugar dele.. .

— Estais doidos! — interrompeu severamente o marquês de Beaumanoir. — Estamos aqui cercados por um exército; o Rei em pessoa assiste à execução. . . Qualquer tentativa que fizéssemos seria a morte certa.

— Que importa? — exclamou o visconde. — Se nós não conseguíssemos mais do que dar-lhe uma morte menos dolorosa, metendo-lhe uma bala na cabeça, parece-me que cumpriríamos o nosso dever.

E o mancebo preparava-se para dar de esporas ao cavalo, e empunhava as pistolas que tirara dos coldres da sela.

Mas Beaumanoir deitou-lhe a mão ao braço, e, com voz abafada, murmurou-lhe ao ouvido:

— Um momento. . . Respondo por tudo. . .

O mancebo deteve-se e olhou em redor o pequena bando de cavaleiros, cujos chefes eles eram, e que emergia como uma pequena ilha do imenso mar de cabeças humanas, que cobria a praça.

Mas bem depressa o olhar exercitado do mancebo descobriu, espalhados aqui e além no meio da multidão, indivíduos que se saudavam e cumprimentavam com um sinal particular, que se reuniam e a pouco e pouco formavam um círculo em volta da fogueira.

Aqueles homens olhavam a miúdo para o sítio onde estava Beaumanoir, imóvel e ereto como uma estátua de bronze. Parecia que a presença do condestável produzira um grande efeito naqueles homens, porque, de cada vez que olhavam para ele, mais se empenhavam no seu estranho trabalho de concentração. Então Poix compreendeu tudo.

Os mações, huguenotes ou não, tinham vindo ali em grande número, resolvidos a tentar um último esforço para libertar os irmãos condenados. A presença do condestável, seu grão-mestre oculto, conquanto fosse mais fortuita que propositada, fazia-os persuadir de que a ordem inteira, guiada pelo seu chefe, estava ali disposta para empresa, e esta confiança animava os tímidos e inflamava extraordinariamente os audazes.

Entretanto, o Rei tinha-se debruçado um pouco no balcão, e observava com visível agrado a multidão compacta e fremente, correspondendo com uma saudação impenetrável à profunda saudação e -Beaumanoir. Depois, tendo consultado com um olhar a rainha e bela Diana, dera em voz sonora a ordem para começar a execução.

Num instante acenderam-se as doze fogueiras e as chamas começaram a lambar as roupas dos condenados!

A multidão explodiu num grito enorme de aplauso; um gemido imenso foi a única resposta dos condenados. Só a pequena, erguendo os olhos para o céu, é que exclamou em voz alta:

— Meu Deus! livrai-me depressa!

Não pôde concluir. Como se Deus tivesse ouvido o pedido da ruela inocente, uma flecha atravessou o ar sibilando, e veio cravar-lhe no coração! Ela estremeceu; enviou um sorriso dulcíssimo para o lado da praça, onde sabia que estava quem devia recebê-lo, deixando cair a cabeça sobre os ombros, expirou.

Soube-se depois que o autor daquele ousado cometimento fora um jovem archeiro, que amava apaixonadamente aquela infeliz menina, e que, não podendo salvá-la da morte, quisera ao menos diminuir-lhe o sofrimento.

— Traição! — exclamaram então dentre o povo. — Matam os condenados a tiros de flecha!

A multidão, piamente católica, enfurecia-se porque os condenados não eram queimados vivos.

— Traição! Os huguenotes cercaram a praça! Salve-se quem puder!

Estes gritos tinham sido lançados pelos maçons, com um fim fácil de compreender. E ao mesmo tempo ressoou o estampido de trezentos tiros de pistola, que cobriram o chão de mortos e feridos.

Então foi uma confusão geral.

Espalhou-se por entre a multidão a voz de que estavam ali milhares de huguenotes armados para a matança, e houve uma fuga precipitada. Os archeiros, que tentaram pôr um dique à torrente, foram por ela arrastados, poucos deles, porque afinal o resto eram maçons, e, como tais, auxiliavam a desordem em lugar de a combaterem.

Entretanto o esquadrão de Beaumanoir avançou. O Rei e todos os outros, exceto os que estavam ao par do segredo, julgaram que eles vinham restabelecer a ordem, e por isso a tropa que cercava as fogueiras e o estrado real deixou-os passar sem obstáculo.

O visconde de Poix, apontando a pistola à cabeça de um dos carrascos gritou-lhe:

— Desamarra já esses condenados, senão mando-te de presente ao diabo.

Os companheiros do visconde fizeram aos outros carrascos a mesma ameaça. A confusão então chegou ao seu auge. O Rei gritava, dava ordens, ameaçava, mas as suas ordens não eram executadas. A tropa, vendo o condestável, não sabia a quem obedecer, e naquele entrementes os carrascos tinham obedecido.

Para quase todos os condenados era já demasiado tarde. Dubourg morrerá queimado; aos outros pouco lhes faltava. Apesar disso, por ordem do marquês, os desgraçados, moribundos foram postos sobre os cavalos, à exceção de Domingos, que tinha forças bastante para montar sem que o ajudassem.

Então, finalmente a multidão compreendeu do que se tratava, e, perante aquela ameaça de perder as suas vítimas, até os mais tímidos se animaram!

— Querem levar os condenados! — gritaram de todos os lados.

Mas era impossível opor qualquer resistência ao ímpeto dos cavaleiros de Beaumanoir. Por outro lado os maçons, de punhais desembainhados, feriam sem piedade, e abriam larga brecha na multidão compacta. Ao cabo de dez minutos, o condestável, os dois senhores de Poix e a sua comitiva tinham desaparecido.

A batalha continuou ainda encarniçada por muito tempo sobre o terreno da praça. Mas, salvos os condenados, e tendo-se irado o Rei, que, fulo de indizível cólera, corra a ordenar que sem em perseguição dos fugitivos, desaparecera todo o interesse; modo que os maçons, logo que puderam, arremessaram fora os punhais e misturaram-se com os católicos, gritando mais do que eles.

A conclusão dos acontecimentos daquele dia, que o chanceler Duprat e o cardeal de Tournon qualificaram como “funesto à religião católica e grandemente ofensivo para o Rei, foi haver muitíssimos mortos, e não se poder fazer sindicância alguma, por impossível recolher testemunhos.

O povo, porém, esse é que ficou conhecendo naquele dia que diques dos archeiros e dos outros soldados eram demasiado fracos para poderem resistir à torrente popular, e daquele conhecimento adquirido se soube aproveitar a seu tempo.

O duque de Montmorency e seu filho Henrique, duque de Damville, sabendo do ocorrido e tendo recebido as ordens del-Rei, correram com incrível velocidade em perseguição dos fugitivos.

A cousa, porém, era difícil, porque estes tinham muitas horas de avanço, eram os primeiros cavaleiros de França, sem contar que Beaumanoir, por toda a parte conhecido como grande condestável, passava livremente, e dava ordens que embaraçavam a viagem dos seus perseguidores.

Mas estes, cujo ódio supria tudo, de tal modo caminharam e ao cabo de poucos dias tinham avistado o bando dos fugitivos.

Mas, nesse ponto, Montmorency e Damville, apesar de todo seu ódio, tiveram que parar.

Tinham com efeito chegado à fronteira suíça, e, para além dessa fronteira, os genebrinos em armas, comandados por Calvino em pessoa, adiantavam-se a receber os seus irmãos em fé, sólidos gritos de alegria.

Na terra helvética os franceses foram acolhidos com afeto sincero e os protestantes, salvos da fogueira dos católicos, tiveram as festas e as considerações com que se veneram os mártires.

Contudo, Beaumanoir e os seus amigos, vendo desaparecer no horizonte a fronteira francesa, suspiraram profundamente.

— Adeus, França! — murmurou o marquês de Beaumanoir — Adeus, terra de meus pais, terra fidalga, cavalheiresca e nobilíssima, hoje nas mãos dos inquisidores e dos padres!. . . Possa eu tornar a ver-te, livre do negro enxame que hoje te absorve e te devora!

— Adeus, França! — disse pensativo o conde de Poix. — Adeus, pátria minha, onde amei e sofri, e onde cometi faltas gravíssimas, que duramente expiei. Tu me trazes dolorosíssimas recordações, ó França; e contudo o meu coração sangra ao deixar-te, e eu amo-te, e espero tornar a ver-te!

— Não choremos a França, meu pai — disse o visconde de Poix, volvendo um olhar sinistro para as montanhas do Jura. — Ali já não há homens, mas fanáticos; o nosso Rei já não é o que está no Louvre, mas o que manda em Roma. . . E antes fosse assim!... mas eu vejo desenharem-se sombriamente, por trás - das vestes sacerdotais a cogula fradesca; eu vejo os jesuítas invadirem todo o poder do catolicismo. Não esperemos nada, meu pai, porque ao poder do papa de Roma sucede agora a onipotência do Papa Negro!

E assim era que os caracteres mais honestos, os espíritos mais alevantados, as espadas mais valorosas, abandonavam a pátria para fugir à feroz perseguição dos agentes e sequazes do Papa Negro!

A França via abandonarem-na os seus filhos mais valorosos, sentia irem-se assim inutilizando as suas forças vivas, e aqueles que presidiam aos destinos da nobre nação, em vez de obstarem àquela enorme perda, olhavam com indiferença, ou perseguiam com um ódio feroz, os mais nobres filhos daquela terra.

O Rei, efeminado pelos prazeres, seduzido pelos cortesãos, e inspirado pelos jesuítas, açulava a cólera destes contra os cortesãos dedicados de quem tudo tinha a esperar no futuro!

Loiola envolvera em suas redes inextrincáveis o Rei e a corte, e nem um nem a outra atentavam

no triste futuro que assim lhes ia preparando o Papa Negro! . . .

SEGUNDA PARTE ITÁLIA

CAPÍTULO I

O EMINENTÍSSIMO CARDEAL

O Vaticano deixara de ser, havia já muito tempo, o eixo sobre que girava todo o orbe cristão.

Com Júlio II fechara-se o período medieval do pontificado. Aquele homem terrível, que brandia com igual facilidade as armas e as excomunhões, pudera por um momento acreditar que nele se renovava o antigo poder dos Gregórios e dos Inocêncios, dominadores dos povos e dos tronos.

A sua voz já uma vez a Europa se ligara a Cambrai para oprimir uma República florescente, que não parecia bastante obediente ao mando do Pontífice. Mais tarde, quando Júlio entendeu que devia ter inveja do poder dos franceses, pôde criar a Liga Santa, chamando todos os soberanos da Europa a combater contra os franceses, e a Europa, dócil à vontade papal, congregou-se na Liga Santa para dar batalha aos franceses.

Mas, morto Júlio II, a Santa Sé viu diminuir de dia para dia o seu poder e o seu prestígio. Lutero hasteara a bandeira da Reforma sob a qual voluntariamente se alistaram os príncipes e os povos; a Alemanha, a Suíça, a Holanda, e por último, a Inglaterra, tinham abandonado a Santa Sé. As outras nações sofriam continuados vexames, e é evidente que se não fossem os interesses da política e o extremo valor dos príncipes da casa de Lorena, até a França teria seguido o exemplo e se teria emancipado da religião católica.

Os papas, pela sua parte, concorreram para aquela decadência. É triste, dolorosa e pouco edificante a história do Pontificado romano, desde Júlio II por diante. Desde os pagãos epicuristas, como Leão X, até aos que, como Clemente VII, desmembravam a

sua pátria, Florença, para dar um principado a um seu filho bastardo, os sucessores de S. Pedro foram fracos ou maus, e principalmente dementados pelo amor das próprias famílias.

Os bens e propriedades da igreja passaram para os netos . dos pontífices, origem das grandes famílias principescas, de cujo” fausto Roma ainda hoje está sofrendo as conseqüências.

E também para notar uma cousa: que, depois do Concilio de’ Trento, o clero em geral melhorou muito quanto aos costumes e’ à irregularidade de vida; mas daí não veio à igreja toda a vantagem, que devia esperar-se, porque o mal estava na raiz, estava no próprio solo dos sumos pontífices.

Todavia, na época em que vamos conduzir o leitor aos salões do Vaticano, o pontífice reinante não era um homem corrupto; pelo contrário, se a corte pontifícia só estivesse contaminada superficialmente, poderia ter sido curada por ele. Mas o mal. era muito profundo, e por isso a cura muito mais difícil.

Era então papa Júlio de Medicis, milanês, que recebera o nome de Pio IV; homem de inteligência curta, mas bom e honesto, e incapaz de fazer o mal conscientemente.

Pio IV reinava havia cinco anos, porque, na época a que se refere a nossa narrativa, estamos já em 1560.

Os negócios da França e da Europa tinham sofrido consideráveis mudanças. Um famoso tratado, o de Chateau-Chambresis, reconhecera o domínio da Espanha na Itália, onde já possuía o ducado de Milão e o reino de Nápoles, e onde todos os soberanos, à exceção do de Veneza, estavam na dependência imediata do governo de Madri.

Mas o Papa não era senão o primeiro e mais útil dependente da Espanha. Conquanto entre os cardeais houvesse representantes dos partidos francês, austríaco e italiano, estes todos juntos-

não tinham força para lutar contra a preponderância que o rei católico tinha no Sacro Colégio.

Isso tornou-se manifestamente claro quando mais tarde o próprio papa Clemente, que era muito propenso a indulgenciar o rei Henrique IV de França, foi por muito tempo obrigado a não o fazer pela pertinaz oposição e pela decidida vontade dos espanhóis.

Contudo, e embora no fundo as cousas estivessem assim, havia pelo menos meios de salvar cuidadosamente as aparências.

E com efeito, havia na Cúria cardeais, que usavam o título de protetores da coroa de Espanha, de França, de Portugal, etc, denominação vaidosa, que se referia ao tempo em que o Papa dispunha a seu talante das coroas, e que agora já não tinha razão de ser, mas que, apesar disso, se conservara como uma venerável relíquia dos tempos antigos.

E a propósito, se o benévolo leitor não está aborrecido de nos acompanhar na longa viagem que obrigamos a fazer através da ria e das lendas, queremos introduzi-lo nos aposentos do cardeal no de Santa Severina, protetor da coroa de Espanha.

A habitação do cardeal não era grande nem suntuosa; mas, aos olhos de quem tivesse certo bom gosto, patenteava-se logo que havia ali um artista, um inteligente, um delicado. As salas, apesar de não serem grandes, tinham, por causa tapetes e dos móveis, aquele aspecto de intimidade, que tanto concorre para que o homem se afeioe à casa. Preciosos objetos e estátuas de bronze de Benvenuto Cellini, mármore cinzelados pelo escopro de Donatello, quadros em que Pedro Perugino e Rafael Sanzio tinham manifestado todo o seu admirável gênio, ornavam os móveis e as paredes, e bastavam para fazer conhecer ao cardeal de Santa Severina um desses protetores das artes, que, em tempos mais propícios à autoridade da Igreja, criavam os grandes artistas e os apresentavam à consideração e honras do mundo.

A dizer a verdade, o cardeal, pela sua índole e inclinações bem merecera ter nascido na casa dos Medicis, ou de qualquer outra das ilustres famílias que enchiam o mundo com a fama do seu gosto artístico e das suas riquezas. Mas tendo pelo contrário, nascido de uma família pobre, e tendo subido àquela elevada posição à custa só dos seus próprios merecimentos, gastava com munificência de grande senhor todas as suas rendas, que não eram avultadas, em relação ao de que ele precisava; e por isso o mais do tempo via-se cercado de grandes embaraços. As suas dívidas levavam-se a uma soma, que ele mesmo não tratava de averiguar, porque lhe faria perder o juízo. Muitas vezes, o Papa, que o estimava muitíssimo, o livrara de embaraços; mas aquele auxílio cada vez se ia tornando mais difícil e mais raro porque o pontífice também se cansava. Por outro lado, a não ser que tivesse a opulência inexaurível de um soberano, qualquer outro ter-se-ia arruinado fazendo o que fazia o cardeal, que, para arranjar sem demora os mil escudos de que precisasse para satisfazer uma das suas fantasias artísticas, era capaz de endividar-se em três mil.

O príncipe da Igreja acabava de entrar nos seus aposentos, com todos os sinais da mais violenta cólera. O seu velho criado, que lhe correra ao encontro para o ajudar a mudar de vestes, ficou espantado de o ver naquele estado.

— Monsenhor! — exclamou ele — monsenhor, que aconteceu ?

— Ah, Silvestre, não sei onde estamos, nem que mundo é este! — exclamou o cardeal, deixando-se cair no mole diva da sua sala de estudo.

— Mas o que foi, monsenhor? . . .

— Ora imagina uma cousa: imagina que esta manhã, desesperado, e sem saber como arranjar” a minha vida, tive a infeliz idéia de pedir dois mil escudos emprestados ao meu colega Mediei, que é o mais rico dos cardeais, e que, se quisesse. . . podia comprar Roma inteira, e o Papa por cima.

— E ele não vo-los emprestou! — exclamou o criado, cheio do maior espanto. — Parece impossível!. . . um senhor tão famoso pela sua liberalidade. . .

— Pois bem, ouve lá o que ele me disse: “Dois mil escudos! — me respondeu. — Eu teria muito gosto em vos oferecer essa soma, duns vinte mil que ali tenho dentro, em belos florins de ouro, que me mandou meu irmão, o duque de Toscana; mas quero uma troca”.

Silvestre escutava com profunda tristeza espalhada nas faces, pois compreendia o que ele ia dizer.

— E aquele miserável — continuou Santa Severina, dando livre desafogo à sua ira — aquele malvado pediu-me.. . sabes o que? O meu Fauno grego, a obra mais admirável da escola de Rodes, obra talvez do próprio Apolônio.

Silvestre tinha adivinhado.

Os cardeais e os amadores de belas artes estavam um pouco despeitados com as continuadas compras que fazia Santa Severina, que não olhava a despesas nem a sacrifícios para possuir uma bela estátua ou um belo quadro. E, como não havia meio de lhe apanhar um objeto d’arte, que lhe caísse nas mãos, por isso os seus rivais, principalmente os Medicis, esperavam que ele estivesse num daqueles apertos para então verem se podiam apoderar-se de qualquer maneira de algum objeto da sua maravilhosa coleção. O criado aventurou estas palavras:

— Mas, monsenhor, — disse ele com voz um pouco trêmula pelo medo — nós temos em casa muitas Faunos de mármore. . . parece-me ter ouvido monsenhor dizer que o que lhe vendeu aquele capitão de uma galera maltesa excedia em beleza todos outros. Se monsenhor o cardeal Médici quisesse aceitar esse em garantia do outro...

Silvestre não concluiu; o cardeal erguera-se aceso em cólera.

— Cala-te, desgraçado! — exclamou ele. — Como! pois não compreendes que não há um único mármore, da minha coleção, por mais pequeno que ele seja, que eu não estime mais do que própria carne? Qualquer deles, que eu visse que corria o risco de sair daqui. . . ser-me-ia cem vezes mais caro. . . e havia de parecer-me que todos os outros não valiam nada, comparados com aquele que me faltava!

— E contudo, monsenhor, eu fui ao judeu. . .

— E então? — disse o cardeal com ânsia.

— Ele não quis receber o documento de dívida.. . Diz que a :aça está cheia de papéis com a firma de monsenhor. . . e que

ninguém quer descontá-lo. . . Santa Severina bateu na cabeça.

— E foste ter com o administrador da abadia ?. . .

— Já não tem um soldo, monsenhor... já há muito que corro a ele, mesmo para as despesas da casa.. . e está tudo empenhado...

— Recorrer a Pio é impossível — murmurou o cardeal, como que falando consigo próprio. — Da última vez despediu-me, chamando-me mau cardeal e dissipador do patrimônio sagrado... E contudo estas riquezas artísticas serão, depois da minha morte, ornamento e orgulho da cadeira apostólica!.. .

— Monsenhor decerto não se esquecerá, — acrescentou o criado. — de que os últimos escudos que recebi já os gastei há muito.

— Está bem, Silvestre, tudo se reduz a esperar o fim do mês; devo então receber os meus vencimentos de Espanha e dar-te-ei dinheiro que chegue.

— Mas, monsenhor, estamos na última necessidade! há dois meses que o cocheiro sustenta os cavalos à custa dele!

— Pois que os venda e que se pague — disse resignadamente o cardeal. — Andarei a pé; ainda estou novo e robusto. . . e demais. Jesus Cristo também não tinha carruagem. . .

Silvestre soltou um gemido doloroso. Só lhe faltava aquela inaudita desventura, de ser o criado de um cardeal sem carruagem!

Mas o gesto imperioso de Santa Severina fez-lhe compreender que não admitia discussão, e por isso viu-se forçado a retirar-se, gemendo como se o tivessem trincado vivo.

Mas daí a um instante voltou.

— Monsenhor, — disse ele — está ali frei Eusébio de Catalunha, que pede para vos falar com muita urgência.

— Que entre — disse o cardeal, que, ao contrário do péssimo costume de tantos ricos de fresca data, era afabilíssimo, principalmente para com os inferiores.

Entrou o padre Eusébio de Catalunha.

Se o nome não lhe tivesse indicado a procedência, bastaria a fisionomia e a figura do recém-chegado para a darem a conhecer claramente.

De elevada estatura, de faces ósseas, trigueiras, angulosas, o padre Eusébio tinha a aparência sinistra de um inquisidor. Aquela figura devia inspirar terror aos hereges, quando ele se lhes apresentava armado da sua dupla qualidade de apóstolo da fé católica e de atormentador oficial dos hereges. Com toda a certeza as suas palavras, e o terror que a vista dele inspirava, deviam dar àqueles desgraçados uma prova antecipada das penas do inferno.

O padre espanhol apresentou-se com uma espécie de austeridade respeitosa, inclinando-se como homem, que, conquanto conheça que está na presença de um superior, ainda assim tem a plena consciência da sua importância.

— Monsenhor cardeal pode ouvir-me com a precisa serenidade? — perguntou ele ousadamente.

Aquela pergunta desagradou bastante ao cardeal, porque lhe mostrava como na sua fisionomia se liam os sinais da sua agitação de espírito, o que era sumamente desagradável para um homem que estava revestido de tão eminente dignidade.

— Dizei o que quereis, irmão — respondeu o cardeal, esforçando-se por sorrir — não é a serenidade o que me falta, mas o que tendes a dizer-me leva muito tempo. . . em ocasião mais oportuna. . .

O padre fez um sinal com a mão.

— É um momento — disse ele. — O senhor cardeal queira r a bondade de olhar para isto.

E assim dizendo, o frade tirou de debaixo do hábito uma comprida caixa, e pousou-a sobre a mesa. O cardeal abriu a caixa, não pôde conter um grito de espanto e admiração.

Na verdade o objeto que tinha diante dos olhos merecia bem de um cultor de belas artes, como ele era, se deixasse arrebatado pelos mais vivos sinais de admiração.

Era um crucifixo de marfim; um belo crucifixo de marfim, que o tempo amarelecera. Mas aquela antiga matéria um ignoto artista tinha transmitido todo o poder do seu gênio; e aquele mármore amarelecido palpitava e contorcia-se todo sob a ardente cintila da dor, que o mesmo é dizer da vida.

Os membros do divino mártir estavam lacerados por aquela verdade de tormentos, que só os escultores espanhóis, amestrados dos os dias pelos terrores da Inquisição, conseguiram traduzir. Quanto ao rosto, não havia nele nada da celestial resignação de que nos fala o Evangelho.

O terrível artista preferira o momento em que a fraqueza do corpo humano vencia a suprema virtude do espírito divino: o momento em que Cristo, sofrendo tormentos inigualáveis. e sendo rodeado só de inimigos e algozes, e no céu nada mais do que indos de corvos esfaimados e impacientes por virem devorar-lhe cadáver, enviou ao seu Pai o último lamento: Senhor, por que e abandonaste?

E contudo lia-se na face imóvel daquela divina imagem uma dor sobre-humana, uma agonia terrível. Compreendia-se que o Ser assim atormentado devia ser um Deus; porque nenhuma força humana poderia suportar a imensidade de dor, que o escultor acumulara na expressão daquela atormentada fisionomia!

— Admirável! — murmurou o cardeal, a seu pesar dominado pelo entusiasmo. — Nem Brunlesco, nem Donatello, puderam conseguir esta sublimidade de expressão; não, eles pensaram demasiado no Deus, que mais tarde devia triunfar, e esqueceram-se do Homem, que tinha o triste privilégio de sofrer tanto como um Deus. — E donde provém este crucifixo?

— Da Igreja de Santa Maria do Pilar, de Saragoça — respondeu o padre Eusébio.

— Trabalho espanhol. . . e isso compreende-se, porque efetivamente só aí é que os artistas sabem reproduzir a dor com tamanho poder. . . Que arte maravilhosa!. . . Que rigor de formas, que grandiosa simplicidade de linhas!. . . Quem esculpiu este crucifixo poderia sentar-se ao lado do divino Miguel Ângelo!

— Era um pobre frade, — disse padre Eusébio — um nosso irmão, que nunca imaginaria ter feito trabalho tão admirável. E também nunca pensaria que um dia esta criação do seu gênio seria o principal recurso, e quase que a única esperança, da nossa comunidade.

— O último recurso! — exclamou o cardeal. — Então tencionais vender este crucifixo?

— Tal é a ordem que recebi dos superiores do convento, monsenhor, como se pode ver por esta carta do padre prior, devidamente selada com o selo da ordem.

— E que preço vos marcaram para a venda? — exclamou o cardeal, relanceando um ligeiro olhar para a carta que o frade espanhol lhe apresentara.

Este teve um sorriso de amargura.

— Se tivéssemos tempo, — disse ele — eu poderia correr a Europa, e vender este sagrado objeto pelo seu justo valor, restaurando assim duma vez as finanças da comunidade. Mas temos urgência, não podemos esperar, e contanto que eu possa receber o dinheiro já, tenciono ceder o crucifixo por... quinhentos escudos.

— Quinhentos escudos!... Mas ele vale dez vezes isso!... exclamou Santa Severina, que não podia reprimir o seu entusiasmo.

Padre Eusébio inclinou-se.

— Essa opinião, vindo de uma pessoa autorizada como monsenhor, é inapelável. Eu, porém, mesmo em prejuízo dos interesses meu convento, persisto na minha primeira palavra, e repito: Senhor cardeal, quinhentos escudos, e o crucifixo é vosso.

O cardeal guardava silêncio; grossas gotas de suor lhe cobriam a fronte.. .

Aquela obra d'arte era na verdade admirável, e com o seu costumado entusiasmo ele era levado a crer que toda a sua coleção, faltando-lhe aquela jóia única, não valeria nada. Mas quinhentos escudos!. . . na ocasião em que o criado acabava de dizer que já não tinha crédito, nem mesmo em casa do padeiro!. . .

— Reverendo padre — disse o cardeal, com grande esforço eu decerto faria esta compra, mas.. . por certas circunstâncias... estou um tanto desprovido de dinheiro. Se a minha firma.. .

A vermelhidão que coloriu as faces do cardeal ao dizer estas palavras não passou despercebida ao olhar penetrante do frade.

— Eu estou disposto a aceitá-la — disse tranquilamente o espanhol. — Monsenhor decerto poderá indicar-me o banqueiro que costuma descontar as suas letras. . . Perderei um pequeno, mas em compensação terei colocado dignamente e sem demora o nosso crucifixo.

Santa Severina continuava calado. Travara-se no seu espírito luta violenta, cujos efeitos o

estranho visitante seguia sobre a fisionomia transtornada do cardeal. Afinal, conquanto pudesse to nele a paixão artística, pôde mais a honestidade.

— Guardai o vosso crucifixo, irmão.. . — disse ele em voz recortada. — Eu não estou em circunstâncias de ficar com ele.

A fisionomia do padre Eusébio manifestou o mais sincero e — Como!. .. Quando eu me contento com a vossa firma!. . .

— Agradeço-vos, mas essa firma, que vós aceitaríeis em pagamento eu sou bastante honrado para vo-la não dar como dinheiro de contado.. . porque a verdade é que, nos tempos que vão correndo... a minha firma não vale nada.

Padre Eusébio chegou-se mais para o cardeal.

— Então é verdade o que ouvi murmurar já há muito, e de tal modo a fortuna desampara o verdadeira mérito!... O ilustre cardeal de Santa Severina, glória da religião e das belas artes, está arruinado!...

Santa Severina ergueu-se com altivez.

— Arruinado ou não, — disse ele altaneiro — não peço nada, e não consinto a ninguém que se intrometa em cousas que só a mim dizem respeito.

— A ninguém ?.. . nem mesmo a um salvador ?

E padre Eusébio olhou fito e com estranha expressão para o protetor da coroa de Espanha.

O cardeal encontrava-se numa dessas situações de espírito em que se suportam corajosamente as dores, mas em que a gente se sente sem forças diante da esperança. Aquela palavra do frade espanhol deixara-o mais abatido do que o teria deixado a mais triste notícia.

— Um salvador!... — balbuciou ele — e quem poderia ele ser, meu Deus, se até um amigo dedicado, o cardeal...

E tornou a cair sobre o diva, pálido e alquebrado.

— O cardeal dos Medicis, não é verdade, monsenhor? — acrescentou o frade, sem fazer caso do espanto do cardeal ao vê-lo tão' bem informado — Sim, ele não recusou servir-vos, mas impôs-vos condições inaceitáveis, que a vossa nobre altivez de fidalgo e de sacerdote teve de rejeitar.

— Mas, reverendo, como é que sabeis... — balbuciou o cardeal.

— Não vos disse eu, monsenhor, que me apresentava a vós como um salvador? Por isso tenho todo o interesse em conhecer as circunstâncias, ainda as mais íntimas, do homem que me proponho salvar. E, procurando bem, descobri a causa que vos levou a uma situação, decerto muito honrosa, mas em todo o caso triste e desagradável para um personagem como vós, que deveríeis ter o poder e a riqueza de Leão X, assim como possuis dele a magnificência e o gosto delicado.

— E qual é essa causa? — interrogou ansioso o cardeal, sem pensar que com aquela pergunta confirmava as razões que o padre dizia ter para se julgar bem informado.

— Ei-la. O papa Pio IV está velho e doente. Sinais, que não permitem dúvida, dão a conhecer que em breve o Sacro Colégio será chamado a eleger um novo chefe do orbe católico. Ora, os cardeais que ambicionam o trono, e os que, não ousando ter essas aspirações, pelo menos querem achar uma pessoa que ocupe o sôlio pontifício guiando-se pelas inspirações deles, receiam e tremem o homem desde já destinado a cingir a tiara do cardeal que a opinião concorde do povo e do clero desde já designa como restaurador da grandeza pontifícia. Este homem, este salvador que todos esperam...

O padre Eusébio fez uma pausa habilmente calculada, e acrescentou com simplicidade:

— Sois vós, monsenhor.

—Eu! — exclamou o cardeal com acento de surpresa, apesar e haver mais de dez minutos que ele esperava aquelas palavras.

— Sim, vós... o único que por doutrina e por pureza de costumes pode dirigir com bom resultado a cruzada católica contra 5 protestantes; vós, que ao saber de Silvestre e à coragem de Pio II, reunis a grandeza intelectual de Leão X, e que dareis finalmente à Igreja o exemplo de um verdadeiro papa, sem as violências obscenamente audazes da casa dos Bórgias, e sem a total ignorância dos eremitas coroados.

O cardeal, sem mesmo saber por que, sorria àquela esperança.

— E eis aí está porque os vossos colegas — acrescentou o padre — mesmo fingindo-se vossos amigos afeiçoados — porque vos temem — o procuram por todos os meios a vossa ruína. Mas não vos assusteis com as ciladas deles, porque apesar de pobre e obscuro, tenho a necessária força para vos poder dizer, como foi dito a Saul: Cardeal de Santa Severina, tu serás pontífice e rei! . . .

A austera figura do frade, ao dizer aquilo, estava iluminada por uma luz tão sobrenatural, que o cardeal esteve quase a participar daquele entusiasmo.

Mas naquele ponto lembraram-lhe as aflições do criado e as lamentações do cocheiro, que se queixava de estar a pagar à sua custa o sustento dos cavalos, e então afluíram-lhe aos lábios um sorriso de amargura.

— Monsenhor, a minha profecia, encontra-vos incrédulo - disse o padre. — E contudo, em muitos outros casos...

— Oh! não pensava agora na vossa profecia, meu reverendo padre... — disse com tristeza o cardeal. — Outro pensamento me agitava. Sabeis que ordens eu estive a dar ao meu criado, pouco antes de vós entrardes?

Padre Eusébio fez um gesto de quem não sabia nada.

— Ordenei-lhe — disse Santa Severina — que vendesse os cavalos da minha carruagem, porque de hoje por diante serei forçado pela minha pobreza a andar a pé. . .

Um lampejo de triunfo iluminou a fisionomia do monge espanhol.

— Até que enfim!. . . — murmurou ele consigo — Tivemos de esperar muito tempo.. . muitíssimo tempo. . . mas afinal sou a hora, e o homem é nosso!. . .

CAPÍTULO II

OUTRA VEZ EM CAMPO

O padre Eusébio, ao ouvir aquela declaração tão penosa do príncipe da Igreja, pareceu exultar de contentamento; as suas faces ósseas tornaram-se quase belas, tamanha era a sua satisfação.

— Vossa Eminência dê-me licença de me sentar — disse ele humildemente — sou velho, e o cansaço...

— Oh! perdão, perdão, reverendo padre! — exclamou o cardeal, verdadeiramente mortificado. — Eu estava de tal maneira absorto nos meus pensamentos e nos meus desgostos, que esqueci.. . Mas podeis crer que estou vexado. . .

— Vossa Eminência é que me está vexando com tantas desculpas — disse o padre Eusébio em tom humilde, mas a que não faltava certa dignidade. — Toda a gente sabe quanto monsenhor é afável bom para com os inferiores. . .

Santa Severina olhou com curiosidade para aquele homem, que e declarava seu inferior, e que em poucos minutos tinha tomado sobre ele uma ascendência, que o cardeal não consentiria nem ao próprio Pio IV.

— Ora, dizíamos nós — continuou placidamente o padre Eusébio — que o cardeal de Santa Severina está destinado pelos seus próprios merecimentos e pela unanimidade da opinião pública a ocupar o sólio pontifício. Pois bem! os outros cardeais invejam o seu futuro chefe e procuram arruiná-lo antes que o seu triunfo seja definitivo.

— Mas se já vos disse — repetiu Santa Severina — que estou arruinado, e que dentro em pouco tempo será público e talvez vergonhoso o estado das minhas finanças.

— Monsenhor não calcula a exatidão dessas suas palavras — disse o frade. — Monsenhor parece-me que desconhece a extensão da sua ruína.

— Pois que mais há! — exclamou o infeliz, que em cada nova palavra via uma nova ameaça. — Dizei, meu reverendo; eu já estou preparado para tudo.

— Os credores de Vossa Eminência, cansados de não receber um soldo, de ver que todo o dinheiro de monsenhor é dispendido em objetos de arte, pediram ao Santo Padre permissão para procederem a um aresto nos objetos existentes nesta casa.

— Mas Pio não pode ter autorizado tal procedimento! — exclamou o cardeal, preso da maior agitação. — Ele é o meu melhor amigo, temos vivido juntos desde criança. . .

— Pio teve de aceder a tudo o que lhe pediram, porque o cardeal dos Medicis apoiava aquele pedido, pois deseja a todo o transe assenhorear-se dos tesouros de arte, que Vossa Eminência recusou vender-lhe.

— Mas isso é uma infâmia! — exclamou o pobre cardeal, quase a chorar. — Aproveitar-se da minha desgraça. . . para. . .

— Monsenhor não está falando com a sua habitual retidão — observou o frade. — A paixão que domina o cardeal dos Medicis é sente em si o ardor de uma paixão tão nobre e poderoso, nem sempre tão nobre como a que arde no coração de Vossa Eminência; e quem pode resistir à fascinação que ela exerce!. . . Vossa Eminência deve considerar que a sua coleção passa por ser uma das mais belas que existem em Roma!

— É verdade! é a mais bela! — respondeu o cardeal com acento de sincero orgulho.

Mas bem depressa, recaindo no seu desespero, disse: — E pensar eu que hei de ficar sem estas maravilhas! e que talvez os meus quadros incomparáveis, as minhas estátuas divinas vão cair nas mãos de alguns semi-selvagens do Norte, ou de algum judeu, que vá correr mundo com elas para as vender.

— O cardeal dos Medicis decerto ficará com toda a coleção — disse o frade, pronunciando estas palavras como que para dar uma consolação ao cardeal, cujo desespero, pelo contrário, ele procurava exacerbar.

E de feito, ao ouvir aquilo, o abatimento de Santa Severina transmutou-se em furor.

— Ele! — exclamou o cardeal, cheio de cólera — ele, o autor da minha ruína, aproveitar-se dela! .. Os meus mármore e os meus quadros irem deliciar a vista daquele que há tanto tempo os inveja, e que não duvidou empregar os meios mais vis para os possuir! Ah! antes quero destruir tudo...

— Mas, monsenhor, então não vos lembrais do futuro que vos espera? Não pensais em que o escândalo vos afastaria do sólio pontifício?

— O sólio pontifício! — exclamou o cardeal, cheio de desalento - perspectiva na verdade muito própria para seduzir quem não tem certeza de poder descansar amanhã debaixo de teto seu!

— Monsenhor, — disse padre Eusébio com solenidade — já vos disse que vim ter convosco como um salvador. Escutai-me: essas dívidas montam a duzentos e quarenta mil escudos, soma enorme para que um particular a possa satisfazer. . .

— É verdade; — murmurou o cardeal.

— Ora, eis o que eu estou encarregado de vos propor. Os vossos débitos serão todos pagos; a esta hora um encarregado dos meus chefes terá resgatado os títulos das vossas dívidas, e conserva-os à vossa disposição. Além disso, os meus chefes obrigam-se a oferecer-vos dez mil escudos por ano, e a fazer-vos conseguir além disso uma pingue abadia, que vos permita satisfazer o nobilíssimo gosto artístico que em vós manifesta.

— Mas quem são esses chefes? — exclamou o cardeal, a quem aquilo parecia um sonho — e quem sois vós, que há pouco pedíeis quinhentos escudos por um crucifixo, e agora.. .

— E agora me atrevo a oferecer milhões; é o que queria dizer, Monsenhor?

O cardeal fez com a cabeça um sinal afirmativo.

— Pois bem, eu por mim nada sou; sou o procurador do convento de Nossa Senhora do Pilar, e tenho grande necessidade de arranjar os quinhentos escudos. Mas aqui, sou representante da mais poderosa associação que existe; de uma associação para a qual nada ale nem o dinheiro, nem o tempo, nem a vida dos homens, porque em a sua origem no céu, e tem diante dos olhos o horizonte da eternidade. . . Eu represento, monsenhor, a Companhia de Jesus.

O cardeal sentiu um estremecimento, não de terror ou admiração, como se poderia imaginar, mas de surpresa.

Com efeito, o que em Roma se sabia acerca da Companhia de Jesus não era na verdade coisa que justificasse os enormes oferecimentos do padre Eusébio. Fundada havia meio século, a tenebrosa congregação tinha principalmente trabalhado para conquistar toda a influência possível em França e em Espanha. Em França tinha por principais instrumentos os príncipes da casa de Lorena, que queriam mudar a ordem da sucessão ao trono, pôr fora do campo a casa dos Bourbons, e ocupar eles esse lugar, e não podiam levar à execução tão grandioso plano senão com o auxílio dos dissidentes religiosos, e tornando-se campeões ferozes do catolicismo, do clero, dos Jesuítas.

Em Espanha, o chefe e principal fator da associação era o próprio rei, Filipe II, para quem a religião era um pretexto e um meio de governo, fanático terrível, que ouvia muitas missas e fazia cruelmente matar seu filho e envenenar seu irmão natural, D. João d'Áustria, e a Companhia de Jesus estava de tal modo estreitamente ligada ao Escoriai, que nos estatutos da Companhia estava expressamente declarado que o geral da Ordem devia ser um súdito de Espanha.

Mas em Roma, aonde de tudo isto só chegara um eco indistinto e apagado, a Companhia de Jesus apenas aparecia como uma das tantas ordens religiosas, que o desejo de obstar à Reforma tinha feito surgir naqueles anos. Assim, os jesuítas eram considerados como os mais submissos e inofensivos dos soldados da Santa Sé, tendo eles tido o cuidado de proclamar por toda a parte que estavam decididos a obedecer ao Sumo Pontífice, sem discutir as suas ordens, embora a execução delas devesse custar-lhes a vida.

Assim, o cardeal fez um movimento de extrema surpresa ao ouvir os magníficos oferecimentos que lhe eram feitos em nome de uma instituição, que ele desconhecia quase completamente.

— A Companhia de Jesus! — disse ele com espanto. — Então ela obteve do rei de Espanha os tesouros das índias?

— Monsenhor, não zombeis, nem percamos tempo a discutir essas cousas. Somos poderosíssimos, e posso dar-vos disso provas imediatas.

Padre Eusébio tirou do hábito um maço de papéis de considerável volume.

— Monsenhor, aqui estão os documentos das vossas dívidas; a Companhia deu ordem para os resgatar, e conseguiu-o. Agora o procurador dos Jesuítas em Roma é o vosso único credor; só ele pode assenhorear-se das vossas preciosas coleções, e, se assim aprouver aos superiores, destruí-

las, ou vendê-las a quem mais der. Basta-vos esta prova do nosso poder, ou,exigis mais alguma?
Santa Severina, a quem a surpresa aniquilara, não respondeu..

— Vamos, monsenhor! — disse o frade — a vossa inteligência é demasiado elevada para não se prender com estas maravilhas eliminares. Aceitai os nossos oferecimentos e sede dos nossos. Nós podemos garantir-vos uma vida próspera e feliz enquanto viver Pio IV, e a ascensão ao sólio pontifício na primeira vaga. Nós dispomos dos votos dos cardeais espanhóis, que, como sabeis, estão em maioria; depois, a vossa superioridade pessoal, e a admiração que toda cúria sente por vós, tornarão a vossa eleição infalível.

— E o que exigis em troca? — perguntou tristemente o cardeal

Porque ele bem compreendia que não havia meio de fugir à mão de ferro que o prendera. Se só pela força dos acontecimentos e tinha chegado a tal extremo de ruína, que sucederia quando tivesse contra si a formidável Companhia, cuja força lhe fora demonstrada minutos antes dum modo tão evidente? Por outro lado o cardeal compreendia perfeitamente que um prêmio tão alto, superior ao preço que jamais fora oferecido pela consciência de um homem, que podia ser-lhe dado sem que em troca lhe exigissem terríveis os de sujeição.

— Vossa Eminência não terá que fazer nada que não seja compatível com a sua dignidade de cardeal e com os seus sentimentos católicos — disse friamente o frade.

— Mas nada de claro. . . nada de positivo. . . não saber o fim, is intenções dessa Companhia, tão poderosa que se ufana de poder eleger os papas.

— A Companhia não se ufana, monsenhor; o que ela sabe é apenas que Vossa Eminência tem muitos motivos para poder aspirar a tiara, e oferecer-lhe a sua aliança. Quanto aos fins, esses são justos e claros — a maior glória de Deus. . . Então, Vossa Eminência aceita? .

— Aceito — murmurou o cardeal, curvando a cabeça — sou vosso... e se as intenções com que obrais são menos puras, Deus as tome conta delas, e não a mim.

— Amém! — disse gravemente o frade. — Por disposição do geral da Ordem, cujo nome por ora me é vedado revelar a Vossa eminência, serei eu que entregarei ao senhor cardeal os subsídios a Companhia... e lhe transmitirei as suas ordens.

O cardeal estremeceu ao ouvir aquela última palavra, mas bem depressa caiu em si, e um sorriso amargo lhe franziu os lábios. Pois que direito tinha ele de se escandalizar?

Não se vendera ele para sempre em corpo e alma à tenebrosa congregação? E não devia até estar muito reconhecido ao comprador, que fazia à alma dele a honra de a pagar tão generosamente?

— E o que devo eu fazer agora? — perguntou o cardeal num tom absolutamente resignado.

— Por enquanto nada, a não ser queimar estes papéis, E estou convencido, monsenhor, de que a chama que produzirem há de parecer-vos o mais belo clarão de alegria da vossa vida.

Assim falando, o jesuíta entregara ao cardeal os documentos de dívidas, e, fazendo uma profunda reverência, saíra da sala.

O cardeal, pegando naqueles nefastos papéis, dirigiu-se pressurosamente para o fogão, onde ardia um vivo lume. Ia a lançá-los às chamas, mas deteve-se.

— Se eu queimo estes papéis, — murmurou ele — vendo-me para sempre a esta gente. . . Não valeria mais desfazer-me de tudo, e conservar a liberdade da minha consciência? Até agora as aflições da minha miséria não me tem inspirado remorsos, e nunca me tiraram o sono, ao passo que agora.. . Vamos, padre de Cristo, coragem! conforma-te com a pobreza, mesmo com a miséria, e conserva-te honesto e puro! O teu martírio não durará muito tempo. .. restituirei estes documentos ao jesuíta.

Mas naquele momento ouviu bater à porta, e entrou Silvestre todo satisfeito.

— Monsenhor — disse ele — os duzentos escudos, que o reverendo que há pouco saiu daqui me entregou em nome de Vossa Eminência, fizeram milagres. Eu espero que a ordem de vender os cavalos já se não execute; o cocheiro já está pago, e jura que não há ninguém no mundo que faça com que ele deixe de estar ao serviço de Vossa Eminência.

— Está bem... não se vendem, — disse Santa Severina, renunciando a lutar. — Deixa-me só, Silvestre.

O criado obedeceu. Daí a um instante os documentos de dívida do cardeal estavam reduzidos a um punhado de cinzas.

Um minuto depois tornou a entrar Silvestre, que entregou ao cardeal uma carta fechada. Sem saber porque, o cardeal teve um pressentimento, parecia-lhe que aquilo devia ser mandado pelo jesuíta.

E com efeito, aberta a carta, viu que ela começava pela sigla da Companhia

A. M. D. G.

que, como toda a gente sabe, significa *ad majorem Dei gloriam*, pondo assim completamente sob o padroado de Deus os inumeráveis crimes cometidos pela Companhia contra a humanidade.

A carta continha estas palavras:

“O cardeal de Santa Severina foi eleito presidente do tribunal que deve julgar o herege e rebelde Francisco Burlamacchi, cidadão de Luca.”

“É absolutamente necessário que Francisco Burlamacchi seja condenado à fogueira”.

O cardeal deixou cair a carta das mãos. A gente que o comprara não perdia tempo em o utilizar... e o primeiro serviço que lhe pedia era um serviço de sangue.

— Meu Deus! por que me haveis abandonado? — murmurou cardeal, lançando em torno um olhar espantado.

Mas pouco durou aquele abatimento.

O cardeal era um desses homens, que, por moleza de temperamento, se habituam a todas as situações, e que são ótimos advogados para arranjar para si mesmos justificação até para os atos mais repreensíveis.

Portanto, ao jantar, que Silvestre naquele dia apresentou mais suculento do que de costume, o príncipe da Igreja esteve com belo apetite e de muito bom humor; e foi nestas disposições de espírito e ele recebeu a ordem oficial em que o Papa o chamava a presidir os juizes encarregados de assassinar Francisco Burlamacchi.

CAPITULO III

A HERDEIRA DOS BÓRGIAS

— Meu senhor, hoje não tereis açúcar... fostes muito mau. Não, não é escusado; açúcar não tereis, por mais festas que me façais.. .

A estas palavras, pronunciadas numa voz argentina, respondeu uma explosão de riso infantil.

O colóquio — se se pode chamar colóquio àquele em que só um é que fala — era entre uma menina dos seus dezoito anos, trigueira, esbelta, com uns olhos cheios de eloquência, e um magnífico cão espanhol, preto e branco, um dos mais admiráveis exemplares da raça que se conservava no Aranjuez, para uso exclusivo do rei católico.

Era portanto necessário que, para possuir aquele cão, a donzela estivesse, ou por si ou por seus parentes, em relações muitíssimo íntimas com o rei de Espanha; porque, como era sabido de toda a gente, sua majestade o rei Filipe II tinha muitíssimo gosto naqueles cães e recusara-se a mandar

um casal deles ao seu bom vizinho e irmão, o Rei de França, tanto o assustava a idéia de que aquela raça privilegiada pudesse pertencer a outrem.

Quem tivesse imaginado que aquela menina devia ter alguma íntima ligação com o rei de Espanha não se teria enganado, porque ela era nem mais nem menos do que a sobrinha do temido monarca de todas as Espanhas, e chamava-se Ana Bórgia, duquesa de Gândia.

A duquesa descendia de uma família ilustre nos fastos da Igreja, por lhe ter dado dois papas — Sixto IV e Alexandre VI — e um santo, Francisco Bórgia. A nobreza do nome juntava ela a posse de um imenso patrimônio, e reunia sobre a sua cabeça três grandezas de Espanha, de primeira classe, o que quer dizer que ela podia escolher um marido entre os carregadores do porto ou os forçados das galés pontifícias, e que o homem escolhido por ela tornar-se-ia logo igual em nobreza aos maiores príncipes, e poderia conservar-se de cabeça coberta diante do rei de Espanha.

Ana Bórgia tinha apenas dezoito anos, como dissemos; mas naquela idade primaveril já reuniu todas as belezas, que os poetas semi-pagãos daquele tempo poderiam imaginar. Torquato Tasso não procuraria outro modelo para descrever a sua Armada, a amante sedutora, que com os seus encantos tornava desculpáveis todos os erros cometidos pelos que dela se enamoravam.

A multidão de mancebos romanos e estrangeiros que cercavam a formosíssima donzela era infinita; e posto que os tesouros da casa dos Bórgias tivessem podido acender muitas cúbicas, não admite dúvida que a maior parte daqueles adoradores era atraída por uma verdadeira paixão pelos indizíveis encantos da jovem. O duque de Féria, fidalgo poderosíssimo e nobilíssimo, descendente dos antigos reis de Leão, lamentava-se publicamente de que aquela menina fosse tão nobre e rica, porque, se fosse uma pobre filha do povo, ele teria a esperança de ver aceito o oferecimento da sua coroa ducal, oferecimento que assim se não atreveria a fazer.

Mas, todas as belezas que a fama celebrava na gentil duquesinha, uma sobre todas era a famosa e seduzia mais feiticeiramente os homens, e era ela um certo ar de inocência virginal, que se lhe refletia na fisionomia, e que transparecia naqueles olhos grandes e profundos, velados de compridas pestanas. Via-se naqueles olhos o espelho de uma alma cândida e pura, que não tinha nem a mais re-nota idéia dos crimes e das infâmias do mundo.

Além disso, eram bem conhecidos os gostos verdadeiramente infantis da duquesinha. No seu jardim tinha ela feito colocar uma imensa gaiola de arame, onde uma multidão de avezinhas, ali conservadas em ampla prisão e cheias de luz, de ar, de verdura e de abundante comida, gorjeavam todo o dia. Depois, era “Febo”, o grande cão espanhol, com que ela brincava horas inteiras, e que a compreendia por uma palavra, por um gesto, por um olhar.

O cardeal de Medicis, que ainda conservava vestígios da galanteria do tempo de Leão X, costumava dizer que ele renunciaria à púrpura cardinalícia e até ao principado de Toscana, para poder gozar os privilégios que aquele cão espanhol fruía aos pés de Ana.

Assim invejada, admirada, adorada, Ana passava a vida no seu palácio feudal perto do Capitólio, que em tempo fora fortaleza dos Aníbais, e que depois passara por confiscação para a casa dos Bórgias. Ana tinha um exército de criados, de escudeiros, de servos de toda a espécie, e sobre todo aquele pequeno mundo, que pelas condições especiais dos príncipes romanos era completamente independente, ela governava sem outra lei, que não fosse a sua fantasia. Não pesava sobre ela tutela de espécie alguma por parte dos tios, dos quais um era cardeal e o outro o duque de Gravina; o pai de Ana, Hércules Bórgia, ao morrer ordenara que ela fosse em tudo livre e senhora sua.

Era freqüentíssima a mudança de criados na casa Bórgia. Um só dentre eles parecia estar ao abrigo daquelas vicissitudes. Era esse um velho catalão de cabelos brancos, que nascera num dos castelos da família, e que fora mordomo de Hércules e já o tinha sido do pai deste. Chamava-se aquele criado Ramiro; era alto, magro, ágil, fortíssimo, tinha um coração fiel, um olhar investigador e o braço pronto.

Ramiro era o mordomo da duquesinha, como já o fora do avô e do pai.

Ana, tendo brincado um pedaço com o cão, erguera-se — pois estava quase estendida sobre a alcatifa — com as faces rosadas e os cabelos em desordem.

Naquele esplendor de juventude, teria feito pecar um santo.

— Sai daqui, “Espanhol” — disse Ana com voz ligeira — já brincamos muito; vai-te embora.

O cão, porém, parecia não ser muito da opinião da ama, porque caminhou para ela, sacudindo a cauda, e mostrando em todos os seus modos a intenção de continuar a brincar.

Quando a duquesinha viu aquela desobediência, deixou apoderar-se dela uma espécie de convulsão.

— “Espanhol” ! — gritou ela com voz que a cólera fazia tremer. E o rosto tomou-lhe logo uma expressão de incrível crueldade.

Os olhos flamejaram-lhe, e mostrou os dentes muito brancos, agudos, cravados nas gengivas tão vermelhas que parecia que sangravam.

Ao mesmo tempo a duquesa deitou a mão a um chicote de castão de ouro, que estava em cima de uma poltrona.

A figura de Ana Bórgia naquele momento era bela, mas causava medo, tão evidente era a ferocidade sanguinária, que transparecia naquela fisionomia. O cão, que provavelmente já conhecia por dolorosa experiência aqueles modos, soltou um latido, estendeu-se no chão, e arrastando-se como um réptil, saiu da sala.

Ana então pousou o chicote, mas a sua fisionomia não perdeu a expressão de raiva; pelo contrário, parecia que algum pensamento sinistro lhe atravessara o cérebro, porque esteve algum tempo pensativa, com os lábios contraídos e frementes.

Por fim aproximou-se de uma mesa e tocou violentamente uma campainha de prata. Um momento depois, entrou Ramiro, o catalão.

O mordomo relanceou um olhar investigador para o quarto e para a senhora, e vendo a atitude dela, suspirou. Era claro que aqueles modos lhe anunciavam ordens severas e cruéis.

— Ramiro — disse Ana com voz breve e sacudida — há de ser esta noite.

O mordomo estremeceu todo.

— Mas Vossa Excelência. . .

— Já te autorizei a discutir as minhas ordens ?!... — exclamou Ana, cheia de cólera, deitando vivamente a mão ao chicote.

O velho caiu de joelhos.

— Vossa Excelência pode matar-me, mas o meu dever é dizer-lhe a verdade.. . Em Roma já se começa a murmurar; estes desaparecimentos sucessivos excitam no mais alto grau o terror e a ira populares. Que um incidente qualquer faça dirigir as suspeitas para o palácio Bórgia... e estaremos todos perdidos.

— Estareis perdidos, é o que tu queres dizer, velho tonto. O povo matar-vos-ia a todos, antes de suspeitar de Ana Bórgia, a virgem imaculada que todos adoram.

— Excelência, o povo é volúvel, e basta um nada para mudar o culto em ódio!...

— Basta; levanta-te e obedece. A falar verdade, Ramiro, tu vais-te fazendo velho; comesas a recear pela tua vida e talvez que pela tua alma.. . se assim é, antes de me atraitoares, mete-te num convento...

O mordomo levou uma mão ao peito.

— É verdade, senhora; eu tremo pela minha alma, porque Ramiro Marques nasceu católico, e a

mãe que o educou era uma santa mulher. Mas a vós, à casa dos Bórgias, há já muito tempo que sacrifiquei a minha vida e a minha alma; sou capaz de descer vivo ao inferno para vos poupar um desgosto. ..

E a fisionomia enérgica do velho catalão exprimia uma resolução tão terrível, que Ana Bórgia ficou plenamente convencida.

— Bem sei que tu me és dedicado, Ramiro — disse ela com brandura e acariciando-o como a um grande animal doméstico -e bem sabes que todos os teus arrazoados de nada serviriam, quando se trata de satisfazer um capricho meu. Portanto, faze o que te disse.

— Obedecerei — respondeu o velho, abafando um suspiro.

— A propósito: que faz o prisioneiro?

— Está muito bem disposto: canta, bebe e diz que se o que-\ remos matar, ao menos tivemos a cortesia de o fazer viver bem durante alguns dias.

— Não lhe tem faltado nada?

— Nada; cumpri escrupulosamente as ordens que recebi. E demais, não era isso justo?

E a frente do criado anuviou-se outra vez. A duquesa permaneceu impassível.

— Desconfia onde está?

— Oh! não. . . julga que foi muito internado nos campos de Roma. O carro que o transportava deu muitas voltas, de modo que lhe fizesse perder absolutamente a idéia do lugar.

— Está bem — disse a Bórgia, depois de estar um momento pensativa.

— Que esteja tudo pronto esta noite, com as duas escravas egípcias e o banquete.

— E onde? — perguntou o mordomo com um ligeiro tremor na voz, que indicava a grande importância que ele ligava à pergunta.

- Mas, Santo Deus! estás hoje massador! Na sala das serpentes, como é costume.

O mordomo abafou um suspiro, e saiu murmurando consigo:

— Pobre rapaz! Deus tenha piedade da sua alma. . . porque . quanto à sua vida. . . já nenhuma força humana poderia salvá-la.

Ana Bórgia entretanto recompôs os cabelos, que se lhe tinham desmanchado no seu brinquedo com o cão, correu saltitando para defronte de um grande espelho, primor da indústria veneziana, e que cobria toda a parede, e contemplou demoradamente a imagem fresca e sorridente que o espelho refletia,

Depois soltou uma risada cristalina.

— Estou sempre na mesma — disse ela desvanecida. — Tenho um rosto de puríssima virgem... os olhos ingênuos e castos... o sorriso de criança. . . Oh! o diabo decerto tinha formado grandes planos a meu respeito, quando me deitou ao mundo!. . . Entretanto . . . divirtamo-nos.. !!

CAPÍTULO IV

O PRISIONEIRO

Carlos Faraldo, o prisioneiro de quem Ramiro o catalão, falara a Ana Bórgia, era um homem que se podia chamar feliz.

A sua prisão era uma pequena sala, alegre, clara, toda forrada de tapetes, ornada de móveis riquíssimos e de livros muito curiosos.

Da janela o prisioneiro descobria um vasto e maravilhoso jardim, no qual tinha permissão de passear durante certas horas do dia.

Tinha sempre à disposição do seu desejo os mais raros manjares, o que não era para desprezar, principalmente para um rapaz que tinha travado íntimo e demorado conhecimento com a fome. Carlos encontrava-se nas disposições de quem, achando-se numa gaiola cômoda e bem provida, se habitua a ela, e chega a esquecer as grades e os ferrolhos de ferro, no sono e nos vapores da digestão.

A aventura, que levava Carlos àquela situação, era das mais singulares.

Tendo vindo havia pouco de Veneza, donde era natural, Carlos, era um formosíssimo rapaz de vinte anos o máximo, viu-se embaraçadíssimo para arranjar com que vivesse em Roma. Mas não era cousa fácil, naquele momento em que a corte papal se limitava a uma severidade monástica, e em que não havia por isso incitamento de espécie alguma para as artes de luxo.

Carlos esperava poder fazer carreira pela pintura, pois lhe haviam dito que tinha uma decidida vocação para as artes; mas se naqueles tempos os velhos pintores, que já tinham conquistado o grau de mestres na arte, não tinham que fazer, o que seria de um rapaz, ainda novato e que não tinha recomendações?

Por isso depressa se lhe acabou o magro pecúlio que trouxera de Veneza, e o rapaz teve de resignar-se a viver de expedientes arranjando-se como podia, e não comendo todos os dias quando tinha na vontade.

Um dia passeava ele nas margens do Tibre, pensando com uma resignação filosófica nas suas desventuras, quando ouviu um grande grito. Olhou; muita gente olhava como ele para o Tibre, para o sítio onde se formava uma espécie de redemoinho.

Um pequeno, que se debruçava na borda do barco em que estava, caíra à água.

. Carlos tinha pouco dinheiro, e seria talvez um mau pintor; mas em compensação tinha um coração generoso. Num relâmpago

despira-se e atirara-se à água, e, nadando contra a corrente, conseguira agarrar pelos cabelos o pequeno que estava prestes a afogar-se.

Quando tornou à margem, com os cabelos cheios de água e, com a pouca roupa que conservava vestida estreitamente colada ao seu corpo escultural, parecia um Deus das águas. A multidão, que seguira com grandíssima ansiedade as peripécias do salvamento, aclamou calorosamente o herói daquela aventura.

Naquele momento chegava àquele sítio uma grande liteira, precedida de dois criados a cavalo. Dentro da liteira vinha Ana Bórgia, a mais popular das senhoras romanas pela sua beleza e pela sua inexaurível munificência.

Enquanto Ramiro, por ordem de sua ama, interrogava algumas das testemunhas daquele ato de heroísmo, e principalmente o pequeno que fora salvo por Carlos, e ao qual entregou uma bolsa cheia de dinheiro, no meio de um coro de bênçãos daquela multidão, a jovem duquesa observava com os olhos ardentes e perscrutadores o mancebo veneziano, o salvador que, pelo estado do seu vestuário, estava quase reduzido a uma completa nudez.

Em seguida a grande dama fez um sinal ao mordomo, indicando-lhe Carlos. Desceu da liteira, e apoiando ao braço da sua dama de companhia, dirigiu-se pensativa para os campos.

Naquele mesmo dia memorável, à noite, chegou-se ao pé de Carlos Faraldo uma velha, que entregou misteriosamente um bilhete perfumado.

O bilhete continha estas palavras:

“Uma senhora nova, bela e rica, viu-vos hoje, quando praticáveis um ato de heroísmo. Deseja manifestar-vos pessoalmente a sua ‘admiração’”.

— Corpo do Ticiano!. . . — exclamou Carlos, que queria ser pintor, quando mais não fosse, ao menos nas exclamações. — Isto não é mau, evidentemente... e além disso estou reduzido a tal

estado, que não tenho que escolher. . . Afinal, que risco posso correr ? Que me batam ? Ora, não há de ser tal...

A velha esperava-o. Depois que ele se decidiu, acompanhou-o a um sítio pouco distante, onde o esperava uma carruagem fechada luxo raríssimo naqueles tempos.

Carlos, antes de ter tempo de dizer uma palavra, foi vendado e ajudaram-no a subir para a carruagem que partiu a todo galope. , Ao cabo de muitíssimas voltas, destinadas a fazer perder o tino do caminho que seguiam — precaução na verdade inútil, porque o veneziano estava completamente isento daquela curiosidade — o carro parou.

Abriu-se a portinhola, e Faraldo, sempre vendado e conduzido por um homem, que o levava pela mão, atravessou um jardim, como pôde reconhecer pela relva que pisava, e pelas árvores que o vento agitava; seguiu por corredores, desceu e subiu escadas, e finalmente chegou a um lugar onde o mandaram sentar sobre um diva.

O homem, que o conduzira até ali, deixou-o, e uma voz disse-lhe que tirasse a venda. Carlos obedeceu imediatamente, e soltou um grito de alegre surpresa. E havia motivo para ela.

A sala onde ele se encontrava, iluminada por uma lâmpada que espargia uma luz dulcíssima, e que enchia o ar de perfumes deliciosos, era uma maravilha de luxo e de comodidade.

Defronte do diva onde ele se sentara estava uma mesa, servida com magnificência, onde as iguarias mais raras, os frutos mais esplêndidos, os vinhos mais preciosos, aumentavam de valor pelos finíssimos cristais, pela maravilhosa beleza da toalha e da baixela de ouro e prata.

Com grande espanto seu, Carlos viu que estava só; o seu misterioso companheiro tinha-o deixado; mas o veneziano era daqueles que à mesa estão melhor sós do que mal acompanhados, e o aspecto daquela mesa era tal que convidava mais ao monólogo do que ao diálogo.

Esse monólogo durou muito tempo, e daí a um par de horas o mancebo, com a cabeça um pouco pesada pelo efeito dos vinhos generosos que bebera abundantemente, estendeu-se sobre o sofá e adormeceu. A lei física, por efeito da qual aquele que dorme logo depois de ter comido está sujeito a um sono inquieto e a sonhos desagradáveis, não tinha efeito sobre um belo estômago de vinte anos, como era o do nosso herói.

Carlos sonhou que, ricamente entrajado, estava sentado ao lado de uma dama resplandecente de beleza, e muito pouco vestida, a qual animava por todos os modos possíveis os atrevimentos amorosos dele.

Quando acordou, o sol, já alto, entrava pelas janelas. O veneziano julgou estar ainda a sonhar, mas, olhando em roda, convenceu-se de que se achava em face de uma realidade estranha e indiscutível, e que a aventura da noite anterior sucedera realmente .

A mesa, em que lhe tinham apresentado a- ceia, desaparecera com todos os seus ricos acessórios, mas lá estava a sala bela e suntuosa, onde a luz entrava por duas janelas, que olhavam para um imenso jardim. O ar, a luz o perfume entravam abundantemente. O mancebo sentia-se reviver.

Em seguida começou a passear pela sua prisão, e descobriu uma pequena porta semi-aberta, que convidava a abri-la de todo. O nosso curioso assim fez, e soltou uma exclamação de surpresa e de alegria.

A pequena porta dava para um gabinete de “toilette”, provido de todos os objetos e acessórios que podiam servir para embelezar a pessoa de um fidalgo. Frascos de perfumadas, essências, escovas, pentes, nada faltava.

Sobre um sofá estava estendido um riquíssimo fato de cavaleiro, muito superior na sua magnificência ao que Carlos tinha sonhado na noite anterior. E para que não pudesse haver engano quanto ao destino daquele vestiário, linha este um bilhete em que estava escrito em grandes letras:

PARA O SENHOR CARLOS FARALDO

Sobre uma mesinha estavam os anéis, as cadeias de ouro, os relógios, que, naquele tempo eram os ornamentos indispensáveis de um traço de fidalgo. O chapéu era guarnecido de uma magnífica pluma, presa por uma fivela de diamantes, que valiam o resgate de um rei.

Carlos não perdeu tempo em pensar; atirou fora os seus andrajos, procedeu a abluções demoradas e minuciosas, penteou-se, perfumou-se, e afinal vestiu-se com aquele riquíssimo fato.

O contato da finíssima roupa branca, o ruje-ruje das sedas produziam-lhe gozos inexprimíveis. Ao cingir a espada, presa por um cinto de couro lavrado, ao meter nos dedos os anéis, que, por um milagroso acaso lhe serviam, o mancebo experimentava gozos estranhos, profundos, quase espasmódicos. Nascera com todos os instintos do luxo, e até então fora obrigado a reprimi-los desapiedadamente!

Terminada a sua “toilette”, Carlos mirou-se num grande espelho e soltou um grito. Que belo e esplêndido fidalgo que ele era, que ele podia ser, o pobre pintor faminto e roto! Os seus amigos mais íntimos não o reconheceriam se o tivessem encontrado!

Assim preparado, voltou à sala, onde com nova surpresa observou que a mesa tornara a aparecer com tudo o que era necessário para uma refeição ligeira, mas esquisita. Baldadamente procurou descobrir que engenhoso mecanismo fazia assim aparecer aquela mesa nas ocasiões em que podia servir, e que depois a fazia desaparecer. Não podendo descobrir nada, decidiu-se a fazer as honras com o costumado apetite ao faisão assado e ao vinho de Espanha.

Quase ao terminar a refeição, uma porta, de cuja existência ele nem sequer suspeitava, abriu-se e no limiar apareceu um homem de cabelos brancos, vestido com toda a correta elegância de um mordomo de grande casa nobre.

— Talvez incomode Vossa Excelência? — perguntou ele, fazendo uma profunda vênia.

A palavra *Excelência* teria irritado Carlos, como uma bofetada, se lhe fosse dirigida um dia antes, quando tinha o estômago vazio e a bolsa no estado. Mas agora, mirando-se ao espelho, que refletia a sua bela imagem, circundado de todos aqueles esplendores, aquecido por aquele vinho de Espanha, que lhe deliciava o paladar com a sua doçura aveludada, o bom veneziano entrava perfeitamente na pele de um grande senhor; de modo que respondeu:

— Entrai, entrai, bom homem. Então que há de novo?

— Eu vinha dizer a Vossa Excelência, que, quando quisesse, podia passear no jardim: o tempo está bonito e as ruas enxutas — disse o mordomo.

— Pois não! decerto que quero passear! E dissei-me, meu amigo, quando é que poderei apresentar os meus respeitos à senhora ?

A fisionomia do mordomo exprimiu tal espanto, que, se não era verdadeiro, era admiravelmente fingido.

— A senhora! — disse ele. — De que senhora quer Sua Excelência falar?

Carlos ficou embaraçado.

— Oh! eu pensava. . . que. . . Afinal, ao serviço de quem estais? porque me parece evidente que sois um mordomo.

— Eu estou ao serviço de Vossa Excelência — respondeu o mordomo inclinando-se.

— Ao meu serviço! — exclamou Carlos cheio de espanto. — Mas parece-me que eu devo saber isso. Em que consiste o vosso serviço, fazeis o favor de dizer-me?

— Em administrar as propriedades de Vossa Excelência e em cumprir o melhor que possa as suas ordens.

— Ah! vós administrais... as minhas propriedades... — disse Carlos, num tom incerto de quem começa a já não entender nada. — E dá-vos muito trabalho essa administração?

— Não me dá pouco, realmente; mas é-me agradável por ser serviço de Vossa Excelência.

— Muito trabalho, realmente, meu amigo; mereceríeis ser cardeal. . . E os rendeiros pagam?

— Não há razão de queixa. . . Eu trago aqui a renda das terras do Fosso, que há um instante me vieram pagar. . . Vossa Excelência tenha a bondade de verificar, a ver se está certo.

E o mordomo, sempre correto e grave, pôs sobre a mesa quatro rolos, que Carlos verificou estarem cheios de dobras e sequins de Veneza.

Então, no espírito do mancebo operou-se uma espécie de revolução. O seu estado na véspera, as misérias que sofrera, a humildade do seu nascimento, tudo isso lhe pareceu um sonho. Convenceu-se quase de que era o senhor de nobre nascimento e de regia opulência, que o mordomo reverenciava profundamente.

Meteu o ouro na bolsa que lhe pendia ao lado, e, com um gesto verdadeiramente soberano, disse:

— Mordomo.. . a propósito... vejam lá que cabeça a minha! esqueci o vosso nome!

— Jerônimo, ao serviço de Vossa Excelência.

— Pois bem, Jerônimo, estou satisfeito convosco. . . e de hoje em diante ficais a ganhar o dobro. Não tendes que agradecer-me; eu sou assim, quero que todos os que estão ao meu serviço, quando se portam bem, estejam satisfeitos comigo.. .

— Deus lho pagará, Excelência; eu agradeço-lhe em nome dos meus inocentes filhos! — respondeu o mordomo ajoelhando.

Carlos, apoiado gravemente ao braço do fiel Jerônimo, percorreu passeando todo o jardim. Depois, despediu o mordomo e ficou sozinho à sombra das árvores.

O coração do mancebo desdobrava de felicidade. Só ele bem sabia que era um grande senhor, e que só o acaso podia ter-lhe feito sofrer as misérias, que até então o tinham atormentado!

— Talvez que tudo aquilo fosse uma experiência — dizia ele consigo. — Os meus ilustres parentes — porque não há dúvida de que eu descendo de alguma família principesca — queriam ver se a miséria fazia com que eu me tornasse indigno deles; a prova, posso dizê-lo, foi decisivo. . . Aquele banho de ontem foi a última confirmação: belo, forte, engenhoso e ainda por cima heróico! Ah! os meus pais podem orgulhar-se de tal filho!

O rapaz estava perfeitamente convencido e de boa fé ao fazer a si próprio aquele elogio.

— Mas a dama! — prosseguiu ele, continuando a filosofar sozinho. — A dama jovem, bela, rica... Era talvez uma fantasmagoria, um pretexto para me atrair a este palácio, onde dentro em breve serei reconhecido como senhor. . . a não ser que realmente a bela dama se tenha enamorado... a ponto de fazer por mim as maiores loucuras. E por que não? Tem-se visto rapazes muito menos formosos do que eu subirem, pelo amor das mulheres, a posições elevadíssimas!

O leitor provavelmente dirá que a vaidade de Carlos excedia todos os limites. Mas qual seria o cérebro que resistiria ao abalo de tantos e tão estranhos e incompreensíveis acontecimentos?

Não era difícil a Carlos julgar-se um herói de romance, desde que o romance tão claramente se desenvolvia em torno dele.

Daí a pouco uma outra circunstância concorreu poderosamente para manter em Carlos aquelas idéias fantásticas.

Por entre as árvores assomou uma forma branca, aérea, mas que a vista exercitada de Carlos depressa reconheceu ser uma menina vestida de branco, que o olhava com uma espécie de voluptuosa atração magnética.

Faraldo deitou a correr para aquele sítio; mas, quando chegou ao lugar onde julgava ter visto aquela aparição, não encontrou ninguém.

Em vão examinou o terreno, esperando descobrir nele os vestígios de passos: a relva e a fina areia estavam intatas, como se a desconhecida gozasse o privilégio das fadas, que não deixam vestígios sobre o terreno que pisam.

Um pouco depois, o mordomo veio adverti-lo de que estava a arrefecer o ar, e que Sua Excelência faria bem em recolher-se. Carlos fingiu que não ouvira, mas o outro insistiu com tal firmeza, bem que respeitadamente, que Faraldo não teve remédio senão lembrar-se de que não era senão um prisioneiro.

Assim decorreram cinco ou seis dias. O veneziano ter-se-ia aborrecido naquela prisão, apesar das grades serem douradas e O tratamento suntuoso, se não tivesse para o distrair as aparições constantes da figura misteriosa, que ele entrevira no jardim.

Tentara interrogar o mordomo; mas este protestara a sua dedicação a Sua Excelência, e quanto ao resto encerrara-se num mutismo invencível. Carlos, passada a embriaguez do primeiro dia, reconhecera a verdade: ele era o juguete do capricho dum ser potente e desconhecido, que brincava com ele como um gato brincaria com um rato.

Finalmente, um dia o mordomo entrou triste e pesaroso na sala onde se encontrava Carlos. O veneziano receou que ele viesse dizer-lhe que acabara o seu cativo, e que era preciso que ele despisse o belo traje e tirasse os anéis para tornar a vestir os antigos andrajos; e apalpou-se para se certificar de que ainda tinha no bolso os rolos de ouro, que ele guardara no dia em que os recebera.

— Que há, caro Jerônimo? — disse o veneziano, procurando dominar a sua perturbação.

— Há que esta noite. . . conhecereis o vosso destino... — respondeu o mordomo — A pessoa que vos fez conduzir para aqui.. - há de querer ver-vos esta noite. . .

— E' homem ou mulher? — perguntou vivamente Carlos.

O mordomo franziu o sobrolho.

— Que vos importa sabê-lo?

— Importa-me muitíssimo — respondeu com a mesma petulância Faraldo. — Se se trata de um homem, qualquer “toilette” serve.. . ao passo que, tratando-se de uma senhora, não devo deixar de aproveitar tudo o que possa fazer realçar os meus dotes físicos...

— Imaginai que se trata de uma senhora que seja velha ou então muito feia.

— Faria o mesmo. Meu caro mordomo, donde diabo vindes vós que não sabeis que o que nós honramos numa senhora é o sexo e não a pessoa?. . . A propósito, desculpai: porque é que já me não tratais por Excelência?

— Porque acabou a farsa — respondeu o mordomo num tom sério — e cada um de nós retoma o seu lugar e o seu verdadeiro nome.

E por entre dentes murmurou:

— Queira Deus que a passagem da comédia para a tragédia lhe não seja muito dolorosa!

Carlos fez um gesto de despeito. Começava a achar-se tão bem, vestido de marquês e tratado como tal!

— De modo que — disse ele com um suspiro — eu já não sou um grande senhor?. . . já não sou Excelência?

— Vós sois o senhor Carlos Faraldo, um bellissimo rapaz veneziano, que tive muito gosto em conhecer. . .

O mordomo acrescentou em voz mais baixa:

— E que quisera nunca ter conhecido.

— De modo que os meus bens! . . .

— Não penseis mais nisso: não existiam senão no reino dos sonhos.

— E os meus rendeiros?

— Já não pagam; os bons costumes perdem-se, caro amigo!... Contudo, o que recebestes por conta, — e o falso Jerônimo apontou para o bolso de Carlos — pertence-vos completamente; podeis estar sossegado.

— Então vós já não sois mordomo?

— Sou o sempre, mas já não estou ao vosso serviço. Pertença a um senhor muito mais poderoso do que podeis imaginar; e foi exatamente o poder dele que me obrigou a representar para convosco um papel... de que vos peço perdão.

— Da melhor vontade, meu caro; tanto mais que com a vossa presença aqui não tenho experimentado senão prazeres. Mas, sabeis que sois um belo ator? . . . eu tinha-me deixado dominar tão completamente pela ilusão. . .

— Que vos julgáveis um verdadeiro marquês, e vos ofenderíeis se alguém vos tivesse chamado pelo vosso verdadeiro nome.

— É verdade. . . E então, não quereis dizer-me se minha visita de hoje à noite será um homem ou uma mulher? . . .

O mordomo esteve por algum tempo pensativo.

— Fazei-vos belo — disse ele sacudidamente. Carlos soltou um grito de alegria.

— Trata-se de uma mulher. . . de uma mulher enamorada!... — disse ele.

O mordomo saiu, murmurando:

— Se ele se fizesse muito belo. . . se conseguisse comover a minha terrível patroa, de modo que ela lhe perdoasse a vida! . . . É tão novo e tão bonito! . . . Oh! senhor, inspirai um pouco de piedade àquela feroz criatura! . . . poupai este novo crime à sua alma! . . .

As reflexões de Carlos eram muito menos tristes. De tal maneira ele soube aproveitar o tempo, e servir-se das escovas e dos outros acessórios do toucador, que quando o mordomo veio buscá-lo achou-o irresistivelmente belo. E ficou muito contente, esperançado no poder de sedução do veneziano!

CAPÍTULO V

A SALA DAS SERPENTES

O sol escondera-se havia um pedaço.

Carlos, que ficara na semi-escuridão da sua sala, soltou um grito de alegria quando o mordomo veio buscá-lo para o conduzir à sala onde era esperado.

Jerônimo — ou, para o chamarmos pelo seu verdadeiro nome, Ramiro Marques, o catalão, — conduziu o mancebo por uma série infinita de corredores e de salas, fazendo-lhe muitas recomendações acerca do respeito com que devia tratar a pessoa que o convidava para cear.

Aquela pessoa — o digno mordomo afinal não teve remédio senão confessá-lo — era uma formosíssima senhora. À medida que se aproximavam da sala destinada para o banquete, Ramiro ia falando em voz cada vez mais baixa, e o tom em que eram feitas as recomendações dele era cada vez mais severo e grave. E a frase que mais vezes acudia aos lábios do catalão, era:

— Pensai na vossa alma.

Esta frase, em vez de assustar o veneziano, como esperava Ramiro, rasgava aos olhos do rapaz os mais vastos e pecaminosos, horizontes.

— Este velho — dizia Faraldo de si para consigo — conhece os costumes da sua patroa, e sabe que se ela faz raptar os rapazes, não é para rezar o terço com eles. A cousa não lhe agrada, é claro, visto que não pode aproveitar-se ele. Mas eu tenciono pecar com todas as minhas forças, meu caro mordomo, e quanto à alma... ora adeus! sou novo e tenho muito tempo de viver!

Mas quando entrou na sala onde lhe dissera Ramiro que o esperava o banquete, as suas reflexões desapareceram para dar lugar unicamente ao mais profundo espanto!

A sala não era grande, e a maior parte estava ocupada por -uma mesa de cedro, posta para duas pessoas. Mas naquele pequeno espaço, que profusão de riquezas! que luxo verdadeiramente principesco! que cintilações de ouro, de cristais, de pedras preciosas! Todos os objetos eram de matérias custosíssimas, e trabalhados com tal primor de arte, que os tornavam duplamente custosos.

Quatro serpentes de bronze, pregadas na parede, seguravam nas fauces abertas candelabros de luz dulcíssima, que iluminavam a sala. Precisamente por causa daquele ornamento é que aquele retiro de delícias tomara o nome de sala das serpentes.

Carlos foi conduzido pelo mordomo ao lugar que lhe era destinado. Em seguida tirou o chapéu e o manto, que até então conservara: quis também tirar a espada, mas o ruído que ouviu numa sala próxima distraiu-o. Sentou-se com a espada entre os joelhos, e embebeu-se na contemplação das maravilhas que via por toda a parte.

Ainda não tivera tempo de ver tudo, quando foi surpreendido pelo som de uma música distante, que se ia aproximando cada vez mais. Era uma melodia estranha, dulcíssima, diferente de toda a música européia. Carlos, ouvindo-a, julgava estar sonhando.

A música, de carácter voluptuoso e enervante, ouvia-se tão distintamente que evidentemente devia estar numa sala próxima. A porta abriu-se e entraram duas mulheres. . . O veneziano ficou deslumbrado.

Aquelas mulheres, ambas muito novas, tinham a pele dourada das africanas das classes superiores. O vestido ondeante, que lhes deixava descobertas as espáduas, os braços e o seio, era tudo quanto se podia imaginar de mais provocante, e o gênero de beleza daquelas duas egípcias, ardentes sacerdotisas da Vênus tropical, aumentava a invencível força de sedução, que emanava daqueles corpos formosíssimos e semi-nus. Carlos estendeu os braços, estonteado, suplicante. . .

As duas mulheres aproximaram-se; a música invisível continuava a ouvir-se. Elas então começaram uma dança estranha e lasciva, quase sem erguerem do chão os pés, toda contorcimentos do corpo e das ancas. A cada movimento um pouco mais rápido os vestidos descompunham-se, e o olhar de Carlos descobria belezas, que pareciam estar veladas só para se fazerem desejar. As duas sereias agitavam-se em roda do veneziano com gestos de voluptuosidade oriental; depois de repente, atiraram-se a ele, abraçaram-se ao pescoço do mancebo, e depuseram-lhe nas faces um beijo que parecia impregnado do ardente sopro do Saara.

Quando Carlos ergueu a cabeça, as duas feiticeiras tinham desaparecido, deixando na sala aquele acre *adore di femmina*, que é o principal atrativo para os rapazes.

Faraldo não podia resistir. Tinha a cabeça em fogo; fantasmas estranhos dançam-lhe diante dos olhos uma dança vertiginosa. Com a garganta em fogo, o peito ansiado, os lábios ardentes, Carlos levou as mãos às fontes, procurando acalmar os bates violentos que lhas martelam; mas, não o conseguindo, pegou num copo, encheu-o de vinho da Grécia gelado e despejou-o de um trago.

Aquele vinho acalmou-lhe a sede, mas elevou ao mais alto grau a desordem do cérebro.

De repente, quando pousava a mão sobre a toalha finíssima que cobria a mesa, os seus dedos, cujo tato se tornara muitíssimo sensível pela sobre-excitação nervosa que o dominava, sentiram

como que uma aspereza por baixo do branco linho.

Faraldo olhou em roda, e, vendo-se só, julgou-se autorizado a erguer a toalha e a examinar o que estava por baixo. Um grito de espanto lhe acudiu aos lábios, grito que ele a custo reprimiu; desapareceram-lhe instantaneamente o aturdimento produzido pelo vinho e o estonteamento causado pelas duas egípcias.

Eis o que ele vira.

Sobre a superfície polida da mesa uma mão trêmula tinha traçado com um alfinete algumas letras. O veneziano decifrara à primeira vista as que ainda se conservavam legíveis.

MORR... ENVEN. ..

D' Armand

O veneziano sentiu cobrir-se-lhe a testa de suor frio. Com aquele poder intuitivo, que algumas vezes equivale no homem à lucidez da adivinhação, Faraldo reconstruiu na mente toda a terrível cena.

Aquele D'Armand, — Carlos lembrava-se perfeitamente — era um jovem fidalgo francês, com o qual Carlos se encontrara algumas vezes, no tempo da sua prosperidade. O desaparecimento daquele rapaz fizera grande ruído na boa sociedade, onde era muito conhecido

Tinham-no encontrado morto, fora da porta *dei Popolo*, com um punhal cravado no peito; mas os médicos chamados para examinar o cadáver foram de opinião que o ferimento do punhal não podia de 'modo algum causar a morte D'Armand, que devia ter sido morto havia muito mais tempo por meio de veneno.

O exame provou também que o punhal fora cravado no peito do mancebo já depois dele morto. De modo que era evidente que o crime fora praticado por alguém, que, depois de ter envenenado o francês, quisera fazer recair aquele crime sobre os assassinos, que infestavam os campos dos arredores de Roma.

O mistério ficara inexplicável, e acabara por ser esquecido. Mas Carlos via ali, diante dos olhos, luminosa e terrível, a cena medonha via-a como se tivesse assistido ao desenrolar completo do drama.

D'Armand fora, como ele, atraído àquela casa infernal pela sedução de uma aventura amorosa. Como ele, também Armand fora conduzido àquela mesa, fascinado por mil seduções; depois, quando o senhor desconhecido daquele lugar infernal tinha feito dele o que queria, viera o veneno para fazer desaparecer uma testemunha importuna.

Em seguida, algum criado fiel — quem sabe se o próprio Jerônimo, aquele mordomo tão correto, e de humor tão disposto para o gracejo ! — agarrara no cadáver, levava-o para bem longe, e cravara-lhe um punhal no peito para fazer acreditar que se tratava de um crime de assassinos vulgares.

Carlos Faraldo sentiu-se aterrado. Só e inerte, sem saber de que inimigo tinha a defender-se, naquele palácio que não conhecia.. . Em verdade, a sua situação não era muito mais triste do que a de D'Armand, que ao menos desconhecerá até ao último instante o destino que o esperava.

Por um momento o veneziano, desanimado, teve idéias de se submeter à sua sorte; de tirar da sua situação todas as vantagens possíveis, e, depois de ter gozado as alegrias supremas de que por certo seria precedida a sua morte, deixar-se sacrificar sem resistência; tão profundo era o desânimo que se apoderara do espírito do pobre rapaz!

Mas aquelas letras gravadas sobre a mesa deram-lhe outra resposta.

A morte devia ser lenta e dolorosa, visto que D'Armand a sentira avizinhar-se, e com a mão trêmula da agonia tinha escrito aquela salutar prevenção !

Tudo isso fez acordar em Carlos o instinto de salvação que lhe era inato, e que o levava a lutar contra as ondas do Tibre, para lhes arrancar a vida de uma criança. Como ! pois ele havia de consentir que os terríveis mistérios daquela casa continuassem a celebrar-se perpetuamente ? !

D'Armand, envenenado, moribundo, perdia toda a esperança de salvação, concentrara as suas últimas forças para advertir o desgraçado que devia suceder-lhe na sorte que o esperava. E ele, novo, forte, cheio de vida, havia de deixar-se matar covardemente, para não ter o trabalho de resistir ?

- Não ! — ele não se contentaria só com sair dali salvando a própria vida. Estava decidido a destruir aquele misterioso covil de assassinos, a vingar D'Armand, com o qual, na situação a que se via reduzido, lhe parecia ter um vínculo de fraternidade.

Procurou em roda para ver o que podia auxiliá-lo em tão grave situação. De repente bateu na testa... tinha encontrado.

Defronte dele estava disposto um triclinio de banquete, à moda antiga, todo armado de veludo e sedas. Era evidentemente aquele lugar destinado ao misterioso anfitrião, que reservava tão atroz destino aos seus convidados.

Sobre uma mesa, em frente do triclinio, estava um colossal vaso de prata muito brilhante, cinzelado no bordo e nas asas, mas liso no bojo. Aquele vaso era um verdadeiro espelho que refletia todos os objetos -com admirável nitidez.

Carlos compreendeu todo o partido que podia tirar daquela circunstância fortuita. Quando ele voltasse as costas seria então provavelmente que o desconhecido inimigo aproveitaria esse momento para envenenar a sua vítima.

Ora, Carlos, com a ajuda daquele vaso de prata, podia ver, tudo... e quem conhece o jogo do inimigo já está a mais de meio caminho da vitória !

Mas, enquanto ele estava preparando assim as suas armas de ^ataque e defesa, abriu-se outra vez a porta...

Todas as resoluções de Carlos para se por em guarda, e considerar-se em terreno de inimigos, para repelir com horror os beijos que lhe oferecessem, tudo isso desapareceu num momento.

No limiar da porta, e toda vestida de branco, com um sorriso radiante nos lábios, e todo o seu vulto virginal banhado de alegria e de amor, aparecera Ana Bórgia.

Nenhuma força humana poderia resistir aos encantos e à fascinação daquela sereia. O mancebo, que se pusera em guarda contra uma lúbrica Messalina de olhar impudente ou de uma nudez provocadora, ficou desarmado diante daquela criança de figura virginal, que se lhe oferecia com encantador embaraço e com o pudor de uma esposa.

Arrastado por uma força invencível, Carlos ergueu-se e caminhou para aquela deliciosa aparição. Os joelhos dobraram-se-lhe, e ele caiu aos pés daquela mulher, e todos os pensamentos que lhe turbinavam no cérebro se dissiparam como o sol dissipa um nevoeiro.

Aquela mulher uma envenenadora ? Aquela mulher uma assassina ? Mas se não havia nada que pudesse equiparar-se à doce seriedade daquele olhar e daquela fisionomia !

Ana estendeu os braços para o veneziano, numa atitude irresistível. Ele ergueu-se com ímpeto, apertou-a contra o seio e um longo beijo acendeu-lhe em todo o corpo um fogo infernal. . .

Ouviram-se gemidos, suspiros ardentes, rugidos de prazer. . .

— Agora — disse alegremente a duquesinha, sacudindo com um gracioso movimento de cabeça os cabelos em desordem — agora... ceemos !

CAPÍTULO VI

UMA CEIA DE BÓRGIAS

Carlos Faraldo sentia-se alquebrado do corpo e do espírito. Lânguido, abatido, contemplava com amor a formosíssima criança que com violência dos seus amplexos o tinha reduzido àquele estado.

Do seu espírito desaparecera toda sombra de desconfiança, e mesmo quando ainda existisse, nada haveria que pudesse arrancar o pobre rapaz do torpor sonolento que o subjugava. A morte mesmo parecer-lhe-ia um repouso doce e apetecível, contanto que os olhos negros de Ana Bórgia iluminassem a sua hora extrema.

De resto, a jovem tornava a ceia alegríssima. As suas risadas argentinas, a sua alegria infantil dilatavam o coração do veneziano, e aliviavam-lhe o cérebro do peso enorme que o oprimia.

Os vinhos e as iguarias sucediam-se com rapidez excepcional. Carlos sentia necessidade de se restaurar, de modo que isso agravava a situação do pobre rapaz, em vez de a melhorar.

Os olhos cada vez se lhe turvavam mais, e duas ou três vezes a cabeça lhe descaiu para o peito.

Ana seguiu com uma alegria maligna o progresso daquela embriaguez mortal. Carlos não reparava nos olhares sinistramente inquietos da sereia, ou então não estava em estado de conhecer se aqueles olhos ainda tinham a expressão da voluptuosidade, que o tinha arrastado, ou se pelo contrário denunciavam a impaciência feroz da pérfida, que assim levava pela mesma mão o amor e o assassinio.

— Carlos — disse carinhosamente a jovem — dá-me aquela flor, que está acolá sobre aquele móvel. . .

Por uma estranha associação de idéias Carlos recordou-se de que sobre aquele móvel estava o vaso de prata cuja superfície brilhante devia servir-lhe de espelho; lembrou-se dos seus terrores, » tormentos havia um instante sofridos, da ameaça de morte, que

lhe fora revelada pelas letras gravadas na mesa, misterioso testamento de um assassinado.

E quis conhecer a verdade daquela terrível história.

Ergueu-se vacilante, corno se a embriaguez deixasse de oprimi-lo, e dirigiu-se para o lugar indicado, tendo sempre o olhar pregado no vaso de prata.

Um suor frio cobriu-lhe a fronte.

Viu distintamente que Ana tirava do seio um frasco, e com maravilhosa presteza lhe deitava uma gota no copo, tornando a meter o frasco no seio. A amável envenenadora guardava-o decerto para outras experiências !. . .

Carlos pegou na flor, e voltou-se rapidamente. Então os seus olhos, desanuviados dos vapores da embriaguez, viram distintamente o rosto da duquesa; pintava-se nele a mais requintada perversidade. Como era que ele não conhecera as linhas satânicas daquela fisionomia, através daquela aparência virginal, que só uma infernal hipocrisia podia disfarçar daquele modo !. . .

Carlos dirigiu-se para a mesa, sempre cambaleando como se estivesse a cair embriagado, e entregou a flor à duquesa. Ela pô-la no seio, e ao fazer um movimento mostrou até mais de meio tesouros que deviam acabar de tirar a razão ao infeliz convidado.

Mas Faraldo estava muito a coberto daquele perigo !

— Bebe, meu belo cavaleiro — disse Ana, indicando a Carlos o copo em que ela deitara o veneno — bebe brindando ao nosso amor, e aos divinos gozos desta noite.

— Com mil vontades — disse o veneziano, movendo a custo a língua que sentia presa. — Mas. . . com uma condição... Eu hei- de beber pelo teu copo... e tu pelo meu.. .

— Que tolice é essa ? — exclamou a duquesa, perturbada — Não gosto desses brinquedos. . .

Bebe pelo teu copo já te disse !.. .

— Tu. . . hás de beber pelo meu. . . senão...

— Senão que? — disse Ana, com um olhar cheio de império e de desdém.

— Senão. . . pensarei que queres. . . envenenar-me. . .

Ana soltou um grito; depois fez um esforço para sorrir. Mas Carlos acrescentou:

— Sim. . . envenenar-me como ao pobre D'Armand. . .

Um grito selvagem, um rugido de pantera ferida, respondeu às palavras de Faraldo. Ana deu um pulo e estendeu a mão para o cordão da campainha; se a tivesse tocado, acudiriam os criados e não haveria nada no mundo que pudesse salvar o infeliz rapaz. Carlos assim o compreendeu, e não hesitou um momento.

Com uma punhalada, vibrada com a força do desespero, pregou a mão da duquesa na parede. Ela soltou um grito. Carlos tirou o punhal e a herdeira dos Bórgias caiu desmaiada.

— O negócio complica-se — murmurou Faraldo. — Como hei de sair agora daqui ? Se estes malditos dão fé de alguma cousa, posso contar que sou um homem morto.

Mas Carlos não obtivera tão bons resultados para se deixar assenhorear pelo desespero. Escondeu o punhal na manga, de modo a poder servir-se dele em qualquer ocasião; estava resolvido, quando mais não pudesse, a vender cara a vida.

Enterrou o chapéu na cabeça, embrulhou-se na capa e saiu pela porta por onde entrara a duquesa.

A primeira sala onde entrou estava vazia, silenciosa ante-câmara do templo, toda forrada de tapetes, e iluminada por uma lâmpada de vidros. Na segunda sala dormitava o mordomo Jerônimo, ou por outra, Ramiro Marques.

Ao vê-lo, Carlos correu para ele.

— Põe-me lá fora — ordenou-lhe em tom imperioso.

E apertava convulsamente o cabo do punhal, resolvido a tudo.

Mas, com grande surpresa sua, o mordomo soltou um grito de alegria e ergueu as mãos para o céu.

Louvado seja Deus !. . . — exclamou Ramiro — Ele ouviu as minhas orações; tocou o coração da minha patroa. . . Ela entrou no caminho do arrependimento e oxalá que assim continue para poder entrar no céu !. . .

Faraldo compreendeu tudo: o perigo atroz, iminente, dava-lhe uma lucidez de visão singularíssima. Compreendeu que o mordomo o considerava escapado à morte por um acesso de piedade da cruel enamorada.

— Põe-me lá fora !. . . — repetiu ele.

— Tendes razão, e já — disse o mordomo, pegando num molho de chaves. — A minha patroa é caprichosa, poderia arrepender-se, e então, meu caro senhor, nem mesmo Sua Santidade com todas as suas forças vos salvaria a vida. Mas sabei que em grande parte a mim o deveis; eu é que vos recomendei que vos fizésseis belo. . .

Entretanto abriu-se a porta, e o veneziano aspirava com satisfação o ar frio da noite.

De repente ressoou ao longe, na sala onde se passara o curto e horrível drama que descrevemos, um rugido como de pantera ferida, um rugido que nada tinha de comum com a voz dulcíssima da duquesa. Apesar disso o mordomo reconheceu-a.

— Mudou de idéia — murmurou ele — fugi, fugi depressa pobre mancebo, e pedi a Deus que nunca mais vos faça encontrar com esta mulher.

Carlos correu para a porta, vestido como estava, de fidalgo, e apesar de não saber em que sítio se encontrava, deitou a correr desesperadamente. O medo dava-lhe asas.

A porta fechou-se-lhe nas costas, com grande ruído. Ramiro, o catalão, ia voltar para o seu posto, feliz por ver que pela primeira vez uma aventura da sua patroa não tivera um desenlace mortal, quando lhe apareceu pela frente uma fúria, um fantasma, Ana Bórgia, toda desgrenhada e ensangüentada, com os olhos fora das órbitas.

— Onde está ? — rugiu a duquesa, mal viu o seu fiel mordomo.

— Senhora. . . vós estás ferida ! — exclamou o catalão numa voz cheia de angústia, ao ver o sangue que tingia todas as cândidas vestes da duquesa.

— Ferida. . . sim... foi ele... para eu não pedir socorro. . . pregou-me a mão contra a parede. . .

E ergueu à altura dos olhos do catalão a mão mutilada e cheia de sangue.

— Meu Deus ! E eu mesmo o ajudei a por-se a salvo ! — exclamou o mordomo, cheio de desespero.

— Fugiu !. . . escapou à minha fúria ! E como pode?.

— Chegou ao pé de mim, com um ar muito tranqüilo. . . em vosso nome ordenou-me que lhe abrisse a porta. Eu acreditei que lhe tivésseis perdoado. . . por compaixão.

Eu ! — exclamou a duquesa com um rugido de tigre—Compaixão. . . por ele. . . Mas eu quero despedaçá-lo pelas minhas mãos.. . quero devorar-lhe o coração palpitante. . . Abre aquela porta.. . que o agarrem. . . quero que morra entre tormentos horríveis !

— E impossível, senhora... — disse o mordomo, abanando a cabeça. — A esta hora deve estar ele muito longe; vi-o desaparecer numa corrida desabalada na escuridão da noite. . . Ele bem sabia o destino que o esperava !

— E então hei de renunciar à minha vingança ! eu, que mato por caprichos pessoas que nunca me ofenderam !

O catalão refletia.

— Senhora — disse ele gravemente — o culpado de ter ele fugido sou eu; eu, que não devia acreditar nas suas palavras. Mas eu repararei esta culpa. A fé de catalão, que hei de dar com ele e hei de trazê-lo preso a este palácio... e se não puder trazê-lo vivo, cravo-lhe no coração a minha faca. Sim, estivesse ele escondido nos confins do mundo, estivesse ele protegido pelos braços do próprio Papa. . .

— Bem — disse a duquesa com altivez — tenho a tua promessa, Ramiro; e vê lá que não vás faltar pela primeira vez à tua palavra.

— Não faltarei, podeis ter a certeza.

— Mas se te fosse impossível ? Se a ele Deus ou o Diabo lhe concedessem tal proteção que ele conseguisse escapar-me, e salvar a vida ?

— Então morrerá eu — disse Ramiro com tal acento de fria deliberação, que a duquesa sentiu-se abalada até ao íntimo da alma.

CAPÍTULO VII

UM REFUGIO SINGULAR

Carlos Faraldo fugia com desesperada energia na noite profunda.

Na sua curta idade tinha já afrontado muitos perigos, e o ato heróico por ele praticado no Tibre mostrava de que tempera ele era, e a coragem que tinha; mas nenhum daqueles perigos podia equiparar-se com o que ele correrá no palácio Bórgia.

Ele estava acostumado a desafiar a morte, quando ela se lhe apresentava no cano de uma pistola, ou cintilando na lâmina de um punhal; mas não sabia como lutar com a morte quando ela se apresentava coroada de flores, escondido entre beijos inebriantes da criatura mais formosa do mundo.

A corrida desesperada conduziu-o finalmente a sítios menos despovoados. Faraldo via diante de si as altas torres do Capitólio, e por isso podia considerar-se já entre homens.

E certo que este pensamento, longe de o consolar, aumentava-lhe as inquietações. E na verdade, de que lhe servia fugir, se em toda a parte podia alcançá-lo um braço homicida ?

Faraldo não tratara de indagar em casa de quem estivera; por isso ignorava que a mulher, que dali por diante o havia de procurar com ânsia desesperada para lhe dar a morte, era uma duquesa Bórgia, a senhora mais nobre e mais rica de Roma.

Contudo, aquilo que vira, o luxo oriental e a magnificência suntuosa daquela casa, dava-lhe uma idéia das riquezas da dona daquele palácio. Quanto ao poder daquela mulher, era impossível alimentar dúvidas; uma pessoa que tinha os caprichos homicidas daquela graciosa beldade e que tinha esbirros tão numerosos e fiéis para cumprirem as suas mais terríveis vontades, decerto devia dispor de um poder superior às leis e ao governo.

Ora, como supor que tal mulher renunciasse à sua vingança ? Como esperar que um desgraçado, que incorresse no ódio dela, depois de a ter ao mesmo tempo melindrado no orgulho e fétido no corpo, pudesse encontrar-se seguro em algum sítio ?

Nestas reflexões atribuladas o veneziano caminhava cautelosamente por aquelas vielas, ainda hoje escuras e sujas, que rodeiam o Capitólio.

Por um daqueles acasos providenciais, que fariam crer num milagre, naquela noite não havia ladrões por aqueles sítios; a não ser assim, o rico vestuário de Carlos, e o diamante que tinha no chapéu e que brilhava como uma estrela, ter-lhe-ia ocasionado um número inverossímil de encontros perigosos.

Mas ocorreu uma cousa, que, acrescentando às outras, pôs termo às impaciências de Carlos. Começou a chover.

Ora, é um fato que muitas vezes as pequenas contrariedades incomodam mais do que as grandes. O veneziano, que até então encarara com bastante filosofia a situação terrível a que o arrastara a sua aventura amorosa, principiou praguejar contra aquela chuva frigidíssima, que o molhava até os ossos.

Começou a caminhar desesperadamente, procurando um sítio onde se abrigasse; mas teve que procurar muito tempo. Finalmente, depois de se ter fartado de andar, sem saber onde diabo o tinha conduzido a sua sorte, dirigiu-se para um grande edifício caído de novo, de forma quadrarigular e maciça.

Carlos notou com alegria que aquele palácio tinha uma porta encimada por uma larga cornija. O chão, por baixo daquela cornija, estava perfeitamente enxuto, e ficava abrigado da chuva.

O nosso veneziano correu todo contente a aproveitar-se daquele inesperado refúgio.

Ali, passeando e agitando-se para não se deixar entorpecer pelo frio e pela umidade, esperou que rompesse o dia, para resolver o que havia de fazer.

O perigo principal — Carlos bem o sabia — consistia no vestuário que trazia, e que facilmente seria reconhecido pelos criados da envenenadora. Se ele pudesse, ao romper do dia, entrar no bairro dos judeus, e arranjar com o auxílio de um hebreu o fato escuro e modesto de um estudante !

De repente soltou um grito de alegria. Os rolos de ouro, que o mordomo lhe entregara unicamente para aumentar a ilusão do falso marquês, tinha-os ele ainda consigo, e representavam

uma soma avultada. Além disso, tinha as jóias que lhe guarneciam o vestuário, o precioso relógio, o anel e o diamante do chapéu.

— Se tudo isto é bom — murmurou ele — eu sou um homem rico. Se as pedras são falsas, basta-me o dinheiro para me tirar de embaraços, onde quer que eu esteja. O principal é eu encontrar um lugar seguro. . .senão...

Carlos estremecia ao lembrar-se daquele bom senhor Jerônimo, daquele mordomo todo cortês e amável, que desempenhava tão bem o seu papel de criado, e que o conduzira ao açougue com a serena tranqüilidade do magarefe que fornece de carne fresca a sua loja.

Entretanto o céu tornara-se mais sereno; as últimas estrelas, depois de terem brilhado com uma luz cada vez mais viva, apagaram-se uma após outra, e apareceu no horizonte uma faixa cor de rosa, que se foi inflamando cada vez mais.

Era o dia que despontava.

Carlos olhou em roda, viu que não havia por ali ninguém, e aventurou-se a sair do seu esconderijo e quis ver qual fora a casa hospitaleira, que o abrigara durante a noite.

Um grande letreiro chamou-lhe vivamente a atenção. Carlos leu nele algumas palavras latinas, que diziam:

CASA PROFESSA DA COMPANHIA DE JESUS

Viva Deus ! — exclamou o pobre rapaz — eu não sabia que tinha passado a noite num asilo inviolável, e debaixo da proteção da Igreja.

E o som das suas próprias palavras o fez estremecer. .

— A proteção da Igreja ! — disse ele meditabundo. — A única que, nos tempos que vão correndo, é uma defesa eficaz. O mordomo bem o disse: que nem o braço do próprio Pio IV me poderia defender da patroa dele; mas um convento... um convento de Jesuítas, desses homens terríveis que todos em Roma respeitam e temem...

Carlos hesitou um instante; depois, sem pensar em mais nada, levantou o batente da larga porta, e bateu.

Abriu-se logo um postigo; os jesuítas eram muito madrugadores e havia sempre alguém de guarda à portaria, o que facilmente se

explica numa instituição que recebia freqüentes mensageiros e notícias das mais distantes partes do mundo habitado.

— Quem procura o senhor ? — perguntou o porteiro, reconhecendo uma pessoa importante naquele que assim batia à porta.

— Posso entrar ? Posso falar ao superior do convento ? — disse o veneziano com uma humildade que ao frade pareceu um bom agouro.

— Sua paternidade ainda não desceu ao locutório — disse o porteiro — mas vou já preveni-lo. Entretanto, tenha a bondade de entrar.

A porta abriu-se, e Carlos entrou.

Mandaram-no entrar para uma espécie de antecâmara, também caiada como o resto do edifício, e mobiliada com a maior simplicidade que se podia encontrar numa cela de convento.

Algumas cadeiras, uma pequena mesa, um canapé de palhinha, sem embutidos de espécie alguma, eis o que constituía toda a mobília daquela sala. Carlos sentou-se no canapé. Daí a pouco entrou a passo vagaroso e grave um homem, cuja vasta frente e cujo olhar límpido e firme indicavam uma poderosa inteligência.

As largas pregas do seu hábito escuro imprimiam ainda maior dignidade à sua pessoa, e mais

nobreza ao seu porte.

Ao entrar, o frade interrogou com um olhar o mancebo que o esperava. Nenhum sinal convencional, dos que anunciavam um irmão, lhe respondeu.

— Um profano ! — disse ele consigo. — A esta hora !

Se o superior do convento esperava alguém, não era para admirar que ele imaginasse que esse alguém fosse aquele brilhante cavaleiro, que ali estava. A especialidade da Companhia de Jesus, especialidade formidável que lhe dava a sua superioridade sobre todas as outras ordens religiosas, e que fazia com que ela mandasse onde outros frades nem sequer conseguiram penetrar, consistia em ter ela agentes de todas as classes sociais; de modo que os que usavam o hábito constituíam, por assim dizer, o estado maior da Ordem.

Muitas vezes, um elegante fidalgo, que prendia a atenção das damas pela distinção de maneiras; um ousado cavaleiro, que para qualquer cousa arrancava da espada; um bravo marinheiro, que, sorrindo, afronta os canhões do inimigo, não eram senão agentes submissos e dedicados da Companhia de Jesus, à qual obedeciam cegamente, recebendo em troca auxílio, riquezas, carreira rápida, e a certeza de serem bem protegidos em qualquer situação embaraçosa em que pudessem encontrar-se.

— Meu padre — disse o veneziano com um tal ou qual embaraço — estou verdadeiramente mortificado por vos causar tamanho incômodo, e a uma hora tão imprópria.

— Não me incomodais, meu filho — disse o jesuíta com voz suave e sonora. — Eu estava fazendo oração: se Deus me proporcionou ocasião de salvar uma alma, eu considerarei que ele ouviu a minha prece.

— Com efeito trata-se de salvar uma alma — disse o mancebo com uma certa hesitação.

O jesuíta notou aquele embaraço, mas teve o cuidado de não se mostrar pronto a aproveitar-se dele.

— Os socorros que vindes pedir — disse ele com gravidade — são para outra pessoa, ou são mesmo para vós ?

— São para mim reverendo padre !.. . — exclamou Faraldo. — Eu venho pedir-vos, não um socorro temporal, mas a salvação definitiva. Recolhei-me neste convento, neste asilo de segurança e de paz; consenti que eu possa viver aqui na oração e no repouso, longe de um mundo enganador e cheio de perigos.

— Isso é uma vocação — disse o superior, considerando mais atentamente a fisionomia do seu hóspede—E é recentíssima. . . de poucos minutos. . . não é verdade ?

Faraldo cada vez estava mais enleado.

;— Porque me faz Vossa Reverendíssima essa pergunta ? — balbuciou o veneziano.

— Porque vos vejo vestido de tal modo, e com tanta magnificência, que faz crer que vos preparastes para uma entrevista amorosa, e não para procurardes um lugar de humildade e penitência.

Carlos não soube como responder àquela observação.

— Olhai, meu filho ! — prosseguiu o frade, com uma solene lentidão. — As cousas da religião são demasiado sérias para se poderem tratar assim tão levemente... Eu receio muito que o que vós considerais como uma vocação sincera não seja senão um capricho de ocasião. . . a não ser que. . .

O superior deteve-se. Carlos estava suspenso dos lábios do frade, como um acusado dos lábios do juiz.

— A não ser que vos enganeis no que acabais de dizer. . . Não era na vossa alma que pensáveis, mas sim no corpo. . . Não procuráveis um mosteiro, mas sim um lugar sagrado, que gozasse dos direitos de asilo.

— É verdade — respondeu Faraldo com a maior singeleza. Ele decidira responder com a máxima verdade às perguntas

que lhe fizessem. Compreendia muito bem que estava falando com um homem, cuja sagacidade facilmente descobriria as mentiras que ele quisesse dizer-lhe.

O olhar do superior faiscou. Olhou para Carlos e pareceu-lhe que era uma boa e aproveitável aquisição.

— Um duelo ? . . . perguntou em voz baixa.

— Não, meu padre; nada em que possa entrar de modo algum a justiça humana.

— E a justiça divina? — perguntou o jesuíta, envolvendo o mancebo no seu olhar luminoso.

— Meu padre, — disse ele, ao cabo de um momento — suplico-vos que por agora me concedais o asilo e descanso que vos peço. Mais tarde, eu mesmo hei de pedir-vos para me ouvirdes de ‘ confissão; mas por agora...

— Compreendo; o coração humano tem poucos segredos para mim, e o estado do vosso espírito conheço-o eu melhor do que se mo tivésseis revelado.

O veneziano inclinou-se.

— Uma última palavra — disse o jesuíta, depois de uma pequena pausa. — A razão que aqui vos conduz é tal, que possa dizer respeito a pessoas poderosas ?.. .

— Por que me fazeis essa pergunta, meu padre? — disse o mancebo estremecendo.

— Oh! entendamo-nos bem! — disse o jesuíta, iluminando-lhe a vasta fronte um lampejo de orgulhosa altivez. — Eu não digo isto porque o poder dos nossos inimigos possa modificar de modo nenhum as minhas intenções a vosso respeito. Graças a Deus, a nossa Ordem é protegida tão visivelmente pelo céu, que não somos obrigados a contar as forças dos adversários; mas o nosso primeiro dever, o primeiro pensamento que dirige a nossa conduta é este: que não haja escândalo.

— Mas eu juro-vos. . .

— Não jureis, meu filho; isso é um costume que haveis de perder aqui dentro, se aprover à divina Providência que aqui fiquéis. Disse eu que se a culpa que vos trouxe aos pés do confessor fosse daquelas que fazem grande escândalo no mundo, daquelas de que os protestantes e os incrédulos se aproveitam com alegria para lançarem o descrédito sobre a nossa santa instituição ..

— Me recusaríeis o refúgio ?... exclamou Carlos.

— Pelo menos examinaria se o risco a que exponho o convento seria compensado pela importância da aquisição que faríamos de vós — respondeu friamente o superior.

— Pois bem, meu padre, tranquilizai-vos; a minha culpa, se culpa é, não é gravíssima, e, seja como for, tive um cúmplice.

— Ou uma cúmplice — interrompeu o jesuíta.

Carlos mostrou-lhe com um sorriso que aceitava a correção.

— Ora eu fugi para... não continuar no pecado de que vos falo. . . Receio a vingança dessa pessoa, porque ela se julga com razão ofendida com esta minha fuga. E por outro lado tive de retirar-me porque o perigo da vida.. .

— Acrescentai o perigo da alma, cem vezes mais doloroso.

— Tendes razão, meu padre; principalmente o da alma. Mas confesso-vos que nas primeiras horas não pensei exclusivamente nisso: tive uma agonia mais lacerante.. .

O superior esteve um momento silencioso, e como que imerso nas suas reflexões.

— De tudo o que me tendes dito concluo eu que a pessoa que primeiro vos perseguiu com o seu amor, e hoje vos persegue com o seu ódio. .. porque é assim, não é verdade ?

— É isso exatamente, meu padre.

— Ora bem, parece-me que o que essa pessoa tem mais a recear são as conseqüências de um escândalo, que em tal caso

recaem sempre sobre... a outra parte. E disse-me francamente: de quem se trata?

— Meu padre. . .

— Eu não vos pergunto o nome dessa pessoa, entendamo-nos bem — interrompeu o jesuíta com certa altivez. — Pergunto-vos unicamente a condição dela; e esta pergunta está na faculdade dos confessores e diretores espirituais, segundo as regras estabelecidas pelos sacrossantos concílios. De mais, estais no vosso direito de não responder; não estamos em confissão.

— Mas não foi isso o que eu quis dizer, meu padre — apressou-se a declarar o mancebo, cada vez mais dominado pelos modos e pela autoridade do jesuíta. — Mas a verdade é que desse ser misterioso eu não conheço nada, senão, a figura e as terríveis intenções ...

— Como! não conheceis o nome, a pessoa, a posição ?.. . Não conheceis o palácio ?.. . Não podeis fornecer-me outra indicação ?...

— Nenhuma, meu padre, nenhuma. Eu tive um sonho delicioso; o despertar foi horrível...

E Carlos, entrado agora no caminho das confissões, contou ao jesuíta a cena do Tibre, o bilhete que recebera naquela noite, o delicioso cativo nas salas do palácio misterioso, a ceia, a descoberta das letras sob a toalha da mesa e finalmente a cena brutal, em que ele, para salvar a vida, ferira com uma punhalada a sua comensal.

— Bem sei que fui cruel e feroz — disse ele ao terminar a sua narrativa — mas não me restava outro meio para evitar a sorte do pobre D’Armand.

— D’Armand! — exclamou o jesuíta, empalidecendo. — O mancebo que foi encontrado morto fora da *Porta dei Popolo*. . . com um punhal cravado no peito?

— Esse mesmo, meu padre; e era essa a sorte que me estava reservada, se eu, com o auxílio de Deus, não tivesse inutilizado a mão assassina.

Entretanto o jesuíta abriu uma espécie de carteira cheia de apontamentos manuscritos.

A grande tragédia daquele jovem francês excitara por muito tempo a atenção dos padres jesuítas. Estes tinham por máxima

não deixar passar nenhum drama no mundo em que viviam, sem procurarem conhecer-lhe as causas ocultas; e a razão disso era clara.

De feito, em cada uma dessas misteriosas aventuras, que enchiam toda a gente de curiosidade e de terror, achava-se sempre envolvido algum personagem poderoso ou célebre, cuja mão executara ou pelo menos dirigira o crime. E todos compreendem que imensa força daria ao superior dos jesuítas o poder dizer a um homem, quer ele fosse príncipe, quer cardeal: — “Tu mataste um homem; tu roubaste; tu falsificaste um documento. Sê dos nossos, aliás o teu crime ressurgirá da noite das trevas e aparecerá à plena luz do dia para te confundir e perder!”.

Cada casa da Ordem tinha a obrigação de se apoderar do maior número possível de tais segredos. O chefe de cada província concentrava em seu poder todas aquelas informações, que depois eram

cuidadosamente reunidas, e levadas ao conhecimento do grande Concílio. O geral da Ordem, o Papa Negro, tinha assim à sua disposição a honra e a vida de milhares de indivíduos, que cedo ou tarde eram advertidos daquela sua escravidão, e que deviam obedecer a todas as ordens do chefe.

No livro do superior do convento estavam notadas com escrupulosa exatidão todas as circunstâncias conhecidas do assassinato D'Armand.

O jesuíta, com aquela admirável sagacidade de que deram tantas provas os sectários da Companhia — e sem a qual lhe teria sido impossível elevar-se ao alto cargo que tinha — reconstituirá o drama quase exatamente nas circunstâncias em que ele ocorrera. Adivinhara naquilo uma vingança de amor.

Mas vingança de marido ou de irmão, não; porque o crime fora praticado em condições tais, que mostravam que o autor dele era um homem poderosíssimo, e por isso dispendo de gente e de dinheiro.

Ora, um marido que estivesse naquelas circunstâncias não precisava de tomar tantas precauções; matava, sem se preocupar com a idéia de que alguém pudesse descobrir a mão que ferira.

Pelo contrário, muitos desses poderosíssimos senhores se esforçavam em fazer acreditar que fora por sua vontade que se tirara tamanha vingança. Daquela maneira o povo respeitava-os,

ou pelo menos temia-os como a pessoas que sabem castigar as ofensas.

Quanto à justiça papal, essa não havia ninguém que se preocupasse com ela. De tempos a tempos lá se açoitava algum pobre diabo, ou se queimava algum herege; mas quanto aos grandes senhores, quanto aos feudatários, esses os esbirros fugiam deles com terror, e, se os encontravam, saudavam-nos, curvando-se até ao chão.

E havia motivo para isso. Poucos anos antes, um chefe de archeiros, que se atrevera a prender um malfeitor protegido pela casal Orsini, fora enforcado, mercê da covarde condescendência de Gregório XIII.

Daí resultava que muitos daqueles grandes senhores martirizavam e matavam as mulheres, as irmãs, os irmãos, as sogras, especialmente quando alguma dessas pessoas lhes servia de obstáculo a qualquer herança, ou de qualquer modo lhes prejudicava os interesses. Em seguida fechavam-se por um ou dois meses em algum dos seus castelos feudais, e quando voltavam já tudo estava esquecido.

Quanto aos amantes das esposas ou das irmãs, faziam-nos matar em público, sem se importarem com o que podiam dizer deles. Este direito de alta e baixa justiça estava de tal maneira reconhecido e aceito, que não poderiam explicar-se por qualquer daquelas vinganças referidas as inúmeras precauções adotadas para ocultar a mão que ferira D'Armand.

Daí concluíra o jesuíta que fora uma mulher, ciumenta e ultrajada, que matara ou fizera matar o jovem fidalgo.

Dera-se ele então a um trabalho contínuo, magistral, apuradíssimo de análise de todas as damas romanas ricas e de famílias nobres, sobre que podiam recair as suspeitas daquela tragédia.

À força de investigações conseguira ele concentrar as suas suspeitas sobre quatro senhoras, que pertenciam à mais alta aristocracia .

As confissões, de que os padres jesuítas, quando elas tinham importância, entregavam um resumo muito exato ao seu superior, tinham ajudado o terrível padre a entrever os instintos de perversidade e malvadez sob a máscara da maior devoção e da mais edificante virtude. O resto conseguira-o a natural sagacidade do jesuíta,

— Então dizeis vós — disse o frade, ansioso, depois de ter interrogado o seu manuscrito — que a vossa sereia era...

— Muito nova, com um corpo de fada, uns olhos velados por abundantes pestanas... e uma

fisionomia virginal, que obrigava a gente a cair-lhe de joelhos aos pés.

O jesuíta carregou numa mola, que abriu um compartimento secreto da carteira onde ele guardava os retratos das quatro acusadas, para lhe chamarmos assim, e tirou dele uma admirável miniatura .

— É esta? — perguntou o jesuíta, apresentando a Carlos o retrato de Ana Bórgia.

O veneziano sentiu estacarem-se-lhe os cabelos.

— Meu Deus! — murmurou ele — eu endoideço...

— É esta? respondi!

— É ela mesma... sim... com esse seu ar de santa... e deitava o veneno como por brinquedo... Mas como é que este retrato...

Pela fisionomia do padre passou como num relâmpago um sorriso de triunfo, mas ele depressa retomou o seu ar austero.

— A coisa agora é clara, meu amigo — disse o jesuíta, ao cabo de um momento. — O vosso caso é gravíssimo; trata-se de uma das poucas pessoas que escapam á nossa influência e à da Santa Sé; trata-se da sobrinha do rei católico de Espanha.

— Então, estou perdido!... — exclamou Carlos a quem o desespero nem deixava sequer disposição para se envaidecer pela importância da aventura que correria.

— Sossegai, meu filho; há muito tempo que a nossa Ordem procurava uma ocasião para abater o orgulho dessa princesa, que não é das nossas. Agora encontramos-la, e haveremos de aproveitá-la ...

— Mas ela decerto me mata.

— Nada temais; ela não saberá nada. Dentro de uma hora haveis de estar vestido de noviço, e ficareis no convento; apresentar-vos-ei como meu sobrinho. E afinal isso não é uma mentira, porque haveis de ser sobrinho de alguém, não é assim?

— Assim me parece — disse Faraldo gracejando.

— E ainda que fosse mentira, sendo dita para a maior glória de Deus e para o bem da Ordem, seria mais meritória do que muitas verdades. Oh! a propósito. .. Padre Inácio!

Apareceu então à porta a cabeça tonsurada do frade porteiro.

— Padre Inácio — disse austeramente o superior — se por acaso sonhastes que esta manhã entrou para aqui um cavalheiro ricamente vestido, tende muito cuidado, porque é uma ilusão, que o demônio vos manda.

— Vossa Reverendíssima pode estar descansado — disse o jesuíta, fazendo uma vênia profunda e humilde. — Eu não tive

nenhum sonho desse gênero, e por isso não há razão para temer a ilusão de que me fala Vossa Reverendíssima.

E, a um novo sinal do superior, afastou-se gravemente.

— Isto é que é gente que está bem servida!.. . — murmurou consigo o veneziano — É um regalo estar com esta gente... “Acabarei por me habituar à minha sorte.

E demais, ele não tinha que escolher. E quando o padre superior anunciou a chegada ao convento do noviço Paulo Giusti, de Pádua, ninguém se admirou de tal, nem o próprio Carlos, que, apesar disso, devia ter ficado muito espantado ao ver-se pela primeira vez ensacado dentro de um hábito de frade.

Debaixo daquele hábito — pensava ele — ninguém viria procurá-lo, e se viesse, os jesuítas eram

bastantes fortes para o defenderem contra quem quer que fosse.

CAPÍTULO VIU

O JULGAMENTO DE UM MÁRTIR

À portaria do convento de S. Domingos chegou uma suntuosa _-liteira, precedida de um batedor que aldrabou com violência à porta principal do edifício. Esta abriu-se sem demora, e os frades dominicanos e os superiores do convento vieram à portaria receber Sua .Eminência, o cardeal de Santa Severina, presidente do tribunal extraordinário da Inquisição.

O processo, de que ao cardeal cabia desempenhar a parte mais importante, conservara-se até então no período de instrução, e Santa Severina evitara com todo o cuidado ingerir-se nele. Mas agora principiavam as sessões plenárias, e era necessário que o príncipe da Igreja, incumbido por Sua Santidade em pessoa, viesse prestar ao santo tribunal o auxílio da sua doutrina e da sua grande , autoridade.

Dois leigos correram para a porta da liteira e ajudaram o cardeal a descer.

Ninguém reconheceria o cardeal de Santa Severina. ã nobre e satisfeita figura do artista, sempre em vésperas de uma ruína próxima e sempre contente por se ver rodeado por primores de arte, sucedera a aparência triste e inquieta do homem que não se sentia com a consciência tranqüila.

Os olhos moviam-se inquietos, como se receassem ver aparecer dum instante para o outro a figura fantásticamente misteriosa do padre Eusébio, daquele novo senhor, que viera lançar-lhe ao pescoço uma nova cadeia, de que conservava uma das extremidades na sua mão potente.

Santa Severina em poucos dias subira muito em honra e na . consideração pública.

Os seus credores, integralmente pagos — ou pelo menos eles assim o declaravam, porque a Companhia de Jesus dispunha de tais meios de pressão, que alguns deles se tinham contentado com renunciar aos seus créditos por pouca coisa ou nada — andavam por toda a parte tecendo-lhe elogios. Depois, o cardeal não contraía nenhuma nova dívida: os negociantes de objetos d'arte, que d'antes eram os principais e mais caros freqüentadores do seu palácio, já ali se não apresentavam, descoroçoados por uma série de recusas tão insistentes quanto inesperadas.

De modo que os rendimentos de Sua Eminência, deduzida a pequena parte destinada ao .custeio da sua modesta casa, eram dispendidos em contínuas esmolas, que Silvestre recebera ordem do patrão para não divulgar, mas que a fama espalhava e até multiplicava. Todos falavam com profundo respeito daquele austero e triste sacerdote, que, tendo-se desviado dos gozos mundanos da arte, passava o seu tempo entregue ao estudo, à oração e à beneficência, realizando assim as palavras da escritura, que dizem que a missão do justo é atravessar a terra exercendo o bem: *transite benefaciendo*.

Daí resultava que as probabilidades papais do cardeal, já muito grandes antes de ele mudar de teor de vida, se tinham transmudado em certeza. Os cardeais mais ilustres do Sacro Colégio eram concordes em reconhecer que ninguém poderia ocupar a cadeira de S. Pedro com maior autoridade e respeito universal do que Santa Severina.

Os jesuítas tinham, pois conseguido o seu intento. Eles tinham reconhecido no cardeal um valor imenso, diminuído e muito reduzido por uma série de circunstâncias desfavoráveis. Eles tinham comprado aquele diamante embaciado pela escória, tinham-no polido e tornado belo, e agora as cintilações que ele espalhava eram propriedade deles e proveito e lustre da Companhia.

Mas aquele homem, que, do abismo onde estava para afundar-se fora assim inopinadamente guindado a tamanha altura, que, sendo ainda vivo Pio IV, se obedecia e respeitava o cardeal Santa Severina como um pontífice; aquele pródigo, que, um mês antes, não podia pagar ao cocheiro nem dar de comer à sua gente, e que agora estava tão rico que podia pastar somas enormes em esmolas; àquele homem, dizíamos, não era feliz, e por isso não era reconhecido a quem o elevara àquela posição.

Era também para notar que a sua coleção de belas artes, delícias do seu espírito, e que o tornava feliz quando lhe custava tantos sacrifícios e desgostos, que tão cara lhe fora quando ele estava ameaçado de a perder dum instante para o outro, agora já não inspirava senão um sentimento de repulsão.

Parecia-lhe que aqueles preciosos objetos, agora que lhe custavam tão caro, já não eram tão belos e ele odiava-os principalmente pelo muito que lhe estavam custando.

— Já me não parece o mesmo; eu desconheço-o — dizia Silvestre aos seus companheiros, que escutavam avidamente o que ele lhes contava acerca da vida do santo cardeal. — Dantes estava horas e horas fechado nas salas da coleção a olhar para aqueles mármore e para aquelas pinturas; agora até nem quer entrar ali, e se não fosse eu, que de vez em quando vou lá dar uma limpadela, todos aqueles tesouros estariam completamente abandonados. Agora, de todas as obras d'arte que tinha, a única de que gosta é um crucifixo que lhe trouxe da Espanha um frade, que não era menos pálido do que o marfim de que o tal crucifixo é feito. O cardeal não vê senão aquele crucifixo, nem quer saber de mais nada. Beija-o, leva-o para o pé da cama, coisa que eu não seria capaz de fazer, porque aquele bendito Cristo tem um aspecto tão atormentado e terrível, que eu não posso olhar para ele sem me fazer medo. . .

— Oh ! Silvestre ! . . . quereis ser condenado pela Santa Inquisição ? . . . — observou, sorrindo, o deão do cardeal de Santa Flora.

— Podeis caçoar à vontade; mas é certo que os Cristos não têm todos a mesma figura. Tenho visto alguns, que tinham um ar triste, uma doçura melancólica que causava pena; um principalmente, que está no gabinete do meu amo, fazia-me chorar de todas as vezes que o via. Mas há outros, como o tal do espanhol, que chegam a meter medo. Quando, contra o que eu espero, entrasse no céu, parece-me que ficaria muito admirado se visse que o Cristo que está lá em cima se parece com o tal de marfim. Pois bem ! Monsenhor não vê outra cousa senão aquela triste imagem. Uma manhã, ao entrar no quarto dele, surpreendi-o banhado em lágrimas ao pé do Crucifixo.. .

— Ouvi o que vos digo: — acrescentou em tom grave o criado do cardeal Mediei, um velho muito falador e de ar sentencioso — nós havemos de tornar a ver um Papa santo, como nos tempos antigos. O cardeal já não precisa de ser canonizado; os pobres de Roma disputam como relíquias os bocados dos seus hábitos velhos !

Essa opinião resumia a opinião geral acerca do Eminentíssimo; por isso é fácil imaginar com que profundo respeito, com que afetuosa veneração os dominicanos se reuniram em volta do eleito do Senhor, e o acompanhariam na visita ao convento, e se empenhariam em tornar-lhe menos fastidiosa a triste missão que ali vinha cumprir.

Mas, apesar de todo o abatimento físico e moral que o oprimia, quando Santa Severina entrou acompanhado por uma verdadeira corte na sala do Tribunal, a sua figura altiva endireitou-se e o olhar brilhou-lhe. Subiu desembaraçadamente ao trono, que lhe estava preparado no meio das cadeiras dos juizes; e com voz serena ordenou a um arqueiro:

— Introduzam o acusado.

Entrou daí a pouco Francisco Burlamacchi.

Já não era aquele mancebo ardente e cheio de entusiasmo, que vimos na abadia de Mont-Serrat, ocupando o seu lugar entre os sete chefes da Ordem dos Templários. A sua vasta frente estava despovoada de cabelos, e a barba tinha-a semeada de branco. Uma ruga profunda, indício de um pensamento insistente, superior a qualquer outro, corria-lhe de uma fonte à outra, e toda a fisionomia daquele justo respirava um ar de doçura e de suave majestade, que impressionou profundamente o cardeal.

O chanceler — um dominicano de faces trigueiras, verdadeiro inquisidor — procedeu ao primeiro interrogatório.

— Quem sois ?

— Sou Francisco Burlamacchi, de Luca.

— Sabeis a acusação que pesa sobre vós ?

— Suponho qual seja; — respondeu o acusado, e um sorriso de altivez iluminou aquela fisionomia viril — mas peço a Vossa Paternidade que queira expor-ma.

— Sois acusado de ter professado opiniões contrárias à fé católica, especialmente no que diz respeito à autoridade do Sumo Pontífice.

— É falso — disse Burlamacchi, sem pestanejar.

— Sois acusado de ter considerado a Santa Igreja romana um foco de corrupção, e de ter dito que Babilônia é em Roma, e que Genebra, pátria do maldito heresiarca Calvino, é a celeste Jerusalém.

— É falso. Eu não tenho estima nenhuma por Calvino que quer banir as tiranias dos outros para as substituir pela sua.

Santa Severina fez um movimento. A palavra de Burlamacchi, franca, incisiva clara, agradava-lhe e abalava-o até ao íntimo da alma.

— Sois acusado — prosseguiu o chanceler — de ter dito que o matrimônio dos padres é coisa lícita e honesta, e que o voto de castidade, por eles professado, é nulo de pleno direito.

— Quem me acusa disto ?

— O tribunal não tem obrigação de revelar os nomes dos acusadores ou das testemunhas — disse o chanceler — Contudo, tendo em conta a gravidade da acusação, o tribunal entende que “deve dizer-vos o nome de quem vos denunciou, cumprindo o seu dever: foi monsenhor Scardoni, zeloso bispo...

— Scardoni ! . . . o meu amigo !— exclamou Francisco Burlamacchi com doloroso espanto.

— A amizade por um homem não pode prevalecer às obrigações para com a grei das almas, — disse em tom severo o dominicano — Monsenhor Scardoni cumpriu o seu dever, tanto mais meritório, quanto mais doloroso.

— Mas nesse caso o seu dever impunha-lhe dizer a verdade, e ele não a disse.

— Atrevei-vos a sustentar que não dissestes aquilo de que sois acusado?

— Não o disse nos termos referidos por Vossa Paternidade. Só observei que o celibato eclesiástico não existia nos primeiros tempos da Igreja; que fora um Papa que o decretara, e que outro Papa poderia suprimi-lo. E como monsenhor Scardoni me objetasse que a isso se opunham as decisões de um Concílio, eu respondi-lhe que o Papa está superior ao Concílio, porque ele é o representante da Igreja universal, e por isso não deve preocupar-se com as decisões do Concílio, senão quando, na sua sapiência, o julgue justo e oportuno.

— O dominicano ficou estupefato, e os juizes não puderam conter-se que não dirigissem a Burlamacchi um olhar de aprovação.

Com efeito, havia então um partido religioso, que Roma odiava ainda mais do que aos protestantes: era o dos católicos chamados liberais, que queriam, refrear a autoridade da Cúria romana, atribuindo ao Concílio a faculdade de estabelecer para sempre a jurisdição e a disciplina eclesiástica, de fixar algumas leis de modo tão irrevogável, que nem mesmo o Papa tivesse poder para as derrogar.

Burlamacchi por meio daquele hábil movimento, arvorara-se em campeão da onipotência pontifical, enquanto que o seu acusador se tornara numa espécie de rebelde e de herege. A coisa, pelo menos, fora muito bem acabada.

Por isso, o chanceler apressou-se a mudar de sentido e a dar ao interrogatório o seu verdadeiro

caráter.

— Francisco Burlamacchi, — disse ele — sois acusado também de um outro crime: Conspirastes para introduzir em Luca, vossa pátria, os protestantes, para derrubar o governo, e abater na Toscana e no resto da Itália o domínio espanhol.

— Vossa paternidade está enganado — disse tranqüilamente, Burlamacchi. — Eu não conspirei. Como gonfanoieiro da república. da minha pátria, eu era o primeiro magistrado de um estado independente, e os acordos que eu julgava de utilidade celebrar com os outros estados, ninguém tinha nada de ver com eles.

— Mas essa república, como todos os estados católicos, deve proceder de acordo com o Santo Padre, — disse asperamente o dominicano — e servir a causa do catolicismo. Ora, o Santo Padre entendeu que é crime, e crime gravíssimo, o fazer oposição ao rei de Espanha, que atualmente é o único príncipe defensor da verdadeira fé; por isso entende que quem se combina com os hereges, ainda que seja só para fins políticos, é ainda mais culpado do que os próprios hereges, porque esses não têm a verdadeira luz, ao passo que os católicos, que se combinam com eles, sabem perfeitamente o mal que fazem.

Burlamacchi ergueu a cabeça.

— Se Vossa Paternidade quer julgar desse modo os meus atos, — disse ele — ver-me-ei obrigado a calar-me.

— Então não quereis justificar-vos de ter querido sublevar toda a Europa contra o poder do imperador da Alemanha, do rei de Espanha e de outras potências católicas ?

O acusado conservou-se imóvel.

— Não quereis justificar-vos de ter mantido uma correspondência assídua com os estados da Holanda, com o duque de Duas Pontes e com outros príncipes protestantes da Alemanha?

Nenhuma resposta da parte de Burlamacchi.

— Não quereis justificar-vos de ter procurado surpreender o movimento das guarnições espanholas na Lombardia, para, com o auxílio dos protestantes suíços, poderdes assenhorear-vos daquela fortaleza ?

O acusado fez um gesto de quem não entendia o que lhe queriam dizer.

— Então sois considerado como confesso — disse o dominicano, que sustentava o papel de inquisidor. — E agora, respondi ao menos a esta pergunta,

— Estou ouvindo — disse o nobre acusado — e espero que essa pergunta seja tal, que me permita responder-vos.

— Pois bem: disse-me, se podeis, que fim era o vosso ao tramar essa conspiração gigantesca, que se estendia desde os mares do norte ‘até as águas de Sevilha ?

O olhar de Burlamacchi acendeu-se num fogo inesperado.

— Porquê ?.. — exclamou ele — porque eu tratei de arranjar, nos limites das minhas forças, armas e gente ? Porquê eu chamei em meu auxílio até os hereges e os turcos, tudo para vencer ?

— Ah ! confessais que chamastes em vosso socorro também os turcos ? — exclamou o inquisidor, com uma satisfação de mau agouro.

— Confesso, sim; e porque havia de negá-lo?... e mesmo quando o negasse, consentiríeis vós em acredita-lo ? Pois bem, se fiz tudo isso, se afrontei os tremendos perigos da Inquisição, se conduzi o meu nome e a minha vida a este altar de sacrifício inevitável, em que vós haveis de ser os meus sacrificadores, fi-lo por uma grande santa mártir, que sofre, que geme, que está sujeita a inúmeros sofrimentos e vexames por causa daqueles que deviam defendê-la. ..

E erguendo-se e estendendo o braço no meio dum silêncio profundo de todos aqueles homens, mudos de admiração e curiosidade:

— Fiz tudo isso — disse ele — pela Itália !. . .

Aquele nome augusto espalhou-se na fria sala do convento de S. Domingos, sem acordar um eco sequer.

Para os tiranos religiosos e políticos da idade média, aquele nome era tão desconhecido, como para os inquisidores de Sevilha e Madri seria o nome de liberdade de consciência.

Um só daqueles homens se sentiu abalado por aquelas palavras apaixonadas. Mas esse, pela situação augusta em que se encontrava, e em respeito ao atroz tribunal de que era presidente, era obrigado a sufocar no fundo do coração aquele sentimento, e a mostrar um ar ainda mais ameaçador do que os outros.

— Vós não a conheceis, a divina agrilhoadada — prosseguiu Burlamacchi profundamente agitado. — Vós não sabeis o que seja sofrer cada dia por a ver escravizada, escarnecida, oprimida por aqueles mesmos bárbaros, cujos pais foram escravos dos nossos pais.. . Eu quis ressuscitar essa morta; quis, como Júlio II, um Papa, gritar: “Fora os bárbaros !...” Os tempos porém não correm propícios; a minha tentativa conduziu-me à morte... Mas que importa !. . . O meu sangue derramado no patíbulo irá fecundar a terra, e dentro de um, de dois, de três séculos, outros virão, que executem os meus planos!.. .

— Reverendos juizes — disse o frade inquisidor, voltando-se para o tribunal — vós sois testemunhas das blasfêmias que este homem acaba de proferir. Parece-me que não precisarei de gastar muitas palavras para. . .

Mas neste ponto o cardeal presidente fez um sinal que impôs silêncio ao inquisidor.

— A hora vai adiantada — disse o benévolo presidente, que queria, adiando o julgamento, atenuar a cruel impressão produzida nos juizes pelas ardentes palavras de Burlamacchi. — Amanhã continuaremos o julgamento, com espírito mais repousado.

Apesar do seu secreto descontentamento, o dominicano calou-se; nem ele nem nenhum dos outros se atreveria a opor-se a uma resolução de Santa Severina.

No momento, porém, em que os arqueiros iam acompanhar o preso para sair, o chanceler levantou-se:

— Vossa Eminência naturalmente ordena que ao preso seja aplicada a tortura — disse ele numa voz suave e tranqüila.

— A tortura para quê ? O preso confessou todas as culpas que lhe foram imputadas, e a tortura não o faria confessar mais nada.

— Apesar disso, — observou com atenciosa insistência o dominicano — é costume do tribunal da Inquisição aplicar sempre a tortura ordinária e extraordinária aos acusados, mesmo quando •eles confessam tudo.

— O costume do tribunal da Inquisição não nos deve servir de norma — disse com altivez o cardeal de Santa Severina-. — O nosso tribunal é soberano, e as suas decisões não devem regular-se pelo exemplo de nenhum outro. Está levantada a sessão.

Burlamacchi dirigiu ao cardeal um olhar misto de surpresa e de reconhecimento. Aquele homem, que assim o poupava à parte do seu martírio, que era a única em que ele não podia pensar sem tremer — a tortura, enfim — aquele amigo, que ele inesperadamente encontrava no meio dos juizes, enchia-o de espanto e de alegria.

Santa Severina atravessou outra vez a sala, sempre com o seu andar majestoso e o seu olhar altivo. Os juizes e todos os outros agregados ao tribunal formaram duas filas, curvando-se profundamente à passagem daquele homem, que hoje era o seu chefe, e que amanhã poderia ser

o seu senhor.

Mas naquela noite, e em sua casa, o cardeal de Santa Severina orou por longo tempo, com os olhos constantemente pregados no crucifixo de marfim do jesuíta espanhol. Arrasaram-se-lhe os olhos de lágrimas; mas daí a pouco espalhava-se uma luz de sereno contentamento na fisionomia severa do futuro papa.

— Eu não condenarei este justo — murmurou ele, depois de profundo recolhimento. — O sangue dele havia de cair sobre mim, como o teu sangue, ó Jesus, caiu sobre os que te crucificaram.

— Perderei a minha fortuna e a minha vida; mas antes disso do que sobrecarregar a minha consciência com a morte de um inocente ! . . .

De repente o cardeal estremeceu: vira uma sombra negra interpor-se entre ele e a janela.

— Vós reverendo ! — murmurou ele estupefato, ao reconhecer a figura sinistra do padre Eusébio. — E como vos encontrais aqui a esta hora ? ,

— Eu sou o diretor espiritual de Vossa Eminência — disse o jesuíta secamente.

— Meu diretor espiritual ! . . . Mas não me lembro de vos incubir de tal !...

— A minha nomeação foi feita pelo nosso santíssimo padre, o geral da Companhia. Os estatutos do beatíssimo padre Santo Inácio dizem que o geral pode e deve escolher de per si o confessor dos personagens mais importantes, que pertençam à Ordem ! . . . Nem mesmo os reis estão isentos desta lei.

— Ah! Compreendo. . . Mas neste momento não careço de consolações espirituais; preciso mas é de um pouco de descanso.

— Não roubarei muito tempo à solidão, que Vossa Eminência deseja; mas, antes disso, devo entregar-lhe esta carta confidencial, que o santíssimo geral quis que eu trouxesse a Vossa Eminência.

E entregou ao cardeal uma carta aberta.

— Como!. . . uma carta confidencial e vem assim aberta ? ! — exclamou o cardeal, com maior surpresa do que indignação.

— Pela regra da nossa Ordem é proibido a qualquer irmão receber cartas de um outro irmão, sem que um terceiro sacerdote . . . da Companhia saiba tudo. Os segredos só entre duas pessoas pecam contra a caridade.

Santa Severina desdobrou o papel a tremer, e leu: “Vós sois muito mole, muito fraco. Não aplicar a tortura foi um erro. Que ele não torne a repetir-se!

A. M. D. G.”

Aquelas terríveis palavras indicavam claramente de onde partia o golpe.

O cardeal teve um impulso generoso; quis rasgar aquela carta,.. e atira-la às faces do mensageiro, que se encarregara de tal comissão depois de ter lido o bilhete.

Mas deteve-se, sufocando um suspiro, e metendo o bilhete numa carteira:

— Está bem — disse ele ao padre Eusébio. — Dizei ao geral que procederei de modo que ele fique satisfeito comigo.

O jesuíta curvou-se até o chão, e saiu.

Um momento depois, escrevia ele, na sua cela, a seguinte carta ao geral:

Ele obedeceu.. . ou, para dizer melhor, prometeu obedecer. . . mas não confio na promessa. Teve um ímpeto de cólera. . . A custo resistiu a tentação de rasgar a carta. . . Escutai o meu conselho:

não é este o instrumento de que precisávamos. Suprimi-o, ou causar-nos-á sérios desgostos.

Quase na mesma ocasião, o cardeal de Santa Severina, ficando só, exclamava muito agitado:

— Meu Deus ! . . . Meu Deus ! . . . Que escravidão ignóbil, que infame situação eu aceitei ! Ah ! venha a morte libertar-me desta opressão, que me esmaga o corpo e a alma ! . . .

Naquele momento entrou Silvestre todo ansiado.

— Monsenhor, o sumo pontífice está a morrer. . . mandou-vos chamar a toda pressa. . .

Santa Severina estremeceu, e fez-se extremamente pálido. A morte vinha na verdade em auxílio dele, mas de um modo bem diverso daquele que ele imaginara !

CAPÍTULO IX

ULTIMAS PALAVRAS

O silêncio e a consternação eram quem reinava nos aposentos ocupados por Sua Santidade Pio IV, pontífice máximo, no palácio do Quirinal.

Uma multidão silenciosa e contristada desusava por aquelas salas cobertas de grossos tapetes, que amorteciam os passos de todos aqueles indivíduos, dando-lhes a aparência de sombras.

Pelas janelas, semi-veladas por grossas cortinas, entrava uma luz muito tênue, aquela luz que ainda podiam suportar os olhos de um moribundo, para quem o dia ia desaparecer para sempre.

Pio IV, já caído numa espécie de imobilidade cadavérica, estava deitado sobre um alto e suntuoso leito, encimado pela tiara e pelas chaves. Aquela luz assim fraca tornava ainda mais branca a pálida face do pontífice.

De repente Pio IV moveu os lábios.

— Já se foi chamar, santíssimo padre — apressou-se a responder o primeiro médico do Papa. — Pouco pode demorar-se

— Jurais-mo, mestre ? — disse o Papa numa voz muito débil. — Bem sabeis que é um pecado gravíssimo mentir aos moribundos.

— Vossa Santidade pode estar descansado — disse o médico com uma voz em que havia lágrimas. — O cardeal de Santa Severina não pode demorar-se muito.

— Chegou o cardeal — disse uma voz.

E de feito o cardeal estava ali, ao lado do leito, curvado sobre o moribundo, e tendo pintado na fisionomia o mais doloroso espanto. Havia poucas horas que ele deixara Pio IV doente sim, mas sem que cousa alguma fizesse prever tão inesperada catástrofe !. . .

— És tu, Santa Severina? — disse o moribundo, empregando pela primeira vez aquela fórmula confidencial com o seu ministro favorito. — Não esperavas encontrar-me neste estado, não é assim ?

— Padre. . . meu padre. . . voz haveis de sarar, e muito depressa ! — respondeu o cardeal, com a voz entrecortada pelos soluços.

— Não queiras dar-me tal conforto, meu amigo. Eu fui um pontífice fraco e pouco arguto; mas a minha alma está serena, e posso olhar a morte de frente e sem tremer. Nesta hora suprema, relembrando o que fiz, parece-me que não cometi pecado algum com a consciência de o praticar; se errei, as minhas intenções foram puras, e espero que o Senhor me levará em conta essa boa vontade.

— Vós fostes um santo, meu padre, e a justiça do céu nada tem de terrível para vós.

— Tu confortas-me, Santa Severina; ajudas-me a bem morrer. Tu és honesto e santo, e todos os cardeais já têm a intenção formada de te escolherem para meu sucessor; eu dirigi-me a todos eles

e pedi-lhes, supliquei-lhes que não elegessem outro...

— Santo padre, não estejamos a falar nisso; vós haveis de viver ainda muitos anos.

— Já poucas horas me restam de vida, meu filho. Mas não te importes com isso; desejo a todos os meus irmãos que a morte nos encontre tão serenos e calmos como me encontra a mim. Ora .dize-me: quem é que por minha morte há de ter o governo, enquanto não se eleger o sucessor ?

—O cardeal camarlengo, Aldobrandini.

— Tu tens sobre ele grande influência: além de que, não serás tu daqui a pouco o chefe dele e dos outros ?.. . Pois eu desejo que tu obtenhas dele a graça... da tranqüilidade das últimas horas que restam de vida. . .

— Que quereis dizer, Santo Padre ? — perguntou cheio de surpresa o cardeal de Santa Severina.

— Tu ainda não assististe a morte de nenhum Papa, — disse Pio IV com acento de profunda amargura — e por isso não sabes como morrem os sucessores de São Pedro. Mas eu já assisti duas vezes a esse espetáculo... e a lembrança dele ainda me aterra mais do que a morte.

O pontífice calou-se: a sua fraqueza era extrema e a voz cansada ia-se-lhe apagando. Santa Severina deu-lhe duas colheres de um cordial preparado pelo primeiro médico pontifício.

Pio IV bebeu e pareceu reanimar-se.

— Quando morre um Papa, — prosseguiu o pontífice, tornando à idéia fixa que o obsidiava — é raro esperarem que dele saia o último suspiro para lhe saquearem o quarto. Os criados roubam tudo, até os lençóis e as colchas do leito mortuário. Muitas” vezes o cadáver sem roupas, ou apenas coberto por um farrapo, é arremessado para o chão, e para ali está até que os cardeais, providenciem.. . Mas isso ainda não é nada.

— Pois que mais, meu Deus ! — exclamou Santa Severina, todo horrorizado com o que ouvia. .

— Muitas vezes a impaciência dos saqueadores não espera que o moribundo tenha exalado o último suspiro. . . e assim, o desgraçado, que enquanto vivo viu o mundo aos seus pés, morre abandonado como um cão. Um padre muito velho afirmou-me que um aos seus predecessores, tendo sido abandonado sem lhe deixarem.. sequer um farrapo para se cobrir, sem uma gota de água, morreu de frio e de sede !. . .

O cardeal não podia acreditar no que ouvia. Apesar da alta’ posição que ocupava naquela Corte estranha e corrupta, nunca tomara parte no governo propriamente dito, nem nos misteriosos segredos da intimidade curial, e por isso o que Pio IV lhe contava era para ele uma completa revelação.

— Pois é possível !. . . — murmurou ele. — E depois esses desgraçados admiram-se de que a Reforma faça tantos progressos, e. de que o povo não queira prestar fé às charlatanices deles. Pregam, a caridade, e fazem morrer no meio de tormentos o seu chefe e senhor !.

— Ora, tu já compreendeste o favor que te peço, — disse o pontífice— e peço-te com tanto fervor como se estivesse ajoelhado aos teus pés. Une-te ao Aldobrandini, e vela por que os meus últimos momentos não sejam amargurados, para que o meu corpo. não fique à mercê de todos esses miseráveis. Poupa a esse ultraje supremo quem foi chefe da cristandade, e quem te impôs a púrpura cardinalícia.

— Meu padre — disse Santa Severina com uma comoção tal, que mal podia pronunciar distintamente as palavras — meu padre. Sobre o trono pontifício como sobre este leito de dor, vivo ou morto, vós sois sempre o rei e o pontífice a quem nos obedecemos e obedeceremos. Ninguém se atreverá a chegar aos pés de vós, enquanto não tiverem cumprido os mais santos deveres; e se efetivamente o Senhor estiver decidido a chamar-vos a si, o que eu peço que seja o mais tarde possível, no vosso corpo não tocará a mão de criados ou de coveiros: eu e os outros cardeais prestaremos ao nosso Santo Padre os últimos serviços. . .

— Oh ! Obrigado, obrigado ! — murmurou Pio IV, cujos olhos já quase apagados se encheram de lágrimas. — Que a bênção de um moribundo, que a bênção de Deus te acompanhem toda a vida ! . . que tu sejas pontífice grande e feliz, e que o reino do céu tarde venha completar o feliz reinado que tiveres tido na terra !...

O cardeal pegou a mão descarnada do enfermo, e beijou-a.

— E agora — prosseguiu Pio, em voz de tal modo baixa que o cardeal tinha grande dificuldade em ouvir-lhe as palavras — agora, Santa Severina, ouve uma última advertência.

O cardeal curvou-se sobre o leito de tal modo que quase lhe ficava o ouvido ao pé dos lábios do moribundo.

— Quando fores Papa, hão de rodear-te muitos partidos, principalmente muitos chefes das ordens religiosas. . . Não concedas a supremacia a nenhum; sê justo e bom com todos, mas não te tornes escravo de nenhum, porque senão acontecer-te-á o que me aconteceu a mim, que muitas vezes vi o bem, desejei-o... e não o pude fazer.. . E este o único remorso da minha vida.

Santa Severina suspirou. Pensava nos laços que também o prendiam, laços terríveis que podiam não só impedi-lo de fazer o bem, mas até arrastá-lo a fazer o mal.

— Tu suspiras ? — disse com inquietação o pontífice — Então tu também estás ligado por algum pacto ou por alguma fragilidade a algum desses partidos, que entre si disputam os restos do poder da Igreja ?

O cardeal não respondeu.

— Compreendo — continuou o moribundo — Tu fizeste promessa, contraíste obrigações. . . Mas o mal não pode ser grave, a não ser que os teus compromissos sejam com uma Associação tenebrosa e formidável, que, sob o meu pontificado, eu vi estender as redes por todo o mundo católico... Dize-me: estás envolvido na trama dos jesuítas ?

O cardeal soltou um grito abafado.

— Então é verdade ? — disse com amargura Pio IV. — A luta nesse caso será mais difícil.. .

—A luta, dizeis, meu padre ? — murmurou o cardeal — Não é possível lutar; eu já antes de a principiar estou vencido. Se vós soubésseis...

E em voz muito baixa, enquanto que naquele quarto não se ouvia senão um respirar agonizante, Santa Severina contou candidamente a Pio IV tudo o que lhe sucedera com o padre Eusébio, e os sucessivos atos de despotismo da terrível Companhia.

— Tudo isso é grave; — disse o Papa — mas não debes exagerar o perigo. Se tu como simples cardeal, estavas em tudo dependente desses padres, não te esqueças de que a eleição pontifícia te dará toda a plenitude do poder, a faculdade de ligar e desligar na terra e no céu. Deixo-te um erário bem fornecido; paga a tua dívida aos Jesuítas, e conserva-te assim superior a eles. Anula as tuas promessas como contrárias ao interesse geral da Igreja, e se a Companhia não se mostrar bastante obediente e submissa para contigo, suprime-a. O pontífice romano não deve consentir iguais a ele na Igreja católica; não deve prestar contas a ninguém do que lhe aprouver fazer.

. — Obedecerei — respondeu com firmeza o cardeal. •

— Obrigado, meu filho. Assim serás o eleito do senhor, e libertarás a Igreja da negra tirania, que já começava a oprimi-la. Acautela-te dos Jesuítas e do rei de Espanha; amigos, sim mas patrões não, e se eles tentarem sê-lo, combate-os. Lutero não pôde fazer tanto, que os raios da excomunhão não produzam ainda o maior efeito na imaginação dos povos.

— Padre, eu farei tudo isso, ainda que tivesse de custar-me a vida.. .

— Não será preciso tanto; os povos têm os olhos postos na cadeira apostólica, e qualquer drama que ali se desse e que não fosse bastante claro daria causa a graves danos, para que a Cúria possa

arriscar-se a tanto. Não, não morrerás; e mesmo quando assim fosse.. . ao menos terias contribuído para arrancar a planta daninha da Companhia, esse cancro da Igreja !.. .

— E eu morrerei contente no cumprimento desse santo dever — disse com voz sumida Santa Severina.

— Obrigado. —Agora... chega-me.. . aquele crucifixo... — Meu Deus, se pequei contra vós, tende compaixão de mim !

O pobre velho fez um esforço, ergueu um pouco a cabeça, e colou os lábios na efígie do Mártir divino, que sempre representou e representará a esperança daqueles que já nada esperam, o conforto dos moribundos, a luz que ilumina as trevas dos mundos desconhecidos.

Aquele esforço deixara completamente alquebrado o pontífice. Deixou cair a cabeça sobre a almofada, voltou um derradeiro olhar a Santa Severina, como que a recomendar-lhe o cumprimento da sua promessa, e expirou. Príncipe e sacerdote merecedor de muitas censuras, mas que alcançaria o perdão de Deus porque sempre obrara de boa fé e pensando fazer o que era melhor!

O médico, depois de ter aproximado uma luz dos lábios do Papa, vendo que a chama se conserva imóvel, exclamou:

— Monsenhor, Sua Santidade o Papa Pio IV expirou !. . .

— Preveni o cardeal Aldobrandini, e mandai vir aqui imediatamente o capitão da guarda Suíça — ordenou Santa Severina, que naquele momento supremo reprimia a sua dor, para pensar exclusivamente na execução das últimas vontades do defunto.

O capitão, velho soldado lealíssimo e de honestidade inquebrantável, apareceu imediatamente. As instruções que o cardeal lhe deu foram claras, concisas e urgentes. O capitão saiu para lhes dar imediato cumprimento.

Com efeito, um momento depois, o bando dos criados invadiu o quarto do Papa, soltando gritos ferozes. Ninguém podia opor-lhes resistência, pois que só ali se achava Santa Severina, que, ajoelhado ao lado do leito mortuário, recitava as suas orações. O cardeal ergueu-se e com um gesto intimou a sair aquela canalha ignóbil, na maior parte ébria. .

O vinho dava àqueles miseráveis um atrevimento que eles decerto não teriam, se estivessem com o estômago enxuto, na presença de um cardeal que podia ser Papa de um momento para o outro.

Àquela intimação de Santa Severina responderam com grandes gargalhadas, começando logo a abrir os móveis e tirar tudo . o que podiam levar

Mas ouviram-se no corredor uns passos pesados; os suíços entraram, e, sem dizerem nada, principiaram a dar pranchada naqueles miseráveis. Dois deles, que tinham o roubo consigo, foram presos; os outros fugiram precipitadamente.

Por ordem do cardeal, que era a única autoridade ali presente, os dois presos foram encerrados nos cárceres do palácio.

— Se eu for Papa — disse o cardeal de Santa Severina, cheio de tristeza — o meu primeiro ato de justiça será fazer enforcar estes dois miseráveis.

E certo de que, depois daquele ato de rigor, ninguém o viria incomodar, entregou-se de novo às suas orações. Os colegas dele, quando vieram, encontraram-no ajoelhado a rezar, e mais se convenceram de que deviam conferir o papado àquele santo.

CAPÍTULO X

O PAPA NEGRO

Carlos Faraldo cumpria com verdadeira satisfação os deveres não muito pesados, que lhe eram impostos pelo seu estado de noviço.

Era ele quem tratava de algumas pinturas de grande valor, pertencentes aos jesuítas. Todos os dias ele tinha de ler alguns trechos dos *Exercícios Espirituais* de Santo Inácio, a terrível máquina de triturar cérebros, inventada com tão profunda ciência pelo fundador da Companhia. Tinha também de fazer oração não muito demorada, e a horas não incômodas; e quanto ao resto do tempo tinha a liberdade de o gastar como lhe parecesse.

O veneziano passava esse tempo a passear sob as grandes árvores do parque anexo ao convento, relembando a espécie de sonho, ainda assim muito duradouro, que a sua mocidade atravessara.

Naquela regularidade de hábitos, Faraldo engordava, e se isso prejudicava um tanto a elegância de sua pessoa, de que ele era bastante vaidoso, ao mesmo tempo indicavam quanto eram prósperas as condições materiais, que a Companhia proporcionava ao noviço.

De feito, uma das máximas fundamentais da Companhia de Jesus — máximas que o puritanismo jansenista depois combateu com muita aspereza, mas com nenhuma razão — estabelecia que se devia tornar mais fácil e suave aos neófitos o caminho do céu, em vez de o semear de abrolhos e de espinhos, como faziam os outros. Uma única vez Carlos experimentara por um momento uma espécie de rebelião, e fora isso quando o padre superior, que queria acostumá-lo a obedecer-lhe tinha ordenado que ficasse duas horas encerrado na sua cela a ler os *Exercícios Espirituais*.

Ora, aquela leitura era extremamente aborrecida para o veneziano, que se lembrava com terror da grande influência que aquele tratado de misticismo exercia sobre ele, e que estremecia ao pensar que também ele podia transformar-se num jesuíta.

Por outro lado ainda que Carlos não quisesse, não podia deixar de ler, pois as celas dos noviços deviam estar sempre com a porta aberta, e seria muito fácil ao padre superior verificar a execução das suas ordens.

Mas quando Faraldo tentara reagir, o padre superior observara-lhe, num tom cortês, mas firme, que ninguém o tinha ali preso, e que se o espírito dele se não podia habituar à regra do convento, podia ir-se embora quando quisesse, acrescentando que em tal caso estavam à sua disposição as roupas, as jóias e o dinheiro com que ele entrara para o convento.

Aquela observação produziu em Carlos o efeito de uma terrível ameaça. Pois para onde havia ele de ir, se a casa hospitalar dos Jesuítas lhe tivesse fechado as portas ?

Portanto, sujeitara-se à sua sorte, e meditara conscienciosamente o livro de Santo Inácio de Loyola e principalmente o ponto em que se incita o fiel a considerar-se como um soldado que milita sob a bandeira de Cristo.

Além disso, — o que não parecerá inverossímil nem inexplicável — o mancebo sentia-se pouco a pouco vencido pela influência, por assim dizer tépida, daquele ambiente. A repugnância, que em outro tempo lhe inspirava a vida monástica, desaparecera.

Não tendo nada que o incitasse, o seu caráter amolecera e tornara-se frouxo. Ainda não era o cadáver, que, para a regra de Santo Inácio, constitui a perfeição dos discípulos; mas já era um homem sonolento, em que as antigas impressões se iam apagando pouco e pouco, e que, mesmo sem ele dar por isso, se preparava cada vez mais para receber o feitio definitivo que os seus mestres julgassem oportuno dar-lhe.

Entretanto, interessava-se por tudo o que se passava no convento, posto que a educação jesuítica já o tivesse habituado a não erguer os olhos senão quando era convidado a fazê-lo, e a não conhecer senão o que lhe era expressamente permitido saber.

Assim, ele notou com profundo interesse — mas sem que um músculo das faces o traísse — a chegada ao mosteiro de dois jesuítas, um dos quais ele já vira algumas vezes, mas o outro nenhuma.

O primeiro era o padre Euzébio, o jesuíta espanhol que vimos exercer um terror tamanho sobre o cardeal de Santa Severina;

o outro era um velho alquebrado, com uma túnica muito velha e que caminhava vagarosamente apoiado a uma muleta.

O velho chegou um pouco depois do padre Eusébio, e entrou com um modo muito humilde, fazendo todo o possível para não ser notado, e respondendo com uma profunda reverência ao cumprimento do guardião.

O superior, que estava sentado na sala de entrada, ao ver aquele estranho velho ergueu-se e fez menção de caminhar ao encontro dele; mas um olhar do desconhecido fê-lo sentar outra vez, e obrigou-o a receber com um ar de soberba indiferença a respeitosa saudação que lhe dirigiu o pobre velho.

Carlos notou tudo isso e ficou perplexo. Ele já conhecia bastante os costumes da Companhia para saber que aquela exagerada humildade da parte do desconhecido, e aquela propositada . indiferença da parte dos outros, queriam dizer que aquele homem, assim aparentemente desprezado, devia ser um dos chefes mais considerados da Companhia de Jesus.

E Carlos ter-se-ia convencido da exatidão rigorosa daquela sua conjectura se tivesse podido assistir à conversa, que depois teve lugar numa das celas mais pobres e desadornadas do convento.

O padre Eusébio, mal ficou à sós com o velho, pegou-lhe na mão e beijou respeitosamente um anel muito simples, que o desconhecido trazia na mão esquerda.

Aquele anel era de simples prata lavrada, e aos olhos de um profano não teria valor algum; e contudo nunhum rei tinha no seu tesouro, uma jóia, que pudesse equiparar-se em valor àquele modesto anel que o velho trazia.

Aquele anel era de feito a insígnia de um poder oculto e formidável, ao qual os reis tinham de obedecer; era o cetro de um monarca das trevas, a quem todos temiam e que não temia ninguém; era, enfim, o anel do geral da Companhia de Jesus.

E aquele pobre homem andrajoso, que assim cumprimentava humildemente, e que os jesuítas fingiam olhar com tanto desprezo, era o preposto geral da Ordem, o sucessor de Loiola, o Papa Negro.

Um outro, na verdade, ocupava nominalmente aquele posto elevadíssimo. Toda a gente conhecia um douto e considerado teólogo, que tinha o título e o grau de geral, e que naquela qualidade tratava oficialmente com a Santa Sé, e com os particulares ‘ que estavam em relações com a Companhia.

Mas, segundo o uso da terrível Companhia, o verdadeiro chefe não era aquele que o mundo conhecia. Ao lado do geral publicamente conhecido estava o chefe misterioso, o *socius*, cuja existência era o verdadeiro fundamento da constituição jesuítica, que era o verdadeiro chefe, e que estava de posse de todos os segredos da Ordem.

Este *socius* não era conhecido senão por pouquíssimos eleitores gerais, que tinham já passado todos os graus do organismo da associação, e que estavam iniciados nos terceiros mistérios.

Ninguém mais tinha poder na Companhia, senão estes oligarcas; era dentre eles que se elegia o companheiro do geral, isto é, o verdadeiro depositário do poder e das tradições da Ordem.

O próprio geral podia ser escolhido de entre os jesuítas, que ainda não tivessem chegado aos graus supremos, e neste caso, ele também não conhecia o seu chefe, e vivia no meio de um círculo terrível de espíões secretos, que ele não sabia quem eram, e que o observavam sem serem vistos; ao passo que o *socius* não só devia ser um dos eleitores gerais, mas devia além disso ser o mais antigo e o mais prudente dos sócios, o que fosse dotado de mais profunda experiência e de mais vasto engenho; devia ser um homem de tal maneira identificada com os interesses da Companhia, que considerasse a grandeza dela como a sua própria grandeza.

E de feito, uma traição ou um ato de ambição da parte do. geral não poderia causar à sociedade senão um prejuízo medíocre, ao passo que uma traição do verdadeiro geral, do rei oculto, seria irreparável e mortal, pois que ele possuía todos os segredos que diziam respeito à Ordem, e tinha nas mãos tudo, desde a relação dos filiados até ao tesouro da Companhia.

Tal era o homem que, verdadeiramente grande na sua ambição, como de ordinário são os fortes, desprezavam as exterioridades das pompas, para conservar a realidade do poder, e que consentia em caminhar curvado e andrajoso à vista dos homens, para se levantar depois com a consciência do seu ilimitado poder, quando estava a sós consigo.

O velho pôs termo rápido às demonstrações de respeito e deferência do padre Eusébio.

— Então — disse ele — falastes com o cardeal-duque ? . . .

— Falei, sim... Mas de então para cá deram-se outros fatos, de que é da máxima importância que Vossa Paternidade seja informado.

— Quereis referir-vos ao processo Burlamacchi ?...

— Exatamente, monsenhor. Por ordem do cardeal de Santa Severina foram interrompidos os interrogatórios, assim como também ele ordenou que o preso fosse mudado para uma cela muito melhor e mais espaçosa. Estas medidas são geralmente consideradas como prelúdio de uma próxima liberdade.

— Mas com que autoridade pôde Santa Severina, que não é camerlengo da Igreja, tomar resoluções tão importantes ?...

— Vossa Paternidade não ignora que, por instigação nossa, o cardeal fora escolhido para comissário geral no processo daquele descrente. Essa autoridade, grandíssima enquanto vivia o pontífice, tornou-se muito menor em tempo de sede vacante. Além disso o cardeal Aldobrandini, que, como camerlengo, tem todo o poder em tempo de sede vacante, é íntimo de Santa Severina, em quem ele já adivinha o novo Papa.

— Dizei-me agora o que se passou entre vós e o cardeal-duque.

— Ele recebeu-me todo cheio de contentamento, dizendo-me que os nossos desejos seriam completamente satisfeitos, e leu-me os nomes de trinta e oito cardeais que se comprometeram a votar em Santa Severina, de modo que a imediata eleição dele está segura.

— Eram palavras ou eram provas ?

— Pelo que me disse o cardeal, compreendi que, salvo os dois napolitanos com cujos votos é impossível contar de antemão, os outros se tinham efetivamente comprometido. De resto, os que já há bastam para ganhar a eleição no primeiro escrutínio.

— E que respondestes ao duque ? — perguntou o velho, erguendo um torvo olhar para o jesuíta.

— Respondi-lhe que receava que ele se tivesse apressado demasiado com o seu zelo; que antes disso seria necessário pedir instruções ao nosso santo padre, o geral da ordem...

O *socius* teve um sorriso de ironia ao ouvir aquela referência ao rei constitucional, cujo poder ele tinha na mão.

— Pois talvez tendes andado mal, padre Eusébio — disse o velho depois de curta reflexão. — Essas palavras terão feito des-

Rjertar suspeitas no cardeal-duque, e quando se tratar de fazer a eleição a sério, encontraremos dificuldades.

— Então eu devia deixar que as coisas ficassem arranjadas de modo que o papado de Santa Severina fosse inevitável ?

— Eusébio, vós fostes dentre os eleitores gerais o que mais contribuiu para determinar a minha

conduta a respeito do cardeal. Se não fósseis vós, eu provavelmente te-lo-ia deixado naufragar com todas as suas coleções, últimos restos daquele paganismo, que no tempo de Leão X foi tão nocivo à causa católica.

— Tendes razão monsenhor — disse o espanhol, curvando-se com humildade. — Eu o fiz confiado no caráter daquele homem, -que eu tinha estudado profundamente; parecia-me' difícil fazê-lo aceitar um favor, mas julgava que, uma vez aceite esse favor, ele nos pertenceria completamente.

— E contudo, vedes ? . . .

— Tendes razão, repito. E conquanto eu me acuse do erro que cometi, -conquanto eu diga que talvez que a gravidade da missão que se lhe confiou como primeira prova, fosse uma causa de rebelião para a sua alma fraca, apesar de tudo isso parece-me que deve ter havido qualquer motivo extraordinário, que determinasse Santa Severina a faltar à sua fé para com quem o salvou.. .

— Esse motivo conheço-o eu — disse secamente o velho *socius*.

— Vós o conheceis, monsenhor ? . . . — exclamou Eusébio. — E não é contra os interesses da Companhia que eu o saiba ? . . .

— De modo nenhum. Neste negócio, Eusébio, eu considero-vos como o encarregado natural; e apesar do vosso erro, de que modo nenhum era de esperar, eu continuo a confiar-vos a direção dele.

O jesuíta apesar do grande poder que tinha sobre si, e que era uma das qualidades fundamentais dos homens da sua posição, não pôde reprimir um movimento de alegria.

— Ora aqui está o que sucedeu: — disse o velho. — Santa Severina falou com o Papa, quando este estava moribundo.

— Mas Pio IV era-nos completamente dedicado; ele não podia fazer ao seu presuntivo sucessor senão recomendações favoráveis aos interesses da Companhia.

— Estais enganado, Eusébio. Pio IV não era nosso amigo, e provavelmente pôs o seu favorito de prevenção contra as pretendidas usurpações da Companhia.

— Mas a vida inteira de Pio IV foi uma contínua prova da sua dedicação aos jesuítas !. . .

— Porque nos temia. Eusébio, porque nos temia. Pio IV tinha medo de tudo; receava ser perturbado no seu plácido repouso, e ver em volta do seu trono rivalidades e desgostos. Mas, sobretudo, tinha um medo espantoso de ser envenenado !. . .

E fitou o padre Eusébio com uma expressão singular.

— Receio absurdo — disse o eleitor geral, só para dizer alguma cousa.

— Sem dúvida, Eusébio; a Companhia pode alguma vez ter julgado oportuno apressar a obra da natureza para com alguns obstáculos que se lhes opunham, mas Pio não estava nesse caso. O fato é que ele tremia continuamente, e que por isso fingia ter pela Companhia de Jesus um amor. . . que pelo contrário era um ódio profundo.

— Isso era o menos — murmurou Eusébio um tanto pensativo. — Um Papa que obedeça por sentimento ou por medo é sempre um instrumento precioso...

— De acordo; mas Santa Severina não é um homem que se deixe dominar assim. Vós mesmo o dissestes: o mais difícil era fazê-lo aceitar um favor, porque a alma dele é altiva e o seu orgulho muito grande.

— E contudo esta ingratidão dele revela um caráter baixo e vil !... — exclamou o espanhol, que não podia perdoar a Santa Severina o ter-lhe derrubado o edifício que ele arquitetara.

— Por que ? Ele estava-nos obrigado por uma questão de gratidão, mas antes disso ele estava em obrigação para com o Papa Pio IV, que era seu benfeitor. No leito de morte, Pio, revestido da irresistível majestade dos últimos instantes de vida, impôs a sua vontade ao favorito; intimou-lhe que se desligasse do compromisso que tinha para conosco, pagando-nos o que nos deve. . . Santa Severina entre esses dois deveres, obedeceu ao mais nobre. . . Onde encontrais nisto a vileza e a baixaza ?

—Então estamos vencidos !. . . — murmurou Eusébio, desesperado. — Um plano tão bem estudado, preparado com tantas preocupações e cuidados...

— A exceção de um só, Eusébio. Para que consentistes que o cardeal se aproximasse do leito de morte do pontífice ? . . .

— Monsenhor... eu não pensei. . . não podia imaginar que os sentimentos de Pio...

— Pois esse é que é o vosso erro, Eusébio: se não fosse a solenidade daquela cena, se não fosse o terrível prestígio da palavra de um moribundo, Santa Severina julgar-se-ia obrigado a manter a sua palavra para conosco, e o vosso plano — que não era mal concebido, devemos dizê-lo — teria tido plena execução.'

— Tantas despesas perdidas ! — murmurou o jesuíta.

— Não penseis nisso: eu creio que um dos primeiros atos do novo papa, se ele chegar a sê-lo, será o de nos restituir tudo. Mas o que nós temos a ver é se a soma que desembolsamos vale a pena que deixemos subir ao sólio pontifício um homem que é nosso inimigo, e o mais terrível dos inimigos, porque foi um dos nossos.

— Que fazer !. . . — exclamou o jesuíta torcendo as mãos verdadeiramente desesperado. — Os cardeais já prometeram; o partido está formado; a excitação popular, sobreexcitada por nós, subiu ao seu auge, — a eleição de um outro papa não seria isenta de perigos.. .

— Na verdade, o negócio é grave — disse lentamente o geral dos jesuítas, cravando os olhos nos do padre Eusébio. — Este homem foi por nós colocado tão alto, que para o derrubar seria necessária a intervenção do Senhor.

— O Senhor não fará um milagre por nós — disse o padre Eusébio com acento de dúvida.

— Oh ! milagre, não. . . Nós não precisamos de nada que perturbe ou suspenda o curso regular da natureza. Pois será para estranhar, por exemplo, que um homem ainda novo e de excelente saúde sucumba a uma doença imprevista ? . . .

— Não... isso já se tem visto — respondeu Eusébio, com a voz um pouco alterada.

— Então ninguém pensa que se trata de um milagre — acrescentou o velho. — Os profanos, que não sabem que graves interesses se acham às vezes comprometidos pela existência de um... obstáculo... não sabem que efetivamente um milagre da Providência interveio para fazer desaparecer aquela existência incômoda ...

— Monsenhor — disse com firmeza o espanhol — eu quisera rezar... pedir eficazmente. . . para que o senhor livre a Companhia desses obstáculos; mas não cometerei eu um pecado se pedir ao céu o mal do próximo ?

— A que chamais vós mal ? . . . — disse ele secamente — O que se faz para impedir um mal, torna-se por isso mesmo num bem... Se a morte de um homem aproveita à maior glória de Deus, essa morte não é um mal, mas um bem. .. sem contar que muitas vezes, morrendo na graça de Deus e numa idade ainda curta, aquele homem se salva dos perigos que sem dúvida por obra do Maldito o teriam assaltado mais tarde. . .

O geral encolheu os ombros.

— Pois bem, monsenhor, eu rezarei — disse Eusébio — e espero que o senhor quererá ouvir-me; mas para ter mais certeza de obter a graça que vou implorar do céu, conviria que Vossa

Paternidade me permitisse associar outra pessoa às minhas orações ...

— Outra pessoa !.. . e quem é ?.. .

— A duquesa Ana Bórgia.

O olhar do *socius* brilhou com extraordinário fulgor.

— Vós sois um verdadeiro filho de Santo Inácio — disse ele — e quando Deus me chamar para si, espero que os nossos irmãos vos reconhecerão como o mais digno de suceder-me.

— Monsenhor, peço-vos que não faleis desse modo !. .. — exclamou o padre Eusébio, verdadeiramente comovido. — Vós sois muito necessário, e a confiança com que me honrais é para mim tamanha satisfação, que não procuro nem desejo outra na vida.

— Posições como as nossas não são satisfações; são cargos pesadíssimos, Eusébio; e ninguém tem o direito de os recusar, nem de os desejar. Ora, pelo que diz respeito... ao outro... já me entendestes.

E o geral estendeu-lhe a mão, que Eusébio beijou com afetuoso transporte.

E ninguém cuide que naquelas demonstrações de estima e afeto, que se permutavam aqueles dois frades, entrasse de modo algum a hipocrisia, que na vida comum constituía a força deles.

Eles eram sinceros.

Pertenciam ambos àquela perigosíssima espécie de malvados, que, por meio de uma série de sofismas, chegaram a justificar perante a própria consciência todos os delitos que entendem oportuno cometer, quando esses delitos sejam, pelo menos aparentemente, subordinados a um fim geral, que para eles toma a forma de. justiça.

Por exemplo, padre Eusébio, que mais depressa seria capaz de se deixar morrer de fome do que tocar num soldo que pertencesse a. outrem, não tinha o mínimo escrúpulo em enganar os penitentes moribundos para que fizessem testamento a favor da Ordem. O roubo desavergonhado, cometido para interesse da Companhia, parecia-lhe uma ação tão meritória, quanto ele consideraria criminoso o furto cometido no seu próprio interesse pessoal.

Assim, o geral da Companhia, homem de santa vida, sem ligações com o mundo material — não tinha família !. . . — e já com um pé na sepultura, teria estigmatizado com palavras de censura e castigado com toda a força da sua autoridade quem criminosamente atentasse contra a vida de um cristão.

E contudo, ele preparava assim, a sangue frio e com inteira tranqüilidade de consciência, a morte violenta de um dos personagens mais santos e mais respeitados da Igreja, do homem que dentro de poucos dias devia ter pelo consenso dos Padres da Igreja, a suprema consagração, a de Pontífice Máximo.

Pois bem; o pensamento daquele crime, que causaria horror aos homens mais corrompidos, não perturbava sequer ligeiramente a consciência daqueles dois jesuítas. Eles tinham chegado a persuadir-se de que faziam tudo aquilo para maior glória de Deus, e que por consequência em tudo o que faziam não podiam ser culpados.

Por isso eles, compreendendo a atitude um do outro, estimavam-se e queriam-se. Eusébio venerava no ancião a mente poderosíssima, que em vinte anos de reinado oculto elevara a Companhia de Jesus a tamanha altura; quanto ao geral, esse apreciava a paciente vontade, a resolução, coragem levada até ao martírio, a vasta inteligência do padre Eusébio, e pensava com verdadeiro prazer que, morrendo ele, a Companhia encontraria em Eusébio a pujança de ombros capazes de suportarem tamanho peso como era o governo do mundo católico.

Esta perversão, não só dos instintos, mas da inteligência, era a obra profunda e sapientemente calculada de Inácio de Loiola.,

Aqueles ensinamentos, entre religiosos e místicos, graduados com uma arte admirável, segundo a

capacidade de absorção do espírito, são a explicação e a essência da Companhia de Jesus, são a razão das suas vitórias e das suas quedas.

Adaptados a uma época em que a ignorância e a superstição dominavam as sociedades, caíram quando a civilização e a instrução se espalharam no mundo.

Agora, ajudados pelo favor de uns e pela fraqueza dos outros, dispõe-se para ressurgir.

Liberais, em guarda !. . .

CAPÍTULO XI

SERPENTE CONTRA SERPENTE

A senhora duquesa está incomodada, e não pode receber ninguém — respondeu secamente o mordomo Ramiro Marques a um personagem vestido dum modo que tinha um tanto de padre e de secular, e que insistia em falar com Ana Bórgia.

Aquele resposta, o homem não se perturbou e tirou do bolso um cartão, que entregou ao mordomo dizendo-lhe:

— Apresente a sua Excelência este bilhete, e ela receber-me-á, ainda que tivesse à cabeceira o confessor para ajudar a bem morrer.

A confiança com que aquele homem falava produziu o seu efeito completo; o catalão, que um momento antes não queria ouvir falar de tais embaixadas, apressou-se a tomar conta da estranha mensagem e a levá-la imediatamente à patroa.

Os mistérios de que vivia cercada Ana Bórgia — e o mordomo, fiel e desolado confidente de muitas cousas, poderia dizê-lo — eram tais, que era impossível deixar de entregar uma carta ou de dar um recado, viesse ele de onde viesse.

Com efeito o catalão voltou passados instantes e disse ao estranho visitante:

— Tenha a bondade de entrar. A senhora duquesa ainda está incomodada; mas, em atenção a quem o envia, consente em recebê-lo.

Um ligeiro sorriso assomou aos lábios do visitante, que, sem fazer a mais pequena observação, seguiu o mordomo.

A duquesa esperava-o num gabinete de aspecto severo, forrado de couro de Córdova, com grandes quadros pendurados nas paredes e representando assuntos religiosos.

A duquesa estava sentada, para não dizer deitada, sobre um divã. O corpo elegante desaparecia-lhe envolto nas largas pregas de um roupão de seda, que fazia ressaltar admiravelmente o rosto pálido e delicado da convalescente.

Porque Ana Bórgia sairía havia pouco tempo de uma doença muito grave.

Para ela a doença do corpo fora cousa de pouca importância: o ferimento da mão cicatrizara logo e o sangue rico e vigoroso da doente continuara a circular como dantes nas veias restauradas.

Mas além disso, Ana sofrerá uma terrível doença moral. O seu orgulho de mulher, a sua confiança de grande criminosa, tinham recebido um ferimento mortal; e na verdade ela julgara que morria.

Um homem possuía-a, e podia ir contá-lo!. . . um homem fora por ela condenada à morte, e vivia!. . . um homem tinha-a ultrajado e tinha-a ferido, e esse homem passeava em liberdade e sem castigo, ao passo que ela, a sobrinha do Papa Alexandre e de César Bórgia, se estorcía num leito de dor!

Ao princípio, aquele pensamento abalara profundamente a saúde de Ana; depois, quando a robustez do corpo venceu o mal, sobreveio outro perigo. Ana esteve a ponto de endoidecer.

No seu delírio, a duquesa pronunciava os dois nomes, que lhe tinham aparecido num momento supremo, como que unidos por uma fatal coincidência: o nome de D'Armand, que ela matara, e o de Faraldo, que por pouco a não matara a ela.

Ana pronunciava os nomes dos dois, rugindo como uma fera, e depois, cobrindo a cabeça com a roupa da cama, e cheia de terror, parecia-lhe que via Carlos Faraldo caminhar para ela de punha! na mão, e via a fisionomia do audaz veneziano transmudar-se como por encanto na fisionomia de D'Armand.

Aquele terror não lhe inspirava a mínima sombra de remorsos; aquela mulher tinha a alma já demasiado empedernida para que esse sentimento, que já é um princípio de reabilitação, pudesse ter alguma influência sobre ela. Mas a raiva, o orgulho ofendido, e também o medo — o medo daquele homem, que sabia tudo, que a odiava e que vivia — sobreexcitavam no maior grau o organismo já abalado de Ana Bórgia.

Ramiro Marques tratou-a durante todo aquele tempo com a zelosa solicitude de uma mãe, não consentindo que do leito da enferma se aproximasse nenhuma das criadas, que poderiam surpreender segredos perigosos; e como conhecia a índole da doente, e sabia qual era o pensamento que principalmente a atormentava, não cessou de lhe repetir ao ouvido:

— Cure-se, ponha-se boa depressa... Eu hei de dar com ele, e matá-lo!...

E de feito aquele era o remédio mais eficaz para o mal que dominava a duquesinha. E tanto isso era verdade, que ao fim 'de poucos dias ela vencera a doença, e daí por diante era ela que incitava constantemente o mordomo a procurar o inimigo.

Durante todo aquele tempo a duquesa não quisera receber ninguém, à exceção de sua tia, a princesa de Santa Cruz, senhora de uma posição elevadíssima e de um orgulho verdadeiramente espanhol. A tia viera vê-la; Ana disse-lhe que se sentia morrer, e deixou-a edificada com a pureza dos sentimento religiosos que manifestou.

Até o mal servia à tremenda hipócrita para conseguir os seus fins, e para solidificar melhor a sua reputação!..

Muito importante devia ser a mensagem transmitida pelo catalão Ramiro Marques, ou devia ela emanar de um alto personagem, para que o portador assim fosse admitido ao santuário de que eram excluídos até os parentes mais próximos!...

O desconhecido entrou, fazendo uma profunda vênia.

O olhar perspicaz do visitante, depois de ter examinado rapidissimamente todo o ornamento da sala, pousou-se com expressão de . inquieta curiosidade sobre o rosto de Ana.

Um ligeiro sorriso de satisfação lhe desfranziu os lábios. Evidentemente a expressão fina e enérgica de Bórgia, e aqueles olhos que despendiam umas centelhas de fogo ameaçador, tinham merecido a aprovação daquele entendido.

— Então, vós vindes... — perguntou Ana, correspondendo com uma inclinação de cabeça ao cumprimento profundamente respeitoso do visitante.

— Pelo cartão que mandei a Vossa Excelência deve ter visto da parte de quem venho — respondeu respeitosamente o desconhecido.

— Mas eu quero sabê-lo mais claramente — respondeu com impaciência a duquesa. — Um cartão pode perder-se e quem quer o pode achar.

— Vossa Excelência permita-me observar-lhe que tal suposição não é muito lisonjeira para Sua Majestade o Rei de Espanha, o qual decerto não tem por costume perder bilhetes da importância deste.

— Então vindes da parte de meu tio? — disse a duquesa.

— Sua Majestade confiou-me esta mensagem por sua augustas mãos — disse o desconhecido, iludindo com a sua resposta a pergunta que lhe era feita.

— Contudo, parece-me que meu tio tem por costume, quando quer fazer-me saber alguma cousa, tratar por intermédio de eclesiásticos de sua casa.

— Vossa Excelência tem razão; e com efeito eu, apesar de indigno, pertença às ordens religiosas.

— Ah!... — disse negligentemente a duquesa — então vós sois o padre...

— Eusébio de Montserrat, religioso professo da Companhia de Jesus.

Ana olhou com muita curiosidade para o visitante.

Havia algum tempo que ela ouvira falar dos jesuítas; a voz pública começava a ocupar-se daquela congregação terrível, que submetia os reis e os pontífices a todas as suas exigências.

Era notório que o rei de Espanha era protetor e defensor da sociedade, à qual concedia em todos os seus reinos privilégios exorbitantes, recebendo em troca deles a mais ilimitada dedicação; porque os jesuítas foram fortes e poderosos precisamente pela persistência com que defendiam os amigos, guardando todo o ódio e todas as perseguições para os adversários.

Um jesuíta, amigo e enviado do Rei de Espanha, devia portanto ser um personagem extraordinário e poderoso, um desses homens cuja mente não tinha mistérios e cuja consciência não tinha vínculos.

Seguiu-se um leve silêncio. Os dois interlocutores mediram-se com o olhar, como dois lutadores que calculam as forças do adversário antes de se disporem para o combate supremo.

— Sem dúvida o Rei deve ter-vos encarregado de alguma missão para mim ? . . — perguntou a duquesa depois de uma curta pausa.

— Missão puramente verbal, Excelência.

— Isso não importa. O caráter do mensageiro e o sinal irrefutável que recebi, garantem-me a autenticidade das palavras.

— Agradeço a Vossa Excelência — disse o jesuíta, fazendo uma vênia ainda mais profunda do que a primeira, e beijando a mão

da duquesa. — A comissão que Sua Majestade me confiou faz com que eu tenha de falar-vos de cousas... delicadíssimas.

Ana Bórgia enganou-se com o sentido daquelas palavras ambíguas.

— Se receais ouvidos indiscretos, meu padre — disse ela sorrindo — podeis estar tranqüilo; ninguém nos escuta, e além disso a disposição deste gabinete é tal, que ninguém poderia ouvir-nos.

— Isso me alegra, senhora, porque o segredo de que vou ocupar-me pertence muito mais a Vossa Excelência do que ao Rei meu senhor.

— A mim... Tenho curiosidade de saber... Dizei-me então: de que ides falar ?...

— De venenos, senhora duquesa...

Ana Bórgia tinha uma tempera de aço, as fibras dela eram tais que resistiam ao abalo mais violento. Apesar disso, àquela palavra, que o jesuíta lhe lançara em face, ela tornou-se ainda mais pálida do que de costume.

— Não vos compreendo, senhor — disse ela com a voz ligeiramente alterada. — Sentai-vos e explicai-vos.

— Em duas palavras, senhora — disse o jesuíta, sentando-se em atitude um pouco embaraçada.

— Sua Majestade ouviu falar da morte de um tal D'Armand...

Outro sobressalto da duquesa provou a Eusébio que o golpe ferira certo e fundo.

— Este D'Armand — continuou ele com ar indiferente — diz-se que morreu envenenado; a punhalada que depois lhe deram não devia servir senão para disfarçar o envenenamento. Ora, disseram a Sua Majestade que os médicos encarregados de examinar o corpo de D'Armand foram todos de opinião que ele fora envenenado; mas não souberam dizer qual fosse o veneno. Ora este mistério científico feriu vivamente a curiosidade do meu augusto amo.

Ana recobrou coragem e energia.

— Não tenho o direito de censurar a curiosidade de meu tio — disse ela num tom zombeteiro. — Mas em vão procuro saber o motivo porque ele vos mandou ter comigo.

— Porque Vossa Excelência, procurando nos arquivos de sua família, talvez possa encontrar a receita que produz aquele inestimável veneno.

— Sua Majestade está enganado — respondeu tranqüilamente a duquesa. — Eu nunca consultei os arquivos de minha família a respeito das histórias de venenos de que tanto se fala; e francamente, até não acredito absolutamente nada nessas histórias.

— Vossa Excelência permita-me que eu lhe suplique que consulte com mais cuidado a sua memória — disse o jesuíta, inclinando-se.

A medida que as palavras e os modos do jesuíta se iam tornando mais respeitosa, Ana ia conhecendo a gravidade da ameaça que eles disfarçavam.

— Por que me perguntais vós essas cousas? — disse a duquesa, cedendo àquela irritação que é tão grande causa de fraqueza nas discussões. — Porque razão devo eu responder-vos? . . .

— Porque uma pessoa que Vossa Excelência conhece, diz que a senhora duquesa está nos casos de responder perfeitamente. . . — respondeu o padre Eusébio com grande firmeza.

— Uma pessoa!. . . E quem é esse miserável? . . .

É Carlos Faraldo, atualmente noviço no convento de Santo Inácio...

Ana ergueu-se, pálida, fremente.

— E eu recebi a confissão dele. . . — concluiu o implacável padre, erguendo-se também.

Nos olhos da duquesa brilhou um lampejo de ferocidade tigrina. Volveu o olhar em redor com um ar desvairado. Uma lágrima ardente sulcou as faces da duquesa.

— Vossa Excelência procura talvez o meio de se livrar do mais dedicado dos seus servos? . . . — disse o jesuíta. — Se assim é, devo com pesar dizer-lhe que tomei todas as precauções para que a minha morte não fique por vingar. . . não por mim, que nada valho, nas pelos gravíssimos interesses que me estão confiados. . .

Aquela mulher, que vira a olhos enxutos e com um sorriso cruel morrer tantos desgraçados, que nos beijos dela libavam a morte, chorava agora pelo seu orgulho despedaçado.

Mas não ousava revoltar-se. O pé que ferozmente a esmagava era de bronze: inútil seria resistir. A desgraçada curvou a cabeça..

— É possível — exclamou ela passado um momento, com uma explosão de desdém e de ira — é possível que meu tio, o meu tutor, e único parente que me ficou depois da morte de meu pai, mandasse um encarregado expressamente para me ultrajar! . . .

— Onde vê Vossa Excelência o ultraje? — replicou o jesuíta em tom ainda mais humilde do que nunca. — Sua Majestade tem uma curiosidade, quer satisfazê-la a todo o custo, e quer possuir um frasco do famoso preparado. Decerto seria imprudência confiá-lo a outras mãos; mas o rei católico é tão piedoso e digno filho da Santa Igreja, que não é para temer. . .

Ana fez um movimento.

A piedade e a religião de Filipe II eram demasiado conhecidas; todos sabiam que o bom rei não era homem que recuasse diante da morte de mil pessoas se isso lhe conviesse. Se queria o veneno, era sinal de que havia alguém demais no mundo.

Mas não era disso que se ocupava a Bórgia. Ela pensava, mas era na esperança de alcançar, mediante a entrega de um daqueles frascos mortais, o perdão ou o esquecimento dos crimes passados.

— Suponhamos — observou ela com um ar quase ridente — suponhamos que procurando no arquivo da casa eu encontra a receita . . . e que, estudando-a nós bem, eu consigo executá-la. . .

— Essa suposição é a mais conforme com os desejos de Sua Majestade. . . e com os interesses de Vossa Excelência, também.... — disse Eusébio, inclinando-se.

— Pois bem, supondo isso, poderei esperar que meu tio... e os seus aliados. . . me deixarão em paz ?

— Vossa Excelência pode contar sempre com a afetuosa proteção de seu augusto tio, e com a dedicação cheia de respeito de toda a Companhia.

— Não gastemos palavras inúteis! — exclamou a duquesa batendo com o pé no chão. — Se vos fizer quanto me pedis, o rei de Espanha e a Companhia de Jesus obrigam-se a ser meus amigos ?...

— Sem dúvida alguma, Excelência.

— A defender-me... quando for necessário?...

— Contra tudo e contra todos; é o nosso costume para com aqueles que estão conosco — disse altivamente Eusébio.

— E sacrificar-me-ão, se isso me convier, os inimigos que eu escolher.

— Os inimigos dos nossos aliados nossos inimigos são, está claro. Mas.. .

E o jesuíta deteve-se. Uma agonia imensa invadiu o coração da duquesa.

— O que!... não podeis comprometer-vos ?

— Oh, sim... eu tenho os poderes mais amplos... Mas com uma condição, e que é de tal modo grave, que me arrependo de a não ter logo revelado a Vossa Excelência.

— Vejamos: de que se trata?

— Do seguinte: Vossa Excelência — não sou eu que o julgo assim, é Sua Majestade o rei de Espanha — poderia muito bem mandar ao meu senhor um licor qualquer, afirmando-lhe que era um veneno dos Bórgias. Ora o rei é muitíssimo cioso da sua autoridade, e não quer de modo algum ser enganado.

— E que deveria eu fazer para o convencer ? — perguntou a duquesa.. . que começava a compreender.

— Provar a Sua Majestade, com uma experiência convincente, que o veneno é verdadeiramente o famoso. . .

A duquesa viu dissipar-se toda a escura nuvem que encobria aquela mensagem, e compreendeu finalmente o que era o que o jesuíta viera pedir-lhe.

Então aproximou-se bruscamente do jesuíta, agarrou-o por um braço, e cravando o olhar nos olhos dele:

— Devo envenenar alguém? — perguntou.

O jesuíta compreendeu que já não era ocasião de recorrer aos eufemismos tão caros aos jesuítas, e fez com a cabeça um sinal afirmativo.

— E quem é?... E pessoa que eu conheço?... A empresa podará comprometer-me?... . .

— Não tenho ordem para responder a isso — disse o jesuíta secamente. — Sua Majestade deseja apenas que certo personagem, cuja vida poderia embarçar os seus augustos desígnios, desapareça deste mundo.

— Um personagem que incomoda o rei de Espanha!... trata-se então de um homem de alta posição... . Eclesiástico ou secular?

— É um cardeal, Excelência.

— Não aceito — disse resolutamente a duquesa. O receio de um perigo incertíssimo e distante é demasiado fraco para me obrigar a semelhante loucura. Isso é caso para eu ser queimada viva, apesar de toda a proteção de meu tio!

— O perigo de que falais não é incerto nem distante; é presente e iminentíssimo — disse a meia voz o jesuíta, num tom de ameaça — nós temos as provas... e se for necessário, a tortura as completará.

— A tortura! — exclamou Ana, empalidecendo.

— Oh, meu Deus, sim. Os vossos criados não vos são todos dedicados em extremo, como aquele bom Ramiro Marques, que é um precioso mordomo, posso afirmar-vos. E conquanto o Santo Ofício queira respeitar um grande nome, o mais que poderia era evitar a publicidade na execução. . . Mas bem sabeis que príncipes estrangulados nos cárceres já temos tido mais do que um! . .

A desgraçada de balde se debatia naquela rede de ferro, que os seus próprios esforços cada vez apertavam mais. A tranqüila serenidade do jesuíta indicava a força de quem sabe que pode fazer aquilo que diz.

— Vamos, o nome, o nome! — exclamou a duquesa com impaciência febril.

— E o cardeal de Santa Severina.

— Mas ele é o mais popular do Sacro Colégio! está para ser eleito Papa!...

— E isso exatamente que nós queremos evitar. Se o cardeal de Santa Severina subisse ao sólio pontifício, os interesses da Espanha e os da Companhia de Jesus sofreriam gravíssimo prejuízo.

— Mas como chegar até ele? — perguntou Ana, que já se sentia arrastada pela engrenagem daquela máquina irresistível.

— Pedir-lhe-eis o favor de vos confessar. . . Uma princesa Bórgia pode bem ter o direito de escolher o confessor que lhe agrade.

— Em véspera de conclave!. . . incomodar o mais ilustre dos cardeais para lhe confessar... doidices! . .

— Vós não lhe confessareis doidices, senhora — disse gravemente o jesuíta. — Vós captareis a confiança dele narrando-lhe... o que sabeis.

— Eu narrar tais cousas... a um padre?!... disse o jesuíta impassível.

— Mas confessaste-as a mim, senhora!

— A vós. . . é diferente. . . vós sabeis tudo... — murmurou a duquesinha, estremeando. — E em todo o caso já é de mais; não quero que aquele homem, horrorizado, me repila como um animal feroz. . .

— Ele!. . . Ele virá deitar-se-vos aos pés, suplicando-vos que apagueis o seu amor... ou a sua curiosidade.. . Não conheceis a índole profundamente artística do cardeal; qualquer novidade o seduz, e a idéia de conhecer qualquer cousa, que lhe seja desconhecida, basta para o fazer esquecer tudo. . .

— Está bem. . . obedecerei... — disse tristemente Ana — Mas quando tiver obedecido. . . quando tiver cumprido este novo e horrível ato de coragem ? . . .

— Então, senhora, sabereis que toda a Companhia de Jesus, homens e dinheiro, tudo está à vossa disposição; vereis os obstáculos aplainarem-se debaixo dos vossos pés; as testemunhas importunas desaparecerem, o vosso poder centuplicar-se. . . Nós somos inimigos terríveis, mas em compensação sabemos também ser aliados a quem nada aterra ou faz tremer.

O jesuíta, falando assim, fizera uma profunda vênica, e pusera-se em ato de quem está para partir. A duquesa deixou-o chegar até à porta; depois, como que impelida por uma força irresistível, chamou-o.

— E Carlos Faraldo?

— Tendes empenho em que vos seja entregue? — perguntou o padre Eusébio, com um sorriso.

— Preciso de o fazer morrer no meio de mil tormentos — disse a duquesa num tom feroz.

— Pois bem; há de fazer-se-vos a vontade. Mas pela vossa parte lembrai-vos...

CAPÍTULO XII

UM CASO DE CONSCIÊNCIA

Não estava ainda aberto o Conclave por faltar cumprir algumas formalidades.

Entretanto o cardeal de Santa Severina habitava ainda na mesma casa, sempre rodeado dos primores de arte, que agora lhe pertenciam sem contestação.

A vista daqueles tesouros parecia-lhe agora menos odiosa, desde que as palavras do papa moribundo lhe tinham mostrado a possibilidade de pagar o que devia, e de quebrar assim os tremendos laços que o prendiam.

Além disso, desde certo tempo que outra paixão o trazia perturbado, e aos olhares dele brilhava outro ideal, que já não era a pura arte..

Pela primeira vez na sua vida, depois de ter sempre suspirado pelos deuses e pelas mulheres de bronze e de mármore, o cardeal de Santa Severina suspirava por uma mulher de carne e osso. Pela primeira vez o gélido sentimento da pura arte dera lugar àqueles ardentes desejos, que o amor sensual costuma acender no sangue.

Santa Severina tinha na mão uma carta ainda fechada. Com o olhar pregado naquela carta, o cardeal não se podia resolver a abri-la, como se receasse conhecer demasiado cedo a sentença que o esperava.

— Eu sou um doido — murmurava o padre, percorrendo a passos largos o seu gabinete coberto de felpudo tapete. — Ela é uma perversa. .. uma monstruosa Messalina. . . uma envenenadora... Ela própria mo confessou... Os seus beijos são envenenados, nos seus abraços está a morte; a história da casa Bórgia, tão cheia de horrores, nada tem que possa comparar-se com a atroz frieza desta mulher, que passa, espalhando a morte no seu caminho.

E, de repente, como que dominado por um ímpeto de paixão:

— Sim!... mas é tão bela!... e se quisesse amar-me...

Uma dor profunda confrangeu a fisionomia do cardeal.

— Amar-me! — murmurou ele — Ela, que mata por passatempo os mancebos mais belos e apaixonados... ela havia de enamorar-se de um padre velho e feio. .. E contudo, meu Deus! . . se esta minha paixão fosse correspondida por ela, nem a arte nem o sólio pontifício poderiam fazer com que eu a tornasse a esquecer !...

Levantou-se de repente e foi colocar-se defronte de um grande espelho de Veneza, onde se refletia completamente a sua ativa e nobre figura.

— E contudo — disse ele com um acento magoado e cheio de esperança — os meus quarenta e oito anos nem por isso me dão um ar de velhice... a minha figura não é assim tão desagradável como eu suponha. . . Quem me diria a mim que eu havia de acabar por me importar com estes dotes físicos, que por tanto tempo abandonei a esses ridículos casquinhos, cujo nome já ninguém recorda. . . Santa Severina, tarde te veio a doidice. .. mas foi a valer!...

Na verdade o cardeal não tinha razão para se preocupar tanto com os seus dotes físicos.

A sua figura esbelta e elegante, a beleza melancólica de uma fisionomia verdadeiramente senhoril, a expressão de grandeza e de inteligência daquela nobre fronte, tudo isso tornava o cardeal infinitamente superior aos rapazinhos elegantes da bela sociedade. Aos olhos de uma mulher de bom gosto — e Ana Bórgia era uma dessas — um homem como Santa Severina devia parecer cem vezes preferível a qualquer desses casquinhos, cuja concorrência o cardeal tanto receava.

Um tanto tranqüilizado por aquelas reflexões — e de resto, qual é o homem que, podendo iludir-se, não se agarra desesperadamente a essa ilusão? — o cardeal decidiu-se finalmente a abrir a carta.

Desprendeu-se dela um perfume sutil e agradável, o perfume inebriante que ele bem conhecia, e que tanto contribuirá para lhe estontear o cérebro quando, na solidão do seu gabinete, Ana Bórgia lhe confessara os crimes, que davam um sabor tão estranho e terrível à beleza diabólica daquela mulher.

A leitura da carta pareceu deixar o cardeal imerso numa espécie de êxtase. Beijou-a, tornou-a a beijar muitas vezes, e depois disse consigo:

— Irei; quero fazer-lhe a vontade em tudo... E se ela me fizesse como aos outros ?... Se me chamasse para uma noite de amor e para a morte ?...

E sorriu com um altivo desprezo.

— Que importa? Agora conheço-a; não me matará sem que antes me tenha amado... Isso me basta.

E guardou cuidadosamente a carta num segredo da secretária.

As infernais previsões do jesuíta, fundadas no perfeito conhecimento do coração humano, tinham-se verificado pontualmente .

O cardeal de Santa Severina consentira de bom grado em ouvir a confissão da duquesa Ana Bórgia, imaginando que se tratasse de alguma dessas raparigas escrupulosas que se horrorizam com o mais pequenino pecado, como se já se sentissem presas pelas garras de Satanás.

Além disso, a fama de beneficência e piedade da sobrinha de - Alexandre VI chegara até ao conhecimento do cardeal.

Qual não foi, pois, a sua surpresa, mista de espanto, quando viu que a belíssima criatura, que tinha ajoelhada a seus pés, era um monstro medonho, cuja beleza enganadora da fisionomia estava junta a uma dessas almas perversas, que os séculos produzem só de longe em longe?

O resultado que o jesuíta previra produziu-se imediatamente. Ao primeiro sentimento de horror, que ao princípio invadira o coração do cardeal, sucedera imediatamente uma curiosidade estranha e indizível.

Ele queria, conhecer a fundo aquela fera com aparência humana, queria estudar naquela alma nefanda, tão forte que se podia disfarçar sob a expressão mais ingênua, mais sincera do mundo... O cardeal de Santa Severina era uma grande inteligência e um grande coração. Estas duas qualidades, que deveriam tê-lo salvado, foram exatamente as que o perderam.

A sua inteligência tão elevada concorreu para acender nele o desejo de conhecer o galante mistério, que se lhe apresentava. O coração persuadiu-o de que não era impossível a um homem

como ele estender à jovem criminosa uma mão valedora, que lhe pudesse salvar a alma e a vida.

Ele estava inclinado a acreditar que a vida que até então tivera aquela rapariga fora o efeito de uma espécie de alucinação, cujas causas combinadas eram a extrema mocidade, a riqueza de um sangue vivo e quente e o sentimento de uma opulência e de um poder quase ilimitado; sentimento terrível pela sua influência de perturbação sobre as almas juvenis.

E Ana Bórgia, quando se vira livre, senhora sua, rodeada de tantas riquezas, que lhe permitiam entregar-se a todos os caprichos da mais desregrada imaginação, tinha apenas dezesseis anos! Por isso o cardeal considerava os atos de Ana como o efeito de uma embriaguez temporária, da qual com um pouco de cuidado ele se propunha curá-la. E sorria-lhe a idéia de esta parte afetuosa de pai, de consolador, de redentor, exercida com uma ovelha tão sedutora como era a duquesinha Bórgia.

Mais eis que a ovelha, em vez da resistência um pouco selvagem que o cardeal esperava, se pusera a comover o seu pastor com carícias e com lágrimas. . .

Ana Bórgia acabara por enfeitiçar aquele nobre fidalgo, que usava as suas vestes cardinalícias como se fossem um manto real. Ela fizera-lhe compreender que a feroz solicitude que ela punha em libertar-se dos amantes que a tinham possuído provinha de ela ter conhecido o nenhum valor deles.

Oh! se ela tivesse encontrado um homem forte e poderoso, uma inteligência vasta, um caráter viril, em suma.. . um homem!

Ela ter-se-lhe-ia afeiçoado como o cão se afeiçoa ao dono; ela teria vivido unicamente para o amar e para o servir, e seria capaz de se deixar matar para lhe poupar um desgosto. ..

Quando Ana dizia estas palavras, cravava o seu olhar de fogo nos olhos do cardeal. .. apertava-lhe ternamente as mãos.. . algumas vezes banhava-lhas de lágrimas. .. O que havia de acontecer ?...

O cardeal foi vencido. Principiou por amar a duquesa no segredo do seu coração, chamando-a na solidão das suas noites de

insônia, desejando-a com toda a violência do seu temperamento • meridional, e com o ardor peculiar aos homens que durante a maior parte da vida nunca amaram nem desejaram nada, em assunto de mulheres.

Em breve, nos freqüentes colóquios que a penitente queria ter [com o seu diretor espiritual, os olhares, os suspiros, a expressão

L do pobre cardeal falavam com demasiada clareza. Ana conheceu

que o fruto estava maduro, e decidiu-se a abanar a árvore quanto bastasse para o fazer cair.

Foi ela que, com a arte infinita de que a mulher se acha provida desde que nasceu, levou o cardeal a confessar o seu amor, ao princípio dum modo velado, e depois mais claramente. Foi ela que lhe arrancou uma a uma as palavras insensatas, entrecortadas de soluços, que afinal o pobre enamorado foi obrigado a dizer-lhe, porque o seu coração já não podia por mais tempo guardar aquele segredo.

E ela, a sereia, ao ouvir aquela confissão tomara uma expressão de tímida e de envergonhada, e entre dois suspiros fizera compreender ao cardeal como ela correspondia ardentemente àquele amor, e como se sentia desesperada por ver que sua vida passada a tornava indigna de semelhante afeto.

Postas as coisas neste pé, não podia levar muito tempo que se entendessem os dois. A carta, que o cardeal beijava e tornava a beijar com uma alegria doida, era alguma coisa mais do que uma simples promessa.

Com efeito, nela era prevenido de que, naquela mesma noite, a pequena porta do parque do

palácio Bórgia se abriria, se por ela quisesse entrar, devidamente disfarçado, um príncipe da santa igreja romana.

Teria sido mais fácil a noite faltar ao antigo hábito, e ter-se esquecido de suceder ao dia, do que o cardeal faltar à combinada entrevista.

À hora indicada estava ele à pequena porta do palácio, vestindo um esplêndido fato de cavaleiro, que um amplo manto escondia aos olhares dos espectadores curiosos.

Na verdade seria um estranho espetáculo, para quem o tivesse podido desfrutar, o ver-se aquele cardeal, ilustre pelas virtudes e pelo saber, e que toda a cristandade se dispunha a venerar como pastor supremo — seria curioso vê-lo a mirar-se a um espelho. O amor convertera numa criança aquele homem forte e poderoso. O amor inspirara ao sensato e prudente cardeal as mesmas criancices, que tantas vezes lhe tinham produzido repugnância e tédio ao observá-las em outros.

E não seria isso natural?

Satanás decerto devia ter tido uma grande satisfação ao ver aquela vitória tão completa, e ao ver que, então como sempre, o seu melhor e mais seguro aliado é e será sempre a mulher.

De resto, a dizer a verdade, o cardeal não fazia má figura assim vestido de cavaleiro. Ao vê-lo, dir-se-ia até que ele estava talhado para montar um cavalo, e, de espada desembainhada e voz troante, conduzir à batalha um regimento.

À porta esperava, como sempre, Ramiro Marques.

O bom do mordomo ficara espantado e aflito com aquele novo capricho da sua patroa, que até então ele vira completamente absorvida no seu desejo de vingança. E mais admirado e perturbado ficou ao ver que o novo escolhido, em lugar de ser vendado e conduzido com as costumadas precauções, vinha em completa liberdade e sabia que vinha ao palácio Bórgia.

Mas às respeitosas observações do fiel criado, a duquesa respondera só com estas palavras:

— É por causa da vingança. . .

E então Marques tranqüilizara-se, porque para ele não existia no mundo um direito mais sagrado e indiscutível do que aquele desejo de vingança da sua patroa.

O cardeal, sempre acompanhado pelo mordomo, atravessou o parque. Duas ou três vezes lhe pareceu ouvir ruídos suspeitos entre os arvoredos, e então acudiram-lhe à memória as terríveis confissões de Ana Bórgia.

Pensou por um momento que aquele palácio era um covil de assassinos; que talvez por trás daquelas sebes estivessem escondidos os celerados incumbidos de fazer desaparecer as incômodas testemunhas da corrupção da patroa, e levou a mão ao punho da espada que lhe pendia do cinto.

Mas bem depressa outro pensamento o fez sorrir.

— Ainda que o tencione fazer — disse ele — só o fará depois. E afinal, aqueles brejeiros que pagaram com vida uma alegria que vale mil vidas, são mais dignos de inveja que de compaixão.

Demais, muitas circunstâncias contribuiram para demonstrar ao cardeal quanto eram absurdas as suas suposições. Nenhuma precaução fora tomada para ocultar a entrada dele no palácio, o que decerto teriam feito se quisessem matá-lo.

Assim, o catalão acompanhou-o respeitosamente até o gabinete de Ana, ergueu o reposteiro, e disse simplesmente, como se se tratasse de uma visita comum:

— Excelência, chegou monsenhor.

— Que entre — respondeu a duquesa, levantando-se para receber o namorado, e sentando-se em seguida.

Ana estava vestida como convinha a uma dama da sua condição, que esperasse uma visita de cerimônia e importância. Não tinha nenhum daqueles requintes delicados, que serviam usualmente para sôbre-excitar os sentidos dos seus convidados, e dispô-los às suas vontades.

Santa Severina deteve-se com uma certa hesitação, de chapéu na mão, à entrada da porta. O que ele via era tão diferente do que esperava, que os seus modos eram incertos e quase embaraçados .

Mas Ana dirigiu-lhe um sorriso adorável, dizendo:

— Vem... estamos sós... completamente sós...

O cardeal avançou dois passos; depois, cedendo a um ímpeto irresistível, caiu aos pés de Ana Bórgia...

A cena realizou-se num gabinete diferente daquele em que tantos infelizes condenados à morte se tinham sucedido.

Santa Severina, exultando de amor, de orgulho, de alegria, admirava os braços de neve e admiravelmente torneados de Ana, que saíam das largas mangas, de cada vez que ela erguia a ânfora ou a garrafa para deitar de beber o seu querido.

Nos olhos de Ana brilhava também intensa felicidade. Ela fitava o cardeal com um olhar bem diferente daquele com que

examinava os outros; havia naquele olhar um fogo de paixão, que teria dado muito que pensar ao reverendo padre Eusébio, se ele tivesse podido vê-lo.

De repente, e quase sem transição, os olhos de Ana arrasaram-se-lhe de lágrimas.

— Que tens tu, minha querida? — exclamou o cardeal, assustado. — Ofendi-te em alguma coisa ?

— Não... oh! não. . . E contudo, és tu o causador das minhas lágrimas.

— Fala; dize-me o que te aflige, e eu farei com que o mal desapareça imediatamente.

— Henrique — disse a deliciosa mulher, pronunciando com uma espécie de embriaguez aquele nome, que o cardeal raras vezes ouvia. — Henrique, tu viste o modo por que eu te fiz entrar neste palácio?... Vieste só; mas se tivesses querido dispor cem guardas nestas imediações, eu nada faria para o impedir. . .

— E para que havia eu de dispor esses guardas? — perguntou o cardeal com calculado espanto.

— Porque sabias que entravas na casa do crime, Henrique; porque a mulher, que se te ofereceu com tanto amor, tem um costume, que tu bem conheces. E eu penso com tristeza que tu vieste aqui como irias para a morte; e que só ficaste sossegado quando fizeste conhecer aos teus amigos o lugar para onde vinhas ... a fim de que eles possam vir salvar-te, e, se necessário fôr, vingarte...

— Tu endoideceste, Ana — disse gravemente o cardeal — e eu não te perdoaria a ofensa, se não compreendesse a tua perturbação. Ninguém sabe que eu vim aqui; e se te aprovesse fazer-me pagar com a vida a felicidade que me concedeste, não te advirá daí mal algum, porque ninguém sabe que eu estou aqui.

— Como! podendo tu prevenir-te contra algum meu sanguinário capricho, não o fizeste! O quê! conhecendo os terríveis mistérios deste palácio, entraste aqui só e inerte, sem procurar defesa alguma!

— Eu não tinha o direito de o fazer, Ana — disse com nobilíssimo acento o cardeal. — E mesmo quando o tivesse, de que havia eu de defender-me? A vida é-me cara, enquanto a embeleza o teu sorriso; que eu incorra no teu desagrado, e a morte parecer-me-á suave e bem merecida.

A duquesa pegou na branca e aristocrática mão do amante e levou-a aos lábios.

— Oh ! se eu tivesse te conhecido há mais tempo ! — murmurava a duquesa com uma voz de cuja sinceridade não podia duvidar-se. — Oh ! se tu fosses o primeiro a conhecer os meus beijos, e a abrir à minha alma o paraíso do amor!. . . Eu seria hoje uma mulher digna de ti, digna de se prostrar aos teus pés e de te adorar, ao passo que assim. . .

E Ana cobriu o rosto com as mãos.

— E sempre as mesmas idéias ! — observou Santa Severina com acento de benigna censura. — Devo eu repetir-te ainda outra vez que de tudo o que sucedeu não tens tu a responsabilidade, assim como não é culpado o ébrio, que na cegueira da embriaguez fere e mata? Só agora é que a tua razão despertou; só agora é que tu vives e és senhora de ti. Ama e esquece, Ana, que o céu também há de esquecer.

E na verdade tinha fácil explicação a popularidade do cardeal e a fascinação que ele exercia em quem o escutava. A beleza muito regular do rosto do cardeal elevava-se à sublimidade, quando ele expunha com palavras elegantes alguns dos nobilíssimos pensamentos que tinha na mente. Dir-se-ia que os primores d'arte, que ele estava habituado a contemplar, lhe tinham dado à fisionomia um reflexo da sua augusta e intelectual beleza; tão intensa era a luz que se espalhava na sua fisionomia, enquanto expunha a santa teoria do perdão !. . .

Ana escutava-o toda embevecida.

Entretanto a noite ia adiantadíssima. O cardeal tinha de voltar para casa; levantou-se e disse que se ia embora.

Ana Bórgia quis encher-lhe a taça da despedida, aquela em que, segundo as combinações feitas com o jesuíta, ela tencionava despejar o mortífero veneno.

Mas conquanto Santa Severina, cavalheiresco até a loucura, fingisse estar distraído a olhar pela janela do jardim, enquanto a duquesa lhe enchia a taça, o frasco que continha o veneno não saiu do seu esconderijo.

Três vezes Ana levou a mão ao seio, onde tinha escondido o frasco homicida; três vezes a duquesa a retirou cheia de terror. Afinal pareceu tomar uma resolução definitiva.

— Henrique — disse ela com voz comovida — vais beber à minha saúde. . . mas com uma condição.

— Qual é ?

— Hás de consentir que antes de ti eu molhe os lábios. Oh ! é uma superstição, nada mais. . . mas todos os namorados são supersticiosos.

Santa Severina sorriu, e fez com a cabeça um sinal afirmativo. Ele compreendia perfeitamente aquela fórmula de segurança, que a duquesa escolhera para o tranqüilizar, e por tal manifestação lhe era profundamente reconhecido, conquanto fingisse não ter dado por isso.

Os dois amantes, depois de terem bebido, separaram-se com carícias infinitas e apaixonadas. Ramiro Marques, chamado pela patroa, ficou espantado ao ouvir dos lábios dela a ordem formal de acompanhar Monsenhor até a porta.

Pois quem fora que assim transformara a digna descendente dos Bórgias ?

— Ela hesitou — dizia consigo o cardeal. — Os seus instintos malvados estiveram mais uma vez a ponto de a dominar, mas afinal venceu o amor.. . Ana está redimida, e o meu amor é que a salva !. . .

E uma alegria imensa, celestial, invadiu a alma de Santa Severina.. .

Por sua vez Ana murmurava:

— Prefiro morrer a ter de matá-lo. . . Reconheço agora que não se trata de um capricho; eu amo-o, amo-o furiosamente, e saberei defendê-lo.. . e no seu amor encontrei o esquecimento e o

perdão para tantos crimes que cometi...

Nem Ana Bórgia nem Santa Severina contavam com O braço poderoso e perseguidor da Companhia de Jesus.

CAPÍTULO XIII

OS QUATRO ELEITORES GERAIS

A casa a que vamos agora conduzir o leitor que tiver a paciência de nos seguir está situada sobre a margem do Tibre, e precisamente num espaço da estrada que hoje chamamos Júlia.

E uma casinha de dois andares, de aparência mesquinha, sórdida e em minas. Os vizinhos — que de resto não vivem em casas melhores do que aquela — conhecem o porteiro, um velho meio demente, cujos modos bruscos e cujas freqüentes iras impotentes excitam a hilaridade dos rapazes do sítio.

Na casa vive apenas um velho, cuja profissão ninguém sabe qual seja. Contudo, como ele se veste com tal ou qual decência, e como freqüenta com assiduidade a igreja próxima de S. João dos Florentinos, muitos vizinhos concluíram daí que ele serve os padres daquela igreja na qualidade de sacristão.

Duas vezes por mês o velho recebe algumas visitas.

São elas três senhores, vestidos modestissimamente, como Operários remediados, e com uns ares de bons homens inofensivos.

Por tal motivo, duas vezes por mês põem-se os talheres na mesa do senhor Júlio, que assim se faz chamar o suposto sacristão. O porteiro, que é também o único criado da casa, espera com impaciência aquelas visitas, porque naqueles dias é ele o encarregado de comprar o vinho e as comidas, e aquele trabalho sempre lhe rende uma pequena gratificação.

Quanto aos três convidados, seria difícil — sempre no dizer do porteiro — encontrar pessoas mais sossegadas e menos impertinentes do que eles. Falam pouco e sempre em voz baixa; apesar disso julgaram oportuno fazer as suas confidencias ao porteiro, o qual, precisamente por isso, sabe:

Que o convidado número 1 se chama *messer* Bernardo, que é florentino, negociante de sedas, viúvo sem filhos, e presidente da sua paróquia.

Que o convidado número 2, que dá pelo nome de mestre Paulo, é um médico milanês, que da sua terra veio para Roma no séquito do ilustríssimo cardeal Spinola.

Que o convidado número 3 se chama capitão Fernando, calabrês e oficial superior no exército de Sua Majestade Católica.

Como se vê, o sacristão, apesar da humildade da sua profissão e da modesta casa em que vivia, tinha relações muito distintas. De resto, ele explicava esse fato pela intervenção de um tio cônego, em casa de quem fora educado e onde tomara relações com aquelas ilustres pessoas.

O que é certo é que, contanto só um dos do grupo pertencesse ou tivesse pertencido ao exército — o que, de resto, pelo ar pouco marcial do valente militar nada se dava a perceber — todavia nada poderia equiparar-se à exatidão militar com que aqueles cavaleiros do garfo se apresentavam nos dias 15 e 30 de cada mês em casa do estimável senhor Júlio.

— Com toda a certeza que se preparam para este jantar com três dias de jejum — observava maliciosamente o porteiro, que todavia sabia quanto era parco o banquete, cujos convidados lhe faziam tanto o efeito de parasitas.

Mas ponhamos de parte a tagarelice e as considerações do porteiro, que, como pessoa de grau inferior, não deve figurar na nossa narrativa senão no último plano, e entremos diretamente na

sala daquele segundo andar, onde o sacristão oferece hospitalidade aos seus três convidados.

A dizer a verdade, é impossível encontrar-se um banquete de simplicidade mais monacal do que o daqueles quatro amigos.

Naquele mês o dia quinze cairá numa sexta-feira. Os nossos comilões, rigorosos observantes dos preceitos da Igreja, tinham por isso mandado ir um peixe cosido ladeado de cenouras e cebolas. Um pouco de pão, uma fatia de queijo de ovelha e uma garrafa de vinho branco constituíam o complemento daquele banquete, de que o porteiro dizia tantas maravilhas.

Mestre Paulo, o médico ilustre, encheu meio copo daquele vinho, levou aos lábios e despejou-o a pequenos goles com manifestos sinais de satisfação.

— Caspité! irmão Júlio — disse o ilustre homem de ciência. — Já não me admiro de que a vossa saúde seja sempre tão boa! Com um néctar desta maravilhosa qualidade. . .

É preciso notar que um néctar tão maravilhoso teria obrigado a fazer mil caras ao menos exigente dos carreiros de Roma.

O oficial, o capitão Fernando, saboreou a seu turno aquela atroz beberagem, e declarou que com efeito ele receava perder a alma, se continuasse a gozar tão perigosos prazeres.

— Não me acuseis antes de me ouvirdes, caros irmãos — disse com um sorriso o senhor Júlio. — Este vinho só sai da adega nas ocasiões solenes, quando tenho a honra de vos hospedar; mas durante o resto do tempo, a minha bebida ordinária. . . já sabeis qual é. . .

E apontou para a garrafa cheia de água, à qual, de resto, os convidados recorriam freqüentemente.

Esta conversação poderia fazer supor que os quatro convidados de Júlio ou eram uns pobres desgraçados, ou então uns aventos capazes de darem lições a Harpagão.

No prosseguimento desta história ver-se-á que não eram nem uma cousa nem outra.

Daí a pouco tinha desaparecido toda a comida que havia na mesa. Os quatro homens levantaram-se com todos os sinais de pessoas que tivessem comido um jantar digno de Sardanapalo.

— É preciso confessar, — disse sorrindo *messer* Bernardo com o seu acento florentino muito pronunciado — é preciso confessar que somos uns grandes glutões !. . . Tivemos um banquete extraordinário.. . Luculo ceou em casa de Luculo !. . .

— Duas vezes por mês, irmão — disse mestre Paulo com um acento de indulgência — duas vezes por mês... é uma pequena extravagância, que a gente se pode permitir.. . Nós somos formados d'alma e corpo, e é preciso satisfazer a um e à outra. . .

Entretanto o porteiro tinha entrado e levantado a mesa, não sem notar com manifesto mau humor que do peixe cosido, com os restos do qual ele contava muitíssimo, não tinham ficado senão as espinhas e a cabeça.

Logo que o criado saiu, *messer* Júlio aproximou-se da porta, fechou-a com todo o cuidado, e correu um pesado reposteiro, que interceptava completamente o ar e o som.

Ou o senhor Júlio tinha muito medo de resfriados e de reumatismos, ou aquelas precauções indicavam que entre os quatro indivíduos ali reunidos se deviam discutir assuntos de grande importância !

O dono da casa repetiu a sua exploração a todos os ângulos da sala; depois, aparentemente satisfeito, dirigiu-se para o meio da sala, indo ocupar o seu lugar entre os convidados.

Como por encanto, sucedera uma gravidade solene ao tom de gracejo e despreocupação que aqueles indivíduos tinham mostrado até ali. Em vez de velhos celibatários, que se reúnem para esquecer um instante os desgostos da vida, julgar-se-ia estar vendo ministros, que se reunissem para discutir os mais graves interesses do Estado.

E na realidade, aqueles personagens eram alguma coisa mais do que ministros: eram tantos outros reis ocultos, cujo poder, apesar do desconhecimento do vulgo, ou antes precisamente por isso, era tanto mais formidável.

Eram os quatro eleitores gerais da Companhia de Jesus, o verdadeiro Conselho supremo daquela tremenda instituição, os chefes onipotentes que com o seu voto resolviam as mais altas questões, e muitas vezes decretavam o desaparecimento de um reino, e a morte de um príncipe ou de um papa.

Os eleitores gerais verdadeiramente eram cinco. Agora vamos ver por que razões o quinto, que era o nosso amigo padre Eusébio de Monserrate, faltava à reunião do tenebroso sinédrio.

— Irmãos — disse *messer* Júlio, depois de ter feito devota-mente o sinal da cruz — irmãos, em cumprimento do que me tínheis incumbido, pedi ao nosso companheiro Eusébio, eleitor geral como nós, que não assistisse a esta nosso reunião. Segundo o costume do nosso Conselho, este convite equivale a fazer-lhe saber que hoje se tratará da sua eleição para chefe da Ordem.

Todos fizeram com a cabeça um sinal de aprovação.

— Mas antes de mais nada — continuou o dono da casa — permiti-me que eu exponha os pormenores da missão de que estava incumbido, como chefe dos eleitores gerais, junto ao nosso chorado irmão e superior, o *socius* do geral da Ordem.

— A que horas morreu ? — perguntou o negociante.

— As oito da noite de ontem — disse mestre Paulo. — Segundo os estatutos da Companhia, ele devia ser assistido na doença por um médico filiado na Companhia; entendi que o desejo do legislador seria ainda mais plenamente cumprido se em vez de um simples filiado fosse um eleitor geral.

— Com certeza — disseram os outros.

— A confissão escrita do moribundo foi guardada por mim e assinada por ele. O nosso irmão Paulo aplicou os recursos da sua arte para dar ao moribundo as forças para assinar; o escrito está aqui e passo a lê-lo.

Estas explicações, que aqueles jesuítas acolhiam com o tranqüilo silêncio de quem ouve cousas que já sabe, não são suficientes para o leitor, que precisa de ter notícias mais explícitas acerca da estranha organização daquela sociedade secreta.

Os cinco eleitores gerais, conquanto derivassem do grande Concilio dos jesuítas do undécimo ano, contudo não dependiam dele para a escolha.

Quando morre um deles, os outros quatro reuniam-se escolhiam dentre os que reputavam mais dignos daquela honra a pessoa que o ia suceder-lhe. Desta eleição ninguém sabia nada, exceto o secretario do grande Conselho, que transmitia as ordens dos cinco chefes aos inferiores.

Quando morria o geral oficial, aquele que como tal aparecia para o público, os cinco eleitores não intervinham diretamente. A eleição era feita pelo grande Concilio, e a escolha devia ser ratificada pelo papa, o qual assim tinha a aparência de comandar com império absoluto na milícia daqueles novos janizaros da fé católica.

Mas os eleitores gerais colocavam imediatamente, ao lado do geral, o *socius* que o representava, e que estava investido de todos os poderes. A nomeação do *socius* deixava vago um lugar de eleitor geral, que era imediatamente preenchido por votação dos quatro restantes.

Tal era aquele maravilhoso organismo, que suprimia o indivíduo para pôr todas as suas forças à inteira e completa disposição da Companhia; inigualável sistema de enfraquecimento, por meio do qual todos os engenhos, todas as capacidades, e até todos os vícios dos vários irmãos deviam servir, em proveito do engrandecimento daquele ente impessoal, na aparência abstrato e apesar disso formidavelmente real, que era a Companhia de Inácio de Loiola.

Uma tal instituição, que tivesse em mira proporcionar poder, riqueza e gozos a qualquer, quer fosse ao chefe supremo, quer a alguém que fosse mais do que ele, deveria necessariamente ter ruído sob o próprio peso. Um sistema assim severo de anula-mento pessoal e de contínuo sacrifício ter-se-ia quebrado, se acima de tudo isso se não tivesse em vista senão a vantagem de um, ou de dez, ou de cem.

Mas Loiola procedera bem diferentemente; Loiola baseara a sua ordem sobre um plano — o do universal domínio da Igreja, Conhecendo profundamente a alma humana, ele pudera exigir o sacrifício dos ínfimos, mostrando-lhes o sacrifício dos máximos; pudera exigir do simples frade que renunciasse à vontade própria e a algumas esperanças que não dissessem respeito à Ordem, apontando-lhes o exemplo do geral e dos chefes mais elevados, que também não tinham vontade, nem esperanças, nem interesses que não se ferissem à Ordem.

Assim, a reunião destas forças, a intensidade de todas estas vontades, a eficácia mística de todos estes sacrifícios, reuniam-se para formar um todo monstruoso e irresistível, uma espécie de carro armado de foices que, como o de Djaggernat, caminhava despedaçando homens e consciências, e reduzindo tudo, conforme o pensamento jesuítico, ao estado passivo de cadáver: *perinde ac cadáver*.

Nenhum jesuíta, qualquer que fosse o seu posto, tornava a ser completamente livre. A tentação de confiscar em proveito próprio os meios imensos da Ordem, de transformar a autoridade delegada e eletiva em poder pessoal — essa tentação que é a ruína de todas as repúblicas democráticas, não tinha lugar na Companhia de Jesus.

As regras algumas vezes consentiam que um jesuíta estivesse só, nunca permitiam que dois jesuítas conversa sem que um terceiro assistisse à conversação. A regra, a tal respeito, era tão rigorosa, que quando três jesuítas passeavam juntos, e um deles era obrigado por qualquer motivo a ficar um pouco atrás, os outros deviam imediatamente separar-se e conservar-se silenciosos até que fossem outra vez alcançados pelo terceiro companheiro.

Deste modo quem tivesse querido apoderar-se do governo da Companhia não podia ter esperança de encontrar um apoio ou um amigo; o primeiro em que confiasse traí-lo-ia e bem depressa o veneno teria desembaraçado a Ordem de um inimigo importuno.

Mas onde a ciência e o gênio organizador de Inácio de Loiola e de seus dois cooperadores, Lefèvre e Lainez, tinham tocado o sublime, era na escolha e na composição dos eleitores gerais.

De feito, estava estabelecido que estes não fossem jesuítas sacerdotes; que vivessem no século, exercessem profissões, ou desempenhassem cargos públicos; numa palavra, que fossem cidadãos como os outros.

E quem poderia imaginar que aquele pacífico negociante, cuja figura alegre e bonacheirona muito concorria para a prosperidade do seu negócio; que aquele honesto gracejador, que tinha sempre nos lábios as facécias florentinas, fosse um jesuíta de primeira categoria, um eleitor geral ?

E o brilhante oficial, que comandava com um valor verdadeiramente heróico os soldados do rei de França, e o médico celebrado pelo grande número das suas curas milagrosas, e finalmente o sacristão, que tão pouco estimado era pelo seu porteiro, não tinham na verdade nada que pudesse denunciá-los como os companheiros do Papa Negro !

Deste modo o poder da Companhia penetrava em todas as classes sociais; ninguém podia dizer-se ao abrigo dos seus golpes; ninguém podia esperar esconder-lhe os pensamentos, porque quem poderia dizer se o artista com quem gracejava, ou o padre seu confessor, ou o encarregado do porto, que lhe levava o vinho à casa, era ou não um filiado ?

E depois eram também as mulheres !.. . as mulheres instrumento poderosíssimo de influência para a Ordem; as mulheres, que em grande número faziam parte da terrível congregação, e que pertenciam a todas as classes sociais, desde as princesas até às lavadeiras.. .

Assim, todos os esforços dos sócios se moviam e harmonizavam para um fim único: o de aumentar a grandeza da Companhia, e de destruir todos os adversários, quaisquer que eles fossem, que de toda a parte surgiam contra a ditadura da Igreja romana, e contra as peias que a velha teologia escolástica impusera à liberdade de pensamento.

O sacristão tirou do bolso uma pequena caixa, na qual se cravaram os olhares dos três companheiros com uma espécie de ansiedade reverente.

— Este é o anel do geral — disse *messer* Júlio, mostrando a todos o pequeno anel de prata, de que já falamos, e que vimos no dedo do velho.

— E este é o testamento — acrescentou ele, tirando para fora da mesma caixa que continha o anel um rolo de papel finíssimo.

Desdobrou-o e leu:

— Ugo Moncada, religioso professo da Companhia de Jesus, mestre adjunto a monsenhor o geral da Companhia de Jesus.

“Este é o meu testamento e a minha confissão.

“Próximo a comparecer na presença de Deus, declaro que em minha consciência creio ter feito sempre todo o possível para aumentar a grandeza da Ordem, que me elevou a tal grau, e para difundir a santa religião católica por todo o mundo.

“Declaro que se alguma vez executei ou ordenei atos, que a moral ordinária poderia talvez censurar, o fiz sempre pelos interesses da Companhia, e pondo de parte qualquer satisfação das minhas paixões pessoais ou das minhas complacências.

“Por isso morro tranqüilo, esperando que Deus na sua infinita misericórdia quererá perdoar-me, reconhecendo que, mesmo quando parecia que as minhas mãos se manchavam no crime, as minhas intenções eram puras.

“Declaro que contribui para abreviar os sofrimentos do rei Francisco I de França, de dois cardeais e de um número considerável de personagens políticos. Estas mortes eram imperiosamente reclamadas pelo interesse da religião e da Companhia.

“Nomeio meu sucessor, com reserva da aprovação dos eleitores gerais, o reverendo padre Eusébio de Monserrate. Ele possui qualidades necessárias para desempenhar o lugar que eu indignamente exerci; e peço aos meus irmãos que aceitem esta indicação que por outro lado creio ser conforme os votos deles.

“O padre Eusébio recebeu de mim uma incumbência de que os eleitores gerais são sabedores. Aqui, do meu leito de morte, lhe confirmo esta incumbência, tornando-se urgente para a Companhia que a pessoa por mim designada à sua atenção desapareça o mais depressa possível da cena do mundo.

“As cartas secretas, cuja guarda, segundo os estatutos, me estavam confiadas, foram por mim destruídas apenas senti as minhas forças diminuírem de uma maneira perigosa. Apenas dois documentos foram por mim entregues aos irmãos Júlio e Paulo, ambos eleitores gerais, porque considero a conservação desses documentos necessária ao futuro da nossa Companhia.

— Estes dois documentos — acrescentou Júlio, suspendendo a leitura — são o pacto da conspiração do Triunvirato, assinado pelo duque de Guise, pelo marechal de Santa Andréa e pelo duque de Lorena em Paris; e a obrigação pela qual o cardeal de Santa Severina se declara sempre submisso às vontades da Companhia. Parecendo que os Triunviros e o cardeal têm algumas veleidades de se subtraírem a estes compromissos, também eu acho justificado o cuidado do nosso chorado irmão em conservar os documentos.

Os outros aprovaram com uma inclinação de cabeça, e *messer* Júlio continuou a leitura:

“Rogo aos meus irmãos que prestem a sua atenção às cousas de França, onde se preparam

acontecimentos gravíssimos, e que podem trazer à Igreja e à Companhia um grande bem ou um grande mal, segundo forem bem ou mal dirigidos.

“Peço principalmente ao meu sucessor e aos eleitores gerais que não tenham vãos escrúpulos em ordenarem o que fôr necessário para o bom êxito das empresas que se tentarem, e que se lembrem de que quem trabalha para o triunfo da religião e para a maior glória d; Deus não deve importar-se com saber se os meios que emprega são ou não aprovados pela moral ordinária.

“De Roma, no meu leito de morte, na casa professa da Companhia de Jesus.
Ugo Moncada.”

Tal era aquele terrível documento.

Ele bastaria para demonstrar as razões por que o domínio da Companhia de Jesus estava fatalmente destinado a alargar-se por todo o mundo católico.

E com efeito, o que eram os maiores estadistas, os mais temidos guerreiros, as mais vastas inteligências, ao pé daquele grupo de homens, para os quais nem mesmo a morte constituía uma interrupção na sua formidável obra ? . . .

Quando um homem ordinário, um profano — como diziam os jesuítas — estava para morrer, as idéias dele sofriam uma grande e inevitável transformação. Os interesses do poder, de riqueza, de orgulho, desapareciam, e o homem encontrava-se fraco e só com as suas culpas e com as suas misérias, em face do triste mistério da morte.

Para o jesuíta não existia tal terror.

Todos os homens trabalham, mesmo ainda os mais virtuosos, em virtude de um interesse mais ou menos nobre, e esse interesse constitui a sua fraqueza.

Alguns há que querem ser ricos, que desejam engrandecer a própria família, que se contentam com as estéreis e inebriantes seduções da glória.

Esses desejos, essas esperanças, e os temores que necessariamente as acompanham, fazem com que no coração de um homem haja como que uma janela aberta, pela qual pode penetrar a persuasão ou o medo. Nenhum homem pode manter-se invulnerável, porque nenhum homem está isento de esperanças ou de receios na vida.

Só o jesuíta está superior ou pelo menos fora da humanidade. Ele não tem os receios que perturbam o comum dos homens; trabalhando para a Companhia, ele bem sabe que não deve temer nem a justiça dos homens nem a de Deus.

Está claro que falamos dos jesuítas convictos e crentes; aqueles que, como Ugo Moncada, morriam na persuasão de terem cumprido o seu dever e de irem para o céu, apesar dos crimes cometidos, porque esses crimes tinham sido praticados para o bem da Companhia.

Depois, por mais vastas e assombrosas que sejam as concepções de um homem; por mais longa que seja a sua vida, chega o momento em que a morte interrompe os planos mais bem concebidos, e não é possível que os que lhe sucedem, os seus continua-dores, tenham a mesma força, o mesmo vigor do primeiro.

Para a Companhia de Jesus a morte não existe.

Ela não conhece interrupções na sua obra. As suas empresas nunca são a concepção nem o plano de um homem só; uma espécie de senado indestrutível, que tem tradições arraigadas porque se renova a si próprio por meio de eleições, governa tudo. Do mesmo modo que a oligarquia veneziana pôde durar doze séculos, conservar o mesmo poder e a mesma unidade de concepção, assim o oculto senado que dirige a Companhia, manda sempre como mandava faz agora três séculos; e pode dizer-se que o espírito que anima aquele temido sinédrio é o mesmo que o animava nos tempos de Loiola, tão cuidadosamente foram escolhidos os sucessores para os lugares que pouco a pouco iam vagando.

Júlio usou outra vez da palavra.

— Irmãos; — disse ele — pela morte de nosso venerando padre Ugo Moncada, a soberania voltou a nós em toda a sua plenitude. O que nós deliberarmos é lei para o grande Concílio e para todos os religiosos da Ordem. O que deliberais ? . . .

— Parece-me — observou *messer* Bernardo — que essa deliberação está quase tomada, desde o momento em que convidamos o irmão Eusébio a abster-se de vir.. .

— Isso não tem nada. Eusébio sabe perfeitamente que nós conservamos completamente a nossa liberdade de ação, e que se nos aprouver não o eleger, ninguém poderia censurar-nos por isso.

— Mas tendes alguma objeção a opor à eleição do irmão Eusébio ?.. . — perguntou Paulo.

— Contra ele ?... Pessoalmente não.. . Mas ele é espanhol, e como tal obediente ao rei católico. Ora quer me parecer que o poder do Rei de Espanha é já bastante grande, para que haja necessidade de o aumentar.

— Irmão, — disse Júlio, com certa severidade — vós sois o mais moderno entre nós; por isso consenti que eu, como o mais antigo, vos faça uma observação.

— Recebê-la-ei com o devido respeito — respondeu humildemente o eleitor geral.

— Pois bem; devo dizer-vos que vós, pelo que se vê, ainda não conseguistes livrar-vos completamente de algumas falsas idéias, que trouxestes do mundo. Assim, a vossa objeção acerca da Espanha prova uma cousa: prova que para vós os vãos nomes de

nações têm ainda algum valor, quando deviam estar completamente abolidos. Foi na vossa qualidade de italiano que fizestes observações contra o aumento de poder dos espanhóis.

— E' verdade não o nego — confessou francamente o fiorentino.

— Pois bem; lembrai-vos de que vós já não sois florentino do mesmo modo que Eusébio não é espanhol, nem eu romano, nem Paulo milanês, nem Fernando napolitano. Nós somos todos o que somos — irmãos da Companhia de Jesus. A Companhia é a nossa pátria eterna, e a ela devemos sacrificar a pátria temporal em que por puro acaso tenhamos nascido. Quando o padre Eusébio for mestre adjunto da Companhia, ele estará pronto a sacrificar os interesses da Espanha, ou de qualquer outra nação aos interesses sacrossantos da nossa Ordem e da religião.

Bernardo curvou a cabeça. Efetivamente, e apesar de antigo na Companhia e de fazer parte da lista dos chefes, ele era um novo, um recém-vindo, ao pé dos formidáveis colegas que tinha.

— Portanto — acrescentou Paulo — parece-me que o principal está feito; nós estamos de acordo em confirmar a escolha do nosso defunto Padre, e em conferir o sumo poder ao Padre Eusébio de Monserrate ? . . .

— Estamos de acordo — disseram todos.

Júlio ajoelhou, dirigindo ao céu uma oração. Os companheiros imitaram-no.

— E agora — concluiu o médico milanês — agora, que resolvemos o mais importante, vamos ao resto. Em que termos está o envenenamento do cardeal Santa Severina ?.. .

CAPÍTULO XIV

QUEM PERDEU, PAGUE

A duquesa Ana Bórgia começava a pensar que o terrível destino, cuja ameaça constantemente pesava sobre ela, se deixara desarmar.

As cousas do Conclave não se punham em ordem. Estava-se à espera dos cardeais espanhóis e austríacos, sem os quais não seria justo nem decente que o Conclave se reunisse. Entretanto, o cardeal de Santa Severina podia continuar com as suas visitas, acolhidas sempre com o mesmo afeto entusiástico, e nenhum dos dois amantes se preocupava com prever o momento em que

devia terminar tanta felicidade.

Por outro lado, o cardeal, que ignorava os terríveis compromissos que Ana Bórgia contrairá com a Companhia, o cardeal era feliz. Aquela mulher estava tão sinceramente enamorada, que o cardeal sorria das suas primeiras suspeitas, quando imaginava a todos os instantes sentir o veneno na garganta...

A duquesa, com o entusiasmo próprio dos caracteres como o dela, acabara por acreditar completamente nas doces palavras do cardeal; imaginava que os seus crimes passados deviam desaparecer como uma sombra, dissipada pela luz do seu novo amor. Ela deixar-se-ia matar sem um gemido, para mostrar a Santa Severina a sua adoração; tão pouco ela pensava em obedecer ao misterioso patrão que, à conta das mortes já por ela cometidas, lhe ordenava que matasse.

Mas não se lembrava de que, se tinha conhecido aquele amante querido, fora isso devido precisamente à tenebrosa missão de que a Companhia a encarregara. Como supor que os malvados que ordenavam aquele novo crime tivessem unicamente em mira satisfazer os prazeres da duquesa, sem se importarem com colher o fruto das suas maquinações ?

Mas a duquesa, na cegueira do seu amor feliz, não pensava em nada disso. Ela adia naturalmente que o céu, a terra, os elementos, se coligassem para favorecer os amores dela com o cardeal, e adormecia naquela certeza.

O despertar devia ser terrível.

O Padre Eusébio de Monteserrate não era homem que se importasse com os efeitos cênicos, e quando feria as suas vítimas, mostrava claramente donde partia o golpe. . .

— Dizei ao noviço que preciso falar-lhe — disse o superior do convento de Santo Inácio a um dos leigos encarregados do serviço ordinário.

Por “noviço” entendia-se geralmente na casa professa o nosso amigo Carlos Faraldo, último que entrara para aquele negro covil de padres, e que já era muito estimado pelos superiores.

Um momento depois, apresentava-se o nosso noviço na cela do superior, com os olhos baixos e a cabeça inclinada, como convinha a uma pessoa que devia fazer a sua carreira no instituto de Santo Inácio de Loiola.

— Faraldo — disse a superior erguendo para o rapaz um olhar fundo e frio. — Faraldo, deveis hoje dar provas da vossa obediência.

— Espero que Vossa Reverendíssima não há de ficar descontente com o meu modo de obedecer.

— Vestireis o vosso fato de cavaleiro, que está guardado no armário do padre porteiro.

— Obedecerei.

— Assim vestido, saireis pela porta secreta do convento, e ireis ao palácio da senhora duquesa Ana Bórgia, que fica ao pé do Coliseu.

Carlos inclinou-se em sinal de perfeito assentimento.

Afinal, aquele nome de Bórgia para ele não dizia nada. Graças às precauções do inteligente Ramiro Marques, o nosso mancebo não pudera chegar a saber com quem é que ele tivera a sua trágica aventura.

— A carta que vou vos dar é para entregar à senhora duquesa, pessoalmente; — pessoalmente, entendais ? Fareis com que a senhora duquesa a abra e a leia na vossa presença.

— Mas se ela recusar a receber-me ?

— Direis ao criado que vier abrir que anuncie à sua patroa um enviado de monsenhor, o geral da Companhia de Jesus.

O noviço curvou-se. Mesmo para ele era evidente que ao pronunciar aquele nome se abriria a

porta de qualquer palácio.

— Se a senhora duquesa me fizer alguma pergunta, o que deverei responder-lhe ?

— A senhora duquesa não vos fará pergunta alguma: o conteúdo da carta informá-la-á do que ela poderia ter que perguntar-vos.

Uma nova inclinação de cabeça provou que Carlos prometia a sua obediência passiva.

— Vossa Reverendíssima quer designar o irmão que deve acompanhar-me ?

— Nenhum. A Companhia tem bastante confiança em vós para acreditar que, mesmo só, haveis de cumprir a vossa incumbência com escrupulosa exatidão.

Conquanto o noviço tivesse aprendido a ocultar com o máximo cuidado as suas impressões, principalmente na presença dos superiores, ainda assim era o caso tão novo e estranho, tão diverso do costume, o da permissão dada a um noviço para sair só — licença que nunca se dera nem mesmo aos religiosos professos de uma ordem inferior — que Faraldo não pôde esconder a sua surpresa.

O superior reparou nisso.

— Vós ainda não estais ligado à nossa Ordem, Faraldo, — disse ele bondosamente — e por isso não vos são aplicáveis os deveres e os usos que seguem ordinariamente os nossos irmãos. Por outro lado, não deveis esquecer-vos de que a autoridade dos vossos superiores é absoluta, e de que a obediência não consiste só na execução material das ordens recebidas mas principalmente no assenso do coração e do espírito àquelas mesmas ordens.

— Suplico a Vossa Reverendíssima que acredite... — disse Carlos vexado.

— Silêncio, calai-vos. Apesar da graça eficaz que auxilia todos aqueles que recorrem ao patrocínio do glorioso Santo Inácio, apesar do trabalho assíduo dos nossos mestres, mesmo os caracteres mais felizes têm grande dificuldade em se dobrarem logo à disciplina da Ordem. Vós sois um dos que mais depressa e mais facilmente o conseguiram; e por isso me congratulo sinceramente convosco.

— Tudo devo aos cuidados de Vossa Reverendíssima — disse o veneziano com os olhos no chão.

— Agora ide, meu filho; Deus vos proteja, e não esqueçais que, quer vestindo o rico traje de cavaleiro, quer debaixo do modesto hábito do noviço, vós estais obrigado a trabalhar para a maior glória de Deus.

— *Amém!* — respondeu o mancebo, curvando-se.

Quando Faraldo saiu da cela, o superior, que lhe era afeiçoado — tanto quanto isso era possível num discípulo de Loiola — fez um movimento como que para o chamar.

No rosto perpassou-lhe fugaz um lampejo de compaixão, que muito maravilhado devia deixar o pálido retrato de Santo Inácio,

Uma lágrima — fugaz e envergonhada como se testemunhasse um crime — umedeceu os olhos do terrível padre.

Mas bem depressa ele retomou o domínio completo de si próprio e tornou a sentar-se na sua poltrona, murmurando com aquele fatalismo que torna o católico tão parecido com os sectários de Mahomé:

— Estava escrito ! . . .

E com efeito estava escrito; se não nos eternos volumes do destino, pelo menos naquela mente que para os jesuítas representava a vontade de Deus — na mente dos chefes supremos ! . . .

Quando Carlos se viu na ma, com o seu rico fato de fidalgo, todo guarnecido de veludo e

pedrarias, pareceu-lhe que no seu espírito se operava uma grande mudança.

O hábito de noviço pouco lhe pesava sobre o corpo, porque era de simples lã; mas a alma, essa sentia-se pesada como uma capa de chumbo.

A cabeça estava sempre curvada sob o peso da humildade contínua; não daquela humildade grande e verdadeiramente cristã, que prosta o homem aos pés de Deus seu senhor, e o levanta como igual a todos os homens; mas aquela sombria e triste humildade, primeiro indício da supressão da personalidade humana, que os jesuítas põem como remate aos seus pensamentos.

Faraldo, elegante, bem vestido, olhado pelas raparigas que passavam; Faraldo com os bolsos cheios de dinheiro, o estômago bem quente, o passo audaz, já nem sequer se lembrava do noviciado, que, no dizer do padre superior, já tinha quase concluído a educação do jesuíta.

De repente teve uma idéia.

Estava livre e senhor seu: podia, com o dinheiro que tinha, viver em qualquer parte, podia dispor livremente das próprias forças, procurar fora de Roma o estado e a felicidade, que em vão buscara na capital do mundo católico.

O que precisava ele para isso ? . . . Comprar um cavalo de boa raça, saltar-lhe para cima, e tomar alegremente o caminho da fronteira toscana ou napolitana.

Mas ao pensar nisto teve um sorriso de amargura.

— Louco ! — murmurou ele consigo — porque hei de fugir aos jesuítas. . . Pois eles têm-me preso ? . . . Fizeram alguma coisa para eu ir para eles, ou para me conservarem no convento ?.. .

Eu procurei um asilo no meio deles; asilo excelente e seguro, pelo que se vê, porque aquela gente que a todo transe procura vingar-se de mim — e Faraldo a seu pesar estremeceu — não teve poder para me descobrir. Se eu fugisse, teria hoje, como então, a perseguir-me a vingança daquela terrível envenenadora. . . e daquele mordomo, por sobrecarga, tão terrível com aquela cara de bom homem. . . E depois, os jesuítas, para me castigarem, haviam de unir-se aos meus inimigos; de modo que, para melhorar a minha situação, ia agravá-la com mais esta inimizade. . . Não, não; foi a fortuna que me levou para o meio dos jesuítas: o melhor é deixar-me estar com eles, e levar a carta.

E apalpou-se para ver que tinha a carta consigo. Entretanto os seus pensamentos tomavam outra direção.

— Quem sabe que espécie de mulher será esta duquesa Bórgia ? . . . — ia pensando consigo o pobre rapaz. — Alguma velha encarquilhada, provavelmente; pois quem pode imaginar o nome de Alexandre VI e do duque Valentim usado por uma criatura fresca e gentil ? . . . Deve ter a pele amarelecida e engrelhada, o nariz adunco, os olhos pardos daquelas velhas harpias que tantas vezes vejo no convento... Os bons padres cultivavam bastante as velhas devotas. . . e por isso metem a unha em tudo, e em quase todos os testamentos se lembram deles. . .

Observemos aqui entre parêntesis que Faraldo nunca se atreveria a pensar assim, nem mesmo falando com o seu travesseiro, se não tivesse vestido o seu fato de fidalgo. O hábito de noviço teria abafado nele aquela veleidade, que os bordados e as jóias excitavam tão estranhamente.

Neste discorrer chegara defronte do palácio Bórgia. Se ele tivesse algumas dúvidas, desaparecer-lhe-iam vendo aquele imenso escudo de pedra, encimado pelas chaves, e em que estavam esculpidas as armas dos Lenzólios e dos Bórgias.

Carlos bateu desembaraçadamente à porta, e um criado veio abrir, descobrindo-se respeitosamente ao ver um cavaleiro com tamanho luxo.

— Preveni a vossa patroa—disse majestosamente Carlos — de que um enviado da Companhia de Jesus deseja falar-lhe.

O criado desapareceu, e voltou um instante depois anunciando que a senhora duquesa estava pronta a receber o visitante.

Carlos caminhou, precedido pelo criado, até a sala onde Ana Bórgia o esperava e, corrido o reposteiro, entrou respeitosamente o limiar da porta.

Simultaneamente ressoaram na sala dois grandes gritos e Ana Bórgia estendeu aterrada o braço como que para afastar aquela terrível aparição.

Ele reconhecera-a. . . e fora por ela reconhecido.. .

E um terror indizível se apoderou daqueles dois infelizes, vendo o passado erguer-se-lhes inexorável diante dos olhos, a um aceno dos seus patrões, dos padres da Companhia de Jesus !

CAPITULO XV

A CARTA DO JESUÍTA

Foi Ana Bórgia a primeira a recuperar o sangue frio.

Era uma extraordinária natureza a daquela descendente dos papas, misto de sangue castelhano e romano. Se um braço vigoroso tivesse podido guiá-la mais fortemente; se, por exemplo, ela tivesse encontrado alguns anos mais cedo o cardeal de Santa Severina, Ana Bórgia teria espantado o mundo com a grandeza dos seus feitos.

Assim, ela estava pelo contrário destinada — se as cousas não mudassem, se a cumplicidade dos jesuítas não lhe garantisse o segredo — a horrorizar a humanidade com a história dos seus crimes atrozes.

Ana estendeu imperiosamente o braço para o jovem veneziano.

— Fizeste-vos anunciar como um enviado da Companhia de Jesus — disse ela com soberana altivez. — Foi um expediente de que lançastes mão para chegar até aqui ?

Carlos, oprimido, aniquilado por aquele encontro inesperado e por um acolhimento ainda mais imprevisto, não encontrou palavra que respondesse.

Pegou na carta que tinha ainda guardada no bolso e entregou-a a tremer à duquesa, que a recebeu com um movimento brusco.

Depois disto, Carlos ia retirar-se, mas Ana, vibrando-lhe um olhar em que o desgraçado noviço pôde ler claramente a sorte que o esperava, ordenou-lhe:

— Ficai !...

— Mas eu não sei se deva !. . .

— Ficai, já vos disse!... Tendes de levar a minha resposta a quem vos mandou !...

Faraldo curvou a cabeça, e foi sentar-se humildemente a um canto da sala. A expressão que naquele momento tinha a fisionomia do pobre rapaz teria comovido mesmo um indiferente.

Entretanto, a duquesa, tendo relanceado um olhar para a carta, viu que no sobrescrito vinha o sinal combinado entre ela e o padre Eusébio de Monserrate.

Com a mão nervosa e impaciente rompeu a fita de seda que circundava a missiva, e cujas pontas vinham reunir-se sob o sinete, um sinete em que não se via brasão nem nada, mas apenas as quatro letras, que em breve deviam converter-se numa espécie de fórmula mágica, destinada a abrir todas as portas;

A. M. D. G.

O papel estava cheio de uma caligrafia miúda, apertada e muito igual. Evidentemente quem escreveu aquela carta não estava agitado pela mais leve comoção; escrevera-a como teria escrito uma fatura comercial, sem que a mão sentisse a mais pequena agitação.

O que a carta continha era o seguinte:

“*Minha cara filha, ...* .

“Os nossos irmãos e o próprio chefe da comunidade queixam-se de que vós tardais muito em expedir o conhecido personagem para o lugar para onde resolvemos mandá-lo. Eles afirmam que vós, interessada demasiadamente pelo personagem de que falamos, já não pensais em mandá-lo para o lugar para onde os interesses da Sociedade exigem que ele seja expedido.

“Tende a bondade de tratar com solicitude a remessa, para que não suceda alguma coisa que possa tornar mais difícil a partida.

“Os irmãos, irritadíssimos, queriam que eu recorresse às ameaças e aos castigos: Deus permita que eu nunca chegue a empregar tais excessos contra pessoa dos vossos merecimentos!. . . Eu estou certíssimo de que vós a esta hora já tereis compreendido quais são os vossos verdadeiros interesses, e de que o viajante não tardará a chegar ao seu destino.

“No entanto, para vos mostrar com quanta confiança nós procedemos para convosco, e como sabemos cumprir todas as nossas promessas, mando-vos a pessoa de quem vos queixastes. Se quiserdes castigá-la, fazei-o como quiserdes, e pelo modo que vos

aprouver, pois os nossos irmãos entendem que é muito justo conceder-vos este pequeno favor em troca do que nós esperamos.

“Podeis proceder com tanto menos escrúpulo, quanto o mancebo por nosso cuidado já se confessou e comungou, porque entendemos que é necessário providenciar para a salvação da alma, especialmente quando o corpo corre gravíssimo risco.

“Esperamos, pois, caríssima filha, as notícias que vos aprouver mandar-nos, na certeza de que elas corresponderão aos nossos desejos, e, permiti-nos dizê-lo, aos vossos deveres.

“E Deus vos guarde e vos salve.

“Ad majorem Dei gloriam EUSÉBIO, padre”.

A duquesa ficou por algum tempo com a carta na mão, convulsa, a fronte carregada, os olhos cintilantes.

Com que então, os terríveis algozes velavam sempre !. . . assim, eles exigiam a execução da sentença por eles pronunciada !. . .

A carta cínica do padre Eusébio falava com terrível clareza. A duquesa devia *mandar o viajante para o seu destino*, devia matar o cardeal de Santa Severina, o homem que cometera o crime de se erguer como um obstáculo no caminho dos padres jesuítas e do seu domínio.

Se obedecesse, os Padres ofereciam-se-lhe como auxiliares e protetores para tudo, para os prazeres como para a vingança; e como pequena prova da sua dedicação ofereciam-lhe a vida do desgraçado Carlos Faraldo, que, por ter tido a desventura de ofender a duquesa, podia ser considerado por ela como um objeto que ela tinha o direito de destruir.

Se recusasse.. . oh ! se recusasse, a vingança dos jesuítas havia de ser terrível: a ruína, a desonra, o nome infamado. . .

E já eram bem conhecidos os meios que costumavam empregar aqueles bons padres. Eles haviam de fazer como em Paris, como em Nápoles, como na Catalunha; haviam de açular a plebe, a selvagem e terrível plebe, que se excita com as próprias fúrias.

Os populares, prevenidos que no palácio Bórgia se escondia a mulher infernal que raptava os rapazes, que torturava, que

os matava, haviam de insurgir-se, e fariam sofrer a descendente de Alexandre VI, àquela sobrinha do rei de Espanha, os últimos ultrajes.

A duquesa voltou lentamente o olhar para Faraldo, para a vítima que os jesuítas lhe tinham

mandado, como uma oferta de sangue a um deus indiano. Pois não era afinal um Deus inexorável, um Deus nutrido de sacrifícios humanos, o Deus da Companhia de Jesus ? . .

Em outro tempo, Ana teria chamado o mordomo, e ter-se-ia deliciado vendo morrer entre mil tormentos o veneziano, para assim o castigar por ele não se ter deixado matar quando ela tinha querido.

Mas agora bem diferente seriam os pensamentos que lhe agitavam a mente. O fogo do amor tinha purificado aquela alma, destruído nela todos os mais baixos instintos, todos os maus sentimentos.

Que lhe importava agora vingar-se de Faraldo ? . . .

A duquesa Bórgia, cuja ira o veneziano despertara, já não existia. Ela não queria nem por pensamento tornar a um passado que a enchia de vergonha, ainda mais do que de horror.

Depois, aquele rapaz, aquele veneziano que escapara aos terríveis instintos de Ana Bórgia com uma coragem tão expedita, despertava nela outros sentimentos.. .

A duquesa examinou o mensageiro dos padres jesuítas. Vendo-o com olhos não perturbados pelo desejo sensual, Faraldo pareceu-lhe verdadeiramente belo.

Aquela cabeça característica denotava uma energia máscula. Os olhos brilhavam-lhe de audácia e inteligência; naquela fisionomia revelava-se uma alma ardente e valorosa, e aquela figura denotava um desses seres cuja força d'ânimo é admiravelmente temperada com a força do corpo.

Se se pudesse tirar partido dele! . . Se alguém pudesse empregar aquela força tão poderosa e evidente contra os inimigos que começavam a rodeá-la, a envolvê-la, a atacá-la! . .

Ana Bórgia pensava em lutar. Insensata! . .

— Já sabeis — disse a duquesa com aquela sua voz lenta e suave — já sabeis o que diz esta carta, Carlos Faraldo?

O rapaz estremeceu ao ouvir a envenenadora pronunciar-lhe o nome.

— Não, senhora; — balbuciou ele — a pessoa que aqui me mandou não costuma confiar-me os seus pensamentos.

— Pois vou eu dizer-vô-lo. Nesta carta lembra-se-me que durante muito tempo desejei a vossa morte. . . e convidam-me a saciar em vós a minha sede de vingança. . .

— É impossível!.. . — exclamou Faraldo pondo-se de pé.

A duquesa, sem se ofender com aquele desmentido perfeitamente desculpável, mostrou a Carlos a carta do padre Eusébio, na parte que se referia a ele.

— Celerados! . . — murmurou o veneziano. — E eu que me fiei completamente neles!..

— Pois estais vendo como fizestes bem. E agora, dizei-me sinceramente... o que tencionais fazer ?

— Eu ?... nada — disse o jovem com uma expressão de profundo descorçoamento. — Renuncio a defender-me; são muito numerosos os inimigos que me atacam. Fazei de mim o que quiserdes; eu morrerei sem resistir.

— A vossa vida pertence-me, Faraldo — disse a duquesa, estudando na fisionomia do veneziano o efeito daquelas palavras. — Os vossos protetores, aqueles com que contáveis para vos defenderdes de mim, venderam-vos, como vistes.. . Mas não vos anima nenhuma esperança ? . . Não sentis nada no momento em que ides deixar uma vida apenas começada ? . .

Carlos, profundamente comovido, ergueu-se e dirigiu-se para a duquesa.

— Que dizeis, senhora ? . . — exclamou ele muito agitado — Sim, eu sofro mortalmente com

este fim trágico e inesperado que me está iminente; sim, eu sentia-me destinado a viver, a ter a minha parte no mundo, como os outros. Se pudesse defender-me, se tivesse uma esperança, por tênue que ela fosse, de vencer na luta, eu havia de deixar aterrados os meus inimigos com a violência do meu desespero, mas...

— Mas... — disse a duquesa, animando-o a continuar com um olhar que lhe deitou.

— Mas sinto-me acabrunhado, vencido. Um homem pode combater valorosamente quando tem diante de si inimigos que pode alcançar e ferir; um homem luta, luta mesmo sem esperança, quando ao menos pode cair defendendo-se. Mas eu nem sequer conheço os meus inimigos; por todos os lados me cerca, não a lealdade de inimigos, mas a vileza de traidores. Se tentasse resistir, acontecer-me-ia como a esses desgraçados, que são obrigados a correr com a cabeça metida num saco, e que se voltam furiosos aqui e além para responderem às pancadas que recebem, no meio das risadas alvares da plebe. Ao menos de mim, senhora, não há de rir a plebe.

..

E, estendendo o braço numa atitude altiva:

— Que morte me destinastes, senhora ? . . o ferro ou o veneno?... Ordenai; eu estou pronto a obedecer sem resistência.

Carlos era sincero, ao falar assim ? . . .

Não ousaremos afirmá-lo. Apesar do seu pretendido desprezo pela vida, ele havia de receber de muito mau modo o carrasco que tivesse de executá-lo, e havia de manejar com toda a energia possível o afiadíssimo punhal, que trazia no cinto.

Mas, arrastado mesmo sem o sentir por um ímpeto de que noutras ocasiões ele seria o primeiro a sorrir-se, abandonara-se à inspiração da sua palavra, sonora de sacrifício e de heroísmo, é continuara a manter aquele tom com tanto mais vontade, quanto ia vendo mais claramente no semblante da sua bela inimiga a comoção que aquelas palavras produziam.

E com efeito, a duquesa olhava-o com um interesse crescente.

Ela pensava na vida abjeta e miserável que vivera até então, rodeando-se de escravos vis, ou de amantes que deviam passar dos braços dela para a morte.

E pela sua mente passava a lembrança de caracteres fortes e nobres, como o de Santa Severina, como o de Carlos Faraldo; companheiros ousados e generosos, pelo braço dos quais teria sido tão belo percorrer nobremente o caminho da vida. . .

Ana estendeu a mão a Faraldo.

O veneziano lançou-se de joelhos, e imprimiu naquela mão um beijo, em que a duquesa, com um pouco de boa vontade, teria reconhecido o fogo daqueles beijos que Faraldo lhe tinha dado certa noite...

— Erguei-vos, Carlos — ordenou a Bórgia. O rapaz obedeceu.

— Ides sair deste palácio como nele entrastes — disse a duquesa — Os padres jesuítas confundiram uma mulher, que de-

seja vingar-se, com um monstro, que abre as fauces esperando a presa que lhe deitam. Eu recuso o presente deles.

Carlos recuou um passo.

— Eu é que costumo castigar quem me ofende, e não preciso de que outros me ajudem. Por isso, vós ides sair daqui e levar uma carta minha ao padre Eusébio!

— Estou completamente às vossas ordens.

— Deveis fazer-me um juramento, Faraldo — prosseguiu a duquesa num tom de voz solene. —

Eu sou muito culpada, Carlos, e, arrastada pela paixão, cometi crimes horrendos. Mas há quem inspire ainda mais horror do que o próprio criminoso, e é quem, d'ânimo frio, e sem a desculpa da paixão, explora os maus sentimentos dos outros.

Carlos fez com a cabeça sinal de que compreendera perfeitamente .

— Pois bem — continuou Ana — eu encontrei alguém ainda mais vil e miserável do que eu. Os jesuítas quiseram obrigar-me a ser ainda mais cruel do que sou. Esta ofensa excede aos meus olhos tudo o que eu tinha a censurar a mim próprio. Faraldo, que-reis ser meu aliado ?...

O veneziano aproximou-se da duquesa.

— Aliado ?.. . — disse ele em voz baixa, mas muito comovido — vosso aliado ?.. . — Oh! mil vezes. . . ainda que eu tivesse de pagar essa alegria suprema com os tormentos mais atrozes.

A duquesa viu na expressão do olhar de Carlos os pensamentos que lhe agitavam o cérebro.

— Estais enganado, Carlos — disse ela com certa solenidade, que lhe ia admiravelmente. — Esqueci completamente a Ana Bórgia que conhecestes; ou antes, dissei a vós mesmo que essa mulher doida, homicida, violenta, que conhecestes, morreu com a punhalada que vós tão justamente lhe destes.

Carlos curvou a cabeça, acabrunhado.

— Hoje — prosseguiu a duquesa — vós não deveis ver em mim, senão a duquesa Ana Bórgia, princesa romana, grande de Espanha; uma mulher que tem direito ao vosso respeito como homem, ao vosso auxílio como cavaleiro e fidalgo. Eu estou rodeada de inimigos terríveis, que também o são vossos; quereis ajudar-me a defender-me ?...

— Até à morte — respondeu Faraldo, pondo a mão sobre o coração.

Talvez que a sinceridade de Faraldo não devesse merecer grande importância, quando ele falava assim. Conquanto a índole e os antecedentes do veneziano fossem próprios para sôbre-excitar um pouco a sua tendência para o romântico e para o fantástico, apesar disso ele não podia deixar de pensar que, se se via naquela embaraçosa situação, e se os jesuítas brincavam assim com a cabeça dele, como uma criança brinca com uma pela, a causa principalíssima do que lhe estava sucedendo era precisamente o capricho daquela senhora que, segundo a nobre duquesa, devia ser considerada como morta e enterrada.

Todavia, Ana aceitou aquele juramento sentimental como ouro de lei. Depois de ter traído tanta gente, depois de ter zombado de tudo, ela sentia a necessidade absoluta, tão comum na natureza humana, de confiar em alguém.

E confiava demasiado.

— Pois então — disse a duquesa — ireis ter com o padre Eusébio e entregar-lhe-eis a carta que vou escrever-lhe. Se ele vos responder que anui, vinde ter comigo, trazei-me esta resposta, e eu vos juro que nem em Roma nem em Madri haverá homem, por mais feliz que seja, que não tenha inveja de vós!

O jovem fez com a cabeça uma saudação à duquesa.

— Se pelo contrário — continuou ela — os modos ou as palavras do padre Eusébio vos mostrarem que ele persiste na sua resolução de me sacrificar e também a vós, — porque é preciso que vos lembreis que se trará da vida de nós ambos — então. . . remediareis. . .

— Remediarei!. . . — exclamou Carlos muito surpreendido — E como, senhora duquesa?

— Oh! de uma maneira muitíssimo simples — disse a duquesa, tirando do dedo um anel de precioso lavor. — Vós ouvireis o que vos diz o padre Eusébio. . . pedir-lhe-eis licença para vos retirardes. . . e pegar-lhe-eis na mão para lha beijar...

— Só isso?

— Sim; mas haveis de ter o cuidado de fazer com que a ponta deste diamante faça pressão na pele do reverendo... A propósito: tende todo o cuidado de não tocar nesta pedra; poder-vos-ia causar fatais conseqüências.

Carlos estremeceu. A raposa, mudando de pele, não mudara de costumes; figurava sempre o veneno nas suas pequenas façanhas.

Mas a duquesa não reparou naquela impressão.

— Feito isto, — continuou ela com a máxima serenidade — deixareis sobre a mesa do padre este papel, e saireis com toda a tranqüilidade. Ninguém decerto vos porá o mínimo embaraço.

— É o que falta ver — murmurou consigo o mancebo, que não estava absolutamente convencido da segurança da empresa.

E, todavia, o plano simples e ousado da duquesa baseava-se em tais circunstâncias de fato, que tinha todas as probabilidades de ser bem sucedido.

E o que continha, afinal, aquele papel?

Poucas letras — o monograma de Jesus e a temida divisa da Companhia:

A. M. D. G.

Ora, quando encontrassem morto Eusébio, e lhe descobrissem aquele papel no quarto, aquele achado seria para o religioso que o encontrasse a prova evidente de que a execução do jesuíta espanhol fora efetuada por ordem daquelas supremas autoridades da Companhia, a quem todos obedeciam, conquanto ninguém as conhecesse de perto.

A máxima concentração de poderes, a profundidade do mistério, que envolve todas as partes de um organismo, acaba por tornar absolutamente precária a situação dos que têm as chaves desse mistério. No dia em que os chefes são feridos, o que é que pode fazê-los reconhecer como chefes, e agravar assim o castigo de quem os feriu?

Demais, quando o poder está nas mãos de desconhecidos, corre-se outro risco gravíssimo, e vem a ser que algum atrevido tome a aparência dos chefes, e dê ordens como se fossem eles próprios.

Quando uma instituição inteira está sempre pronta a obedecer ao misterioso poder, que, sem se revelar, dirige e ordena, sem

que ninguém possa fazer compreender de onde vem aquela voz de comando, é fácilmo suceder que alguém se lembre de assumir a si esse papel de Deus ignoto.

Eusébio, morto por um estranho, morreria sem ser vingado, porque todos julgariam ver naquela morte a mão do oculto poder dirigente, cujos costumes, afinal, a respeito de veneno, eram muito conhecidos e expeditos para não causarem admiração a ninguém.

Quem se atreveria aprofundar aquele mistério? quem se atreveria a mergulhar um olhar curioso sob o fúnebre pano que cobrisse o cadáver de Eusébio? Pois não era sabido de todos que o descobrir demasiado, o demasiado adivinhar, fora causa de mortes inesperadas e inexplicáveis, mesmo para muitos indivíduos que ocupavam postos importantes na Companhia?

Portanto, não havia que recear: os companheiros de convento do padre Eusébio de Montserrat não dariam sequer um passo para castigar quem os tivesse privado do seu estimadíssimo chefe e superior.

E certo que havia os poderes públicos da Ordem: o Geral, os Definidores gerais, todos esses poderosos de cogula, que tinham aparentemente o encargo dos negócios da Companhia, e que deveriam procurar as causas de uma morte misteriosa, e descobrir o autor dela para fazerem justiça severa.

Mas Ana Bórgia, desde que estava sob a ameaça permanente do cutelo jesuítico, estudara com inexcedível cuidado e perspicácia a organização da Companhia; e o cardeal de Santa Severina

auxiliara-a poderosamente nisso, ele, que tinha tão tristes razões para conhecer a terrível Companhia.

Por isso, a duquesa sabia da existência simultânea, paralela, de duas espécies de poderes: um, que tinha a grandeza aparente, e outro, que tinha realmente o poder: um, que tinha os títulos, que derivava da nomeação pontifical, e que em face do mundo representava o formidável aparato de forças da Ordem; o outro, humilde, que por si próprio se reproduzia, que renunciava às pompas da vaidade e às satisfações vulgares, e que, apesar disso, representava a verdadeira autoridade, a verdadeira força.

Ora, conquanto a sábia disciplina de Santo Inácio tivesse podido transformar os homens a ponto de tornar os seus jesuítas superiores a quase todas as paixões humanas, havia uma que não podia ser destruída, e era ela o desejo de ser superior entre os companheiros, entre os iguais. O próprio frade, que se sujeitaria alegremente ao martírio para salvar a sua Ordem, ofender-se-ia, e sentiria desejos de vingança, se na eleição de um sineiro lhe fosse preferido um outro, que, a seu ver, fosse menos digno do que ele daquele ofício modesto.

Havia, pois, uma grande inveja — oculta com tamanho cuidado que o público não dava por ela — entre aqueles dois ramos da Ordem, entre o que tinha a aparência de governar, e o que realmente governava.

Aquilo não transpirava cá fora, porque todos tratavam de ocultar a verdade, não só porque era necessário manter para com os estranhos o decoro da Companhia, mas também porque não se brincava com o tribunal dos eleitores gerais!

Estes espionavam atentamente o mínimo sinal de rebelião ou mesmo de simples descontentamento, e quem se deixasse surpreender, podia contar com as suas contas saldadas dentro de pouco tempo. Era tão fácil adoçar um pouco mais o copo de água de um irmão, muito embora ele fosse o geral da Ordem! . . .

Mas, conquanto aquela inveja não pudesse chegar a obrar de per si, chegava com facilidade a não se importar com o que ocorria. Por exemplo, os padres do Definitório geral não eram capazes de ordenar de per si que o padre Eusébio de Monserrate fosse despachado para um mundo melhor; mas deixariam correr as coisas, esquecendo-se até completamente de castigar quem por sua conta tomasse esse papel de justiceiro.

— Então, aceitais? — perguntou a duquesa.

Carlos fez consigo rápidas reflexões e concluiu que, se dissesse que não, não poderia dar nada pela sua vida. Naquele palácio, e entre os criados fiéis de Ana Bórgia, e com o gênio que ele sabia que ela tinha, a situação era muito grave.

— Obedecerei — respondeu ele com um ar decidido.

A duquesa meteu-lhe no dedo o anel, sentou-se a uma pequena mesa, e escreveu uma breve carta, que, depois de fechada, entregou a Faraldo.

— Entregá-la-eis em mão do padre Eusébio — disse ela. — Ou ele diz que sim, e então... tudo está bem... ou quando não...

— Compreendi — replicou o veneziano, deitando para o anel um olhar de inteligência.

A duquesa volveu a Faraldo um olhar e um sorriso que em outros tempos o teriam fascinado, e despediu-o com uma súplica sem palavras.

— E agora — disse ela, deixando-se cair sobre o divan. — agora esperemos a nossa sentença... Coragem, Ana Bórgia; a morte não é coisa assim tão terrível para quem tantas vezes tem brincado com ela!

A SENTENÇA FATAL

Carlos Faraldo achou-se no meio da rua.

Não lhe custaria acreditar que os terríveis casos, que até então lhe tinham sucedido, fossem um sonho; mas a realidade cruel, espantosa, terrível, afirmava-se de dois modos.

Se se ia entender com os jesuítas, ficava sujeito à vingança de uma mulher de família quase real, poderosíssima, rodeada de servidores afeiçoados e prontos para tudo; de uma mulher sem os mais pequenos escrúpulos, inacessível ao medo, protegida como era pelo seu grande nome e pelo próximo parentesco com o rei de Espanha.

Se tomava o partido de Ana Bórgia, os perigos eram ainda maiores.

Repitamo-lo: os Jesuítas não eram ainda bastante conhecidos por toda a gente. O mais importante da organização da Companhia estava envolvido em profundo mistério, e mesmo os poucos que em qualquer caso conseguiam penetrar-lhe o segredo não suspeitavam o ilimitado poder que aqueles políticos de sotaina iam conquistando em todo o orbe católico.

Mas mesmo o pouco que deles sabia Faraldo era mais do que suficiente para ele compreender que, quando tivesse a desgraça de incorrer na ira daqueles temíveis inimigos, em nenhum ponto do mundo poderia encontrar refúgio em que lhes escapasse.

O poder das repúblicas e dos monarcas é limitado pelas fronteiras .

Antônio Perez, inimigo do rei de Espanha, encontrava um refúgio em Paris; os católicos, perseguidos pela Inglaterra, sabiam que estavam a salvo e seguro, se conseguiam atravessar o estreito de Calais.

Mas com os jesuítas não havia fronteiras, nem distâncias que valessem. Guilherme, o Taciturno, era atacado em Flandres, no

meio dos seus fiéis protestantes; em Londres, as conspirações contra o rei protestante tramavam-se mesmo no palácio do Parlamento.

Portanto, fugir era impossível: era necessário servi-los, porque, quando a atacá-los, Faraldo compreendia quanto devia ser insensata a luta de um homem contra uma instituição, de um ser efêmero e mortal contra uma associação tenebrosa, destinada a desafiar os séculos.

Carlos, cada vez mais absorvido pelos seus dolorosos pensamentos, dirigiu-se para a casa professa dos jesuítas. Duma casa de bela aparência, que ficava no caminho que ele seguia, saía o ruído de vozes e ouviam-se grandes risadas. Faraldo suspirou; mais do que uma vez, nas alternativas tão frequentes da sua vida, Carlos tinha entrado naquela casa, que de resto conhecia perfeitamente .

Lá dentro, rapazes de todas as classes, com alguns escudos lia algibeira, reuniam-se sem combinação prévia, levados unicamente pelo capricho. Muitas vezes o motivo da reunião era uma partida de jogo, uma partida disputada, que dava em resultado a passagem de todos aqueles escudos para o bolso de um só ou de poucos.

Muitas vezes, também, os prazeres variavam; e os mais felizes ao jogo, sentados a uma mesa abundantemente provida, gozando a companhia de frescas e galantes raparigas, brindavam ao amor e à alegria, sem se importarem com o dia seguinte.

Carlos lembrou a sua vida passada, cheia de misérias e, apesar disso, alegrada uma vez ou outra por um raio benéfico de sol; vida aventureira e extravagante, em que muitas vezes não sabia onde havia de ir buscar um bocado de pão ou encontrar uma cama para descansar, mas que em compensação lhe dava um ou outro clarão de felicidade, que a juventude ainda tornava mais esplêndido e agradável.

Agora, Carlos era completamente outro homem: não tinha preocupações materiais, não o inquietava o futuro. Se ficasse no convento, o hábito de jesuíta garantia-lhe uma vida cômoda e

segura enquanto ali estivesse; se partisse, o dinheiro e as jóias que tinha consigo garantiam-lhe o bem estar e a consideração em qualquer parte para onde fosse.

Mas em compensação o medo cravara nela as suas garras de aço. Aquele Carlos, que dantes se atirava sorrindo às águas do

Tibre para salvar um estranho, agora tremia, se uma criança olhava para ele com um pouco de insistência.

É que todo o homem, ainda o mais corajoso em face de um perigo que conhece, torna-se covarde e medroso diante de um perigo incerto, inexplicável, que o ameaça sem que ele possa saber de que lado lhe virá o golpe e de quem deve defender-se.

Afinal, o pobre rapaz tomou uma resolução: entregar ao porteiro do convento a carta de que era portador; depois fugir para Veneza, mudar de nome e de fato, e ter uma vida tão obscura e tão modesta, que conseguisse que os seus inimigos o esquecessem.

E pelo seu lado ele ia fazendo mil promessas de bem merecer aquele perdão e aquele esquecimento à força de humildade e submissão; e pronto, se se visse descoberto, a tomar outra vez, sem hesitar, o jugo que momentaneamente sacudira da cerviz. . .

— Reverendo — disse-lhe ele — tenho aqui uma carta, que é preciso que seja imediatamente entregue em mão do padre Eusébio. Eu vou a outra parte com um recado dele.

E entregando-lhe a carta da duquesa afastou-se, ao princípio a passo vagaroso, mas depois numa corrida doida, como se fosse perseguido por algum inimigo terrível.

O padre Eusébio, ao receber a carta, e ao ouvir como ela fora entregue pelo noviço, ficou muito admirado.

—Faraldo vivo!— murmurou ele — então a duquesa rejeita o pacto?... Se assim fosse. . . ai. . . ai dela'. . .

E abriu a carta, que continha estas palavras:

“Reverendo padre,

“Aí vos mando outra vez o noviço; mudei de idéia.

“Agora, eis aqui a minha proposta e o meu pedido: consenti que aquela pessoa não faça a viagem; consenti que ela possa ficar comigo.

“Em troca prometo-vos que serei sempre obediente às vossas ordens, e que, seja qual for a fortuna que lhe possa tocar, ela estará sempre disposta a dar uma parte dela a quem de justiça pertencer.

“Meu padre, suplico-vos que consintais nisso.

“Uma recusa da vossa parte levar-me-ia a não sei que excessos.

. . *“Ana.”*

O padre Eusébio amarrotou com cólera aquela carta, e atirou-a ao lume que ardia no fogão.

— Deixá-lo viver!. . . se eu fosse doido!. . . Amado por uma mulher assim e ligado com ela, este homem seria capaz de destruir do o nosso trabalho. Não, não; o que resolvi há de fazer-se.

E pegou numa folha de papel, em que escreveu uma palavra; ;pois fechou a estranha carta e lacrou-a.

Feito isto chamou um noviço, que se apresentou imediatamente.

— Júlio — disse o padre Eusébio — leva esta carta ao palácio Bórgia, e fazes com que seja entregue à duquesa pessoalmente.

O rapaz partiu como uma seta.

— Quanto a Caries Faraldo — disse o jesuíta, falando consigo esmo — adivinho o que aconteceu. Teve medo e fugiu. . . Pois bem; trataremos de não o reduzir ao desespero: deixá-lo-emos viver

Se estiver sossegado e não tentar alguma coisa contra a Ordem. Mas primeira imprudência. . .

E o padre Eusébio completou o seu pensamento com um gesto, que teria feito estremecer o veneziano, se ele tivesse podido vê-lo.

* * *

Ana Bórgia estava esperando, com uma impaciência fácil de compreender, o resultado da carta.

Ela oferecera aos jesuítas a sua aliança e o auxílio da sua fluência sobre o futuro papa, em troca da concessão de eles o deixarem viver. . .

A desgraçada não pensava que, se na mente dos jesuítas tivesse podido entrar o pensamento de deixar viver Santa Severina, a urgente súplica que ela lhes fazia seria o bastante para apressar a execução da sentença de morte!

A Companhia de Jesus não gostava de alianças, principalmente quando se tratava de duas forças como a duquesa e o cardeal. Com na mulher como Ana Bórgia ao seu lado, Santa Severina tornava-se cem vezes mais terrível; e por isso devia morrer.

Mas o vivíssimo desejo da gentil mulher desculpava aquela a ilusão! Ela tinha planeado um futuro que lhe era tão doce agradável!. . . ela tinha-o acariciado com tão profundo afeto!. . .

E antes de pôr de parte um sonho, em que resumia todo o seu viver, aquela desventurada criminosa procurava consolar-se, iludindo-se!

O mensageiro enviado pelo padre Eusébio chegou com a carta. Ana, esquecendo a sua posição e o costumado orgulho, não desceu, precipitou-se pela escada, e recebeu pessoalmente — coisa inaudita — o noviço que entrava a porta.

Mas, quando recebeu a carta, conheceu que não poderia facilmente suportar a comoção, qualquer que ela fosse, que lhe produziria a carta do padre.

Por isso dominou a sua impaciência, e retirou-se para os seus aposentos, onde com mão convulsa abriu finalmente a epístola.

Esta não continha senão uma palavra escrita em espanhol:

“Muerte!”

A morte!. . . eis o que respondia o tremendo juiz àquela que lhe implorava clemência. Nem promessas, nem súplicas tinham podido vencê-lo; ele tinha condenado, e a sentença devia cumprir-se.

Ana Bórgia ergueu para o céu um olhar em que havia uma expressão indizível; depois um sorriso medonho iluminou-lhe as faces pálidas. Tinha resolvido!

Mandou chamar o noviço.

— Dizei ao reverendo padre — disse ela com um sossego glacial — que as suas ordens serão cumpridas. Mas prevení-o de que o espero aqui amanhã sem falta.

O noviço partiu.

Um momento depois, Ramiro Marques, por ordem da duquesa, convidava o cardeal de Santa Severina a apresentar-se no palácio Bórgia.

CAPITULO XVII

DESENLACE INESPERADO

Santa Severina estava em íntimo colóquio com a jovem e fortíssima duquesa.

Nunca Ana Bórgia tinha brilhado com tamanho esplendor.

Os seus grandes olhos, úmidos de voluptuosidade, pousavam com ardente expressão no rosto do seu querido; a sua palavra, anunciada num tom dulcíssimo, era quente, apaixonada; e toda sua pessoa era um desejo, um suspiro, uma alegria.

Santa Severina contemplava-a com um olhar cheio de amor ao mesmo tempo de profunda admiração.

De repente Ana levantou-se, e estendendo a mão ao cardeal, disse-lhe: Para a mesa!

— Como estás bela! — murmurou apaixonadamente o futuro papa, sentando-se à mesa ao lado de Ana. — Nunca te vi assim, mas mesmo nos meus sonhos voluptuosos: dir-se-ia que em ti vive ia outra mulher, que em ti se transfundiu uma nova vida.

— E assim é!. . . — exclamou a duquesa com um orgulho satisfeito. — Tu, meu querido, és a minha vida; tu és a nova alma, que vive em mim. Ah! se eu te proporcionasse uma eternidade de delícias, ainda te não pagaria o que te devo.

— Eu, eu é que te devo mais do que a vida — exclamou o cardeal com um entusiasmo juvenil. — Pois quando é que o meu coração conheceu as alegrias sobre-humanas de que tu o encheste? Pobre cego, vivi sempre nas trevas, até que enfim abri os olhos tua luz radiante.

— Então não maldizes o momento em que conheceste a mulher perdida e criminososa?

— Eu!... — exclamou Santa Severina. — Qualquer que possa ser a minha vida de hoje para futuro, eu nunca me queixaria. Tenho sido tão feliz quanto pode sê-lo um mortal; o meu quinhão de alegria neste mundo foi exuberante. A fortuna que me fira, se pode, que não me arrancará um lamento.

— E contudo — disse a duquesa cada vez com mais doçura — e contudo, meu amigo, tu não ignoras com que intenções e por ordem de quem foi que eu te procurei. Tu bem sabes que eu era o instrumento cego nas mãos dos que te haviam condenado à morte. . .

— Que me importava? — disse o cardeal sorrindo-se. — Porventura a perspectiva da morte tornaria menos brilhante o teu olhar, menos aveludadas as tuas carnes, menos inebriantes os teus beijos?... Eu, quando pela primeira vez estive contigo, voltei os olhos para outro sitio por querer deixar-te toda a liberdade de executares a tua obra, por mais tremenda que ela fosse; e fiquei muito contente por dever a vida, não à minha vigilância, mas ao teu amor.

— E hoje já não tens receio?. . .

— Nunca o tive — disse altivamente o cardeal, erguendo a nobre cabeça em que a duquesa pousou um olhar cheio de adoração. — Mas por certo que, se a morte me espera, não me deve ela vir das tuas mãos.

— Compreendo: tu referes-te àqueles terríveis frades, que quiseram comprar-te, e que depois te votaram um ódio mortal.

— E que ainda me odeiam, podes estar certa, Ana — disse o cardeal estremeando. — Tu, que te julgas, tão criminoso, não podes compreender a infinita malvadez daqueles homens; eles são terríveis porque não os detém nos seus crimes nem a compaixão, nem o medo, nem os remorsos. Há principalmente um, que, quando o vejo, me faz o efeito de um réptil viscoso e repugnante, em que a gente toca sem querer. Não o terno, mas subjugam-me o nojo e a repulsão.

— E quem é esse homem, que tem o privilégio de aterrorizar o meu leão? — perguntou Ana.

— Tu bem o conheces: é o padre espanhol, que te aliciara contra mim, o padre Eusébio de Monserrate.

Naquele instante abriu-se a porta da sala, e Ramiro Marques anunciou gravemente:

— O padre Eusébio de Monserrate.

— Ele!. . . — exclamou o cardeal tornando-se pálido, enquanto que a austera figura do frade espanhol aparecia no limiar da porta.

— Fica — disse tranqüilamente a duquesa, obrigando com um olhar o cardeal a sentar-se outra vez.

Eusébio de Monserrate entrou, grave e respeitoso, como se o não escandalizasse aquele banquete de um cardeal, vestido de cavaleiro, com uma rapariga recostada da maneira mais provocadora possível.

O padre Eusébio fingiu que não conhecia o senhor de Santa Severina. A principal força e habilidade dos jesuítas consistia exatamente em eles conhecerem os homens e saberem as coisas segundo o julgavam útil ou conveniente.

Mas Santa Severina era demasiado orgulhoso para aceitar a tácita cumplicidade daquela reserva. Assim, falando como se estivesse em sua casa, ordenou:

— Entrai, reverendo padre, e sentai-vos.

— Às ordens de Vossa Eminência — respondeu o jesuíta, entrando e sentando-se.

Nos modos e no semblante do jesuíta nada havia que denotasse o mais pequeno embaraço, ou o mais leve receio. E contudo o encontrarem-se assim juntos aquele que ele condenara à morte, e aquela que devia executar a sentença, era caso para inspirar temor ao homem mais forte e valoroso!

E talvez que o frade tremesse, mas nenhuma exterioridade o denunciava, porque ele bem sabia que grande prejuízo é o mostrar medo.

Ana foi a primeira a quebrar o silêncio.

— Reverendo padre, — disse ela — pedi-vos para virdes aqui, sem me lembrar de que tinha marcado a mesma hora para outra entrevista. Mas, apesar de não estarmos sós, devo dizer-vos que as vossas ordens foram cumpridas.

Desta vez o golpe feriu Eusébio a fundo no peito. Ele relanceou um olhar cheio de espanto da duquesa para o cardeal.

— Repito-vos que foram cumpridas — disse a duquesa — e em breve ides ver o efeito. Mas é impossível que vós vejais à mesa e que não queirais fazer-nos companhia; bebei!

E encheu-lhe um copo de vinho.

Eusébio, àquele oferecimento, não pôde deixar de empalidecer.

— Obrigado; — balbuciou ele — mas a minha Ordem... a regra...

Ana soltou uma gargalhada tão franca e natural, que dissiparia suspeitas até ao próprio Tibério.

— O quê! — exclamou em tom de gracejo a duquesa — imaginais então que vos quero envenenar?... Ora vamos; para dissipar todos os vossos receios, olhai. . . podeis estar tranqüilo. . .

E a alegre criatura, pegando no copo, bebeu uma boa terça parte do líquido. Ao jesuíta seria impossível continuar a recusar, pois que tendo a duquesa bebido primeiro, desaparecera todo o perigo.

Bebeu também, e o paladar não sentiu coisa que pudesse justificar os seus receios.

Quando Ana viu completamente vazio o copo, que o jesuíta pousara sobre a mesa, quando verificou que o copo já nada continha, no semblante e nos modos da duquesa operou-se uma estranha mudança.

— Reverendo; — disse ela com uma voz tão áspera e estrídula, que o próprio cardeal ficou surpreendido — reverendo, ainda estais do mesmo modo de pensar que ontem?

— Não vos compreendo.. . senhora.. . — tartamudeou o jesuíta, que também estava espantado da mudança que se operara na duquesa.

— Ides já compreender-me. . . Meu amigo, — prosseguiu a Bórgia, voltando-se para o cardeal — este senhor, como já sabes, tinha-me encarregado de te envenenar.

— Bem sei — respondeu com soberano desprezo Santa Severina, sem mesmo olhar para o espanhol. — Que me importa a mim o que pode dizer ou fazer o reverendo padre?

Eusébio de Monserrate ergueu-se.

— Senhora duquesa — exclamou ele com voz terrível — estais jogando uma partida mortal. . . não o esqueçais... Eu nem sempre hei de estar em vosso poder. . . e. . .

Não pôde concluir. Sentiu a garganta apertar-se-lhe numa sufocação violenta, e um círculo de ferro candente cingir-lhe as fontes.

Tormentos intoleráveis; mil pontas de fogo agudíssimas lhe picaram a cabeça e as carnes.

Num instante compreendeu a terrível verdade; e demais não era difícil!

Tentou estender o punho ameaçador para a duquesa; mas tornou a cair sobre a cadeira, murmurando com uma voz apagada:

— Envenenado!...

— Vós o dissestes, meu padre — disse com o maior sangue frio a duquesa. — Eu não quis deixar este mundo sem satisfazer uma última vingança; não quis que um padre infame pudesse depois da nossa morte gabar-se de nos ter condenado e feito morrer... Porque nós estamos condenados à morte, reverendo padre!

Brilhou um lampejo nos olhos de Eusébio; o jesuíta moribundo ainda teve forças para exclamar:

— Condenados !. . .

— É exatamente como vos digo, — disse Ana; e uma tranqüilidade sublime, uma majestade sobre-humana lhe iluminava a fronte. — Eu entendi que nos seria impossível viver constantemente ameaçados pela Companhia de Jesus; entendi que tão terrível inimizade havia de acabar, cedo ou tarde, por nos custar a vida, e que sucumbiríamos em momentos diversos, depois de termos sofrido os tormentos de mil mortes. Por isso resolvi fazer o que fiz; pela minha mão propinei o veneno a mim e ao meu amante, e dentro em pouco morreremos. . . mas depois de te termos visto morrer, sacerdote malvado!. . .

— Tu fizeste isso! — exclamou o cardeal de Santa Severina, inclinando-se para ela.

Mas na atitude, nas palavras, no semblante do cardeal, nada havia que exprimisse a sombra de um desgosto. Pelo contrário, a idéia do sacrifício que Ana fazia por ele era bastante para lhe fazer esquecer a própria morte. Morrer daquela maneira não era viver mil vezes ?. . .

Ana, que se levantara para dirigir aquela invetiva ao jesuíta, cairá outra vez sobre a cadeira. O seu belo rosto começava a decompor-se, nos tormentos da hora extrema; os olhos embaciaram-se-lhe.

— Vem; — murmurou ela estendendo os braços para o amante

— vem!

Santa Severina, vacilante, correu para ela, tomou nos braços o leve corpo da duquesa, e foi pousá-lo com infinito amor sobre um divã. Depois sentou-se ao lado dela; mas daí a pouco, vencido por um torpor que não deixava de ser suave, deixou descair a cabeça sobre os joelhos de Ana, e cerrou os olhos.

Bem depressa a respiração difícil dos dois corpos cessou de todo, prova de que a vida abandonara aqueles dois corpos.

Então o padre Eusébio de Monserrate, que já se extorcia nas convulsões de uma agonia cruel — porque o veneno que lhe fora proporcionado era em quantidade muito maior do que o que tinham tomado os dois amantes — o padre Eusébio, lívido, com os olhos injetados de sangue, a boca espumante, ergueu-se e deu um passo para a porta.

— Socorro! . . — rouquejou ele com voz abafada — socorro !...

Não pôde dizer mais nada; caiu pesadamente no chão, aos pés daqueles dois seres jovens e corajosos cuja morte ele próprio causara .

Uma preocupação dolorosa, pior ainda do que o pensamento da morte, decompunha aquele semblante cadavérico.

— O anel! . . — murmurava ele consigo — o anel do geral! . . — Eu morro aqui... e ele... em que mãos... irá cair ?

Uma dor mais violenta arrancou-lhe um grito. Os olhos, em que se lia uma expressão de angústia terrível, pousaram-se sobre as suas vítimas, que tinham adormecido suavemente na morte, ao passo que ele, o poderoso, o carrasco, se contorcia, arrastando-se pelo chão.

Assaltou-o então uma dúvida terrível. A dúvida de ter feito mal, de ter exorbitado dos seus poderes, de ter confundido as necessidades da sua desmedida ambição com os interesses da religião e da Igreja.

— Meu Deus! — murmurou ele — se eu me tivesse enganado!... se eu não fosse mais do que um assassino. . . Meu Deus, revigora a minha fé... meu Deus, perdoai-me. . . Ah! . .

E expirou.

CAPÍTULO XVIII

FORA DO SEPULCRO

Por uma bela manhã de inverno Misser Carolus van Buren, um dos mais considerados negociantes de Amsterdam, caminhava naquele seu passo grave e vagaroso pela margem do canal que conduz à capital holandesa as riquezas e as pratas de todo o mundo.

Conquanto Misser Carolus van Buren tivesse uma verdadeira frota mercantil espalhada pelos quatro ângulos do mundo, naquele . momento não esperava nenhum dos seus navios. Apesar disso, os bons habitantes da cidade flamenga — que todos conheciam e cumprimentavam o opulento negociante — não se espantavam de vê-lo andar àquela hora por aqueles sítios.

Misser van Buren, é necessário dizer-se, não era um personagem comum. Se ele fosse simplesmente um negociante milionário, a sua importância não seria demasiado grande, visto que nas Províncias Unidas, apesar da encarniçada guerra com a Espanha — ou antes por causa da guerra — as grandes fortunas eram mais comuns do que em nenhum outro país do mundo, e as fortunas de trinta, quarenta, cinquenta milhões, não eram raras.

Mas, além dos milhões de que dispunha, Carolus van Buren possuía uma posição eminente, tanto mais desejada e cobiçada quanto ela não lhe fora dada pelo capricho de um rei ou de um ministro, mas sim conferida pelo livre voto dos cidadãos.

Carolus van Buren era escabino da boa cidade de Amsterdam. Ora, os escabinos eram um conselho eleito pela cidade, que a administrava: a seu talante, e que elegia o burgo-mestre. Um escabino era, portanto, um cidadão que podia de um momento para o outro ser burgo-mestre de Amsterdam, isto é, ser investido de um poder que sobrepujava em grandeza e esplendor o do preboste dos negociantes de Paris, e o do *lordmair* de Londres.

As mais antigas famílias da Holanda, aquelas que representavam trezentos ou quatrocentos anos de burguesia e que se tinham tornado ilustres, ou por cargos que tinham exercido ou por serviços

patrióticos, tinham ordinariamente o privilégio de fornecer à cidade aqueles magistrados.

Carolus van Buren não era de antiga família holandesa, nem sequer era holandês, e ninguém sabia donde ele viera. Como era, pois, que ele chegara a arranjar uma fortuna tamanha?

Contava-se que haveria uns vinte anos — e precisamente no ano em que se deram em Roma os acontecimentos por nós narrados, e que tiveram um fim tão trágico — contava-se que um rapaz se apresentara em Amsterdam, então muito menos próspera e por todos os lados ameaçada pelas forças espanholas.

As autoridades e os populares tinham começado por olhá-lo com desconfiança, como era vulgar naqueles tempos, em que os espiões espanhóis estavam espalhados por toda a parte.

Mas em seguida a uma conferência com um ministro luterano, cuja importância e popularidade eram grandíssimas, o nosso rapaz, perfeitamente defendido e garantido pelas autoridades, fora admitido como marçano no estabelecimento de mestre Guilherme van Buren, que negociava em especiarias com o extremo Oriente; e fora pouco tempo depois agregado à companhia de milícias, em que Buren tinha um lugar superior.

Rebentou a guerra, mais atroz e sanguinolenta que nunca; a república das Províncias Unidas teve de apelar para a coragem de todos os seus filhos. O jovem Carolus marchou com os seus camaradas; obrou prodígios de valor contra as tropas de Ambrósio Spinola e dos outros generais espanhóis, e, numa emboscada em que muitos holandeses perderam a vida, salvou, com risco de ser morto mil vezes, o seu chefe mestre Guilherme.

Este ato de valor, que vinha aumentar a lista de outras proezas não menos heróicas, valeu ao nossos Carolus — que assim tinha mudado de nome o nosso conhecido Carlos Faraldo — uma dupla e magnífica recompensa.

Em primeiro lugar, a comuna de Amsterdam resolveu que o jovem estrangeiro fosse naturalizado cidadão holandês e burguês de Amsterdam, e que lhe fosse dado o posto de porta-bandeira da sua companhia, posto que ele bem merecera, pois que fora o seu valor que salvara a bandeira de ficar em poder do inimigo.

Não contente com isso, mestre Guilherme van Buren, que todo o dia, fumando no seu cachimbo de porcelana, pensava no modo por que havia de premiar dignamente o seu salvador, lembrou-se de que tinha uma filha, uma boa e gorda rapariga, que dava pelo poético nome de Frederica, e que era um dos partidos mais vantajosos da Holanda.

A rapariga, interrogada pelo pai, respondeu com grande pejo e embaraço que sempre lhe agradara muito a aparência galharda e os bons modos do marçano, mesmo antes de ele se tornar um personagem um tanto eminente pelo ato de heroísmo que praticara. Em conclusão, desde os acontecimentos da última guerra que Frederica o amava com toda a paixão que pode abrigar-se no coração de uma menina holandesa: amava-o tanto como a um soalho muito bem encerado, ou como a uma tríplice fileira de reluzentes tachos de cobre.

Carolus ao princípio não podia dar crédito a tamanha ventura. Ele, pela sua parte, como bom cidadão holandês, amava moderadamente a sua nutrida patroazinha; mas em compensação professava a maior estima pelos sacos de pano e de couro cheios de moedas de ouro e de prata, cujo valor ele conhecia perfeitamente, como guarda-livros de confiança de mestre Guilherme.

Celebrou-se o casamento, e, por um acordo recíproco, o jovem estrangeiro adotou o nome do sogro e pai adotivo. Aquele acordo foi sancionado pelo conselho da cidade, que via com satisfação perpetuar-se uma família tão benemérita e ilustre na história do país, como era a família dos van Buren.

E não foi só isso, pois que o nosso Carolus, imensamente rico, e cheio de glória pela parte que tomara na campanha da independência, bem depressa alcançou a cobiçada honra de escabino.

E é nesta qualidade que nós o vamos encontrar, crave, solene, e com o grande abdômen

proeminente, como um estandarte de prosperidade e opulência, percorrendo a margem do canal de Amsterdam, para verificar se tudo estava em ordem, e se não haveria algum mal intencionado que causasse algum embaraço àquele principalíssimo ramo do comércio holandês.

— Um navio!. . . — gritou o vigia do porto.

Era com feito um grande navio mercante, de grande lote e andamento vagaroso, que entrava majestosamente no canal. Na flâmula do mastro lia-se um nome glorioso:

Egmont

Era o nome do mártir, cujo nobre sangue se confundiu com o sangue de tantos populares assassinados pela Espanha, para consagrar e tornar inacessível ao estrangeiro a terra de Flandres.

O aparecimento daquele navio, que era esperado com grande impaciência, despertou muitos comentários.

— Vem das índias — dizia um velho marinheiro num tom de autoridade. — Gastou dois anos na viagem. . . e apesar disso, vejam como está em bom estado; dir-se-ia que as velas e os ovéns saíram ainda ontem do armazém de Jacó Ryter, que, não é porque seja o meu superior, mas é com certeza o principal negociante destes gêneros na Holanda.

— Oh! não que o capitão do navio é Peter Cornelius, um velho lobo do mar — acrescentava outro. — Eu creio, à fé de quem sou, que quando ele está em terra se sente incomodado como um peixe fora d'água; desde que nasceu que não faz outra coisa senão sulcar o Oceano, e o rugir da tempestade é para os ouvidos dele muito mais agradável do que os cânticos do Natal.

Entretanto, o grande navio, rebocado no canal por um ligeiro cúter do porto, tinha lançado ferro precisamente defronte do palácio comunal, e, por meio de um sistema de pontes volantes, começava logo o desembarque dos passageiros.

Provavelmente Carolus van Buren já assistira mil vezes a espetáculos daqueles, e, apesar disso, tornava sempre a vê-los com satisfação.

E com efeito, em parte nenhuma como ali se poderia admirar um complexo tão variado de pessoas, de costumes, de linguagem. Naquele tempo a Holanda não era só o empório do comércio, era também a terra da liberdade. Ao passo que em toda a Europa campeava a perseguição, ao passo que a Espanha e a França desterravam os protestantes, a Sabóia os Valdeses, a Inglaterra e a Suíça os católicos; a terra de Guilherme de Orange acolhia todas as raças, impondo aos estrangeiros unicamente o respeito pelas suas leis.

Por isso, cada navio que aproava a qualquer dos portos da República trazia o mais variado carregamento de homens: huguenotes fugidos da França; racionalistas que se escapavam ao despotismo feroz dos calvinistas de Genebra; dissidentes que tinham logrado fugir aos alçozes de Isabel de Inglaterra; hereges que a Inquisição de Espanha tinha já condenado à fogueira.. .

E não faltavam também outros muitos, que fugiam por motivos que nada tinham que ver com a religião. Uns tinham qualquer libelo ou qualquer escrito contra os poderosos daquele tempo, e procuravam na Holanda um asilo contra os alçozes; outros tinham tido um duelo, que fora fatal ao adversário, uma menina de boa família por eles seduzida, ou tinham simplesmente ofendido de qualquer maneira os poderosos da corte. E não faltavam também os que fugiam às galés, que tinham merecido por não terem respeitado bastante os bens ou a vida do próximo.

Para todos esses a Holanda era abrigo e acolhedora indulgente: a nenhum pedia contas do seu passado, mas exigia-lhes um comportamento regular e honesto, quanto ao presente. Se algum daqueles refugiados, que a República acolhia, se tornava culpado de qualquer crime, era enforcado com a mesma solícitude que se empregaria com um cidadão.

Mas esses fatos eram raros: a gente que encontrava asilo nas Províncias Unidas dava-se ali por muito contente com a sua sorte, para sentir desejos de se insurgir. De modo que isso produzia o

seguinte maravilhoso efeito, que aquela reunião da gente mais agitada e turbulenta da Europa constituía a população mais sossegada, mais tranqüila, mais respeitadora das leis, que era possível imaginar-se .

E de que havemos nós de espantar-nos? Pois não temos visto os deportados da Austrália, escória de vilíssimos criminosos de todas as galerias inglesas, converterem-se em curto espaço de tempo à religião da ordem, do trabalho, da propriedade, e constituírem os estados mais prósperos, mais honestos, mais felizes do mundo?

Não há criminoso tão endurecido no crime, que, posto num ambiente de honestidade e de trabalho, não possa melhorar e regenerar-se. Deus não é impaciente, e quer que o pecador se converta e viva; e porque hão de os homens ser mais inexoráveis e pronunciar sentenças mais definitivas do que as do juiz supremo?

E Carolus van Buren — que também se lembrava, com um calafrio de terror, do que sofrerá na vida do exílio — admirava aquela multidão que desembarcava do navio.

O padre católico fugido da Inglaterra, caminhava ao lado do ministro calvinista, que a custo evitara a ferocidade dos sequazes do duque de Guise. O fidalgo espanhol, que, por cause de ter expendido opiniões pouco lisonjeiras acerca de um dissoluto provincial dos Dominicanos fora apontado para fazer parte do mais próximo auto-de-fé, trocava alegres gracejos com o negociante expatriado, que mal tivera tempo de fugir precipitadamente quando o acusaram de estar em comunhão de erros com o heresiarca Socino.

Mas de toda aquela gente um grupo principalmente atraiu a atenção do opulento escabino: era esse grupo constituído por um homem e uma mulher.

O homem tinha os cabelos brancos, e aquela cândida coroa dava-lhe ao nobre semblante uma indefinível expressão de majestosa serenidade.

A sua alta estatura não parecia acurvada pelo peso dos anos. Saltou da ponte do navio com um desembaraço de rapaz e estendeu a mão à sua companheira, que saltou em terra com igual ligeireza.

Ela era muito mais nova do que ele: se ele já tinha entrado no inverno da vida, ela tinha a opulência dourada e a florida beleza de um outono ridente.

O olhar, em que brilhava o fogo de um esplendor juvenil, pousava-se com um afeto ardente no seu companheiro, e era impossível confundir aquele olhar com a afeição serena de uma filha por seu pai.

Aquela mulher amava aquele homem como um amante, como um marido.

Não era muito alta, mas seria impossível encontrarem-se membros mais bem proporcionados, movimentos mais graciosos, uma cabeça mais característica. Se Carolus van Buren ao ver aquele homem se sentira dominado por um sentimento de veneração e de respeito, a vista daquela mulher produziu-lhe uma impressão muito diversa.

— Meu Deus!. . . — murmurou ele — será isto um sonho, ou estarei acordado ?. . . Os fantasmas voltarão do outro mundo ?. . . os mortos quebrarão a férrea cadeia do sepulcro ?. . .

Entretanto, os dois forasteiros, tendo desembarcado no molhe, olhavam em redor, como quem procurava alguém. Descobrindo um homem de aparência respeitável, como era o nosso escabino, dirigiram-se para ele.

O ex-noviço dos jesuítas esperou-os, assaltado por uma espécie de terror, que a si próprio não sabia explicar.

A mulher foi a primeira falar:

— Senhor — disse ela com uma voz dulcíssima e num flamengo de acento um pouco incorreto — senhor, sabereis dizer-nos onde é aqui a casa do respeitável senhor Carolus van Buren,

escabino da cidade de Amsterdam?

Carlos manifestou uma grande surpresa.

— A casa dele é aqui perto — disse ele com perfeita cortesia — e quem vos fala é o próprio Carolus van Buren, para vos servir.

— Nesse caso — disse o velho — dignai-vos ler esta carta, que me foi dada, para vos entregar, pelo vosso compadre Josué Ruysdael.

— Ruysdael! — exclamou van Buren. — Então vós vindes do Japão ?

— Precisamente, e a fortuna favoreceu-nos, fazendo-nos encontrar logo à nossa chegada aquele que procurávamos.

A senhora conservava-se calada, mas o seu olhar investigador examinava o holandês com um cuidado que mostrava que a fisionomia dele lhe não era completamente estranha.

A carta de Ruysdael era breve e categórica.

Pedia ao seu compadre van Buren que recebesse o senhor e a senhora Severini, nobres italianos, como receberia se fosse ele próprio Josué, e sua mulher; que os auxiliasse em tudo, e enfim que fizesse por eles o que devia fazer um cidadão da hospitaleira Holanda, não só por forasteiros, mas por amigos caríssimos.

— Hei de fazer o possível para não ser indigno da confiança do meu amigo — disse cortesmente o escabino. — Olá João! . . .

Àquele nome acudiu um criado, que estava ali perto, e que tinha um abdômen que nada ficava a dever ao do patrão.

— Chega a casa e dize à senhora que lhe levo dois hóspedes. O criado partiu sem mais explicações nem detenções. E na verdade não era necessário mais nada: para uma senhora holandesa, anunciar-lhe a chegada de forasteiros era o mesmo que preveni-la de que pusesse a casa e quanto nela havia à disposição dos hóspedes.

— Nós somos gente mais de bom coração do que costumados aos usos do mundo elefante — disse cordialmente o cortês escabino. — Por isso haveis de desculpar-me se a minha hospitalidade for afetuosa e mais nada. O luxo de Paris e de Madri não chegou até às nossas casas de negociantes,

— Recebei os nossos agradecimentos, senhor van Buren — disse o velho apertando a gorda mão do holandês. — Nós temos percorrido tantas terras inimigas, e passado tantos perigos, que encontrarmos um rosto amigo é para nós um verdadeiro conforto.

E os três dirigiram-se para casa de van Buren.

— Eu não quero ser indiscreto — disse ao cabo de certo tempo o escabino — e peço-vos que considereis como não feita qualquer pergunta que possa desagradar-vos. Mas não vos oculto que será com o mais vivo interesse que ouvirei a narração das aventuras que vos causaram tantos desgostos.

O senhor Severino sorriu-se, e fez com a cabeça um sinal afirmativo; mas a dama atalhou-o com vivacidade.

— Permitti-me também uma pergunta, senhor van Buren — disse ela — e perdoai a minha indiscreta curiosidade. Sois natural das Províncias Unidas?

O escabino estremeceu.

— Se pátria é aquela que dá a um homem a segurança, a prosperidade e as honras; se pátria é a terra a que nos prendem o reconhecimento e os interesses, a terra em que nasceram os meus filhos, posso dizer, senhora, que a Holanda é a minha pátria!

— Mas vós não nascestes aqui! — exclamou a senhora — também vós, desterrado; perseguido, procurastes nestes sítios o refúgio que a magnanimidade da República oferece aos infelizes. E talvez, quem sabe?... talvez que os inimigos que vos obrigaram a fugir fossem os mesmos que nos fizeram sair da nossa pátria.

— E possível, senhora, — disse com gravidade o holandês, não podendo dominar um sobressalto — é certo que esses inimigos foram para mim tão terríveis, que ainda agora, passados vinte anos, nesta livre terra de Holanda, eu não posso ouvir recordá-los sem que me gele o sangue nas veias. — Homens terríveis eram aqueles, senhora, e os que conseguiram escapar à vingança deles são tão raros como os que, precipitados no abismo do *maelstrom*, conseguiram voltar daí vivos à luz do dia.

— Então vós — disse a senhora com uma voz abafada — então vós lutastes com os Jesuítas?

E ao pronunciar aquela palavra, o som horrendo dela fez passar um calafrio pelas veias dos três personagens,

— Senhora — balbuciou o escabino holandês — há vinte anos. . . que eu não ouvi esse nome. . . apesar de muitas vezes, nas minhas noites de insônia, ele me ter soado aos ouvidos. . .

— Vinte anos!. . . E as vossas desgraças sucederam-vos em Roma?. . . E foi o padre Eusébio de Monserrate que vos fez conhecer até onde chega o infernal poder da sua seita?

— Senhora. . . oh! senhora! — murmurou o negociante, juntando as mãos.

O desgraçado, pálido como um defunto, não podia dizer mais uma palavra.

— Vamos, senhor Carlos Faraldo!. . . — disse a dama com um sorriso intraduzível — tranqüilizai-vos. Nós também somos vítimas dos mesmos inimigos... o cardeal de Santa Severina e eu...

— Oh! senhora duquesa Bórgia, eu já vos tinha reconhecido há um pedaço!. . . — murmurou o mercador com voz profundamente comovida.

Seguiu-se um longo silêncio.

E à memória daqueles três infelizes acudiam todas as lembranças do passado. Eles recordavam... oh! recordavam demasiado!... e por mais que mergulhassem os olhos no abismo do passado, para eles o nome de Jesuíta associava-se às idéias de perseguição, de traição, de veneno.

— E pensar eu — disse ao cabo de um momento o escabino — pensar eu que as informações, que fiz tomar em Roma com 3 máximo cuidado, me faziam supor outra coisa. . .

— Então, vós, Carlos, interessastes-vos pela sorte da vossa infeliz aliada numa luta tão desigual?

— Ai, senhora, não quero mostrar-me aos vossos olhos melhor do que aquilo que sou. O que me levava a informar-me era principalmente o medo; uma funesta experiência fizera-me compreender que inimigos eram os Jesuítas, e era para saber alguma coisa dos planos deles que eu procurava esses informes. Ora, aqueles a quem eu incumbira essa investigação em Roma, fizeram-me saber que no palácio Bórgia tivera lugar uma horrível tragédia; que a duquesa, o cardeal de Santa Severina e o padre Eusébio de Monserrate tinham sido envenenados. . . e que dos três só sobrevivera o jesuíta, mas levando daquela tragédia apenas o corpo. . . porque a razão lha entenebrecera a loucura. . .

O senhor Severini — pois que o ex-cardeal não usava agora outro nome — teve um ligeiro sorriso.

— Havemos de contar-vos tudo isso depois. Mas pelo que depreendo do que acabais de dizer-nos, vejo que não tendes que queixar-vos da sorte; parece que ela não tardou muito em dar-vos o repouso que esperáveis.

— Oh! decerto, eu fui extremamente feliz; um ano depois de ter fugido de Roma, já eu era um

cidadão considerado em Amsterdam. E apesar disso, senhores, ainda por muitos anos não me julguei seguro; ainda por muitos anos não houve uma só noite em que eu me deitasse sem pensar que aquele podia ser o meu último sono. Oh! senhora, que terror que causam aqueles terríveis homens!... Provavelmente eles tinham-me esquecido, porque eu era demasiado fraco e obscuro para que a vingança deles se recordasse de mim; e ainda assim, vivi dez anos temendo a cólera deles.

— Mas também aqui, na Holanda, podem aqueles malvados ter alguma influência? — perguntou a duquesa cheia de inquietação .

— Pois aonde é que não chega a influência daqueles miseráveis? — disse com profundo rancor o negociante. — Quem pode dizer que o valente soldado, que combate e vence os espanhóis, não seja um filiado?... Quem pode afirmar que o corajoso deputado aos Estados gerais, cuja voz se ergue sempre em defesa das medidas mais generosas, mais liberais, não seja um filiado?... Quem pode assegurar que o marinheiro, que de copo na mão brinda às nossas liberdades, não seja um filiado?

— Ele tem razão, minha amiga — disse o senhor Severini com tristeza.

— Prometestes contar-me as vossas aventuras — disse o magistrado municipal, com respeitosa insistência.

— Tendes razão — disse a duquesa, sacudindo a cabeça como se quisesse afugentar da lembrança aquelas tristes recordações. — Pois sabeí que depois de terdes saído de minha casa com a carta para o padre Eusébio, carta de que vós sabeis em parte o conteúdo, recebi dele uma resposta.

— Ah!... faço idéia.

— Resposta que continha só uma palavra: — Muerte.

— Assassino! — murmurou Carolus, lembrando-se da cilada que Eusébio lhe preparara.

— Então eu conheci que não tinha senão uma resolução a tomar: devia morrer com o homem que amava, arrastando conosco ara a mesma sepultura o nosso algoz. A mim não me amedrontava a morte, principalmente podendo eu vingar-me; quanto ao homem que amava, sabia que podia contar com ele. .

— Querida Ana!

— Mas de repente veio-me um outro pensamento — prosseguiu a duquesa Bórgia. — Para que havíamos nós de morrer, para que havíamos de dar aos nossos inimigos mais esse triunfo?. . . Pois não podíamos nós enganá-los, e viver, fazendo uma guerra encarniçada àqueles hipócritas sanguinários? Foi então que preparei a cena que já vos foi descrita: eu e o cardeal tomamos um ligeiro narcótico, e ao jesuíta dei uma bebida que devia adormecê-lo, mas só depois de o ter feito sofrer como um desesperado. Era menos que ele merecia.

E a lembrança daquela cena e das contorções do jesuíta fez espontar um alegre sorriso nos lábios da duquesa, do escabino e o próprio cardeal.

— Quando voltamos a nós, — continuou a duquesa num tom satisfeito — eu e o meu amigo estávamos completamente restabelecidos daquele pequeno abalo; o padre Eusébio, esse estava ainda entorpecido sobre o tapete. Então, auxiliados pelo meu mordomo Ramiro Marques, que tinha conhecimento de tudo, acomodamos o corpo do jesuíta num caixão que foi colocado na capela do palácio; e depois, bem providos de dinheiro e de jóias, e convenientemente disfarçados, deixamos os muros da pouca hospitaleira cidade eterna.

— Eu imagino a cara do padre, quando acordasse naquele bonito preparo — disse o escabino com um sorriso.

— Ele despertou com as faculdades transtornadas; disseram-nos depois que os companheiros o

tinham levado para o convento, que não havia esperança de o fazer readquirir a saúde e a razão.

Dirigimo-nos para França, onde Severini — nome que o cardeal adotou — se instalou em Paris como conhecedor e amator de objetos de arte, e onde soube fazer valer tanto esta sua qualidade, que bem depressa conquistou a estima e as boas graças do rei de França. Mas pouco tempo durou esta ventura; Ramiro Marques, que eu deixara em Roma, encarregado de nos informar de tudo, preveniu-nos de que o jesuíta recuperara a razão...

— O diabo tinha-se desamarrado — murmurou Carolus.

— Não levou muito tempo — prosseguiu a duquesa — que nós, que estávamos em guarda, notássemos que nos rodeavam caras estranhas, e que éramos cuidadosamente espiados. Um familiar do tribunal da fé, que me devia favores, preveniu-me de que a Inquisição preparava um ardil para nos prender. Eu não estive com hesitações: partimos naquela mesma noite, e no dia seguinte estávamos na Suíça. . .

— E nem. aí encontrastes asilo seguro ?

— Pois assim conheceis mal os Jesuítas, vós, que também sois uma das vítimas deles? Nós encontramos-os por toda a parte; tanto nos conselhos do rei da França como no consistório de Calvino; entre os chefes da Liga, como entre os mais famosos protestantes. A perseguição deles acompanhou-nos por toda a parte; na América os colonos espanhóis assaltavam-nos por ordem do arcebispo; na Inglaterra os protestantes perseguiam-nos incitados pelos seus ministros; até no Japão, onde por último procuramos um asilo, a influência poderosa daqueles homens açulou contra nós o preconceito da população paga, e só a fuga é que nos pôde salvar. . . E agora, vindo aqui pedir-vos um abrigo, não o fazemos sem sentirmos uns certos remorsos, Carlos; quem sabe se nós não seremos causa de que o ódio dos Jesuítas se estenda também à vossa casa, que até agora tinha sido poupada ?

O negociante, que efetivamente se deixara já assaltar por aquele temor, sentiu um calafrio por todo o corpo. Mas, como homem de coragem que era, sorriu àquela observação, e disse:

— Aqui a coisa é muito diferente; eu sou magistrado, tenho a força à minha disposição, e posso contar com todos os que me rodeiam. Além disso, estou alerta, e posso garantir-vos que precisa de ser muito esperto o diabo para me apanhar desprevenido. Assim discorrendo, tinham chegado perto da casa do escabino, quando lhes saiu ao encontro a senhora Frederica — urna bela e opulenta matrona, de formas abundantes e fisionomia pouco inteligente, mas boa e afetuosa — desejando-lhes as boas vindas com uma cordialidade que comoveu os dois desterrados.

Duas formosas crianças loiras e de olhos azuis estavam ao lado da mãe, e adornavam-na muito melhor do que as jóias mais preciosas.

— Vós tendes um verdadeiro tesouro, Misser Carolus — disse a duquesa, acariciando com sincero e vivíssimo afeto as duas crianças.

— E saberei guardá-lo como devo — disse em voz baixa o escabino, correspondendo com um sorriso ao cumprimento da nobre dama romana.

* * *

O dia caminha para o seu termo.

Um mendigo, esfarrapado, coberto de poeira, esquelético, com os olhos encovados, aproximou-se da casa em que Carolus van Buren dá afetuosa hospitalidade aos perseguidos pela Companhia de Jesus.

Este mendigo deve ser velhíssimo; é evidente que já deve passar muito dos oitenta anos. E contudo o peso dos anos parece ser pouca coisa, comparado com o dos trabalhos e doenças que tinham atormentado aquele corpo.

Ao cabo de pouco caminhar, o peito do desgraçado velho ansiava-lhe torturosamente; os joelhos

dobravam-se-lhe; parecia que uma angústia horrível o vencia, a angústia do corpo enfraquecido e alquebrado, ao passo que o espírito é ainda robusto e resistente. Mas bem depressa o esforço do espírito vence a fraqueza da matéria, e o velho continua o seu caminho, sem torcer nem uma linha para a direita ou para a esquerda.

O termo do seu caminho, como já dissemos, é a casa de Carolus van Buren. . .

Se o escabino da boa cidade de Amsterdam pudesse ver o olhar daquele ser misterioso, olhar cheio de ameaças e de fogo, se pudesse ler, com a perspicácia sôbre-excitada pelo medo, no coração daquele velho mendigo, os seus temores torna-se-iam cada vez maiores e mais justificados.

O velho chegou finalmente à porta da casa, e ali encontrou a mãe de família, que está fazendo as honras da casa à sua hóspede.

Ao ouvirem a voz cavernosa do mendigo, que pedia uma esmola, as duas senhoras estremeceram. A duquesa envolveu num olhar penetrante o homem que lhes pedia um bocado de pão pelo amor de Deus; não porque a voz ou a figura do mendigo lhe recordassem qualquer coisa, mas por um instinto invencível que a aconselhava a estar sempre em guarda contra tudo.

Mas o aspecto do pobre velho alquebrado tranqüilizou-a. Pois como supor um inimigo naquele pobre corpo moribundo, no qual talvez antes do dia seguinte se tivesse completamente apagado a vida!...

Uma moeda passou das mãos da senhora van Buren para as do mendigo, que agradeceu com voz trêmula, e se afastou com passo mal seguro. . .

Logo, porém, as duas senhoras já não o viam, e continuavam a conversar, o velho voltou-se e deitou à duquesa um olhar que bastaria para o fazer reconhecer, mesmo a olhos menos experientes .

E por isso, Carolus van Buren, que estava de vigia, desceu pensativo do seu observatório, e entrou na sala de jantar, murmurando:

— É ele. . . é o padre Eusébio. Decididamente, é preciso dar cabo dele; aquele homem não fica satisfeito enquanto nos não vir enterrados a todos, ou nós não o enterramos a ele. . .

Anoitecera de todo.

O mendigo não fora, como era de supor, procurar um abrigo na cidade, nem aplicara a moeda que lhe deram a confortar o corpo comendo alguma coisa ou procurando uma cama em que descansasse.

Ele continua a andar à volta da casa do escabino, e faz aquele giro com uma rapidez que estranhamente contrasta com a esquelética figura que pouco antes se lhe notava.

Afinal encontra um sítio que parece servir-lhe. É um ângulo, formado pela saliência do muro, e que corresponde a uma janela esplendidamente iluminada. Colocando-se ali, o nosso personagem pode ouvir distintamente o que se diz na sala de jantar de van Buren.

Na sala estão reunidos o cardeal, a duquesa, a mulher de van Buren e dois criados. O escabino, pretextando um negócio urgente, retirou-se para o andar superior.

O jesuíta presta toda a atenção às palavras que dizem os proscritos, e de quando em quando um fúnebre sorriso lhe alegra o rosto. Ele sente a presa entre as garras, e goza já o feroz prazer da fera que se alimenta de sangue e de carnes palpitantes. . .

E nessa preocupação, o velho não dá fé do que se passa por cima dele.

Não ouve o imperceptível ruído de uma pesada portada de janela que o paciente e aturado trabalho de alguém desprende das dobradiças.

De repente ouve-se um grande ruído: a portada, caindo com um fragor medonho, apanha o crânio do jesuíta, despedaça-lho, e reduz-lhe o corpo a uma massa informe de carne ensangüentada e de ossos esmigalhados . .

Um grito ressoa na sala de jantar, onde, naquele momento, entrou van Buren, satisfeito e contente. O escabino pega numa luz, e, à frente da gente da casa, precipita-se para a rua.

Do peito de todos saiu um grito de horror, ao verem aquele corpo despedaçado.

— O mendigo desta manhã! — exclama a mulher de van Buren. — Pobre desgraçado !. . . a nossa esmola não lhe deu fortuna !. . .

— Tão velho. . . e morrer desta horrível morte! — exclamou a duquesa, com voz profundamente comovida.

Carolus van Buren aproximou-se dela, e num tom de voz que só ela ouviu:

— Não o lamentos tanto, senhora duquesa — murmurou ele. — Se aquele miserável estivesse vivo, rodear-nos-iam os maiores perigos.

— Como !. . . um desgraçado que pouco mais poderia viver. . . um miserável desconhecido!. . .

— Se tivésseis a coragem de revolver aqueles ossos, encontraríeis no dedo daquele morto um pequeno anel de prata... o anel do geral da ordem. . .

A duquesa soltou um grito de terror e afastou-se rapidamente, como se aquele morto ainda pudesse causar-lhes grandes males. . .

E eis aqui explicada a razão porque o cardeal de Santa Severina, a duquesa Ana Bórgia e Carlos Faraldo, apesar de haverem incorrido no ódio da Companhia de Jesus, puderam morrer quando lhes chegou a sua derradeira hora e nos seus próprios leitos. Faraldo chegou a ocupar o lugar de burgo-mestre, e morreu depois de ter visto o seu primogênito escabino e milionário, e o oitavo dos seus filhos sargento na companhia em que ele começara a sua carreira.

EPÍLOGO

Capítulo I

O GRANDE MÁRTIR

Estamos em meados do século XVIII.

Aquele nevoeiro de morte que já começara, no século XVI, a invadir a igreja católica, tornou-se agora numa exalação mefítica. Nada há já que possa viver no ambiente que se vem espalhando em torno do chefe da Igreja.

Uma série de papas, uns túbios, outros vorazes e corruptos, acabou de destruir a grande instituição vencedora dos séculos. Viam-se papas distribuir os tesouros da Igreja a mulheres como Olímpia Panfili, a sobrinhos celerados, ou a filhos como Pierluigi Farnesi; viram-se as forças e as riquezas pontificas aplicadas a fazer viver gente da pior espécie, instituições horríveis, a subsidiar crimes que nem sequer tinham a atenuante de um grande fim político.

Do sangue, a Roma papal caíra na lama.

O mundo, que a acompanhara por tanto tempo, quando na capital católica brilhava a luz da civilização, contemplara depois 3m uma espécie de terror supersticioso o espetáculo das terríveis represálias dos séculos XVI e XVII.

Quando Pio V acendia aos olhos de Roma aterrorizada as fogueiras da Inquisição; quando a carnificina de Saint-Barthélemy fazia correr rio de generoso sangue nas casas e ruas de Paris; quando o terror, disfarçado em frade dominicano, e com os olhos injetados de sangue a fuzilarem de sob o capuz, impunha a alguns países da Europa a ortodoxia católica, podia se tremer, mas ninguém ria.

O terror faz desaparecer o ridículo, e estes últimos restos da perseguição medieval eram

demasiado aterradores para que alguém zombasse deles.

Mas quando até aquela última vitalidade de reação se perdeu, quando os Papas aplicaram os tesouros da Igreja e os raios do Vaticano, não já a sustentar as convulsões de um fanatismo agonizante, mas a instituir e aumentar os principados dos seus bastardos, então a autoridade da Igreja e do pontífice romano recebera um golpe irreparável.

A isto é que os jesuítas não podiam obstar.

Eles eram os principais autores desta transformação do pontificado. Eles é que tinham feito com que o padre deixasse de ser o médico das almas, para se converter num agente proveitoso de interesses mundanos.

Se a autoridade da religião se ia perdendo cada vez mais, se o riso irônico dos incrédulos ia abalando todos os dias o fundamentos do grande edifício católico, em compensação não se efetuava na aristocracia do sangue e do dinheiro casamento algum sem a intervenção dos jesuítas; nenhum rico adormecia no sono eterno sem que um jesuíta tivesse bom quinhão no seu testamento. . .

E assim, a grande Companhia ia aumentando em força e em poder, mesmo quando raíam as últimas pedras da Igreja. Poderia não haver mais católicos, poderia o mundo arder todo nas chamas da Reforma, que importava isso aos Jesuítas?

Enquanto houvesse no mundo ambiciosos, hipócritas e vis, o domínio da terra não podia fugir-lhes.

Mas havia já alguns anos que parecia que um sopro de nova vida animava a Igreja. Fora então elevado ao supremo cargo um cardeal de altíssimo engenho e de caráter incorruptível.

Tomara ele, ao ser eleito, o nome, que será sempre bendito através dos séculos, de Clemente XIV.

Homem de grandes virtudes particulares, austero para consigo e indulgente para com os outros, o seu olhar tinha já por mais de uma vez observado a corrupção e a ruína que naquele tempo dominavam em todo o edifício da religião católica.

Ao espírito do estadista apresentavam-se dois meios de restabelecer a antiga grandeza eclesiástica.

O primeiro era o que tinha sido posto em prática por Pio V e por Gregório XIII — o terror: aumentar a importância e poder da Inquisição, mediante um íntimo acordo com o poder político; acender em todas as praças do mundo católico as fogueiras para queimar os hereges; pôr-se à frente da repressão, e, como Gregório, cunhar medalhas triunfais com a legenda: *Hugonotorum strage*.

O outro meio era o que já havia sido indicado, cento e cinquenta anos antes, pelos padres do Concílio de Trento. Era necessário que os eclesiásticos católicos confundissem os seus inimigos dando-lhes o exemplo de todas as virtudes.

Era necessário que o mundo reconhecesse a bondade da religião de Roma, não pela pressão do bispo ou pelo receio do algoz dominicano, mas pela santidade dos costumes e pelo heroísmo da fé.

O primeiro caminho indicado era impossível, entre outros motivos por uma razão principal, e vinha a ser que os príncipes agora recusavam-se a prestar o braço secular às horríveis vinganças dos juizes tonsurados.

Um sopro de liberdade, a que então se chamava espírito filosófico, agitava todas as cortes, com grande escândalo dos conservadores e de todos aqueles que se tinham costumado a considerar como um crime mesmo a mais leve censura feita às ordens existentes .

Em França, o Parlamento, a que pertencia o ministro Choiseul, expulsara os jesuítas, julgando-os

perigosos para o sossego do reino e autores de conspirações contra a vida do Rei. A oposição do partido beato de nada serviu, visto que o próprio Rei era dominado por uma mulher de espírito — madame Pompadour — que de nenhum modo queria consentir a existência de um estado no estado.

Em Portugal, o marquês de Pombal, ministro mais poderoso que o próprio Rei, preparava idênticas medidas, e na Toscana o reino de Pedro Leopoldo preparava uma série de medidas anti-jesuíticas, e uma ala de ministros inteligentes e liberais, que fizeram sentir a influência do pensamento moderno nas cortes de Nápoles e de Espanha.

Nestas condições teria sido impossível querer armar outra vez os patíbulos e acender as fogueiras do tempo de Francisco I e de Sixto V, admitindo mesmo que o papa fosse capaz de preferir os meios violentos.

Ao contrário disso, Clemente XIV, homem de espírito elevado e de caráter afável, tinha outros planos. O mundo costumara-se a desprezar a corte viciosa e corrompida de Roma; o mundo havia de aprender outra vez a respeitar e venerar a santidade e a virtude, personificadas e outra vez encarnadas no sucessor dos Apóstolos.

A Cúria e as ordens religiosas tinham prejudicado grandemente o prestígio da Igreja; Clemente XIV pensava em reformar a Cúria, em olhar com um cuidado severo pelas plantas parasitas das ordens religiosas, suprimindo sem o menor escrúpulo aquelas que não fossem compatíveis com as exigências do tempo.

A ordem mais temida e naturalmente mais odiada era a dos jesuítas.

Havia dois séculos que em todo o mundo católico a Ordem formava uma barreira insuperável contra qualquer reforma que implicasse progresso ou liberdade. Os reis que aceitavam o domínio jesuítico eram escravos da Ordem; os que repeliam esse domínio tinham a certeza de que, cedo ou tarde, haviam-se de acabar mal.

Desde que Henrique IV — o rei querido do seu povo como nenhum o fora até então, o chefe da Europa liberal cristã — desde que Henrique IV fora assassinado por um agente da Companhia de Jesus, Ravailiac, nenhum príncipe podia ter a certeza de que, em caso de resistência às vontades da Companhia, o não esperasse um pouco de veneno ou uma punhalada.

Apesar disso, durante muito tempo não explodiu a ira dos poderosos contra os Jesuítas. Os movimentos de insurreição na Alemanha, em Flandres, e por último na Inglaterra, movimentos que custaram a vida ao rei Carlos I, aconselharam os soberanos a conservarem-se ligados aos defensores da ordem e do silêncio.

Vendo as lanças dos republicanos da Suíça pôr em fuga as velhas legiões austríacas e as tropas do duque de Sabóia, tão célebres pelo seu valor; vendo os republicanos de Cromwell vencer em todas as batalhas, e lançar como um cartel à Europa monárquica a cabeça degolada de Carlos Stuart; vendo as províncias republicanas da Holanda e de Flandres dobrar assim o domínio espanhol, e vencer soldados terríveis, como Spinola, Roquesens, Don João d’Austria, os príncipes da Europa tremeram e procuraram o apoio que os defendesse contra a ameaçadora insurreição da plebe.

Ora, quem melhor do que os jesuítas, podia oferecer-lhes esse apoio? Quem podia equiparar-se à célebre Companhia na arte de sossegar os povos e de aplacar os espíritos rebeldes, afastando-os das coisas terrestres para os voltar para as do céu?

Por isso os soberanos continuaram a servir os interesses da Companhia. Mas aquele século décimo oitavo, que devia marcar uma época tão decisiva na história da humanidade, estava destinado para presenciar acontecimentos muito extraordinários.

A filosofia, apregoada e desejada como um passatempo da moda, invadiu as classes que estavam mais interessadas em repelir as idéias novas. A onda popular teria talvez de lutar dois séculos,

antes de fazer vir à terra a fortaleza que defendia a monarquia, a nobreza, o clero; mas os reis os nobres, os padres, prestaram-se de boa vontade a demolir os muros que os tinham defendido até então.

Viu-se os soberanos tornarem-se partidários e apóstolos de transformações, que deviam, como consequência inevitável, dar lugar à demolição dos seus próprios tronos.

Viu-se os nobres serem os primeiros a atacar a instituição aristocrática por meio da chufa e do ridículo, como mais tarde a flor da nobreza de França havia de empunhar a espada para combater na América o princípio monárquico e a doutrina legitimista.

Viu-se finalmente, os bispos acabarem com a instituição da igreja, não só por meio do insolente desprezo que afetavam pela religião de que se diziam ministros, mas também pela cínica dissolução dos seus costumes.

Deus dispusera que morressem os partidários do velho mundo, por isso os dementara.

Como consequência lógica de tudo isso, a guerra contra os jesuítas, que um tempo estivera circunscrita aos pensadores, aos filósofos, em suma à grande legião dos deserdados, tornou-se moda também entre os senhores mais elegantes.

As reformas anti-clericales dos governos encontraram o aplauso os nobres. Dentro de pouco tempo as cortes católicas puseram de parte a Companhia, e esta só encontrou refúgio junto de Catarina da Rússia, déspota inteligente, que compreendera que belos fabricantes de cadeias que eram os jesuítas.

O Estado pontifício foi inundado por estes desterrados.

O Papa acolheu-os como pôde, tirando da sua pobreza os meios de os socorrer. Por outro lado os reverendo padres não vinham com as mãos vazias; conquanto o chefe da Ordem deles em Paris tivesse falido com um passivo de uns poucos de milhões, eles tinham sempre os cofres bastante cheios para poderem fazer face a todas as eventualidades.

Da América espanhola, onde o domínio deles era incontestado, chegavam continuamente naus que, por baixo da carga oficial de cacau e de índigo, traziam boas e belas barras de ouro.

Mas bem depressa se conheceu que o exílio e a perseguição não tinham corrigido os jesuítas. De Roma e dos seus conventos da província eles continuavam a urdir as suas tramas, suscitando toda a sorte de embaraços aos soberanos e aos ministros que os tinham expulsado.

Isso levou os quatro governos da casa de Bourbon, que reinava em Madri, em Paris, em Nápoles e em Parma, a reunirem-se e a decidirem dar um golpe decisivo na Companhia, induzindo o Papa a decretar a supressão da Companhia.

E é precisamente entregue ao fervor desses trabalhos, interessantes no mais alto grau para todo o mundo cristão, que nós vamos encontrar o pontífice Clemente XIV, o mártir que pagou com a vida a sua magnânima ousadia.

CAPÍTULO II

ROGOS E AMEAÇAS

Clemente, assentado na sua modesta poltrona coberta de estofado verde, examinava os volumosos processos que enchiam a sua grande mesa de trabalho.

Aqueles papéis eram-lhe dirigidos de toda a parte do mundo.

A diplomacia pontifícia, reduzida a quase nada enquanto a direção dela estivera confiada a ministros inábeis, bem depressa se levantara, logo que o chefe da Igreja pessoalmente se encarregara daqueles negócios.

Os núncios, os internúncios e os outros representantes do Papa, habituados a ver todos os seus trabalhos contaminados pela terrível influência da Companhia de Jesus, e não lhe vindo de Roma

nem incitamento nem auxílio, tinham afinal caído na indolência, acabando por não fazer coisa alguma. Os mais velhacos pensaram nas foi em juntar aos escudos do Papa o subsídio secreto da Companhia de Jesus.

Clemente transformara tudo isso. Tomara resolutamente o governo das relações externas da Igreja, e agora passava-lhe tudo pelas mãos.

Os tíbios tinha-os ele obrigado a entrar na ordem, e tinham obedecido; os inábeis e ineptos foram forçados a deixar o lugar i outros mais aptos para a difícil empresa. Quanto aos que, sendo representantes do sumo pontífice, tinham vendido a alma e a consciência à Companhia de Jesus, o Papa providenciara, rapidamente, os conventos da Itália, e as missões da América e da Síria tinham recebido essa pouco respeitável coleção.

O Papa ia abrindo uma a uma aquelas cartas, que lhe eram enviadas de várias cortes, e o semblante ia-se-lhe carregando cada vez mais.

Lourenço Ganganelli, então Papa Clemente XIV, era um homem de coragem; havia muito tempo que ele fizera o sacrifício

da própria vida à causa que queria fazer triunfar. Mas mesmo os homens mais inacessíveis ao medo acabam por desanimar, quando os perigos se tornam assim múltiplos e insistentes, e principalmente quando o perigo é desconhecido e misterioso, e pode vir de mil lados, sem que se possa designar um.

Clemente abriu uma carta; era de um seu agente secreto em Lisboa. A carta era em cifra, mas o Pontífice leu-a correntemente, tão habituado estava a isso.

O conteúdo era, em resumo, a prevenção de que os amigos dos jesuítas, que em Portugal eram numerosíssimos, estavam pondo em prática toda a casta de intrigas para combater o ministro marquês de Pomba!. Dentre os meios que empregavam com aquele intento, o mais terrível, porque não havia meios de combatê-lo, consistia em espalhar pela população ignorante das cidades e do campo uma profecia que predizia a morte de dois grandes perseguidores dos jesuítas. Um deles — como do texto facilmente se depreendia — era o marquês de Pombal; quanto ao outro, apesar dos rodeios das palavras, era evidente que a profecia aludia ao Pana Clemente XIV.

A carta acrescentava que estas ameaças encobertas causavam um efeito profundo e deplorável, e recomendava-se nela ao Santo Padre que se precavesse de modo que a profecia não pudesse realizar-se .

— Não há dúvida que eles prepararam alguma terrível trama — disse o Papa com desalento. — Meu Deus! . . Vós bem sabeis que se ainda desejo viver não é por mim. . . mas sim para deixar alguma coisa melhorada à vossa atribulada Igreja. . . Ainda assim, faça-se a vossa vontade, que não a minha!...

Naquele momento, um porteiro anunciou: — Sua Excelência, o embaixador de Portugal!

E pouco depois apresentava-se ao pontífice o nobilíssimo visconde de Savedra, par do reino de Portugal, e em nobreza pelo menos igual a D. João de Bragança.

O português cumprimentou com esses modos que denotam não só o respeito pela pessoa que se visita, mas principalmente o grande conceito da própria importância do visitante.

— Vossa Santidade pode conceder-me uma audiência breve, mas importantíssima? — perguntou o embaixador.

— Sentai-vos, visconde — disse o Papa — e falai à vossa vontade. Nós estamos sempre prontos para conferências de qualquer espécie, porque não estamos em tempo de gozar as doçuras do repouso.

O português inclinou-se e sentou-se.

— As palavras que eu tenho a dizer a Vossa Santidade — e o embaixador — não são minhas; vêm de Sua Majestade o fidelíssimo em pessoa. Sua Majestade supplica ao Papa que tome uma resolução acerca da Companhia de Jesus.

— Outra vez!. . . — disse o pontífice, sem poder ocultar um tom de impaciência — então o vosso rei não conhece as dificuldades enormes que nos rodeiam? Eu estou estudando uma reforma... e só quando se me demonstrar que essa reforma é impossível, é que procederei com o rigor da justiça.

— Mas entretanto a audácia dos rebeldes vai aumentando. . . vida do meu Rei, a própria vida de Vossa Santidade correm o...

Clemente estremeceu ao ouvir aquelas palavras, que corriam tão exatamente às ameaças terríveis, que lhe eram comunicadas na carta, que recebera de Lisboa. Mas a sua nobre fisionomia conservou-se impassível.

— Sei qual é o meu dever, e conheço os perigos que me rodeiam — disse o pontífice com altivez. — Nenhuma força humana poderá fazer-me desviar do meu caminho; não foi para viver tranqüilo e feliz que eu ocupei esta cadeira; mas para governar e proteger, com risco da própria vida, a Igreja de Cristo. . .

O ministro português curvou-se em sinal de assentimento.

— Digne-se Vossa Santidade não ver nas minhas palavras senão a expressão do acatamento e do respeito mais sincero. — A súplica — queria Vossa Santidade notar bem, trata-se de uma súplica do meu soberano — é motivada pelos perigos gravíssimos da ordem pública que a audácia dos jesuítas ocasiona. De resto meu Rei é filho bastante obediente da Santa Sé, para aceitar desde já todas as suas decisões.

O pontífice pareceu ficar desarmado perante aquela submissão.

Refletiu um instante; depois, como homem que toma uma resolução repentina:

— Entrai para ali, senhor visconde — disse ele com aquele tom sacudido que não admitia réplica, apontando para uma porta lateral escondida por um pesado reposteiro.

— Vossa Santidade ordena-me. . .

— Que entreis para ali, de onde, sem serdes visto, podereis assistir à conferência que vou ter com pessoa que vos interessa.

O visconde obedeceu. Clemente tocou uma campainha, e apareceu imediatamente um criado particular.

— O padre Ricci que se apresente imediatamente!. . . — ordenou o sumo pontífice.

Clemente falava excitado, imperioso, como um homem que procede sob a influência de uma espécie de febre. A sua ordem foi imediatamente cumprida.

Entrou o padre Ricci, geral dos jesuítas.

Era um homem de estatura elevada, magro, seco, com a vasta fronte desguarnecida de cabelos. Aqueles olhos profundos, a ossatura do rosto, e especialmente do queixo, indicavam uma natureza cautelosa e regrada; verdadeiro chefe de uma tribo de privilegiados, que resistia ao assalto de todo o mundo.

— Padre Ricci — disse o Papa em voz sacudida — recebestes o resumo que vos mandei entregar das acusações que de toda a parte se levantam contra a Companhia?

O Papa Negro inclinou-se com um sinal afirmativo.

— Pois bem, eu impus à Companhia que obtemperasse aos abusos indicados nessas queixas. Que tem feito a Companhia para dar satisfação às legítimas exigências dos príncipes católicos, e às

minhas ?

— Nada, beatíssimo padre — disse com imperturbável calma o geral.

— Nada! — exclamou Lourenço Ganganelli, cujo rosto se purpureou de cólera. — Às minhas ordens, às recomendações feitas para bem da cristandade, responde-se dessa maneira?

— A Companhia dá a todo o mundo o exemplo do respeito e do acatamento à Santa Sé. Que o Sumo Pontífice faça um sinal, e todos os jesuítas, desde o geral até ao último noviço, afrontarão com prazer o martírio pela honra do Papado.

— E para o honrar — disse Clemente encolerizado — começais por desobedecer às suas ordens ?

— Nós cumprimo-las escrupulosamente, Beatíssimo Padre — afirmou com serenidade o jesuíta.

— Cuidado, padre!. . . Eu não estou disposto a tolerar as cavilações da vossa casuística!. . .

— Não há nisto cavilações, Santidade — disse o geral, a quem a chicotada daquela acusação fez purpurear as faces. — O Papa ordenava-nos que déssemos de mão às nossas miras ambiciosas, que expulsássemos dentre nós os irmãos corrompidos, simoníacos, concusores; que volvéssemos para as coisas do céu a nossa atividade que aplicávamos à satisfação das nossas ambições políticas. . .

— E então?

— Então, Santidade, não existem ambiciosos na Companhia Jesus; não existem entre nós Jesuítas manchados das graves culpas, que com toda a justiça o Sumo Pontífice quer reprimir. Por isso não tivemos ocasião de castigar, porque não existiam tais culpas.

Clemente ficou algum tempo confundido pela audácia desavergonhada daquele homem. Negar as ambições políticas de uma companhia que, para conseguir os seus fins, não recuara diante assassínio de um rei como Henrique IV, e que ainda agora estava fundando na América, à custa das coroas de Portugal e de Espanha, o império do Paraguai, era uma audácia de que só seria capaz um homem como o padre Ricci.

Todavia, Clemente bem depressa readquiriu o seu terrível sangue frio:

— Está bem. Louvo a diligência do geral da ordem, e não duvido de que ela tenha sido grandíssima, apesar de não ter dado resultado algum. Mas as informações que eu tenho são diferentes, fundado nelas, tomei acerca da Companhia as decisões que ides rever. . .

— Mas Vossa Santidade. . .

— Eu julgo como soberano, e inapelavelmente — disse com altivez o Papa. — Desapareceu o momento de discutir, agora chegou o de obedecer.

O geral sentou-se, e o Papa ditou:

“São suprimidos os conventos dos jesuítas em todos os sítios onde o governo católico do país o exigir por justos motivos de interesse público;

“Nos outros países o número das casas professas e dos noviciados será reduzida à metade;

“Será vedado aos jesuítas receberem noviços de idade inferior a vinte anos, quando tenham o consentimento dos pais; e a vinte e cinco, se faltar esse consentimento;

“Os jesuítas estarão, em todas as dioceses, sujeitos à autoridade do bispo, e deixarão de ter efeito todas as dispensas e privilégios em contrário”.

“É concedido indulto pleno e inteiro aos governos que até hoje se têm apoderado dos bens dos jesuítas, contanto que o produto deles tenha sido aplicado a obras de caridade e de religião”.

Ricci escrevera este fulminante decreto, que num momento destruía a obra de dois séculos, sem

que o seu rosto de mármore traísse a menor comoção. Mas quando o Papa lhe ordenou que assinasse, o geral ergueu-se.

— Vossa Santidade consinta que eu não assinie — disse o geral, pálido e com os dentes cerrados.

— Vós haveis de assinar, padre Ricci. O geral da Ordem deve-me obediência absoluta, segundo o seu juramento, e vós sabeis as penas que se aplicam aos perjuros.

— Eu já não sou geral da Ordem. Queira Vossa Santidade aceitar a minha demissão, e proceder à nomeação do meu sucessor.

— Tende cuidado, padre Ricci!. . . — disse ameaçadoramente Clemente XIV — lembrai-vos de que esta reforma, se for lealmente aceita, é a última esperança de salvação da Companhia.

— Os meus irmãos não aceitarão a salvação oferecida por tão alto preço. A Companhia de Jesus foi instituída por Inácio de Loiola, sobre as atuais bases, imutáveis; os jesuítas não podem alterá-las sem faltarem ao seu dever. *Sint ut sunt, aut non sint* — ficam como estão, ou deixam de existir.

— Pois bem! deixarão de existir! — exclamou Clemente XIV, no auge da indignação.

E correu para a mesa, onde estava já pronta a Bula para a supressão da Companhia de Jesus, maravilhoso documento de perspicácia, de lógica, de verdadeiro sentimento cristão, formidável libelo contra os jesuítas, dirigido por um Papa a todo o orbe católico.

Clemente assentou-se e assinou na parte em branco do pergaminho:

“Dada em Roma, sob o anel do Pescador. . .
Clemente, Papa XIV”.

— Padre Ricci, curvou-se, como se aquela declaração, que convertia num simples frade um homem até então mais poderoso do que todos os Reis da terra, não lhe causasse a mínima impressão.

— Vossa Santidade resolveu na sua alta sabedoria; — disse ele com humildade — a nós só nos cumpre curvar a cabeça e obedecer. Não me resta senão perguntar a Vossa Santidade que convento me destina para refúgio da minha velhice.

Clemente tocou a campainha.

— O capitão das guardas suíças — ordenou ele ao criado. Quando entrou o capitão, um homenzarrão de aspecto marcial, o Papa disse-lhe, apontando para o frade:

— Capitão, tende o cuidado de conduzir o reverendo à fortaleza do Castelo de Santo Angelo. Levai convosco os homens necessários para o cumprimento da vossa missão.

O capitão curvou-se.

— Entregai esta carta ao governador do castelo — acrescentou Clemente, que naquele meio tempo tinha escrito algumas linhas num papel. — Dizei-lhe que a cabeça dele me responde pela execução dessas ordens.

— Vossa Santidade será obedecida — disse o capitão, aproximando-se do frade, para, se fosse preciso, lhe deitar a mão.

Mas o geral dos jesuítas recuou, e com um olhar altivo deteve o capitão a distância; inclinou-se respeitosamente diante do Papa, depois cruzou os braços sobre o peito e saiu, acompanhado pelo suíço, como um embaixador que se faz reconduzir pelo seu capitão das guardas.

Mal o padre Ricci tinha desaparecido, o visconde de Savedra, embaixador de Portugal, que do lugar onde estivera escondido não perdera uma sílaba daquele colóquio, saiu do seu esconderijo e lançou-se aos pés do Papa.

— Vossa Santidade — disse o português — foi muito além das minhas esperanças. Nunca a

autoridade e a majestade de um soberano e de um Pontífice encontraram expressões mais nobres. O mundo inteiro, Santo Padre, há de aplaudir a vossa magnânima resolução!

Clemente estava absorvido em profundos pensamentos.

— Vedes esta Bula, visconde? . . — perguntou ele num tom de voz triste ao embaixador de Portugal.

— A Bula para a supressão dos jesuítas?... o monumento que há de eternizar o nome de Clemente XIV?

— Pode ser — disse Clemente, sorrindo com melancolia — mas no entanto lembrai-vos bem disto, visconde, e recordai-o quando chegar a ocasião. . . Assinando hoje este pergaminho, — e pôs a mão sobre a Bula — eu firmei a minha sentença de morte!

CAPITULO ULTIMO

A CRUCIFICAÇÃO DO JUSTO

Tinham decorrido poucos meses.

A bula publicada por Clemente XIV fora a faísca que pusera em chamas o edifício loiolesco. A opinião pública, já muito hostil aos bons padres, acentuava-se ainda mais, desde que a condenação deles partia do oráculo infalível, do mestre supremo da Igreja.

Os governos trataram logo de se aproveitar de um decreto que não só perdoava os golpes vibrados contra os jesuítas, mas que é os induzia no número das obras boas e meritórias feitas à igreja. Por toda a parte a formidável Companhia foi dissolvida; conventos foram suprimidos, os bens confiscados, e os religiosos de origem italiana enviados para a Itália.

O Papa, piedoso para com os homens tanto quanto fora inefável para com a instituição, acolheu com grande benignidade aqueles dispersos, destinou-os para pastorearem as igrejas que ficavam vagas, e auxiliou-os por todos os feitos.

Viu-se então que era formidável a disciplina dos jesuítas, como era eficaz para mudar, por assim dizer completamente, o caráter dos homens.

Aqueles sacerdotes, que, sob a direção severa do conselho supremo dos seus superiores, tinham sido verdadeiros jesuítas, isto é, agente implacável, que não conhecia escrúpulos nem considerações quando se tratava de cumprir as ordens dos superiores, pesar disso foram depois excelentes curas, principalmente das Idéias.

Já lhe não. oprimia o peito o peso das leis de Loiola; eram outra vez homens.

Dentre os incidentes a que a supressão da Companhia deu lugar, os mais notáveis foram os que ocorreram na América, na região do Paraguai.

Os jesuítas tinham criado ali as suas famosas Reduções, colônias de índios, que eles tinham habituado a viver como os noviços de um convento. Uma disciplina de ferro curvara todas as cabeças do arbítrio do cura jesuíta; a Companhia concedia aos índios a permissão de elegerem entre eles uma espécie de síndico, mas esta dignidade não livrava o magistrado de cor de cobre de ser açoitado, quando o reverendo julgasse isso necessário.

Este viver era tão monótono, imprimia uma tristeza tão desesperada aos desgraçados índios encerrados naquele convento gigantesco, que um deles confessou a um viajante francês:

— Nós não tememos a morte, porque é impossível que vamos para pior do que estamos agora.

E de tal modo aqueles infelizes se tinham embrutecido sob o azorrague dos jesuítas, que não havia povo mais fácil de governar.

Não só já não procuravam fugir aos castigos que lhes aplicavam, com mais ou menos razão, os seus patrões espirituais e temporais, mas, quando um índio tinha que acusar-se de qualquer pensamento pecaminoso, ele próprio ia ter com o padre jesuíta, e pedia que lhe desse os açoites preciosos para a expiação. . .

Esta degradação do espírito humano, esta submissão passiva, que transformava um ser racional numa espécie de animal inofensivo e paciente, esta abdicação de toda dignidade humana, esta sujeição ao castigo de um padre indigno, constituía o orgulho dos bons padres. Tudo isso era obra deles! . . .

O rei de Espanha e o rei de Portugal não teriam podido ambicionar súditos mais obedientes, mais afeiçoados. É certo que essa obediência era a obediência passiva das ovelhas; mas os déspotas não desejavam outra coisa.

Todavia nas cortes manifestara-se, afinal, um generoso espírito de humanidade, quer antes da Bula de Clemente XIV, quer depois do impulso dado por aquele magnânimo ato.

O rei de Espanha, monarca justo e esclarecido, envergonhou-se de ter por súditos um rebanho de ovelhas guiadas por pastores astutos e pouco leais. O visconde de Aranda, ministro de Espanha, ordenou a supressão dos estabelecimentos jesuíticos no Paraguai, mandou prender os padres e enviá-los para Europa, cuidadosamente vigiados.

O ilustre marinheiro francês Bougainville assistiu ao cumprimento dessas ordens. As precauções tomadas indicavam que se sabia com que poder se tinha de lutar; se os jesuítas tivessem tido tempo de preparar a resistência, as chamas da sublevação teriam iluminado as margens dos grandes rios da América meridional.

A sagacidade e a presteza de resolução do marquês de Bucarelli, general e governador espanhol, é que evitaram esse desastre. A vontade do rei foi escrupulosamente cumprida, e os jesuítas vendo as cousas mal paradas, não fizeram a mínima resistência. Foram embarcados a bordo dos navios espanhóis, e seguiram para a Europa.

Simultaneamente, ama sublevação geral de todos os governos e de todos os povos expulsava aqueles tenebrosos conspiradores de todos os lugares onde dominavam. E como por muito tempo eles tinham tido nas mãos todos os interesses e todos os poderes do mundo católico, com justa razão se atribuíam a eles todos os delitos que se cometiam na Europa.

De todas essas acusações, uma só; talvez, era verdadeira. Mas essa basta para provar de que tempera eram aqueles homens, e para votar a uma eterna execração o nome dos sectários de Loiola.

Clemente XIV, que num ímpeto do seu coração generoso expusera a vida para libertar a humanidade de um vampiro insaciável, pagou aquele seu heróico cometimento.

Assaltou-o uma doença misteriosa. Em toda a Europa se faziam votos ardentes para cura do ilustre pontífice, do santo sucessor dos apóstolos, mas esses votos não foram ouvidos.

Afinal, o povo, com o seu instinto infalível, não se enganou. O povo sabia de que moléstia morria o infeliz Pontífice.

Clemente XIV morria envenenado.

Do fundo do seu cárcere, no castelo de Santo Ângelo, o padre Ricci dirigia a vingança. Não se contentaram com ver morto o vigário de Cristo, quiseram que a morte dele fosse acompanhada de horríveis sofrimentos, para que de futuro nenhum outro se arriscasse a tentar nada contra a Companhia.

Porque, apesar de suprimida e dispersa, a terrível sociedade existia sempre. Ela já não tinha nem existência oficial nem hábito particular, mas os seus filiados enchiam os salões do Vaticano, rodeavam o mártir moribundo, e misturavam-lhe o veneno na comida e na bebida.

Mas quando afinal Clemente foi morto, quando a implacável crueldade que o tinha ferido já não tinha diante de si senão um cadáver, então é que se manifestou o poder da Companhia de par com a sua ferocidade.

Os médicos tinham descoberto o veneno; terríveis ameaças obrigaram-nos a calarem-se, e o Papa

foi enterrado sem pompa e sem que o vingassem.

E não foi só isso; apenas ele desceu à sepultura, a satânica alegria dos filiados venceu a cauta prudência habitual da Ordem.

Em breve saíram à luz folhetos e poesias, em que a horrível morte do mal aventurado Pontífice era apresentada como um justo castigo, que a Providência quisera aplicar ao destruidor dos jesuítas. A memória do Papa foi dilacerada por calúnias sem conto, e os jesuítas, livres do seu grande inimigo, trataram de recomeçar a interrompida obra da conquista do mundo.

Tinham eles um formidável ponto de apoio. O governo russo tinha aberto à Companhia as portas do seu império; a diferença de religião não impedira ao déspota compreender que instrumento de tirania eram os padres, e que auxílio eles lhes prestariam para conservar servilmente prostadas as populações católicas.

Assim, tudo fazia supor que dentro de poucos anos já não haveria vestígios do cometimento que o Papa Ganganelli pagara com a vida, e que o senhorio loiolesco se restabeleceria com todo esse aumento de força e de prestígio, que resulta das lutas de que se sai vencido.

Mas outro acontecimento deitou por terra os cálculos dos jesuítas e seus adeptos.

Rebentou a revolução francesa.

O furacão da ira popular agitou as massas, e deitou por terra, num momento, os altares e os tronos. A organização jesuítica, que florescia à sombra do régio poder e das chaves pontifícias, viu-se outra vez lançada no vértice das batalhas, face a face com o terrível leão popular.

Uma associação menos firme teria tido a sorte das outras instituições medievais, que desapareceram arrastadas pelo furacão, Se os jesuítas se tivessem posto em luta aberta com a fúria da revolução, teriam também sido destruídos.

Mas não era sem razão que a Europa se habituara a reconhecer naqueles padres um mais profundo senso político, posto ao serviço da idéia mais implacável e mais longa que jamais se vira.

Longe de oporem à revolução um dique, que bem depressa seria arrastado com os seus imprudentes guardas, os filhos de Santo Inácio trabalharam, mas foi em acender as paixões mais violentas, mais ferozes, mais sanguinárias da revolução.

Gente que depois se soube pertencer à Companhia — e bastaria nomear o odioso Fouché — fez com que um movimento começado em nome das idéias mais generosas, e para a redenção de um povo oprimido, se manchasse em horríveis saturnais de sangue, e levantasse nas almas honestas um desgosto tão profundo, que as obrigasse a procurar salvar-se pela espada de um senhor.

O resultado mostrou quanta razão tinham, no seu execrável ponto de vista, aqueles que assim tinham calculado. Aos triunfos da liberdade, amargurados por excessos funestos, seguiu-se uma reação horrível, que em alguns sítios só há poucos anos acabou, e que noutros ainda hoje dura.

O Papa, expulso pelas tropas de Napoleão, tornou a entrar em Roma protegido pelas baionetas austríacas. E um dos seus primeiros atos foi restabelecer com todos os antigos privilégios a Companhia de Jesus.

De então para cá a Sociedade tomou oficialmente a direção da milícia eclesiástica. A luta entre o Papa legítimo e o Papa Negro terminara com a morte de Clemente XIV, a Igreja oficial declarava-se vencida, e entregava-se completamente à direção dos seus temíveis tutores.

Desde Clemente para cá não vemos manifestar-se nos Papas qualquer veleidade de reação. Pio IX, em 1848, teve com efeito um instante de entusiasmo patriótico, que desarranjou os planos dos jesuítas e da Áustria; mas em vez de atacarem o autor visível, os jesuítas procuraram o oculto inspirador daquela política liberal. Descobriu-se que o cardeal Ludovico Micara, siciliano, tinha altos sentimentos de patriotismo, e que a sua opinião era muito considerada por Pio IX.

Micara morreu com tanta oportunidade, que a muitos causou suspeitas. Como quer que fosse, Pio IX não tornou a consagrar-se com a Áustria, e excomungou a Itália insurgida.

Mas não é de crer que os Papas, especialmente os mais inteligentes e generosos — e Leão XIII ocupa entre esses um lugar proeminente — não é de crer que eles não compreendam quanto é humilhante para eles e prejudicial para a Igreja universal a prepotência de uma Ordem que não se sabe qual é mais, se aborrecida, se temida pelo mundo civilizado.

Mas é que eles souberam e sabem que agora o Papa correria grande risco, se empregasse a sua influência e o seu poder em reprimir os Jesuítas.

Recordam-se da morte de Clemente XIV, e entendem que hoje em dia o crime seria ainda mais fácil, visto que, pelas necessidades dos tempos, os criados e ministros que rodeiam o Sumo Pontífice pertencem ou pelo menos estão filiados à terrível Companhia.

E estes preferem que a Igreja morra com eles, a consentirem que ela se emancipe da sua terrível influência.

Dignos herdeiros e descendentes daquele horrível frade Agostinho Ricci, que morrendo matava o seu inimigo, eles repetem a frase do austero jesuíta: *Sint ut sunt, aut non sint.*

Por isso, quando virmos o poder eclesiástico lutar com prejudicial pertinácia contra as necessidades das cousas, quando ouvirmos a um santo e justo sacerdote pronunciar palavras de ira e impróprias de um padre, não nos enganemos com o sentido de tais manifestações.

Não é a Igreja que fala livremente em virtude da sua divina missão; é um bando de timoratos e medrosos, que obedecem, pálidos de susto, às ordens ameaçadoras do PAPA NEGRO !

— FIM